

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação

GT de Ensino de História e Educação - ANPUH/RS

**dias 29, 30 e 31 de Março
e 1 de Abril de 2023**
Universidade Federal de Pelotas



Mais informações no site:
<https://epa.ufpel.edu.br/xxvjornadademodernahistoria/>



UFPEL





Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Apresentação

É com imensa alegria que anunciamos os Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – “Devolver alegria ao futuro: ensino de História, lutas sociais e direitos humanos. Um tributo à militância e às convicções do Professor Enrique Serra Padrós”, que foi realizado de forma presencial, entre os dias 29, 30 e 31 de março e 1 de abril de 2023, na Universidade Federal de Pelotas (Pelotas/RS).

O evento reuniu professores/as da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadores/as e estudantes de Licenciaturas e teve por objetivo promover espaços de formação e discussão acerca de temas que atravessam os mundos da escola e, mais particularmente, o ensino de História. Nesta edição, a Jornada teve como tema central o ensino de História, as lutas sociais e os direitos humanos e homenageou o Professor Enrique Serra Padrós, militante histórico do GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS.

Esta Jornada, que se constituiu no primeiro encontro presencial do GT após o período de isolamento social, ocorreu num contexto desafiador para a educação e o Ensino de História. A emergência de discursos negacionistas e/ou que reivindicam o autoritarismo, as concepções equivocadas acerca dos direitos humanos e das lutas sociais que marcam nossa história recente, as reformas e políticas públicas implementadas nos últimos anos e as tentativas de vigilância e controle sobre o trabalho docente tem impactado de forma significativa os mundos da escola. Todos esses movimentos, em um tempo que nos parece cada vez mais acelerado, nos colocam a necessidade de refletir sobre o nosso ofício e nossas práticas, de forma a delinear novos horizontes e projetos coletivos, para que possamos, juntos/as, “devolver alegria ao futuro”.

A XXVI Jornada promoveu diferentes atividades como: conferências, mesas redondas, sessões de apresentação de trabalhos, sarau, oficinas, rodas



de conversa e atividades culturais. Entre as temáticas que foram abordadas ao longo do evento, podemos destacar: direitos humanos; lutas antirracistas e educação para as relações étnico-raciais; novo Ensino Médio e seus desdobramentos e limites; igualdade de gênero e direitos da população LGBTQIA+ nas aulas de História; condições de trabalho, valorização profissional e saúde mental do/a professor/a de História; experiências e metodologias para ensinar História na Educação Básica.

Em tempo, o GT de Ensino de História e Educação agradece o Centro Universitário Guairacá – UNIGUARACÁ, bem como a Revista Voos Polidisciplinar pela oportunidade em acolher e publicar os anais desse importante evento da área do ensino de História do Estado do Rio Grande do Sul (RS) e que contou com a participação de pesquisadores/as de diferentes instituições de ensino.

GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Realização:



Apoio:

Publicação e divulgação dos Anais:





Organização dos Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação:

Wilian Junior Bonete (UFPEL)

Comissão organizadora do evento

Alessandra Gasparotto (UFPeI)

Carla de Moura (UFRGS)

Camila Ventura Merg (Rede Municipal Pelotas)

Caroline Pacievitch (UFRGS)

Darlise Gonçalves de Gonçalves (PPGH/UFPEL)

Emerson Fonseca (Rede Municipal Pelotas)

Jocelito Zalla (UFRGS)

Katani Monteiro (UCS)

Lisiane Sias Manke (UFPEL)

Luiz Paulo da Silva Soares (Rede Municipal Rio Grande)

Mario Marcello Neto (Rede privada Pelotas)

Mauro Dillmann Tavares (UFPeI)

Marcello Paniz Giacomoni (UFRGS)

Melina Kleinert Perussatto (UFRGS)

Natiele Gonçalves Mesquita (Rede Municipal Pelotas e SEDUC/RS)

Nilton Mullet Pereira (UFRGS)

Rodrigo Giovanaz (SEDUC/RS)

Sarah Calvi Amaral Silva (UFRGS)

Tiago Perinazzo Cassol (Rede Municipal Rio Grande)



Wilian Junior Bonete (UFPel)

Comissão Científica

Marcello Paniz Giacomoni (UFRGS)

Nilton Mullet Pereira (UFRGS)

Jocelito Zalla (UFRGS)

Jônatas Marques Caratti (UNIPAMPA)

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (UFSM)

Katani Monteiro (UCS)

Melina Kleinert Perussatto (UFRGS)

Sarah Calvi Amaral Silva (UFRGS)

Véra Lucia Maciel Barroso (CHC Santa Casa de Porto Alegre)

Os/as autores/as dos textos que compõe esse documento são responsáveis pelos respectivos conteúdos aqui publicados.



Sumário

GD Presencial 01 – Currículo, Práticas e Ensino de História

ECOS DO SIGMA: ANTICOMUNISMO, CATOLICISMO, ESTADO E LEGADO NA OBRA DE PLÍNIO SALGADO ENTRE 1932 E 1969 - Felipe Silva de Mello	7
ESTRATÉGIAS DE ENSINO: ABORDAGEM DOS CONFLITOS AGRÁRIOS COMO TEMA SENSÍVEL - Leticia Lopes Felix.....	14
SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL: POSSIBILIDADE DE INVESTIGAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS -Amanda Nunes Moreira	19
OFICINAS NA ESCOLA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES -Ryan dos Santos Cardoso; Victória Antunes Capella; Bruno Coutinho Lucas Pereira	25
MOVIMENTO ESTUDANTIL E MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA: ANÁLISE DAS DISPUTAS POLÍTICAS NA ORDEM DO DISCURSO (1967-1969) -Paola Robaski Timm	29

GD Presencial 02 – Currículo, Formação Docente e Ensino de História

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E "AULA HISTÓRICA": ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA -Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd	33
QUAL O LUGAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PESQUISA EM ENSINO DE HISTÓRIA? -Caroline Pacievitch	38
DE(S)COLONIZAR CURRÍCULOS DE HISTÓRIA: UM PROJETO DE DISSERTAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - Gabrielle de Souza Oliveira.....	43
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: RELATO DE AMBIENTAÇÃO NA ESCOLA-CAMPO MINISTRO FERNANDO OSÓRIO -Silvia dos Santos Aldrighi; Matheus Goulart	48
SER DOCENTE DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO RIO GRANDE DO SUL: INGRESSO, FORMAÇÃO E CAMPO DE TRABALHO - 2012 A 2022 - Fernando Seffner; Luciani Paz Comerlato	53

GD Presencial 03 – Linguagens, Metodologias e Ensino de História

“COSAS QUE PÁSAN”: NOTAS SOBRE RELAÇÕES ENTRE MÚSICA, ENSINO DE HISTÓRIA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO -Günter Tlajja Leipnitz	58
O USO DE CANÇÕES COMO FONTE PARA ABORDAGENS ANTI-AUTORITÁRIAS EM SALA DE AULA - Danilo de Vasconcellos Ferreira.....	63

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



É NA POESIA QUE A GENTE SE ENCONTRA: CONCEITOS E REVISÃO DE LITERATURA DE UMA PESQUISA AFROCENTRADA SOBRE SLAM EM PORTO ALEGRE -Agatha da Silva Rolim	69
DESAPARECIDOS E MORTOS PELA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA POR MEIO DAS CANÇÕES DE GONZAGUINHA: A MÚSICA COMO POSSIBILIDADE DE FONTE HISTÓRICA EM SALA DE AULA - Leandro dos Santos Fernandes	75
O ACERVO DE LIVROS INFANTIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA -Larissa Azevedo da Silva; Sofia Giglio Pires	80
GD Presencial 04 – Linguagens, Tecnologias e Ensino de História	
GRUPO DE PESQUISA HEDUCA: INVESTIGAÇÕES ACERCA DA CIRCULAÇÃO E DOS USOS DA HISTÓRIA NO CONTEXTO SOCIAL - Lisiane Sias Manke; Wilian Junior Bonete	86
ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCOMUNICAÇÃO -João Octavio França Teixeira.....	91
CRAFTSMAN E A CRIÇÃO DE MUNDOS: O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DAS TECNOLOGIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS - Juliana Maria Manfio; Eduardo da Silva Soares	94
O CANVA PARA ALÉM DO ENSINO REMOTO NO ENSINO DE HISTÓRIA -Diego Nunes Ferreira; Patrick de Oliveira Colvara	99
DIVULGAÇÃO HISTÓRICA E ENSINO DE HISTÓRIA: RELATO DA PRODUÇÃO DO PODCAST EDUCATIVO <i>HORA DO TRAMPO</i> - William Cândido Mengue	105
PORTAL CLIO HD: A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO DE FONTES E OBJETOS DIGITAIS - Wilian Junior Bonete; Maria Portilho Bagesteiro.....	109
GD Presencial 05 – Educação para as Relações Étnico-Raciais e Ensino de História (1)	
CLUBE SOCIAL 24 DE AGOSTO: CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS	115
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA: AUTOBIOGRAFIA DE UMA JOVEM QUILOMBOLA - Cyntia Barbosa Oliveira, Nara Beatriz Matias Soares	119
OS DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM PRÉ-VESTIBULARES POPULARES - Gabriel Thomassim; Henrique Venturin.....	124
PROJETO IMPRENSA NEGRA EDUCADORA (PINE) E O ENSINO DE HISTÓRIA DO PÓS-ABOLIÇÃO - Melina Perussatto	129
O SAMBA-ENREDO DA PORTO ALEGRE DE OUTRORA NA ENCRUZILHADA DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CANÇÕES CARNAVALESCAS DE 1990 – 1998 - Muara Farias Pedroso	133
BEATRIZ NASCIMENTO E O QUILOMBO NA LUTA CONTRA O RACISMO - Adriana costa	137

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



GD Presencial 06 – Educação para as Relações Étnico-Raciais e Ensino de História (2)

RACISMO ESTRUTURAL: UMA PERSPECTIVA DA SALA DE AULA - Eduardo Rangel Baptista	142
A HISTÓRIA DA ÁFRICA EM UMA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PRODUZIDOS PARA O PNLD/EM (2008-2017) Anelise D. da Silva Abraão-	147
QUEM CONTA A HISTÓRIA DA ÁFRICA? -Thales Ferraz Silva	153
UM DIÁLOGO POSICIONADO: A BRANQUITUDE E A PESQUISA EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL E NOS EUA - Regina Rodeghero	157

GD Presencial 07 – Ensino de História e questões indígenas

MULHERES INDÍGENAS NO PASSADO E NO PRESENTE DAS AMÉRICAS E SUAS LUTAS POR DIREITOS - Meri Emeli Alves Machado.....	161
AFLORANDO NOVOS MUNDOS POSSÍVEIS: EXPERIÊNCIAS DA APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA COMO A ARTE DE CRIAR ENCONTROS ALEGRES -Bibiana Harrote Pereira da Silva; Héryka da Luz dos Santos; Thainá Maria da Silva	167
PESQUISADORES INDÍGENAS NA PÓS-GRADUAÇÃO: POSSIBILIDADES ANTIRRACISTAS PARA A EDUCAÇÃO - Aline Maria Backes Sehn; Maria Aparecida Bergamaschi	172
ELIANE POTIGUARA E O LIVRO “METADE CARA, METADE MÁSCARA”: A CRIAÇÃO DE UM MATERIAL PARADIDÁTICO EM ENSINO DE HISTÓRIA - Natália Sanson de Borba Oliveira	177
A EXPOSIÇÃO MEMÓRIA E RESISTÊNCIA E O ENSINO DA TEMÁTICA INDÍGENA - Roberta Madeira de Melo	181

GD Presencial 08 – Cidadania e Ensino de História

ENSINO DE HISTÓRIA E ÉTICA:A ESCUTA DE SI E DOS OUTROS DO MUNDO - Amanda Gisele Rodrigues.....	186
A PRÉ-HISTÓRIA E O TRABALHO ENQUANTO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA - Raul Kich Abreu	191
HISTÓRIA PÚBLICA E CIDADANIA CULTURAL: O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS - Tatyana de Amaral Maia	196
DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - Rafaela May Amaral; Vitória Henzel.....	200
OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE - Krisley Hepp Decker ; Gabriela Muller	205

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS AUTISTAS NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE - Isadora Lebedeff Camargo; Letícia Lopes Felix.....	210
VOCÊ CONHECE O ELON MUSK? DISCUSSÕES SOBRE COLONIALISMO DIGITAL E A FORMAÇÃO DO SUJEITO NEOLIBERAL - Natiele Gonçalves Mesquita	216
GD Virtual 01 – Ensino de História como campo de disputas	
AS TENTATIVAS DE SILENCIAMENTO DO GÊNERO E DOS FEMINISMOS NO ENSINO DE HISTÓRIA - Renata L. Montagnoli; Liane Vizzotto	221
GRUPO DE ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO BRASILEIRA: O PENSAR CERTO NA CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE UM SABER-FAZER-DOCENTE - Antonia Jamilly Costa Ferreira; David Emanuel de Souza. ..	225
NOVO ENSINO MÉDIO? ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS INDEFINIÇÕES DESTA ETAPA DE ENSINO - Bárbara Virgínia Groff da Silva	230
DITADURA, DEMOCRACIA E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO - Bruno de Azambuja Silveira	236
JOEL RUFINO DOS SANTOS: AUTORIA NEGRA DE LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO ANTIRRASCISTA - Leandro de Souza Severino	240
ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ATRAVÉS DO CINEMA - Lara de Melo dos Santos.....	245
LITERATURA E ARTE NAS AULAS DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES - Rodrigo dos Santos Dantas da Silva; Roney Jesus Ribeiro.....	248
GD Virtual 02 – Patrimônio, Memória e Ensino de História	
ELEMENTOS SULEADORES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO CONTRA-HEGEMÔNICO: O EXEMPLO DO MEMORIAL VIRTUAL DO CANARINHO - Rodrigo Alves Lampert	252
DIÁLOGOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - Natali Braga Spohr	255
MUSEUS E ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ATRAVÉS DA PESQUISA - Nathalia Vieira Ribeiro, Darcylene Pereira Domingues	260
A ESCOLA DE LÁ E DE CÁ - Amanda da Silva Menger	265
NÃO É SÓ MUSEU QUE VIVE DE PASSADO: OS APORTES DO ENSINO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL - Paulo Afonso Tavares.....	269
“ELES DIZEM RACISMO É SÓ COM O NEGRO, MAS TEM TAMBÉM COM O BRANCO, NÉ?”: NOTAS SOBRE A FALÁCIA DO RACISMO REVERSO E A FRAGILIDADE BRANCA NO CONTEXTO ESCOLAR - Carlos Eduardo Ströher	273
ADIOS NONINO - Thales Sanson de Bem Schäfer	278

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



GD Virtual 03 – Linguagens, Metodologias e Ensino de História

ROBLOX E HISTÓRIA: UM ENSAIO SOBRE AS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS - Eduardo da Silva Soares Juliana Maria Manfio	282
WEBSITES NO ENSINO: UMA INCURSÃO PELA HISTÓRIA MEXICANA COMO ATIVIDADE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA - Thalís Figueiredo Sartorio; Rheuren da Silva Lourenço; Nathalia Vieira Ribeiro	288
CINEMA & ENSINO DE HISTÓRIA: PROPOSTA DE PESQUISA COM ESTUDANTES SECUNDARISTAS SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR DO BRASIL - Luiz Paulo da Silva Soares	293
A PARTICIPAÇÃO DA LUDICIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO JOGO “CARTAS RELACIONADAS” - Valter Fernando Junqueira Júnior	297
“A TEORIA DO DOCUMENTÁRIO NAS AULAS DE HISTÓRIA COMO UMA POSSIBILIDADE DE APRENDER HISTÓRIA LOCAL” - Yasmin Daniella D’Avila	301
UTILIZAÇÃO DE ZINE: TRANSPOSIÇÃO DE CONTEÚDO HISTÓRICO CIENTÍFICO PARA O COMBATE DE NEGACIONISMO HISTÓRICO - Yasmin Vieira Favaron, Maria Eduarda Finger.....	305
CONSTRUÇÃO DE ZINE E PROPOSTA DE USO COMO MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA - Maria Eduarda Finger; Yasmin Favaron	309
O ENSINO DE HISTÓRIA E OS RECURSOS DIGITAIS DIANTE DAS DEMANDAS DE HISTÓRIA PÚBLICA DOS DIAS ATUAIS – Alvanir Alves.....	313

GD Virtual 04 – Ensino de História, Livros e Materiais Didáticos

ENSINO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO: A POLÍTICAS DE REGULAMENTAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS NO BRASIL (1930-2023) - Rafaela Guardalúpi; Darcylene Domingues.....	317
ONDE ELAS ESTÃO?: ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS A PARTIR DO EMPREGO HISTÓRICO DAS MULHERES EM SEUS CONTEÚDOS - Franciesca Bertagnoli Siqueira; Juliana Dalla Vecchia Brisolla	321
A QUESTÃO DA PALESTINA: CARTILHA PARA ENSINO MÉDIO - Vitória Miron Husein	325
LIVROS DIDÁTICOS E HISTORIOGRAFIA: CONSTRUINDO RELAÇÕES ENTRE SABERES ESCOLARES E ACADÊMICOS PARA COMPREENDER O ENSINO DE HISTÓRIA DOS GOVERNOS AUTORITÁRIOS BRASILEIROS NO SÉCULO XX - Darcylene Pereira Domingues; Rafaela Lima de Oliveira Guardalupi	328
CADERNO DAS MULHERES – ARISSANA PATAXÓ -Diogo Henrique Marques Coelho.....	332
A IMPORTÂNCIA DE UMA MEDIAÇÃO COMPARTILHADA:A ARTE QUE FOI DESPERTADA! Héryka da Luz dos Santos	336

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O ENSINO DE HISTÓRIA DAS ENCRUZILHADAS: CRUZOS, ROLÊS E EBÓS COMO EDUCAÇÃO -
Guilherme José Schons..... 341

*Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e
Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023*

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



ECOS DO SIGMA: ANTICOMUNISMO, CATOLICISMO, ESTADO E LEGADO NA OBRA DE PLÍNIO SALGADO ENTRE 1932 E 1969

Felipe Silva de Mello

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

feelipemello93@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente escrita aborda o relato do primeiro trimestre da minha pesquisa de iniciação científica junto ao grupo “A Aula Inacabada: democracia, utopia e ensino de história¹”, vinculado à UFRGS.

A pesquisa está estruturada em três partes: 1) análise comparada de três fontes primárias, entre 1930 e 1960. Estão sendo trabalhadas as seguintes fontes: o “Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira”, de autoria de Plínio Salgado e Miguel Reale, o “Manifesto Diretiva” e o “Compêndio de Instrução Moral e Cívica”, ambos de autoria de Plínio Salgado.

2) Diálogo com a bibliografia, principalmente com as obras “O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo”, de autoria de Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, “Plínio Salgado: biografia política (1895-1975)”, de João Fábio Bertonha, “As classificações de Plínio: uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938”, de Ricardo Araujo Benzaquen, “Estudos sobre a personalidade autoritária”, de Theodor W. Adorno e “A personalidade autoritária de Theodor W. Adorno: conceituação do “tipo

¹ <https://www.ufrgs.br/aulainacabada/>



antropológico autoritário” e atualizações no neoliberalismo”, de Virginia Ferreira da Costa.

3) Mescla entre a análise das fontes primárias com a bibliografia, que versam entre a busca de uma compreensão mais detalhada acerca dos elementos de ruptura e continuidade presentes nas fontes junto aos contextos de produção de cada uma delas, assim como a repercussão dessas obras na formação da estrutura do tipo antropológico autoritário (COSTA, 2020) no Brasil. Após, formulei outras duas questões para a composição do estudo: quais foram os fatores que levaram Plínio Salgado a se tornar um autor de livro didático? Podemos entender as fontes como textos utópicos?

DESENVOLVIMENTO

Para analisar as fontes primárias, escolhi dois métodos, entendidos como mais compatíveis com cada fonte. No que diz respeito aos dois manifestos, foi escolhida a linha de análise elencada por Vanessa Bortulucce, que procura compreender a práxis do manifesto moderno (BORTULUCCE, 2015), com o intuito de assimilar os documentos a partir das balizas estruturadas pela autora.



Capa do Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira



Fonte: Acervo Pessoal

A análise dos manifestos consistirá na atenção para a textualidade que vai além dos próprios limites, que gera outros discursos e que possui urgência em ser colocado em prática (BORTULUCCE, 2015). Por compreender o manifesto como um texto que visa resultados pragmáticos e que exerce uma função de ruptura (BORTULUCCE, 2015) no campo político, foram escolhidos três conceitos manifestados no primeiro documento (o Manifesto-Programa) para serem analisados comparativamente com as outras duas fontes: a função do catolicismo (BERTONHA, 2018), do anticomunismo (ARAUJO, 1978) e do papel do Estado na sociedade. Como esses conceitos aparecem nos documentos analisados? Os níveis de importância deles são alterados de uma fonte para a outra? Como isso se relaciona com o contexto histórico da produção de cada fonte? Perguntas que, idem, pautam a análise.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O Manifesto-diretiva



Fonte: SALGADO, Plínio. **Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado, atrai milhares de camisas verdes.**

Findadas as considerações acerca da análise dos manifestos, passarei ao “Compêndio de Instrução Moral e Cívica”. Para esse documento, foi escolhido o método de análise utilizado por Juliana Filgueiras para compreender a estrutura do livro didático e buscar a expressão dos conceitos escolhidos na fonte. O trabalho da autora empreende uma análise crítica e sistemática dos manuais didáticos de Educação Moral e Cívica, entre 1969 e 1993 (FILGUEIRAS, 2006).

Capa do livro Compêndio de Instrução Moral e Cívica

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Fonte: Acervo Pessoal

A autora aponta para a tendência dos manuais de se dirigir diretamente aos alunos (FILGUEIRAS, 2006) acabando por assumir, sob um ponto de vista discursivo, a voz do professor e assim construir, para o docente, um lugar subordinado no processo de ensino (BATISTA, 2002 *apud* FILGUEIRAS, 2006). A leitura do material permite compreender a visão sobre os conceitos escolhidos na “voz” de Plínio Salgado ecoando primeiramente ao docente e, por meio deste, aos discentes. Filgueiras também ressalta a importância de analisar os índices dos livros didáticos, pois eles apresentam a organização dos temas e a hierarquia dos assuntos propostos (FILGUEIRAS, 2006).

As perguntas formuladas a partir da leitura dos manifestos aparecem novamente, relacionadas com essa fonte, veiculada há mais de vinte anos após a publicação original do “Manifesto Diretiva”. É nessa fase da vida que o então deputado federal Plínio Salgado já se mostra menos ativo na Câmara e se mostra mais dedicado na área da educação (CALDEIRA NETO; GONÇALVES, 2020). Seria através da publicação de materiais didáticos o último aceno de

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Salgado para a produção de um legado? E de que forma esse legado agregado, emanado através das fontes, veio a contribuir para a construção da personalidade autoritária (ADORNO, 2019) brasileira? Essas são questões suscitadas nesse segundo momento de análises. São questões que, idem, despertam uma possível ligação com o conceito de utopia presente nesses documentos.

CONCLUSÕES

Durante esse relato de pesquisa procurei discorrer sobre as intenções iniciais do trabalho, as categorias escolhidas e os métodos de análise das respectivas fontes primárias, assim como algumas perguntas oriundas da leitura inicial delas. Também foi estabelecido um breve diálogo com parte da bibliografia, com o intuito de demonstrar o encaminhamento inicial do projeto.

Questões ligadas ao conceito de utopia, expressado nos trabalhos de Ernst Bloch, Caroline Pacievitch e Maria Fátima Costa surgiram como pontos para elencar novos caminhos ao trabalho.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. **As classificações de Plínio**: uma análise do pensamento de Plínio Salgado. Projeto Brasiliana (FGV). Rio de Janeiro, p.161-179, 1978.

BERTONHA, João Fábio. **Plínio Salgado**: biografia política (1895-1975). São Paulo: Edusp, 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O manifesto como poética da modernidade. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 20, n. 21, p. 5-17, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/l/article/view/114486>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O Fascismo em Camisas Verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: Fgv, 2020.

COSTA, Maria de Fátima Tardin. A utopia na perspectiva de Ernst Bloch. Associação Brasileira de Psicologia Social, (s/d), p.01-10. Anual. Disponível em: <https://shre.ink/cD82> Acesso em: 19 fev. 2023.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. “A personalidade autoritária” de Theodor W. Adorno: conceituação do “tipo antropológico autoritário” e atualizações no neoliberalismo. 44º Encontro Anual da Anpocs, Guarulhos, p. 01-17, 08 mar. 2021. Anual. Disponível em: <https://shre.ink/cD8u> Acesso em: 20 fev. 2023.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **A educação moral e cívica e sua produção didática**: 1969-1993. 2006. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PACIEVITCH, Caroline. Utopias na docência em história: diálogos com professores franceses. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, p. 01-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/3WDBcKjLgD5rcGmM5d5JKPs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SALGADO, Plínio. Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado, atraí milhares de camisas verdes. (s/d). Disponível em: <https://shre.ink/cDcr>. Acesso em: 19 fev. 2023.

_____. **Compêndio de instrução moral e cívica**. FTD. 4a edição, (s/d).

_____. **Manifesto-Diretiva**. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 set. 1945.

_____. REALE, Miguel. **Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira**. São Paulo: Kindle, (s/d).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ESTRATÉGIAS DE ENSINO: ABORDAGEM DOS CONFLITOS AGRÁRIOS COMO TEMA SENSÍVEL

Letícia Lopes Felix

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

leticiafelix234@gmail.com

INTRODUÇÃO

A questão agrária brasileira tem sido foco de muitas discussões nos tempos atuais, um dos componentes que justificam a ascensão dessa temática seria as ações em áreas de conflito agrário, que são focos de interesses sociais e políticos, motivados em uma luta contra a negligência proposta pelo Estado. Essas esferas de poder social também buscam uma educação que diferencie-se da elitista e excludente oferecida nas escolas regulares do país, que é baseada em um princípio privado monopolizado pela burguesia.

Baseando-se em um aparato bibliográfico, que possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994, apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40), este ensaio pretende dialogar sobre a importância dos conflitos agrários como tópico na educação básica do país, constantemente negligenciado pelos manuais didáticos do governo como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Para tal discussão deve-se abordar o ensino de história como uma fonte de discussão significativa no ensino de conflito agrário, a partir de uma educação crítica que respeite os direitos humanos, com o intuito de promover a conscientização dos estudantes referentes às diferenças e desigualdades no campo brasileiro.

DESENVOLVIMENTO

A partir da década de 90, período de abertura democrática do país, quando os trabalhadores organizados buscaram avançar nas suas reivindicações contra a lógica capitalista, seus principais objetivos era a construção de escolas no meio rural, para facilitar acesso a educação das famílias da região, e a democratização do conhecimento relacionado a história agrária do país.

Atualmente, o único conteúdo presente na BNCC do ensino fundamental, no ensino de história, que poderia ser relacionado ao movimento rural, é encontrado na listagem do nono ano, "(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas" (BNCC, 2018, p. 430). A falta de presença da questão agrária no documento educacional normativo do governo demonstra a falta de preocupação com as políticas de reparação.

Considerando a definição de Falaize (2014 apud. GONÇALVES, 2020, 85), em que os temas sensíveis estariam ligados a sua vivacidade em toda sociedade, especialmente se esse está presente nas mídias e é objeto de disputas e controvérsias, o fato de que os conflitos agrários, e todas as suas

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



problemáticas, possuem tentativas demasiadamente intensas de supressão por parte do Estado, e opiniões controversas pela população geral, caracterizam o tópico como uma temática sensível a ser trabalhada em sala de aula.

A autora Gil (2018), também abordará que os temas sensíveis são uma constante luta de memória, que reivindica lembrar, manter viva e reparar o silêncio e as simplificações na narrativa histórica. Assim, educação voltada para o exercício da cidadania ativa impõe, necessariamente, o estudo de temas sensíveis e controversos que ultrapassam a mera inclusão dos problemas do tempo presente nas aulas de História.

CONCLUSÕES

Saliente-se então, a necessidade de abordar os conflitos agrários e a sua importância para o desenvolvimento da sociedade brasileira atual, focando especificamente no interesse neoliberal de manter os trabalhadores rurais em condições precárias, como uma forma de estimular a privatização de diversos setores do Estado. De acordo com Frota (2022):

(...) as lutas sociais colaboraram efetivamente para o avanço do meio rural, com a luta pela terra e, principalmente, com a luta pela emancipação social dos sujeitos do campo. Entendemos como uma forma de ajudar na universalização do conhecimento no meio agrário a inserção da educação de qualidade, que vem respaldada pelos movimentos sociais (FROTA, 2022, p. 8).

Para essa abordagem, de um conteúdo que mexe com as emoções e pré-conceitos dos estudantes, o primeiro pré-requisito é a necessidade de um ambiente seguro, para ambas as partes envolvidas no processo de



aprendizagem, onde se possam desenvolver criticamente as reflexões sobre o tema abordado (GONÇALVES, 2020, p. 87).

Em razão disso, é preciso considerar a prática de uma instrução propícia aos direitos humanos que prescinde de uma escuta sensível e de uma ação compartilhada entre professores e alunos, capaz de desencadear processos autônomos de produção de conhecimento (DIAS, 2007, p. 453).

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, A, A, de; (et al). **Curso intensivo de Educação em direitos humanos: memória e cidadania**. São Paulo: Memórias da Resistência de São Paulo, 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DIAS, Adelaide Alves. Da educação como direito humano aos direitos humanos como princípio educativo. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. (org.). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. Cap.4, p. 441-456.

FROTA, M. J. B.; VIDAL, M. dos S.; LIMA, M. A. de. Conflitos agrários e Educação do Campo: luta social em foco. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–10, 2022.

GIL, C. Z. de V.; CAMARGO, J. Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 139–159, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.430.

GONÇALVES, D. G. de; Diante do silêncio eu canto: uma proposta pedagógica para o ensino de passados sensíveis. **Estudos Interdisciplinares**. Jaguarão, v. 2, n. 6, p. 83-95, 2020.

JESUS, S. M. S. A, de. Educação do campo nos governos FHC e Lula da Silva: potencialidades e limites de acesso à educação no contexto do projeto

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



neoliberal. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 31, n. 55, p. p. 167-186, mar. 2015. ISSN 1984-0411.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

SILVA, R. G. da C.; SUAVE, M. P.; NEVES, J. G. Geografia, livro didático e educação: problematizações da temática agrária no Ensino Fundamental. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 19, n. 02, p. 20–51, 2021. DOI: 10.46551/rc24482692202118.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL: POSSIBILIDADE DE INVESTIGAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS

Amanda Nunes Moreira
Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
amanda.nunes.moreira@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um relato de pesquisa, com o objetivo de investigar a formação da Consciência Histórica de jovens, a partir dos espaços de socialização. Desta forma, depreender como ocorre essa formação alicerçada pelos meios sociais, analisando as experiências de socialização.

A sustentação teórica está baseada nos estudos da Didática da História, principalmente pela formação da Consciência Histórica, com base nas pesquisas do historiador alemão Jörn Rüsen, e pela Sociologia à Escala Individual, do sociólogo francês Bernard Lahire.

A pesquisa propõe um diálogo entre as áreas da História e da Sociologia, e possibilita à imersão na vivência dos indivíduos sociais. A Sociologia à Escala Individual é uma perspectiva de investigação partindo da individualidade do sujeito, buscando compreender as suas vivências no coletivo. A imersão nas identidades, possibilita analisar os comportamentos mediante as interferências histórico-sociais na formação das identidades.

Lahire disserta que a relevância da pesquisa relacionada à contextualização das trajetórias individuais possibilita “apropriar de maneira concreta as experiências e tomadas de posição dos indivíduos ao longo dos

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



percursos sociais” (LAHIRE, 2015, p. 1393). Esta explicação sustenta a escolha pela aplicação metodológica no campo da Sociologia, direcionando o caminho para o desenvolvimento da pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

A análise de como os/as jovens se constituem enquanto sujeitos com Consciência Histórica, e como essa é formada pelos espaços sociais, nos direcionam para a compreensão de como ocorre a apreensão da História. Essas experiências estão presentes nas mentalidades, subjetividades, e na formação crítica/reflexiva.

A faixa etária do grupo escolhido foram jovens entre 17 e 19 anos. A delimitação desse grupo ocorreu em virtude de ser uma fase de inúmeras formações e transformações de identidade, o término da adolescência e uma preparação para a fase adulta.

No período do desenvolvimento da pesquisa (2020-2021), estávamos vivenciado a pandemia do Coronavírus (COVID-19), assim a metodologia precisou ser estruturada em relação a aplicabilidade, considerando as necessidades do contexto, principalmente acerca do isolamento social.

O grupo participante da pesquisa ficou estruturado da seguinte maneira: cinco jovens oriundos de escolas públicas; e quatro oriundos de escolas particulares. Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa, disponibilizaram seus contatos (e-mail e número de telefone celular), para que fosse realizada uma primeira conversa. Devido ao período de pandemia, não foi possível realizar nenhuma entrevista presencialmente.

O contato com os/as entrevistados/as foi realizado através de e-mail, WhatsApp (aplicativo de mensagens instantâneas), e as entrevistas



direcionadas foram coletadas através de ferramentas de reunião on-line (meet). As conversas foram gravadas, e após transcritas para a realização das análises.

A coleta de dados foi estruturada em seis etapas. Na etapa 1 foi aplicado um questionário com o objetivo de conhecer o perfil social de cada participante. As inquirições foram as mesmas para todos/as os/as participantes, com direcionamento sobre questões gerais acerca da vida de cada jovem.

A partir da análise dessa etapa, foram traçados os caminhos para a realização das entrevistas direcionadas (etapas 2, 3 e 4). Não foram realizados questionamentos estruturados, já que o objetivo era a imersão na individualidade de cada um/uma. A preparação para as entrevistas, ocorreu a partir de temáticas que os/as participantes foram apresentando no andamento do processo investigativo.

A etapa 5, consistia em uma atividade investigativa, que abordou quatro temas centrais, com três questionamentos para cada temática. As temáticas um e dois sobre a legalização do aborto e demarcação de terras indígenas. As temáticas três e quatro acerca da democracia e do racismo.

Na etapa 6, foi solicitado que cada jovem escolhesse uma personalidade histórica, para ser utilizada como codinome representando-o/a na escrita; essa escolha deveria ser justificada. Os/As jovens entrevistados foram representados pelas seguintes personalidades históricas: Luciana de Abreu, Maria Antonieta, Galileu Galilei, Malcolm X, Gabriel o Pensador, Safo, Arlindo Veiga dos Santos, Paulo Freire e Mahatma Gandhi.

CONCLUSÕES

A análise de como os/as jovens se constituem enquanto sujeitos históricos/políticos/sociais, com habilidades para desenvolver a Consciência

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Histórica, e como essa é formada pelos espaços sociais, nos direcionam para a compreensão de como ocorre a apreensão da História a partir das experiências sociais.

Essas experiências estão presentes nas carências de orientação do tempo presente, para a interpretação do passado e a tomada de decisões na vida prática. A possibilidade de diálogo entre a Didática da História e a Sociologia à Escala Individual, proporcionou uma pesquisa direcionada à imersão na vivência dos indivíduos sociais.

O conhecimento de cada realidade foi fundamental para perceber como ocorre a formação da Consciência Histórica, investigando quais foram as marcas familiares, suas relações com os sujeitos, com outros espaços de socialização e como estas experiências se constituem. Os principais espaços citados com maior influência na formação desses jovens é a família, a instituição escolar e os meios midiáticos.

Essas construções ocorrem através de marcas, formadas pelos espaços de socialização, demonstrando que esses possuem significativa influência na construção da subjetividade dos indivíduos. As socializações entre os sujeitos são significativas para a construção de suas especificidades, resultando no desenvolvimento da Consciência Histórica. Segundo Rüsen, essa Consciência Histórica é “uma forma de consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática” (2010a, p. 56-57); se está relacionada à vida prática, faz referência a vivência em todos os espaços sociais.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**. 15(2), Inverno, 2010, p. 264-278.

_____. **Ensino de história e consciência histórica – Implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. Interfaces entre cultura histórica e cultura política. **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 54-76, jan./abr. 2021.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural – Os determinantes da ação**. Tradução: X. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Patrimônios Individuais de disposições para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**. n.º 49, 2005, pp. 11-42.

_____. **A cultura dos indivíduos**. Tradução: X. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

_____. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Revista Educação Pesquisa**: São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez., 2015.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a Sociologia da Educação**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO1.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **Revista História da Historiografia**. nº 2. março. 2009. p. 163-209.

_____. **Razão histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2010 a.

_____. **Reconstruindo o passado**. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2010 b.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



_____. **História Viva.** Teoria da História III: Formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2010 c.

_____. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** (Org.) SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

RÜSEN, JÖRN. **O que é a meta-história?** - Capítulo 2. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a97t64iUWNc&pbjreload=101>. Acesso em: 16 dez. 2020.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história.** (Org.) SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Revista Acta Scientiarum.** Maringá, v. 34, n. 2, jul./dez., 2012. p. 211-220.

SADDI, Rafael. Didática da história na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da neu geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova didática da história no Brasil. **OPSIS,** Catalão-GO, v. 14, n. 2, jul./dez. 2014, p. 133-147.

SADDI, Rafael. Jörn Rüsen e a didática da história. In.: **Jörn Rüsen [livro eletrônico]: teoria, historiografia, didática.** (Org.) OLIVEIRAS, Margarida Maria Dias de; JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago; LIMA, Caio Rodrigo Carvalho. Ananindeua: Cabana, 2022, p. 123-136. Acesso em: 10 jan. 2023.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



OFICINAS NA ESCOLA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Ryan dos Santos Cardoso

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

ryansantosox@gmail.com

Victória Antunes Capella

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

viccapella@gmail.com

Bruno Coutinho Lucas Pereira

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

brunoclucasp@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo apresentar e problematizar os dados coletados pelos licenciandos vinculados ao Programa de Residência Pedagógica, núcleo História - UFPel, durante o período de observação da comunidade escolar da instituição E.E.E.F. Nossa Senhora dos Navegantes. A partir disso, utilizaremos desses aspectos apanhados para pensar em formas de contribuir com a construção de conhecimento dos alunos da escola. Embora tenhamos observado e entrevistado o corpo docente, equipe diretiva e demais funcionários, o foco do artigo é discutir estratégias de atuação com os alunos, a partir dos dados de questionários disponibilizados.

Em primeiro lugar, é importante afirmar que O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é um projeto de aprimoramento da formação docente regulamentado pela portaria da CAPES, número 82 do dia 26 de abril de 2022, estão amparados na lei de número 8.405 de 09 de janeiro de 1992. Também é

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



fundamental apresentar a escola, que está localizada no Bairro Navegantes e possui um corpo de alunos majoritariamente composto por moradores dos bairros Navegantes, Fátima e Balsa, na cidade de Pelotas. Ela se encontra dentro do perímetro urbano e sua administração é estadual. Segundo dados do Educacenso 2022, a escola conta com 12 turmas, 298 alunos matriculados e possui docentes para todas as áreas do conhecimento.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Foram realizados questionários por escrito com os alunos, a fim de traçar um perfil dos discentes da escola. Obtivemos 56 respostas, das quais podemos destacar: 71,7% dos alunos não se consideram brancos (respostas variam entre negros, meio negros, meio branco, entre outras demais respostas, através da análise dos questionários, também observamos alunos com dificuldade de heteroidentificação em questão a sua etnia, algo a ser trabalhado, visando ao auxílio aos alunos ao reconhecimento deles enquanto indivíduos negros. Estes dados em conjunto com as observações das aulas de História da escola permitem compreender, segundo Barroso (2012) a cultura escolar que se desenvolve nela, ao entender a cultura escolar é possível adaptar as oficinas que planejamos aplicar para atender carências específicas da escola.

Em questões de tecnologia, 100% disseram utilizar redes sociais, embora apenas 55,5% tenha um aparelho próprio. Todos os alunos que responderam o questionário apresentaram uma interação com as redes sociais, porém um pouco mais da metade tem um aparelho de uso próprio, enquanto o restante tem aparelho compartilhado. A maioria afirmou gostar de ler, e entre as preferências estavam livros infanto-juvenis e textos variados na internet. 55,2% disseram não ter interesse em alguma temática específica para as aulas de história. Isso

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



evidencia que os alunos se interessam por conteúdos da internet, como nos casos das *Threads*, relatam eventos e acontecimentos históricos, porém a maioria dos alunos afirma não ter interesse nas aulas.

Segundo Dayrell (1996), autor que aponta a necessidade de conhecer os sujeitos escolares para compreender o espaço sociocultural da escola, considerando que trata-se de uma instituição cheia de normas, mas que são apropriadas pelos sujeitos que a constituem, no caso deste artigo mais focado nas apropriações feitas pelos alunos com o objetivo de melhor conhecê-los e adaptar as práticas docentes e intervenções escolares à eles.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, destacamos o caráter único da instituição, com os resultados apresentados através da pesquisa dos residentes, passamos a ter uma pequena amostra da organização da escola, quem são os indivíduos e o que pensam essas pessoas que formam o ambiente escolar da Escola Nossa Senhora dos Navegantes. Estas informações vão ser utilizadas para realização de práticas pedagógicas na escola, assim como apresentar sugestões de ações com os alunos, na questão de heteroidentificação étnica, como por exemplo oficinas de educação em relações étnico-raciais, com o intuito de ajudar na identificação desses alunos perante a si mesmos e impulsionar a valorização de suas culturas, elevação de suas autoestimas e reconhecimento de suas próprias identidades. Criando oportunidades para despertar a curiosidade dos alunos, utilizando o que eles veem em suas redes, com matérias que devem ser exploradas no currículo de acordo com o Referencial Curricular Gaúcho. O conteúdo também pode ser apresentado de maneira atrativa, usando filmes que

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



abordam os conteúdos estudados, aproveitando-se do fato de que a escola possui uma sala de vídeo.

Para Dayrell (1996) a escola possui várias normas que são apropriadas pelos sujeitos pertencentes a ela juntando à essa ideia o conceito de cultura escolar de Barroso (2012), no qual ele descreve a cultura escolar como não sendo apenas a cultura imposta na escola, mas também a cultura que ela mesma produz. Para compreender a cultura escolar desta escola, utilizamos de entrevistas e observações feitas no espaço escolar, e com essas informações seguindo um dos conceitos de Paulo Freire (1996), utilizamos essa pesquisa para guiar as práticas de ensino com o objetivo de realizar o tipo de aprendizado que Bell Hooks (2013) sugere, no qual ele tem conexão com a realidade vivida pelos alunos, não se restringindo a ser só um monte de informações decoradas.

Em suma, os residentes através do período de visita à escola e através de questionários conheceram desafios e formularam propostas de atuação na escola, como saraus e oficinas, juntamente com ações para agregar no ensino de história e contribuir com a formação dos alunos da escola.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. **Cultura, Cultura escolar, cultura de escola**: princípios gerais da administração escolar. São Paulo: UNIVESP, 2012. v.1.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**: múltiplos olhares sobre a educação. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



MOVIMENTO ESTUDANTIL E MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA: ANÁLISE DAS DISPUTAS POLÍTICAS NA ORDEM DO DISCURSO (1967-1969)

Paola Robaski Timm

Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS)

paolarobaski@gmail.com

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1960, a presença do Movimento Estudantil (ME) no cenário político brasileiro foi fonte de profunda preocupação às autoridades públicas e às Forças Armadas, justamente pela intensa organização juvenil ali experimentada. O profícuo processo de politização das camadas populares, a expansão da Educação Básica e do Ensino Superior e o imperativo de desenvolvimento econômico capitalista ocorreram em um momento de reformulação do papel da educação para o Estado e para a sociedade.

O meu relato de pesquisa advém do trabalho de conclusão de curso que estou desenvolvendo na graduação em História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre a política educacional durante o governo de Costa e Silva e as representações construídas acerca do ME e dos (as) estudantes nos discursos de Tarso Dutra, que ocupou a vaga de ministro do Ministério da Educação e Cultura (MEC) entre 1967 e 1969.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar os pronunciamentos de Tarso Dutra, enquanto figura pública e representante do Estado ditatorial, a fim de compreender a forma que a Ditadura de Segurança Nacional e

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Desenvolvimento operava na/pela linguagem. Assim, busca-se identificar as estratégias mobilizadas pelos representantes do Estado para legitimar o seu projeto político, bem como a criação de sentidos para justificar situações de extrema violência e de violação dos direitos humanos.

De acordo com Federico Navarro e Carlos Tromben (2019), nas últimas quatro décadas importantes trabalhos de análise de discurso foram produzidos na América Latina, em sua maioria, acerca de discursos de presidentes de esquerda ou progressistas. Poucas foram as pesquisas que se centraram nos pronunciamentos de políticos conservadores. Em vista dessa ausência, a minha pesquisa busca compreender como a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento esteve presente também na linguagem daqueles que pensavam segundo os seus pressupostos. Pois a linguagem é um “*agente central del proceso de construcción de realidad*” (HALLIDAY *apud* NAVARRO; TROMBEN, 2019, p. 297), logo, na ordem discursiva há a disputa por construção da realidade a partir da fixação de sentidos (PINTO, 2006, p. 80). O estudo fundamenta-se na compreensão de que a formação discursiva em que os pronunciamentos de Tarso Dutra se enquadram como discurso político.

DESENVOLVIMENTO

Após o golpe civil-militar de 1964, iniciou-se o processo de instituição do Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento, que teve como um dos principais objetivos eliminar qualquer oposição às medidas tomadas pelo governo e ao seu projeto econômico. Para tanto, foi preciso desenvolver estratégias, orientadas pela Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, a fim de eliminar qualquer foco de contestação ou de oposição à ditadura em diferentes setores da sociedade.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A ditadura foi se estabelecendo, com momentos de intensificação das ações repressivas e de ciclos de liberalizações, com concessões de alguns dos direitos exigidos pela oposição, com promessas de retorno à democracia e, conseqüentemente, de devolução do poder aos civis, a fim de diminuir a tensão social criada pelos ciclos de repressão.

Os recuos e avanços da repressão ao ME deveu-se à constante reorganização dos (as) estudantes de acordo com a conjuntura política. Ao mesmo tempo que o ME e suas entidades representativas eram atravessadas pelas medidas autoritária-repressivas, o Estado de Segurança Nacional e Desenvolvimento era atingido pela oposição em uma relação dialética, em que um alterava o outro de forma assimétrica (ALVES, 2005, p. 375).

Analisando o discurso de Tarso Dutra, observa-se a defesa da educação voltada para o desenvolvimento econômico, a fim de superar o “atraso civilizatório”. Desta forma, uma das medidas a serem tomadas pelo MEC era desenvolver um programa de alfabetização nacional. No âmbito universitário, aparece a necessidade de realizar uma reforma universitária e de estabelecer vínculos das universidades com a comunidade, a fim de atender as demandas econômicas e sociais existentes. Assim, Rodrigo Patto Sá Motta (2014) propõe que compreendamos a reforma universitária a partir da chave interpretativa de modernização autoritário-conservadora. Em sua análise, a reforma universitária combinou elementos de modernização da infraestrutura das universidades brasileiras com medidas repressivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da pesquisa ainda estar em andamento, posso afirmar que elementos constitutivos do Terrorismo de Estado – como os de inimigo interno,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



pedagogia e cultura do medo, por exemplo – estão presentes na ordem do discurso em análise no estudo. Acerca da representação dos (as) estudantes, eles (as) aparecem em diversos pronunciamentos do ministro como sujeitos facilmente manipuláveis pelas “ideias subversivas” e qualquer forma de contestação à política nacional poderia ser visto como subversão. Ademais, eles (as) seriam incapazes de pensar criticamente sobre a reforma universitário, o que pode ser observado em uma de suas falas Tarso Dutra, conforme o relato seguinte:

Num Congresso estudantil de Natal, interpelado por um estudante, nitidamente colocado na área subversiva, sobre o problema desse acordo, verifiquei que ele não conhecia nem uma letra do documento, quando pedi que citasse, em artigo por artigo, as inconveniências que nele encontrou. O estudante confessou que nunca havia procedido à leitura daquele material.²

Apesar de não saber se essa situação, de fato, ocorreu, todavia, sabe-se que desde 1961 a União Nacional dos Estudantes (UNE) discutia sobre a necessidade de uma reforma universitária. Compreendo que a necessidade de depreciação da capacidade juvenil é um dos mecanismos que dialoga com o imaginário popular e cria a ideia do inimigo interno que manipula mentes, gerando medos e adesão à repressão violenta.

REFERÊNCIAS

² AHR/ALCD/APTD-3.1.1. Infelizmente, os documentos pertencentes à subsérie 3.1.1 (Discursos no país) ainda não foram descritos nem receberam o número final de cada documento. Para fins de localização, a citação foi extraída do pronunciamento intitulado “Debates com o Senhor Ministro da Educação e Cultura, Deputado Tarso Dutra” e encontra-se na pasta dos sem datas; porém, após a análise pude identificar que foi escrito em 1967.



ALVES, M.H.M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. São Paulo: Edusc, 2005.

MOTTA, R.P.S. A modernização autoritário-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. *In*: REIS FILHO, D.A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R.P. S. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NAVARRO, F.; TROMBEN, C. "Estamos en guerra contra un enemigo poderoso, implacable": los discursos de Sebastián Piñera y la revuelta popular en Chile. *Literatura y Lingüística*, n. 40, p. 295-324, 2019.

PINTO, C. Elementos para uma análise de discurso político. *Barbarói*, n. 24, p. 78-109, 2006/1.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E "AULA HISTÓRICA": ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd
Faculdade Unina
rosigevaerd19@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unina – Curitiba e se enquadra no contexto do ensino de História, mais especificamente na área da Educação Histórica. A justificativa para a realização da investigação está atrelada ao escopo de pesquisas que têm buscado investigar como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem em História, tanto em contexto de escolarização, a partir das práticas docentes, como fora da escola, atividades didáticas em museus, por exemplo.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Esta pesquisa tem como objetivo central investigar como está ocorrendo a implementação dos pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Histórica, assumidos no currículo da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, especialmente os fatores da "Aula Histórica" (CURITIBA, 2016, p. 7), para poder identificar a aprendizagem histórica dos(as) estudantes e, por conseguinte, a constituição de suas consciências históricas.

Tomando como referência, especialmente, os estudos de Lee (2001; 2005); Rüsen (2001); Barca (2004); Schmidt (2001), propõem-se as seguintes questões norteadoras: Quais os fatores da "Aula Histórica" estão presentes no processo de escolarização? Tendo em vista que esses fatores têm sido desenvolvidos nas aulas de história, como o aluno manifesta a sua aprendizagem histórica, sob forma de narrativas?

A partir disso, delimito o campo de investigação: professores (as) de História que atuam no Ensino Fundamental II, 6º ao 9º ano, da rede municipal de Curitiba.

DESENVOLVIMENTO

Alguns conceitos fundamentam teórica e metodologicamente essa pesquisa, como, o conceito de *consciência histórica*, assumido a partir de Rüsen (2001), que pode ser considerado como "a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução no tempo de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo" (RÜSEN, 2001, p.57).

Os conceitos históricos, como por exemplo, Revolução Francesa e Ditadura Civil-Militar, são tomados a partir dos estudos de Peter Lee (2001, p. 15; 20), e são considerados parte do que podemos chamar de *substância* da história e, por



isso, têm sido denominados, por esse autor, de *conceitos substantivos*. Tais conceitos pertencem a diferentes tipos de atividade humana, como a econômica, a política, a social e a cultural. Além disso, para esse autor existem os conceitos de *segunda ordem*, também entendidos como epistemológicos, como narrativa histórica, evidência histórica, empatia histórica, consciência histórica, entre outros (LEE, 2001, 15; 20).

Um conceito norteador da pesquisa é o de *aprendizagem histórica* tomado a partir dos estudos de Rüsen (1993, p. 85) em que o autor aponta que é "a consciência humana se relacionando com o tempo, experimentando o tempo para ele ter algum significado, adquirindo a competência de dar sentido (significado) ao tempo e desenvolvendo esta competência". No seu entender a aprendizagem que constitui a consciência histórica vem em destaque nas narrativas, ou seja, no ato de contar histórias, pois esta é uma forma coerente de comunicação e trata da identidade histórica tanto do comunicador como do receptor. (RÜSEN, 1993, p. 85).

A metodologia adotada na investigação é a pesquisa de cunho qualitativo tomando como referência, entre outros autores, os estudos de Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51), na qual as abstrações são construídas à medida que os dados particulares recolhidos vão sendo agrupados.

Nessa perspectiva, a pesquisa está constituída nas seguintes etapas: análise dos dados recolhidos por meio de fontes bibliográficas produzidas na área; análise documental, mais especificamente, as diretrizes curriculares e currículos no período de 2006-2018; questionário e entrevista semiestruturada envolvendo os (as) professores (as); análise de atividades produzidas pelos(as) estudantes.



A partir dos resultados desta investigação pretende-se indicar algumas possibilidades para o ensino de História tanto na formação inicial, como na formação continuada, para as redes públicas e privadas.

CONSIDERAÇÕES

Algumas considerações, ainda que parciais, podem ser apontadas. A partir dos dados analisados pode-se dizer que a metodologia da "Aula Histórica" tem sido adotada por professores(as) em suas aulas e isso mudou a forma como eles(as) têm se relacionado com os conteúdos a serem trabalhados, na medida em que as suas práticas pedagógicas são organizadas a partir da investigação das carências de orientação temporal dos(as) estudantes, bem como vinculada aos fundamentos de uma aprendizagem na perspectiva da Educação Histórica, como por exemplo, o uso de fontes históricas.

A pesquisa aponta que ensinar História tem sido um desafio, especialmente no período da pandemia, bem como nesses tempos de negacionismos, mas esses (as) professores (as) têm demonstrado entender

[...] a ideia de aluno como uma intervenção histórica e, assim procurar ver as crianças e jovens como construções históricas, sociais e culturais, entendendo as suas aprendizagens históricas também a partir das condições históricas e objetivas em que eles constroem a si mesmos e, portanto, da cidadania (SCHMIDT, 2014, p. 54).

Além disso, esse s(as) professores(as) têm incorporado, em suas práticas, os estudos apontados por Lee (2005, p. 1), ou seja, de que não se pretende transformar os(as) alunos(as) em "mini-historiadores profissionais", mas que podemos, auxiliá-los a compreender que a história está em constante transformação e que existem diferentes interpretações e explicações históricas.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



REFERÊNCIAS

BARCA, I. Aula oficina: um projecto à avaliação. In: BARCA, I. (Org.). **Para uma educação histórica com qualidade**. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CURITIBA. **Currículo do ensino fundamental**: 1º ao 9º ano. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal da Educação, 2016. v. 5.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I. (Org.). **Perspectivas em educação histórica**. Actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Minho: Universidade do Minho, 2001. p.13-27.

LEE, P. **Educação histórica**. Opinião. Associação de Professores de História. Acessado em 06 jun. 2005. Disponível em: <http://www.aph.pt/opinião/opinião>

RÜSEN, J. Experience, interpretation, orientation: three dimensions of historical learning. In: DUVENAGE, P. (Ed.). **Studies in metahistory**. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 54-66.

SCHMIDT, M. A. Cultura histórica, ensino e aprendizagem de História: questões e possibilidades. In: OLIVEIRA, C. M. S.; MARIANO, S. R. C. (Org.), **Cultura histórica e ensino de história**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 39-64.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



QUAL O LUGAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PESQUISA EM ENSINO DE HISTÓRIA?¹

Caroline Pacievitch
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
00249750@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

O objetivo desta comunicação é compartilhar indagações sobre o lugar da Educação Básica na produção de conhecimento em Ensino de História. Esse questionamento surgiu durante o processo de explicitar as decisões metodológicas e os instrumentos criados no Aula Inacabada. Na ocasião, imaginei que terminaria por produzir um artigo que contribuísse para o ainda incipiente catálogo de metodologias próprias à pesquisa em ensino de História (PLÁ; PAGÈS, 2014).

Entretanto, comecei a perceber que, entre parágrafos mal concluídos e argumentos confusos, saltava outra interrogação: se, de um lado, a pesquisa em ensino de História deve contribuir com os desafios das escolas, qual é a contribuição – para o campo de conhecimento – da pesquisa feita por e com docentes da Educação Básica? Para explorar o tema, busco inspiração em duas importantes produções sobre metodologia de pesquisa em Ensino de História, a fim de refletir sobre o grupo de pesquisa do qual participo, o Aula Inacabada³.

¹A AULA INACABADA: democracia, utopia e ensino de história. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/aulainacabada/>>. Acesso em: 27 fev. 2023.



DESENVOLVIMENTO

O percurso metodológico construído no Aula Inacabada possui variações que tornam difícil o enquadramento em modelos mais conhecidos, como os da pesquisa-ação ou *survey* (ANDRÉ, 2005), por exemplo. Além disso, o fato de depender das contingências de diversas escolas não permitiu antecipar, em detalhes, todos os instrumentos necessários para aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em pesquisa da UFRGS. O projeto foi aprovado após intensas reuniões para adequação dos materiais.

Estudar os percursos de outros pesquisadores foi útil para situar as intenções do Aula Inacabada e estabelecer um fio condutor que permitisse análises posteriores. Aqui, optei por explorar um capítulo publicado em 2010 no livro “Metodología de investigación en didáctica de las Ciencias Sociales”, resultado de evento que reuniu autores de todo o mundo iberoamericano. Trata-se do escrito de Antoni Santisteban, Neus González e Joan Pagès (2010), que explicam que seu grupo de pesquisa busca o intercâmbio direto entre pesquisa e docência, para que os resultados das investigações de fato reflitam as realidades das salas de aula. Santisteban, González e Pagès são membros do Gredics, que é composto por docentes da Universidade e de instituições de Educação Básica da província de Barcelona. Para além do respeito às dinâmicas reais das escolas e da imprevisibilidade da investigação, o mais importante aspecto do Gredics que inspira o Aula Inacabada é o lugar do professorado como membro do grupo de pesquisa. Ou seja, docentes de escolas públicas participam desde a concepção da problemática, do estudo conceitual, da formulação e execução dos instrumentos, até das análises e da divulgação científica. Portanto, professores não são objetos de estudo, nem colaboradores, nem participantes,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



mas pesquisadores ativos que calham de ser, também, os regentes das turmas onde os instrumentos de pesquisa são executados.

Essa aparente confusão de papéis pode ser deslindada pelo outro capítulo inspirador dessa reflexão, escrito por Carmem Gil e Mônica da Silva (2021), a partir de Ana Zavala. As autoras explicam que:

no processo de investigação prática, o(a) professor(a) formula um problema prático, relacionado com seu trabalho como teórico-prático, que lhe permite pensar sobre si mesmo [...]. Isso pode provocar um conflito entre a mudança operada e a desejada ou um jogo de uma dupla teorização prática relativa ao mesmo assunto, podendo resultar em um conflito que, de certa forma, gesta a possibilidade de se formular um problema prático para ser investigado (Gil & Silva, 2021, p. 133).

A reflexão de Gil e Silva ajuda a pensar que todo instrumento de comunicação de uma pesquisa é, no fundo, o relato de uma prática, ainda que o autor faça um esforço para tornar ocultos seus dilemas e escolhas. Logo, não há nenhuma contradição epistemológica na pesquisa em que uma professora de Ensino Fundamental desenvolva um conjunto de estudos com uma de suas turmas, mesmo sem vínculo com um programa de pós-graduação, ou de reciclagem. É bastante conhecido, na literatura, que realizar pesquisas beneficia a formação continuada (FAZENDA, 2005). Entretanto, pouco pensamos sobre os impactos, no campo do ensino de História, de pesquisas realizadas no modelo de investigação prática, em cooperação com seus pares e com estudantes da graduação e professores universitários.

A partir desses dois referenciais, a pergunta inicial dessa comunicação parece perder sentido. É realmente necessário delimitar um lugar para a Educação Básica na pesquisa, principalmente em investigações dedicadas ao ensino e à aprendizagem escolar de História?

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



RESPOSTAS INACABADAS

No Aula Inacabada, determinar o lugar da Educação Básica seria o mesmo que aprisionar sua potência, pois o grupo é composto por professores de escolas públicas que buscaram parceria com a universidade porque desejam produzir conhecimento dentro de seu campo de trabalho. Assim, todas as decisões, principalmente as metodológicas, se relacionam com os encontros vividos no grupo: escolas de distintas mantenedoras, professora universitária e estudantes da licenciatura em História, tendo nossos princípios e utopias como foco.

As consequências desse tipo de investigação estão ainda por debater mais profundamente, principalmente no que concerne aos preceitos éticos. Além disso, cabe ao campo do ensino de História questionar a validade e o impacto dos conhecimentos produzidos nesse formato com a mesma seriedade que se debruça sobre os demais, sob o risco de reproduzir hierarquias entre as pesquisas “acadêmicas” e “profissionais”.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: questões de teoria e método. **Educação & Tecnologia**, v. 10, n. 1, p. 29-35, jan./jun. 2005. Disponível em: <<https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/72/71>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

FAZENDA, Ivani. A formação do professor pesquisador - 30 anos de pesquisa. **Revista e-Curriculum**, v. 1, n. 1, dez./jul. 2005-2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/766/76610119.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2023.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



GIL, Carmem Zeli de Vargas; SILVA, Mônica Martins da. Notas de aulas com o patrimônio cultural: exercícios de "teorização prática sobre a prática de ensinar História". In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 131-152.

PLÁ, Sebastián; PAGÈS, Joan. Una mirada regional a la investigación en enseñanza de la historia en América Latina. In: _____ (coords.). **La investigación en enseñanza de la historia en América Latina**. México: Bonilla Artigas/UPN, 2014, p. 13-38.

SANTISTEBAN, Antoni; GONZÁLEZ, Neus; PAGÈS, Joan. Una investigación sobre la formación del pensamiento histórico. In: ÁVILA, Rosa María; RIVERO, María Pilar; DOMÍNGUEZ, Pedro (coords.). **Metodología de investigación en didáctica de las ciencias sociales**. Zaragoza: Fernando el Católico, 2010, p. 115-128.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



DE(S)COLONIZAR CURRÍCULOS DE HISTÓRIA: UM PROJETO DE DISSERTAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA?

Gabrielle de Souza Oliveira
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
gabidesouza.o@gmail.com

BASES CONCEITUAIS E O REPENSAR DOS OBJETIVOS DE UM PROJETO DE PESQUISA

A colonialidade trata-se de um conceito que define a herança permanente da colonização/colonialismo mesmo após o fim do processo colonial, marcado pelas independências e libertações nacionais. Tal conceito também encontra expressão nos currículos ensinados, sobretudo nos currículos de história. Em seu artigo intitulado “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”, Nilma Lino Gomes (2012) se propõe a pensar o processo de de(s)colonização curricular, no qual elabora a hipótese de que a lei n.º 10.639/2003 representa um marco de virada do processo de de(s)colonização dos currículos. Nesse sentido, a motivação/questionamento principal do projeto de pesquisa que qualifiquei em setembro de 2022 consistia em compreender como se caracteriza o Ensino-Escrita da História no currículo do Ensino Fundamental no que diz respeito à Revolução do Haiti, quanto à marca da colonialidade, atentando para os processos de definição e de(s)colonização dos currículos de história.

Na banca de qualificação foi chamada minha atenção para outros aspectos de meu problema de pesquisa, sobretudo para o recorte muito amplo do mesmo. Desde então, no processo de repensar os percursos de investigação,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



defini como foco de análise os manuais de professores de história da rede municipal de Pelotas do 8º ano do Ensino Fundamental. Por meio deles pretendo identificar os livros didáticos de história mais utilizados na rede municipal de Pelotas, bem como a forma em que a colonialidade se expressa no componente curricular da Revolução do Haiti nos manuais de professores de história do 8º ano.

A eleição do evento histórico da Revolução do Haiti como foco de pesquisa nos livros didáticos não se trata de uma escolha aleatória. A curiosidade surgiu de uma provocação feita pela professora Ynaê Lopes dos Santos, na terceira aula do curso “Emancipações e Pós-Abolição: Por Uma Outra História do Brasil (1808-2020)”⁴. A professora questionou sobre o quanto sabemos a respeito da história da Revolução do Haiti, processo revolucionário ocorrido na América, em comparação à Revolução Francesa, processo revolucionário que se deu na Europa. É a última, no entanto, que carrega um significado histórico maior, sendo o marco que dá início à História Contemporânea.

É possível dizer que a origem desse desconhecimento acerca do processo revolucionário haitiano é reflexo de um eurocentrismo muito sólido que dá base à Escrita-Ensino da História. Em contraposição a uma perspectiva radicalmente eurocêntrica, pensamos aqui no potencial de(s)colonizador que poderia permear a narrativa histórica de um processo revolucionário ocorrido na América.

Pensar a possibilidade de uma abordagem Amefricana da Escrita-Ensino da História parte das proposições elaboradas por Lélia Gonzalez (1988) em seu

⁴ Aula do dia 19 de agosto de 2020 intitulada “Cidades escravistas e diáspora negra no Atlântico”. Disponível no canal “Escola História Unirio”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLS5HtnAm2w>>. Acesso em 8 ago. 2022.



artigo “A categoria político-cultural de Amefricanidade” e trata-se de um tensionamento que almejo ser possível a partir da pesquisa que aqui se estrutura. Sendo assim, tal aspecto se converte em nosso novo problema de pesquisa: como elaborar uma Escrita-Ensino amefricana da Revolução do Haiti a partir dos manuais de professores do 8º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Pelotas-RS?

Ao longo do curso de mestrado, inserida nas discussões do campo do currículo, fiz a opção teórica de utilizar a expressão *Escrita-Ensino* de História de modo a demarcar a indissociabilidade que compreendo fazer parte do trabalho de historiadoras e historiadores. A dicotomia teoria vs ensino ou escrita da história vs Ensino de História – os primeiros como os espaços responsáveis pela construção do conhecimento histórico e os segundo apenas pela sua reprodução – não encontram espaço nas elaborações que pretendemos desenvolver, porque falar de currículo é falar em qual conhecimento queremos priorizar (SILVA, 2021).

No entanto, na banca de qualificação também foi levantada a possibilidade de meu trabalho se encaixar, sim, no campo do Ensino de História, daí a dúvida que dá título a esse texto. Portanto, este resumo consiste em uma expressão do exercício do fazer científico: ser questionada e procurar respostas para perguntas, às quais entendo que podem ser melhor respondidas na medida em que compartilhamos o processo com as/os demais membros da comunidade científica. A dissertação está em processo de escrita e os capítulos previstos são: Situando a colonialidade e a decolonialidade; Os manuais de professores de História do 8º ano da rede municipal de Pelotas; Uma defesa por uma *escrita-ensino* de História.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira De Ciência Política**, n. 11, maio-ago 2013, p. 89–117.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n.1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, jan./jun. 1988, p. 69-82.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistêmicos do longo do século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Volume 31. Número 1. Janeiro/Abril 2016, p. 25 a 50.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Flores, 2017, 273p.

KILOMBA, Grada. 1. A Máscara. 2. Quem pode falar? In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Traduzido por Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 33-69.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma Educação Decolonial? **Nuevamérica**. Buenos Aires, v. 149, jan./mar. 2016, p. 35-39. Disponível em:

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



<<http://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2019/07/0149.pdf>>.

Acesso em: 16 mar. 2021.

OUVIÑA, Hernán. Prólogo. Una brújula para descolonizar(nos). In: GUELMAN, Anahí (Org.); PALUMBO, María Mercedes (Org.). **Pedagogías descolonizadoras**: formación en el trabajo en los movimientos sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; CLACSO, 2018, p. 7-18.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 3.ed. 13. reimpressão, 2021.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: RELATO DE AMBIENTAÇÃO NA ESCOLA-CAMPO MINISTRO FERNANDO OSÓRIO

Silvia dos Santos Aldrighi

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

silviaaldrighids@gmail.com

Matheus Goulart

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

mgoulart930@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola, como espaço sócio-cultural é entendida, conforme Dayrell (1996), como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão: institucionalmente, pelo conjunto de regras e normas que buscam unificar e restringir a ação dos sujeitos e, cotidianamente, pela trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, num processo constante de apropriação dos espaços, das normas e dos saberes que dão forma à escola. Nesta perspectiva de análise da instituição escolar, buscamos compreender o cotidiano do ambiente escolar, com o intuito de resgatar o papel ativo dos sujeitos (alunos, professores e funcionários) na vida social e escolar (DAYRELL, 1996). Partindo dessa compreensão do espaço escolar, relataremos o período de imersão no contexto escolar da escola-campo E.M.E.F. Ministro Fernando Osório, localizada na cidade de Pelotas/RS, conforme a proposta do núcleo de História do Projeto Residência Pedagógica da UFPel.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O Programa de Residência Pedagógica (RP) é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de Educação Básica, a partir da segunda metade de seu curso. O primeiro momento do Projeto Residência Pedagógica é a ambientação na escola-campo, nesse momento inicial foi possível vivenciar a rotina da escola Ministro Fernando Osório. Com o intuito de compreender a cultura da escola, foi organizado questionários para os alunos, professores e equipe diretiva que integram a escola. Nesse relato, discutiremos os resultados coletados a partir da análise das respostas dos alunos de 6º, 7º e 9º do Ensino Fundamental às questões do questionário.

DESENVOLVIMENTO

O período de ambientação na escola, ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2022. Nesse período, foram realizadas observações na escola e aplicados questionários com os alunos, professores e equipe diretiva da escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório, atende em média 607 alunos e conta com 106 funcionários, entre eles, 70 são professores contratados que atendem os alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Além da análise inicial dos aspectos institucionais da escola, foram organizados questionários para a equipe diretiva, professores e alunos da escola, com o propósito de conhecer os sujeitos que compõem a escola Ministro Fernando Osório. Para a pesquisa, os questionários foram aplicados apenas com as turmas de 6º, 7º e 9º do Ensino Fundamental da professora preceptora

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



do Projeto Residência Pedagógica. O questionário para os alunos foi elaborado com base em alguns questionamentos: Quem são os alunos da escola? Quais seus interesses pessoais? O que gostam na escola? Como compreendem as vivências e as práticas educativas que ocorrem no interior da escola? O que gostariam de aprender nas aulas de História? Para eles, as aulas de História são importantes?

A análise dos questionários possibilitou compreender não só estas questões iniciais, como também, permitiu adentrarmos ainda mais na cultura da escola-campo. As repostas dos alunos para as questões que envolviam o ensino de História foram diversas, o que demonstra, como discute Dayrell (1996), a importância de compreender os jovens que chegam à escola, como sujeitos sócio-culturais, superando a visão de que todos alunos são iguais e o papel da escola é transmitir conhecimento enquanto os alunos apenas os assimilam. Essa compreensão de ensino, onde o professor “transmite” e os alunos “assimilam”, foi criticada pelos estudantes que responderam não gostar de História por conta do caráter conteudista das aulas.

Por outro lado, em outras turmas, onde a abordagem do professor envolvia problematizações e outros recursos didáticos, os alunos apresentaram os mais diversos interesses sobre temáticas históricas, entre elas: História das mulheres, História da cidade de Pelotas, Primeira e Segunda Guerra Mundial, História da Rússia. Nesse sentido, podemos perceber que os interesses dos alunos parte das experiências vivenciadas em outros espaços sociais.

CONCLUSÕES

Ao passo que tentamos olhar para o macro utilizando os questionários coletados e junto da observação realizada, vemos que a escola é um ambiente

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



de troca de saberes e culturas muitas vezes despercebidas pelos seus frequentantes. Sendo assim, Dayrell coloca para tentarmos ler os jovens longe de uma categorização homogeneizante devemos ver esses como sujeitos múltiplos, no entrando para o autor “trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios”. (DAYRELL, 1996, p.7)

Com isso partimos de análise ao ver a escola como um espaço amplo e que vai além de muros e portões, assim lançamos um olhar atento aos rituais de escolarização que ocorrem dentro da escola, entendemos esses rituais como a forma que a escola escolhe em organizar os alunos e como lhes cobram os conteúdos ensinados. Assim, queremos ver como esses códigos de sociabilidade implicados pela escola refletem na percepção dos alunos acerca de como veem a classe e seus métodos de ensino. (BENEDITO, 2017, p.35)

Concomitantemente, percebe-se a escola com suas condutas consegue estabelecer uma boa relação de troca de conhecimento com esses sujeitos. No entanto, analisar qual a ligação da cerimônia de passagem de conhecimento e o aprendizado efetivo, saber se o interesse em aprender algo dentro desse espaço que muitas vezes é visto como um lugar de normas e condutas distantes dos adolescentes atuais. Desse modo, com base nesse período inicial de aproximação e reconhecimento da escola Ministro Fernando Osório foi possível conhecer a cultura escolar da instituição, vivenciada e construída no cotidiano pelos seus agentes sociais. Como residentes, esse olhar de apreensão da escola como um espaço sócio-cultural, contribui para pensarmos práticas de ensino de História que consideram os conhecimentos, experiências e vivências dos alunos.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



REFERÊNCIAS:

BENITO, Agustín Escolano. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas, SP. Alínea, 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



SER DOCENTE DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO RIO GRANDE DO SUL: INGRESSO, FORMAÇÃO E CAMPO DE TRABALHO - 2012 A 2022

Fernando Seffner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

fernandoseffner@gmail.com

Luciani Paz Comerlato

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

lucianipaz@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema a docência em História. Partimos do questionamento sobre qual o cenário de constituição do docente de História na Educação Básica no Rio Grande do Sul 2012-2022. Analisamos os modos de ingresso, a formação e o campo de trabalho. Os sujeitos em diálogo são professores da rede pública municipal e estadual. Trata-se de pesquisa qualitativa, em que o recorte espacial e temporal possibilita refletir sobre o tema na relação particular e universal no contexto da realidade brasileira. É pesquisa em andamento, em que algumas frentes de investigação já contam com coleta regular de dados, e em outras estamos qualificando fontes. Se busca colher elementos para pensar como vem se comportando o ser docente em História no Rio Grande do Sul frente a um conjunto de reformas e políticas públicas praticadas nos últimos anos. Lidamos tanto com uma crise de matrículas nas licenciaturas, que afeta desigualmente cada uma delas, quanto com uma crise de postos de trabalho na docência em História. Tal crise é fruto em especial do

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



chamado Novo Ensino Médio, que diminuiu a presença da História nas grades curriculares, ao mesmo tempo que ofertou outras disciplinas que podem ser acessadas pelos licenciados em História. Lidamos com modificações nas grades curriculares do Ensino Fundamental que afetaram a presença da História neste nível. Lidamos com uma expansão dos cursos de Licenciatura em História no formato EaD, e com o encerramento de cursos presenciais. Lidamos com esforços de alguns municípios em implantar a escola de turno integral, o que traz oportunidades para o licenciado em História, mas em temas que não compuseram sua formação. Alguns cursos com oferta de vagas no Estado impactaram o mercado de trabalho de licenciados em História: Arqueologia, Arquivologia, Museologia e História da Arte. Acompanhando tendência de todo Brasil, mas em ritmo mais antigo no Estado, a diminuição das taxas de natalidade impacta de modo sensível a oferta de matrículas no Ensino Fundamental. O objetivo do projeto de pesquisa é colher elementos qualitativos e quantitativos que permitam examinar esse conjunto de movimentos, e compreender suas repercussões no ser docente em História no Rio Grande do Sul.

DESENVOLVIMENTO

Coleta de dados acerca da demanda de candidatos para História nos concursos vestibulares das universidades gaúchas, e coleta da demanda para as demais licenciaturas, de modo a estabelecer comparações.

Análise de grades curriculares dos cursos de Licenciatura em História no Estado, de modo a perceber as possibilidades da formação ofertada dar conta de demandas provocadas pelas políticas públicas recentes e novos desenhos curriculares.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Coleta de editais de concurso público, verificando a oferta de vagas: a) demanda para História; b) demanda para disciplinas outras em que licenciado em História pode concorrer; c) faixas salariais e carga horária de trabalho.

Coleta de dados da demanda pelas demais licenciaturas nos editais de concurso público docente no Estado.

Em editais de concurso público anotar salários de profissões que exigem ensino superior, e respectivas cargas horárias. As profissões escolhidas, para comparação com salários docentes, são: farmacêutico, enfermeiro, geógrafo, biólogo, engenheiro civil, contador, bibliotecária, museólogo, arquivista, advogado.

Análise de provas específicas do componente História nos concursos que adotam tal sistemática, bem como de provas de Conhecimentos Gerais, percebendo a distribuição dos conteúdos nelas presentes.

Conhecer a densidade dos professores de História nas redes municipais do Rio Grande do Sul, em comparação com a densidade de outras licenciaturas. Tal dado serve de indicador para o aproveitamento dos aprovados não apenas no atendimento da disciplina específica, mas em outras frentes.

Via entrevistas com egressos do curso de Licenciatura em História da UFRGS, perceber as trajetórias profissionais a partir da formatura. Tal levantamento opera com um registro de tempo superior ao do restante da pesquisa, a saber, desde 1993, organizando linhas de tempo que dialogam entre si, a partir de diferentes contextos de conclusão do curso.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A demanda de concurso vestibular e via ENEM para ingresso na licenciatura em História supera, na grande parte das vezes, a de outras licenciaturas.

Tal demanda contempla um discreto, mas visível, percentual de indivíduos que buscam a Licenciatura em História como segunda graduação.

O investimento de maior fôlego temporal, que é o das entrevistas com egressos da Licenciatura em História da UFRGS nos últimos 30 anos, permite perceber que o exercício do magistério entre os licenciados concorre, na última década, com outras profissões que são exercidas de modo concomitante. A dedicação exclusiva ao magistério experimenta declínio sensível.

O exercício docente de outras disciplinas, que não História, pelos licenciados, inclui Geografia, Ensino Religioso, Projetos de Vida, Empreendedorismo, Mundos do Trabalho, Filosofia, Sociologia, Ética e Cidadania.

O exercício docente de outras disciplinas não é vivido, na grande maioria dos casos, como algo essencialmente ruim. Em particular as disciplinas do Novo Ensino Médio são objeto de recortes e enfoques bastante originais, e ligados à formação em História.

A formação em uma segunda graduação, por parte dos licenciados, nos últimos 15 anos, é cada vez mais frequente.

REFERÊNCIAS

ELACQUA, Gregory; HINCAPIÉ, Diana; VEGAS, Emiliana & ALFONSO, Mariana. **Profissão professor na América Latina: Por que a docência perdeu**

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



prestígio e como recuperá-lo? New York City, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2018

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



“COSAS QUE PÁSAN”: NOTAS SOBRE RELAÇÕES ENTRE MÚSICA, ENSINO DE HISTÓRIA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Günter Tlajja Leipnitz
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
gunterleipnitz@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO

O que apresento aqui emerge do enfrentamento de algumas ponderações instigadas com a execução do projeto de pesquisa “Musicando a História”, por mim coordenado na Universidade Federal do Pampa, desde o ano passado. São notas reflexivas a respeito do uso da música como veículo narrativo para o Ensino de História. O objetivo é, a partir da comparação entre suportes documentais distintos – fontes judiciais analisadas durante a produção de meu mestrado e doutorado (processos cíveis decorrentes de disputas sobre direitos de propriedade) e a canção “Cosas que pásan” (1969), escrita pelo argentino José Larralde e Victor Abel Gimenez, e interpretada por aquele -, provocar o debate a respeito das diferentes possibilidades de articulação entre música, Ensino de História e produção de conhecimento histórico.

Parto da compreensão de Napolitano (2002, p. 79-80) sobre a abordagem da música na História, especificamente do formato canção, a qual deve ser considerada em sua totalidade enquanto expressão cultural que comunica de forma singular pela articulação das palavras com as características musicais (timbre, melodia, ornamentos, altura etc.), e portanto, distinta de um texto simplesmente lido.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Em complemento a isso, a partir de uma perspectiva do materialismo histórico, entendo que a música, enquanto “linguagem mesma disponível para a criação da expressão artística [...] é social e historicamente determinada” (ABEL, 2016). Isto implica examinar criticamente qualquer expressão artística musical para além das intencionalidades de seu(sua) criador(a), e por conseguinte, considerar que ela manifesta, inclusive involuntariamente, ou de forma não-dita, as contradições da realidade, tornando-se, pois bem, um artefato que intervém na mesma, não apenas mera reflexão do real.

AS “COSAS QUE PÁSAN” NO CAMPO: ENTRE NARRATIVAS DE FONTES JUDICIAIS E DA CANÇÃO

Ouvindo pela primeira vez “Cosas que pásan”, cantada por José Larralde, logo fui transportado para uma realidade muito próxima àquela que descobri lendo processos criminais e civis utilizados como fontes para minhas pesquisas de mestrado (LEIPNITZ, 2010) e doutorado (LEIPNITZ, 2018) sobre Uruguiana, entre os séculos XIX e XX. Larralde conta, a partir da perspectiva de um peão de estância, a dor de ser despedido pelo patrão, depois de anos de serviços prestados. Ao longo do lamento, aparecem muitas características das relações sociais do campo típicos do mundo platino: o apego aos vínculos de antiguidade, a ideia da legitimidade de direito à terra (e ao trabalho) a partir dessa antiguidade, a percepção de ingratidão do patrão crescido que foi cuidado pelo trabalhador... É notável como o narrador lamentoso de Larralde poderia ser uma das tantas pessoas que depuseram nos processos acima referidos, revelando os dramas de quem experimentava as mudanças nas relações de propriedade e de produção após o fim da escravidão e num momento de intensa valorização da terra na região (LEIPNITZ, 2010; 2018).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Isto nos coloca a pensar sobre como as narrativas sobre o passado podem ser veiculadas a partir de diferentes suportes, e como utilizá-las no âmbito do ensino. Certamente que a força das palavras de Larralde cantadas sob a forma de milonga de estilo “campeiro”, sua harmonia em tom menor (que expressa melancolia) e seu estilo rítmico característico de “332” me parece ter grande potencial sobre uma simples apresentação das fontes judiciais em sala de aula, e não seria a mesma sem seu contexto musical. Em outras palavras, a música em sala de aula deve ser pensada em sua totalidade comunicativa, que é ancorada na experiência real, e mais do que isso, como uma fonte que também produz conhecimento histórico. “[...] a canção popular, que não pretende ser conhecimento por natureza, pode vir a ser um ‘território de produção’ de conhecimento em diálogo com o ensino de História” (HERMETO, 2016, p. 118).

CONCLUSÕES PARCIAIS

Em que pese a parcialidade desta reflexão, é possível afirmar que é necessário abandonar a ideia de que os usos da música em relação ao ensino de História devem ser restritos a uma ideia de “fonte”, pensada de forma simplificada. Como afirma Barros (2018), é importante começarmos a considerá-la como meio de expressão de representações históricas, incentivando, em sala de aula, e a partir das experiências e sentidos estéticos do(a)s estudantes, a criação de narrativas históricas que tenham o artefato cultural da música (inclusive a “instrumental”) como suporte de produção do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ABEL, M. **Music and Marxism: Part Two**. Culture matters, Newcastle, 28 set. 2016. Acessado em 24 fev. 2023. Online. Disponível em: <https://culturematters.org.uk/index.php/arts/music/item/2378-music-and-marxism-part-two>

BARROS, J.A., História e Música. Considerações sobre suas possibilidades de interação. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 58, p. 25-39, 2018.

HERMETO, M. Brasis (en)cantados. Ensino de história e canção popular, territórios de uma história pública. In: MAUAD, A.M.; ALMEIDA, J.R.; SANTHIAGO, R. (Org.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 107-118.

LEIPNITZ, G.T. **Entre contratos, direitos e conflitos. arrendamento e relações de propriedade na transformação da campanha rio-grandense : Uruguaiana (1847-1910)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação de História, UFRGS.

LEIPNITZ, G.T. **Vida independente, ainda que modesta: dependentes, trabalhadores e pequenos produtores na fronteira meridional do Brasil (c. 1884-c.1920)**. São Leopoldo: Óikos, 2018.

NAPOLITANO, M. **História & música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O USO DE CANÇÕES COMO FONTE PARA ABORDAGENS ANTI-AUTORITÁRIAS EM SALA DE AULA

Danilo de Vasconcellos Ferreira
Instituto Federal Sul Rio-Grandense
danilofrk@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este resumo é um relato de pesquisa desenvolvida durante o Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Partindo do questionamento: De que forma as canções podem auxiliar no desenvolvimento de competências históricas/narrativas dos estudantes em suas possibilidades de abordagem em sala de aula? Utilizou-se como referenciais teóricos os conceitos por Jörn Rüsen, como consciência histórica, competências históricas (Rüsen, 2006) e didática da história (2001). A metodologia de aulas oficinas de Isabel Barca (2004), que aponta para o desenvolvimento de competências históricas através da problematização de temas e conceitos através da utilização de diferentes fontes exploradas pelos estudantes. Com base em tais conceitos e metodologia, foi desenvolvida a aula oficina Música e Censura no Contexto da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), tendo a mesma sido aplicada em diferentes contextos escolares, isto é, em escolas públicas e privadas de ensino médio na cidade de Pelotas/RS.

Para a aula oficina, no que diz respeito a temática central abordada, foram utilizados autores com destacadas pesquisas sobre a Ditadura Militar (1964-1985), como, Fico (2004), Napolitano (2019), Schwarcz e Starling (2015). Para a relação entre música, ensino de história e consciência histórica foram

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



fundamentais as abordagens de Cardoso (2008), Cerri (2011), Napolitano (2002), Moraes (2000), Abud (2005), e Bittencourt (2011). Como base para a elaboração metodológica da aula oficina foram utilizados os referenciais de Barca (2000; 2004).

DESENVOLVIMENTO

A aula oficina, conforme propõe Barca (2004), busca desenvolver as possibilidades de abordagens de ensino em sala de aula. A compreensão de que o estudante é agente de sua própria formação, com ideias e concepções prévias, bem como experiências diversas, e o professor posto como investigador social e organizador de atividades problematizadoras, explorando múltiplas fontes, de modo a instrumentalizar uma compreensão contextualizada do passado, com base em evidências disponíveis, no sentido de contribuir para o desenvolvimento de uma orientação temporal, capazes de se traduzir numa interiorização da relação entre passado e presente, problematizando o futuro (Barca, 2004).

Para o desenvolvimento da aula oficina aqui abordada, foram aplicadas as seguintes etapas: um questionário anterior e outro posterior ao seu desenvolvimento, com o intuito de dimensionar os efeitos da atividade, buscando relacionar passado e presente, tendo em vista a onda de manifestações reacionárias de parte da população, pregando uma ruptura democrática e a instalação de uma ditadura, nos anos de 2020/2021. Após um período de abordagem de forma expositiva, foram utilizadas como fontes documentos da censura federal, vetando a radiodifusão da canção Partido Alto, de Chico Buarque de Holanda, páginas de jornais censurados, parte do áudio da reunião que instituiu o Ato Institucional nº5, os relatos de Caetano Veloso⁵, preso e

⁵ Narciso em Férias. Renato Terra Calil. Globoplay.2020.



exilado devido a repressão, e Nei Lisboa⁶, que teve o irmão assassinado pelo regime. Também foram utilizadas canções da Jovem Guarda (Calhambeque, interpretada por Roberto Carlos) e da Tropicália (Tropicália, de Caetano Veloso), E a Revolução (canção de Nei Lisboa de 2001, que faz referência ao período ditatorial) e a canção Ouro de Tolo (Raul Seixas). Ainda a respeito do uso de fontes, foram utilizados jornais censurados pelo regime (digitalizados), explorando o potencial de ampliar o entendimento de objetos que necessitam de contextualização histórica, conferindo-lhes dimensão do tempo e compreensão social (VALLE e SANTOS, 2014, p.66).

A partir das repostas dos estudantes nos questionários aplicados antes e depois da aula oficina, realizou-se uma análise objetivando interpretar as narrativas produzidas, relacionando-as aos conceitos de competências históricas. Ao final da atividade foi produzida uma playlist⁷ com as canções utilizadas, bem como foi produzido um *podcast* relatando as atividades e procedimentos utilizados.

CONCLUSÃO

Analisando as respostas elaboradas pelos estudantes, foi possível identificar o desenvolvimento de competências históricas em parte significativa do material. A percepção do passado enquanto tal (competência de experiência),

⁶ Sequelas da ditadura. Guto Maluco. Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WQClgcpQNZs>. Acesso em 03/03/2023.

⁷ Disponível em https://open.spotify.com/playlist/6BXWnz88D0XMBWCRCmffSX?si=0e8kFh6lQr6Mfo2yTEvyHw&utm_source=whatsapp&dl_branch=1&nd=1. Acesso em 04/03/2023.



processar o que foi aprendido (competência interpretativa) e a capacidade de dialogar com o passado para a compreensão do presente, para uma orientação futura (competência de orientação). Também foi possível apontar a potencialização da compreensão histórica, ao verificar o engajamento na atividade, sobretudo na manipulação pelos estudantes de variadas fontes, entre elas as canções. Com base no referencial teórico da didática da história de Rüsen, foi possível constatar pelo material produzido pelos estudantes aquilo que Cerri(2011) descreve como a “prevenção de identidades não razoáveis”, no sentido de reforçar princípios humanísticos e democráticos, bem como de uma formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. Registro e Representação do cotidiano: a música popular na aula de História. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, set./dez. 2005.

BARCA, Isabel. Os jovens portugueses: ideias em História. **Perspectiva**: Revista do Centro de Ciências da Educação,. Santa Catarina, v. 22, n. 2, jul./dez. 2004a.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação para uma educação de qualidade. **Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**, Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131 – 144, 2004b.

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens**. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia Universidade do Minho, 2000.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CARDOSO, O. Para uma definição de didática da história. **Revista Brasileira de História**, [s.l.], v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008.

CERRI, L. F. **Ensino de História e consciência histórica**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: RGV, 2011.

FICO, Carlos. **Além do golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MORAES, José Geraldo Vince de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 203-221, mar. 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Napolitano, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. P. 59. 1ª Ed. São Paulo. Contexto. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a canção**: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume /Fapesp, 2001.

POLLAK, Michel. Estudos Históricos. **[S.n.]**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200 - 2021, 1992.

RÜSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão, **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 07-16, jul./dez. 2006.

RÜSEN, J. **História viva**. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



RÜSEN, J. **Reconstrução do passado**. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VALLE, Hardalla S.; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. **Fontes e Ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento**. Ensino de história e formação de professores: discussões temáticas. Rio Grande: Editora da FURG, 2014.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



É NA POESIA QUE A GENTE SE ENCONTRA: CONCEITOS E REVISÃO DE LITERATURA DE UMA PESQUISA AFROCENTRADA SOBRE SLAM EM PORTO ALEGRE

Agatha da Silva Rolim
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
agathasilvarolim@gmail.com

Esta comunicação tem por objetivo discutir o referencial teórico e apresentar a revisão de literatura de uma pesquisa em andamento sobre a poesia Slam e suas conexões com o ensino de história.

Em primeiro lugar, apresentarei a poesia Slam e seus principais elementos, a decisão de afrocenrar meus conceitos fundamentais, na busca de me identificar como pesquisadora negra, ao explorar as palavras de Lélia Gonzalez (2020), Giovana Xavier (2022) e Conceição Evaristo (2021; 2017). Assim, selecionei os valores civilizatórios afro-brasileiros como orientadores, a partir de Nei Lopes. Em segundo lugar, abordarei a literatura, cotejando duas dissertações e duas teses que pesquisaram o movimento Slam no Brasil.

O que é Slam?

A poesia Slam, são competições onde os poetas, slammers, devem declamar uma poesia de até três minutos, de sua autoria, sem acompanhamento cênico musical.

Antes que a competição se inicie, o coletivo organizador escolhe jurados em meio ao público, estes não necessitam ter conhecimento prévio de poesia ou da cena Slam, pois as notas devem ser dadas de acordo com seus sentimentos a respeito de cada performance.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Cada coletivo é singular, não havendo uma regência única, apesar de haver a possibilidade de generalizações, existe uma rede de comunicação nacional entre estes coletivos. Isso não acarreta um engessamento da experiência, pois coletivos de poesia surgem e se dissolvem das mais diferentes maneiras.

Quem eu sou e o que desejo com a pesquisa?

Iniciei a pesquisa em meu primeiro ano na universidade, sendo uma mulher negra e slammer, havia a urgência de me entender como uma participante pesquisadora. Foi neste momento chave que fui amparada pelos conceitos fundamentais desta pesquisa: o feminismo afrolatinoamericano de Lélia Gonzalez, a importância de uma história intelectual de mulheres negras e a potência de suas narrativas em primeira pessoa abordadas por Giovanna Xavier e a Escrivência, de Conceição Evaristo. É pensando nesta coletividade que trago os valores afro-brasileiros a partir de Nei Lopes.

Durante a revisão de literatura que se iniciou com uma pesquisa ao Portal de Periódicos da Capes⁸, em novembro de 2022, é possível perceber que o Slam adentra as portas da academia a partir de vozes femininas.

A partir desta revisão de literatura foi possível destacar, aproximações e distanciamentos com a presente pesquisa.

Mariely Zambianco Soares Sousa em sua dissertação “Slam em movimento: a poética, a política e a história em público”(2021), conta sobre os processos formadores da cena Slam na cidade de São Paulo, analisando as continuidades

⁸<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez45.periodicos.capes.gov.br/index.php?>



e rupturas que a cena tem com movimentos literários periféricos, com especial foco no Slam da Guilhermina.

A partir disso pude analisar conceitos e processos importantes para a formação do movimento no Brasil e no mundo, porém a presente pesquisa não delimitara os processos de continuidades com movimentos literários realizados por Mariely, tampouco me será basilar produção editorial organizada pelos poetas e coletivos.

Já a dissertação de Elaine Sant Antonio: “Poesia para ser dita em voz alta: uma proposta de letramento com Slams de autoria feminina” (2021), a partir de propostas pedagógicas que visam o letramento literário o Slam adentra o ambiente escolar.

Porém as oficinas focam no texto escrito. Entendo que o Slam é corporeidade, para além da palavra escrita. Sendo um dos objetivos gerais da presente pesquisa o potencial da poesia Slam para ensino de história, pretendo que os alunos não apenas conheçam o Slam, mas se conectem com ele, capazes de refletirem suas experiências através da poesia.

A tese de Fabricia Bittencourt Pazinato “Slam: a poesia oral como signo de afirmação identitária e ressignificação histórica de mulheres negras” (2021), analisa o Slam Nísia e o Slam das Minas-SP, ancorada em um referencial teórico negro interseccional e feminista. Pazinato compreende o Slam como um movimento estético e periférico, que possibilita a construção de identidades negras.

Consolidando a decisão de afrocentrar a pesquisa, com aproximações em nosso referencial, Pazzinato me entregou a possibilidade de uma pesquisa sensível, com especial foco na experiência e resistência de poetisas negras. Liégie Freitas Barbosa apresenta a tese “Entre Peleia e Chamego: Um estudo de práticas, performances e ambivalências em batalhas de poesia” (2020), Liege

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



analisa o movimento Slam no Rio Grande do Sul, com especial foco no Slam Peleia e Slam Chamego.

Em sua pesquisa um levantamento dos coletivos que realizaram edições durante o ano de 2019 no estado do Rio Grande do Sul. Realizarei um movimento de mapeamento semelhante, tendo como objetivo localizar apenas os coletivos com atividades em Porto Alegre.

Considerações finais

A revisão de literatura demonstrou uma diferença importante entre as demais pesquisadoras de Slam e a presente pesquisa, que é meu envolvimento como poetisa, antes ainda de ser estudante universitária. Além de poetisa, identifico-me também como mulher negra. Nesse sentido, percebo o quanto o referencial teórico ligado à Lélia Gonzalez, seu feminismo afrolatinoamericano, que permite compreender o caráter interseccional desta pesquisa. Em seguida, Giovanna Xavier apoia meu trabalho no sentido da valorização do conhecimento produzido por intelectuais negras e o meu próprio reconhecimento enquanto uma intelectual negra em formação. Por fim, entendo meu trabalho como processo de escrevivência, conforme Evaristo, explícita é mais do que a escrita de um sujeito, mas reflexo de uma coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Elaine. **Poesia Para ser Dita em Voz Alta: Uma Proposta de Letramento com Slams de Autoria Feminina**. 2021. Dissertação (Mestre em Letras) - Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [S. l.], 2021.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



BARBOSA, Liége. **Entre Peleia e Chamego**: Um Estudo de Práticas, Performances e Ambivalências em Batalhas de Poesia do Slam no RS. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2020.

CONCEIÇÃO, Giovana. História Intelectual de Mulheres Negras: Um novo “território existencial” historiográfico. **Revista História Hoje**, [S. l.], p. 1-365, 26 fev. 2023. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/849/448>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano**: Ensaios, intervenções e dialogos. [S. l.]: Zahar, 2020.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz A. **Filosofias Africanas**: Uma Introdução. 1º edição. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

PAZINATTO, Fabrícia. **Slam**: A Poesia Oral Como Signo De Afirmação Identitária E Ressignificação Histórica De Mulheres Negras. 2021. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, [S. l.], 2021.

RODA Viva | Conceição Evaristo | 06/09/2021. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SOARES, Esdras; RUIZ, Tereza. **Nasci rodeada de palavras**. [S. l.], 9 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nasci-rodeada-de-palavras>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SOUSA, Mariely. **Slam em Movimento**: A Poética, A Política e a História em Público (2008-2019). 2021. Dissertação (Mestre em História) - Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), [S. l.], 2021.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



DESAPARECIDOS E MORTOS PELA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA POR MEIO DAS CANÇÕES DE GONZAGUINHA: A MÚSICA COMO POSSIBILIDADE DE FONTE HISTÓRICA EM SALA DE AULA

Leandro dos Santos Fernandes
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
leandro_santos_fernandes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente relato de pesquisa teve como objetivo demonstrar a possibilidade da música como fonte histórica em sala de aula, especificamente em turmas do 9º ano do ensino fundamental II. Exemplificamos tal perspectiva por meio da canção *Pequena memória para um tempo sem memória* do compositor Luiz Gonzaga Jr., conhecido como Gonzaguinha, que tem como tema os crimes perpetrados pelo Estado brasileiro no regime ditatorial (1964-1985).

A ideia para a construção desta pesquisa surgiu com a experiência que tive como professor de História para turmas do ensino fundamental II no colégio Nobel em Maringá no Paraná.

As concepções de Luís Duque (2017) nos servem como base teórica. No meio historiográfico os estudos com fontes musicais podem ser considerados consolidados, mas para muitos estudantes do fundamental a música é conhecida apenas como uma forma de lazer. Assim, a abordagem com este tipo de fonte pode auxiliar na compreensão quanto ao trabalho historiográfico e as possibilidades de documentos existentes.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Compreendemos que as canções possuem uma carga subjetiva relacionada aos sentimentos dos compositores entre outros aspectos, mas também, consideramos tais obras como frutos de indivíduos que estavam em contato direto com os diversos contextos do período em que as canções foram elaboradas (MORAES, p. 212, 2000). Tais pontos retratam a especificidade e complexidade deste tipo de fonte, o qual é necessário ser elaborado com os alunos ao abordar a música em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Em *Pequena memória de um tempo sem memória*⁹ Gonzaguinha contou com a participação do grupo MPB-4. A canção trata-se de uma espécie de samba, com sons de cuíca, tamborim e cavaquinho, portanto possui melodia veloz e com tempo de duração de 3min15s. Foi lançada no álbum *De volta ao começo* de 1980.

A letra se inicia em um tom de lamento misto de acusação, sendo assim, é interessante realizar uma discussão com os alunos sobre as marcas dos mais de 20 anos de regime, pois a canção estava envolta de um sentimento ambíguo. Eram os anos da “abertura”, o regime aos poucos perdia força, portanto tempos de esperança em um retorno à democracia, mas também de apreensão com a ditadura ainda em vigor.

Gonzaguinha compara o país a um “teatro de revistas”. A comparação faz sentido, pois neste gênero teatral as vedetes que eram personagens femininas, espécies de bailarinas se sobressaiam durante o espetáculo (VENEZIANO, 2008). Entendemos que Gonzaguinha referia-se as “forças, suores”, citados no

⁹A letra completa pode ser visualizada em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/1772122/>. A canção pode ser ouvida em: <https://www.youtube.com/watch?v=OWOtBhYco90>.



trecho, sendo as trabalhadoras e trabalhadores, enquanto as vedetes, seriam os grupos sociais privilegiados, abastados economicamente, principalmente os civis que participaram da constituição e manutenção do governo ditatorial.

O compositor busca nesta obra destacar o papel de pessoas anônimas, no sentido de demonstrar que a repressão não foi algo restrito a uma pequena parcela da população, mas que atingiu diversas camadas sociais, ao citar nomes populares e no plural como “Juvenais” e “Raimundos”. Porém, no mesmo trecho um nome se destaca, “Júlio de Santana”. Acreditamos que o Júlio de Santana (Homenageado na canção como uma espécie de exemplo, no verso “Tantos Júlios”), seja Júlio Santana, um dos líderes das chamadas Ligas Camponesas¹⁰, pernambucano, preso em 1963, antecedendo o golpe de 1964 e sentenciado já com o regime ditatorial em vigor (SANTOS, 2016).

No final da canção, Gonzaguinha canta em tom alto e os instrumentos como pandeiro e cuíca ganham maior intensidade, e os versos “ê ê, quando amanhecer é que eu quero ver quem recordará, ê eu não quero esquecer essa legião que se entregou por um novo dia”, soam como um desejo do compositor, de que as memórias das pessoas que sofreram ou lutaram contra o regime não sejam esquecidas e também de que os responsáveis pelos crimes cometidos em nome do Estado brasileiro fossem punidos em um futuro próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁰As ligas camponesas eram associações, organizações de pequenos produtores do campo, que tinha como um dos principais objetivos a luta pelo direito a terra e melhores condições de trabalho, e que possuíam influência do PCB (Partido Comunista Brasileiro), aumentando o vínculo com estes trabalhadores (SANTOS, 2016).



Canções como as de Gonzaguinha são importantes ferramentas para evidenciar as memórias daqueles que lutaram por democracia e direitos básicos como igualdade e dignidade para viver, podendo ser trabalhadas em salas de aula, no sentido de retratar este período nebuloso da história brasileira.

Outros tópicos e questionamentos podem ser analisados com os alunos por meio da letra, como, por que Gonzaguinha escolheu o gênero musical samba para esta letra? Ou, desconstruir com os estudantes a ideia de que o aparato de repressão ditatorial atingiu apenas os grandes centros, mas se fez presente no campo e em pequenas cidades.

Na atual conjuntura, conseguir suscitar em nossos alunos ao menos um pouco de empatia com as vítimas do regime ditatorial, torna-se uma grande vitória, as memórias sobre este período são um grande campo de disputa, que infelizmente tem pendido para um lado negacionista e sórdido. Portanto, a canção de Gonzaguinha é uma visão de alguém que vivenciou o período intensamente e pode ser relevante para criar uma proximidade dos alunos com o passado, e de reflexão com o presente.

REFERÊNCIAS

DUQUE, L.G.R. Na trilha sonora da História: a canção brasileira como recurso didático-pedagógico na sala de aula. **Revista História Hoje**. v.6, n. 11, p. 295-314, 2017.

MORAES, J.V. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221. 2000.

SANTOS, I.H.A.S. **Relações, conflitos e repressão: A atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, Rio Formoso e Serinhaém frente às disputas políticas no campo (1960-1966)**. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



VENEZIANO, Neyde. **De pernas para o ar: o teatro de revista em São Paulo.** São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O ACERVO DE LIVROS INFANTIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Larissa Azevedo da Silva
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
larissalupa11@gmail.com
Sofia Giglio Pires
Universidade Federal de Pelotas(UFPel)
s.giglio.pires@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o acervo de livros infantis da Escola Nossa Senhora dos Navegantes, do qual temos acesso devido ao Programa de Residência Pedagógica (PRP), subárea de História, da Universidade Federal de Pelotas, portaria CAPES número 82, de 26 de abril de 2022 amparada pela Lei no. 8.405, de 09 de janeiro de 1992, regida pelo Estatuto aprovado pelo Decreto no 8.977, de 30 de janeiro de 2017. Nesse trabalho possuímos como objetivo analisar especificamente o acervo de literatura infantil que narra histórias de negros e negras e pessoas não brancas, para a construção de aulas que evidenciem e debatam a História da África, do regime escravocrata no Brasil e dos descendentes de pessoas que foram escravizadas. Assim, buscando a construção de uma História que desmistifique narrativas hegemônicas que colaboram com posturas racistas na sociedade.

O acervo analisado contém aproximadamente duzentos livros infantis, encontrando-se no espaço que é usado provisoriamente como biblioteca da escola. Em contato com a profissional que trabalha neste lugar, recebemos a informação de que a procura pelos livros direcionados ao público infantil é alta,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



mesmo nos últimos anos no ensino fundamental conforme observado e informado pela referida professora.

Considerando que os alunos da escola possuem aproximação com o espaço da biblioteca, "tratarmos do diálogo entre escola e biblioteca é concebê-las como partes interdependentes e indissociáveis" (Castro, 2022, p. 64). Desse modo, notamos a possibilidade de aproveitar esse interesse que os educandos possuem pela literatura infantil para trabalhar aspectos relacionados à habilidade leitora nas aulas de História, "a literatura fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram" (SEVCENKO, 1995, p. 21), nesse sentido é possível traçar em sala de aula caminhos dentro da historiografia e unir o ensino de História com a Literatura, demonstrando organizações sociais, conflitos, religiosidade e passagem do tempo.

DESENVOLVIMENTO

A motivação para essa proposta de ação pedagógica a ser realizada no âmbito do PRP, partiu de uma pergunta específica do questionário aplicado para os estudantes, no período de ambientação dos residentes na escola-campo. Os estudantes quando questionados sobre qual raça se identificavam, 71,7% se consideraram não brancos, com respostas variando entre negros, "morenos", "meio brancos" e "meio negros"; com base nas análises das respostas obtidas concordamos com Munanga (2015, p.25), quando questiona se "é possível ensinar História no Brasil sem tratar dos povos que formam o país?" Assim, partindo desse questionamento compreendemos que o ensino de História precisa estabelecer pontes entre a História do país, as populações que os formaram e como esses processos foram feitos e como essas construções

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



formam o Brasil dos dias de hoje. Nesse horizonte acreditamos ser tarefa do professor de História a criação, aperfeiçoamento e práticas de metodologias que busquem a construção do conhecimento histórico tratando da História da África e dos afro-brasileiros. Nesse sentido, o ensino de História da África e o trabalho com os livros infantis que valorizem a cultura africana e afro-brasileira é muito importante para uma construção de conhecimento histórico plural e que valorize a historiografia do país.

Quando tratamos na literatura infantil com personagens que protagonizem histórias de negros e negras, dentro das aulas de História pensamos em um trabalho que contribua com a habilidade leitora dos estudantes assim como uma melhor compreensão dos processos históricos discutidos em sala de aula, pontuamos também a necessidade de incorporar em nossas práticas um trabalho que evidencie as relações étnico-raciais dentro da disciplina de História.

A produção de livros infantis na década de XX do Brasil colocavam personagens negras de forma estereotipada “o negro é representado com docilidade servil, submisso de seu papel de subalternidade” (Debus, 2012, p. 144), com a lei 10.639/2003 e suas diretrizes representam a implantação de ações afirmativas voltadas à Educação das Relações Étnico-Raciais, houve a necessidade de produção de livros infantis que demonstrassem a diversidade dentro do país, essas ações afirmativas reforçam a importância de um trabalho dentro do ensino que evidencie a importância de práticas antiracistas, “há necessidade de se promover um diálogo entre a escola e a realidade social para refletir sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.” (Gomes, 2012, p. 107).

No que se refere a habilidade leitora dos alunos da escola, a equipe diretiva pontuou durante o período de ambientação que o desenvolvimento da leitura foi muito atingido pelo período pandêmico e que a grande dificuldade

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



dos alunos está sendo ler, escrever e interpretar textos. Desse modo, norteamos nosso trabalho no desenvolvimento da competência leitora e na produção de sentido dos conhecimentos construídos pelos estudantes, interligando a temática africana e afro-brasileira e o ensino de História através da literatura infantil, considerando o potencial narrativo da literatura, que mobiliza a imaginação e o olhar sensível para o passado.

CONCLUSÕES

Considerando a realidade da escola EEE N S dos Navegantes, a partir do trabalho de observação feito na comunidade escolar, concluímos que existe a necessidade de contemplar interesses da comunidade, entre eles o ensino de História da África, o combate ao racismo, a valorização da identidade negra, e o desenvolvimento das habilidades leitoras.

Com o desenvolvimento do trabalho possuímos, como pretensão, possibilitar práticas de leitura em nossas aulas de História, trabalhando com os livros infantis no ensino de História da África, tanto em leituras individuais, quanto em práticas de leitura oral e coletivas, assim como, a construção de trabalhos de pesquisas com livros literários, que possibilitem a criação de narrativas históricas lúdicas e sensíveis à diversidade étnica e cultural da comunidade escolar. Essas práticas se somam ao compromisso da educação no combate às desigualdades dentro do ensino, proporcionando assim, aos nossos alunos e professores, uma construção de conhecimentos democráticos e significativos.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana Curriculares para a Educação.** Resolução nº 1, de 17 de Junho de 2004.

Constituição da República Federativa do Brasil - DOU de 05/10/1988.

Emenda Constitucional nº 59 – DOU de 11/11/2009.

Lei nº 9.394. Diretrizes e bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996.

Lei nº 13.005. Plano Nacional de Educação (PNE), de 24 de Junho de 2014.

Lei Federal nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Alteração das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Lei Federal nº 10.639/03, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira.

Lei Federal nº 11.645/08 que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.

Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira.** Brasília: MEC, 2004.

CASTRO, C. A. . Ensino e biblioteca: diálogo possível. *Transinformação*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 1–10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6389>. Acesso em: 7 fev. 2023.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A escravização africana na literatura infantil e juvenil: lendo dois títulos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, nº1, pp. 141-156, Jan/Abr 2012. Disponível em: Acesso em: 07 fev 2023.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu** (6-7). 1996, p.67-82.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**, p. 20-31, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



GRUPO DE PESQUISA HEDUCA: INVESTIGAÇÕES ACERCA DA CIRCULAÇÃO E DOS USOS DA HISTÓRIA NO CONTEXTO SOCIAL

Lisiane Sias Manke
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
lisianemanke@yahoo.com.br

Wiliam Junior Bonete
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
wiliam.bonete@ufpel.edu.br

INTRODUÇÃO

O texto tem como objetivo apresentar a proposta que norteia as pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa HEDUCA (História e Educação: textos, escritas e leituras), vinculado ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPel) e ao Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPel). As investigações desenvolvidas têm como aporte teórico o referencial advindo da História Cultural, com viés histórico, sociológico e/ou antropológico, em diálogo com os campos de pesquisa da Didática da História, da História do Livro e da Leitura e da História Digital (ROSENZWEIG, 2022). As práticas investigativas visam compreender a circulação e os usos da História nos diferentes contextos sociais, ou seja, a apropriação de conteúdos históricos que circulem em diferentes instâncias sociais, a partir de textos (impressos ou digitais), de escritas (em suporte físico ou digital), e das práticas de leituras de conteúdos históricos.

Nessa direção, pelo menos três linhas investigativas contribuem para a abrangência das pesquisas do grupo, a saber: a) os textos, impressos ou digitais de conteúdo histórico, científico ou não: livros e/ou materiais didáticos, manuais pedagógicos, revistas especializadas, livros historiográficos, coleções de

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



história, enciclopédias, outros; b) as escritas, expressas em textos manuscritos (físicos ou digitais), decorrentes da apropriação do conhecimento histórico e da memória histórica, registradas em cadernos escolares, textos escolares avulsos, páginas da web, comentários de internautas em redes sociais, cartas, diários, outros. c) as práticas de leitura, enquanto prática social e cultural, promovidas por instituições escolares ou não, realizadas de forma individual ou coletiva, em diferentes suportes, formatos e gêneros textuais.

REFERÊNCIAS E FUNDAMENTOS

Para compreender a circulação e usos públicos do passado, o embasamento teórico advindo da Didática da História, a partir do referencial oferecido por autores alemães como Rüsen (2010, 2015), Bergmann (1990), Von Borries (2016) possibilita mobilizar conceitos centrais, como de “Consciência história”, “Cultura história” e “Aprendizagem histórica”. Para Rüsen a formação histórica consiste em “todos os processos de aprendizagem em que a “história” é o assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, à obtenção de competências profissionais”. (2010, p.48). A Didática da História, entendida como a ciência da aprendizagem histórica, se ocupa de analisar “as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa”. (RÜSEN, 2011, p. 32), buscando, desse modo, compreender a formação complexa da consciência história dos indivíduos, ou seja, a “constituição de sentido da experiência do tempo”. (RÜSEN, 2010, p.59). Não se trata, portanto, da simples referência ao passado, mas de uma consciência do passado que possui relação com o entendimento do presente e com a expectativa de futuro.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A compreensão alargada de História e, por conseguinte de conhecimento histórico, discutida por Bergmann e Rüsen, consiste na relação que os indivíduos estabelecem com o passado ao produzirem sentido para vida prática, a partir de aprendizagens desenvolvidas em diferentes práticas sociais. Em uma sociedade grafocêntrica, em que todas as relações, de algum modo, são mediadas pelo escrito, compreender como os sujeitos se apropriam do passado e expressam tais interpretações por meio do escrito, pode enriquecer o processo de pesquisa levando a resultados mais consistentes sobre a constituição da consciência histórica.

Em uma perspectiva histórica ou sociológica, a História do Livro e da Leitura, possibilita problematizar os modos de pensar historicamente de determinada sociedade. Neste sentido, ao analisar os textos, as escritas e as leituras, em diálogo com conceitos próprios do campo de pesquisa das Culturas do Escrito, considera-se possível investigar a maneira pela qual as sociedades, grupos e/ou indivíduos ofereciam/oferecem sentido ao passado com a finalidade de orientar a vida prática através do tempo, por meio de textos históricos e das apropriações que fazem. (CHARTIER, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar conta do programa de pesquisa que se propõe, são necessários diferentes procedimentos metodológicos, que contemplem os sujeitos, espaços e objetos que possibilitam compreender a circulação e os usos públicos da história. O grupo conta com a participação e trabalhos de estudantes da graduação em História da UFPEL, de orientandos do mestrado e doutorado em História (PPGH/UFPEL) e de outras instituições públicas do Brasil, e também conta com a atuação de bolsistas de iniciação científica (CNPQ). Como resultado, diferentes artigos dos integrantes têm sido aceitos e publicados em

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



periódicos acadêmicos e anais de eventos, e os docentes coordenadores constantemente ofertam mini-cursos ou cursos de extensão referente às linhas investigativas anteriormente delineadas. Por fim, citamos dois empreendimentos que contribuem diretamente com as pesquisas realizadas no Heduca: o *Acervo de Impressos e Livros Didáticos de História do Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPel)*¹¹, que possui cerca de 1700 livros didáticos de História, com títulos do século XIX aos dias atuais, além de revistas, coletâneas e coleções históricas (MANKE; ALFLEN, 2021); o *Portal Clio HD*¹², que reúne um acervo de fontes e objetos digitais a partir de diferentes categorias, como vídeos, textos, hiperlinks, *memes*, jogos, museus virtuais, *podcast*, dentre outros. Ao compreendermos a circulação e os usos da história e, por conseguinte, as funções da narrativa histórica, apontamos meios para fortalecer os processos escolares de aprendizagem da História que tenham sentido e significado para vida prática.

REFERÊNCIAS

BORRIES, Bodo Von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico ou conhecimento do cânone histórico? **Educar em Revista**, Curitiba, n.60, p.171-196, abr/jun, 2016.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

MANKE, L. S.; ALFLEN, Mara Inês. Acervo de livros didáticos do Laboratório de Ensino de História - LEH/UFPel. In: OLIVEIRA, João Paulo Gama. (Org.). **Acervos e fontes: diferentes caminhos para o ensino de história**. 1ed.Recife: EDUPE, 2021, v. 1, p. 1-232.

¹¹ <https://wp.ufpel.edu.br/leh/>

¹² <https://wp.ufpel.edu.br/cliold/inicio/>



ROSENZWEIG, Roy. **Clio Conectada. O futuro do passado na era digital.** Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da história: Os fundamentos da ciência histórica.** (trad. Estevão de Rezende Martins). Brasília: Ed. UnB. 2010.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, M.A.; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Martins. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma teoria da história como ciência.** Curitiba: Editora UFPR, 2015.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCOMUNICAÇÃO

João Octavio França Teixeira
Universidade Federal de Pelotas - UFPeL
joao.octaviofranca@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como princípio realizar um relato de experiência, realizado durante o estágio docente obrigatório da pós-graduação do PPGH – UFPeL. O qual foi realizado em duas aulas, uma atividade avaliativa sobre Fake-News.

Não apenas as noções da historiografia convergem com a Educomunicação que se entende segundo Soares (2011, p.47) como a articulação de iniciativas com o objetivo de facilitar o diálogo social através do uso consciente das tecnologias da informação. Mas também a filosofia do ensino de História, que traz como grande princípio para o processo pedagógico articular a teoria e a prática ao cotidiano dos educandos, ou seja, traçar conexões com elementos da realidade na tentativa de formação de consciência histórica.

Contudo como realizar tal articulação, ou seja, a parti da abordagem de quais temas, para realizar tais desdobramentos penso que o trabalho com a imprensa sempre é um caminho viável, para o processo pedagógico do ensino de história, e é um facilitador a mais para introdução da Educomunicação.

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988, p. 21).

Segundo Santos (2018, p.99) No que se entende como campo da História em específico a pesquisa, o uso da imprensa tem ganhado força a partir das proposições da Nova História. Isso é um ponto inicial e importante, para compreender o uso da imprensa como fonte e retirar noções úteis para seu uso em sala de aula. Pois, como podemos observar para além de simples objetos e fontes de pesquisas, são expoentes de amplas formas de informação.

DESENVOLVIMENTO

A atividade foi realizada em duas aulas, a primeira com uma atividade assíncrona a qual os estudantes depois da leitura de um texto principal e um complementar tiveram que expor suas reflexões em um fórum, e a segunda aula consistiu na exposição das ideias dos textos, debate junto a turma e a realização de uma atividade avaliativa sobre Fake-News.

Os principais conceitos abordados foram Educomunicação e Fake News. A Educomunicação segundo Pacheco; Paiva (2022, p.9) é um campo ainda recente de estudo que tem seu início próximo a 1970 na América Latina, mas só nos anos 2000 se popularizou o conceito e se identificou profissionais do tipo. Ou seja, ainda está em expansão, revelando a necessidade de investir mais nessa formação.

Já a Fake News através da leitura das bibliografias recomendadas para as atividades de aula, pode se compreender como algo que possui sete diferentes camadas, e que não é uma novidade, ou seja, o termo se tornou popular mais recentemente, contudo tal prática é algo que já ocorria.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONCLUSÕES

Em síntese, é possível observar que a Educomunicação, serve como mais uma forma de articular as filosofias da educação com ensino de história e uso da imprensa em sala de aula, pois possui uma grande proximidade de princípios em suas ideias. Assim, é preciso levar em consideração aspectos que permeiam a realidade do educador, ou seja, qualificar os espaços e o educador com recursos para desenvolver melhor as atividades pedagógicas de ensino. Para se utilizar de maneira adequada das articulações que são possíveis de serem feitas com a Educomunicação.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas Editora, 2011.

DOS SANTOS, Rodrigo Luis. Ensino de História e a Imprensa: diálogos possíveis para o uso de jornais impressos na reflexão sócio-histórica e cultural em sala de aula. **Revista Urutúgua – Revista Acadêmica Multidisciplinar**, R. Universidade Estadual de Maringá (UEM), ano 2018, n. 38, p. 96-108, 30 jun. 2018. DOI ISSN 1519-6178. Disponível em: <https://myactivity.google.com/privacyadvisor/search>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Pacheco, L. C., & da Silva Paiva, V. A. (2022). FATO E FAKE: DESCONSTRUINDO AS FAKE NEWS ATRAVÉS DO ENSINO DE HISTÓRIA. *REVISTA ANTÍGONA*, 2(1). Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/antigona/article/view/15322>

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



CRAFTSMAN E A CRIAÇÃO DE MUNDOS: O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DAS TECNOLOGIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Juliana Maria Manfio
Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Baltazar de Bem
jumanfio@hotmail.com

Eduardo da Silva Soares
Escola Municipal de Ensino Fundamental Jenny Figueiredo Vieira da Cunha -
eduardosoares@rocketmail.com

INTRODUÇÃO

A presente produção refere-se a um relato de experiência sobre a utilização de jogos virtuais no ensino de História. O uso de ferramentas tecnológicas no ensino de História é considerado uma estratégia na mediação do processo de ensino e aprendizagem. O mundo digital proporciona aos docentes, discentes e comunidade escolar inúmeros desafios para as práticas pedagógicas e nas formas de ensinar e aprender. Nesse momento, acredita-se ser fundamental identificar a realidade escolar, para depois inserir os recursos tecnológicos.

Nesse contexto de compreender a realidade escolar para a inserção dos recursos tecnológicos, pode-se entender que, diante das ferramentas que os estudantes já utilizam, os docentes podem inserir os jogos virtuais como forma de envolver os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, incentivando-os a aprender de forma autônoma. Por exemplo, o celular, anteriormente proibido, atualmente faz parte do cenário educacional. Nesse sentido, a utilização de determinados *Apps* podem auxiliar nas atividades e práticas escolares.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Como aponta Pereira & Araújo (2020, p.3) os “professores não possuem o devido preparo ou capacitação para a utilização de tecnologia como um recurso instrucional”, e, por isso acabam não utilizando os recursos tecnológicos, muitas vezes disponibilizados nas escolas. No entanto, a partir da realidade e do conhecimento do estudante, inserir as tecnologias digitais auxilia a dinamizar, a envolver e deixar as aulas mais atrativas para os discentes, estimulando o desenvolvimento da aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

No ensino de História, o uso de diferentes recursos digitais torna a aprendizagem mais significativa, autônoma e participativa. O uso de maquetes dentro do mundo virtual possibilita aos estudantes a construção de cidades históricas, como das civilizações da antiguidade, o que permite uma melhor compreensão dos ensinamentos por parte dos discentes.

A proposta pedagógica aqui apresentada foi desenvolvida em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Após a exposição dialogada do docente sobre o objeto de conhecimento referente às Civilizações da Antiguidade, propôs-se aos estudantes a construção de uma maquete virtual, através do jogo *Craftsman*. O *game* é disponibilizado de forma gratuita no *play store*. Para desenvolver essa atividade, é necessário um celular com *Android* e internet.

O *Craftsman* é um jogo digital no qual os usuários podem usar a imaginação e criar/modificar cenários para a criação de mundos. O *game* é composto por blocos, que são agrupados conforme a criatividade do estudante, dando origem a várias obras, como casas, pontes, prédios, templos, entre outros. Em sala de aula, com a disciplina de História, pode ser um importante recurso tecnológico para representar as civilizações antigas.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



Figura 1: Craftsman, Construção do Zigurate



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

As figuras 1 e 2 se referem a uma atividade desenvolvida em uma escola pública no período em que as atividades escolares estavam em forma híbrida. Partindo dos estudantes, que tinham o conhecimento do *game*, foi inserida a construção do mundo da Civilização da Mesopotâmia. A atividade foi guiada pelo docente, que se propôs a criação de um roteiro do que deveria compor o mundo Mesopotâmico. Os estudantes que já tinham conhecimento acerca do *Craftsmann*, inseriram os conteúdos da disciplina de História, criando assim um ambiente de ensino e aprendizagem. Dessa forma, os estudantes construíram “seus mundos”, representando os zigurates, as cidades, os rios e a produção agrícola no mundo antigo.

Figura 2: Craftsman, Construção do Zigurate



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

As plataformas de aprendizagem baseadas em jogos citados acima já fazem parte do cotidiano escolar, impulsionando o ensino e o desenvolvimento de práticas pedagógicas de crianças e adolescentes. Segundo Moran (2017, p. 23):

Num mundo em profunda transformação a educação precisa ser muito mais flexível, híbrida, digital, ativa, diversificada. Os processos de aprendizagem são múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais, organizados e abertos, intencionais e não intencionais.

Essa realidade está presente tanto em escolas públicas como privadas. No entanto, pode ser inserido os jogos digitais como meio de atrair e incentivar o uso das tecnologias em sala de aula. Partindo do estudante, é possível inserir os *games* que os discentes já jogam com os conteúdos vistos em sala de aula. Para isso, o docente deve se inteirar dos jogos que os estudantes conhecem. O professor não precisa exatamente saber jogar, mas sim, saber inserir seu conteúdo dentro do jogo.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONCLUSÕES

Constata-se a importância do uso das ferramentas digitais no ensino de História, possibilitando um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e atrativo para os estudantes. Ao inserir os objetos de conhecimento aos jogos digitais que eles já jogam, possibilita o ensino de forma mais autônoma e participativa, no qual os tornam responsáveis e protagonistas na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: Publicado em YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017, p.23-35.

PEREIRA, Nádia Vilela; ARAÚJO, Mauro Sérgio. Utilização de recursos tecnológicos na Educação: caminhos e perspectivas. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e447985421, 2020.



O CANVA PARA ALÉM DO ENSINO REMOTO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Diego Nunes Ferreira
Universidade Federal de Pelotas - diegonunesf@hotmail.com

Patrick de Oliveira Colvara
Universidade Federal de Pelotas - patrickcolvara@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente texto é um relato das nossas experiências com o uso do *Canva* em sala de aula, adquiridas enquanto bolsistas do PIBID¹³ durante o ano de 2021. Nesse período mapeamos uma série de sites e aplicativos que poderiam servir como ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento de aulas, nesse processo, o *Canva* foi uma das ferramentas que fizemos mais uso. Diversas atividades foram desenvolvidas através desse aplicativo, como aulas síncronas, aulas assíncronas e oficinas.

Durante o período pandêmico, o aplicativo *Canva* foi fundamental para o desenvolvimento e apresentação das aulas online. No presente momento, em um cenário pós pandemia, com o funcionamento normal das escolas, o *Canva* ainda pode ser útil para as aulas presenciais. O objetivo deste texto é relatar as experiências realizadas com o *Canva* no Colégio Municipal Pelotense e as possibilidades de uso desta ferramenta para o ensino de história.

¹³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência



O *Canva* é um site gratuito que pode ser acessado pelo PC, Android e IOS. O aplicativo está online desde 2013, recebendo atualizações constantes de seus desenvolvedores, que buscam aprimorar cada vez mais a plataforma, com o objetivo de simplificar as tarefas complexas para todos os usuários.

UTILIZAÇÃO DO CANVA EM SALA DE AULA

Em relação à educação pode-se afirmar que com o passar dos anos, desenvolveram-se novas demandas na sociedade e, com isso, a necessidade de modificações na forma de ensinar foram ficando cada vez mais evidentes. Podemos perceber diversas atualizações nos setores sociais, políticos e econômicos, enquanto a educação parece estar engatinhando em comparação a essas outras áreas da sociedade.

Com a chegada da era tecnológica, a sociedade passou a ficar cada vez mais dependente de aparelhos como computadores e smartphones, seja para desempenhar seus serviços, para atividades do cotidiano e até mesmo para se comunicar. Perante essa nova realidade, a educação ainda precisa encontrar meios para buscar e incorporar essas novas tecnologias, em prol da otimização dos processos pedagógicos.

Devido ao surto do vírus COVID-19 em escala global, a OMS (Organização Mundial da Saúde) decretou estado de pandemia em 11 de março de 2020. Em consequência disso, as escolas fecharam, pois o distanciamento social era necessário para reduzir a circulação do vírus. Perante essa nova realidade, as escolas, os professores e os alunos foram surpreendidos, já que para dar seguimento às atividades escolares, precisaram adaptar-se a um ambiente virtual de sala de aula.

Professores e alunos matriculados em cursos antes presenciais, migraram para atividades educacionais em rede. Conectados,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



profissionais da educação produzem e distribuem conteúdos, acompanham, orientam, avaliam e estimulam seus alunos. Muitos estão repensando e recriando metodologias ativas mais sedutoras e desenvolvendo ambientes digitais mais amigáveis e com interações crescentes. (COUTO, E. S. p. 209)

O aplicativo *Canva* apresenta uma grande variedade de modelos prontos para uso, tornando a personalização de designs ainda mais simplificada e permitindo criar projetos em minutos, sem grandes problemas. Além disso, o aplicativo oferece diversas ferramentas de edição de imagem, como corte, ajuste de brilho, saturação e contraste. A forma como você se comunica com o aluno também é melhorada pelo *Canva*, graças à sua ampla seleção de fontes e formas variadas que chamam a atenção dos alunos e se adaptam melhor aos slides. A compatibilidade é outro ponto forte do programa, permitindo que várias pessoas trabalhem juntas em um projeto de maneira remota, o que pode ser útil na sala de aula. Além disso, o *Canva* se destaca por sua grande biblioteca de apresentações prontas e outros elementos, o que proporciona uma maior variedade de possibilidades de personalização, diferenciando-o de outros programas usados para apresentações, como o PowerPoint.

As apresentações gráficas são de grande valia para a prática pedagógica. A utilização de mídias como imagens e vídeos enriquecem o processo de ensino-aprendizagem. Como bem esclarece os autores:

Compreende-se que o olhar chega antes mesmo da palavra, os seres humanos aprendem primeiramente a se comunicar pela visão. Assim podemos dizer que a imagem faz com que tenhamos uma rápida percepção daquilo que queremos antes mesmo que qualquer palavra. (GUEDES; NICODEM, 2017, p. 03)

Sendo assim, é uma boa opção para professores e alunos utilizarem em aulas, pois o *Canva* permite ao usuário carregar diversos arquivos, como vídeos,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



imagens e músicas. Além de que, fazer uso dos recursos online do *Canva* pode ser de grande utilidade para a construção de aulas diferentes, pois o aplicativo possibilita aos alunos se conectarem e construir um projeto coletivamente.

Uma das nossas experiências com a utilização do *Canva* foi uma oficina aplicada no Colégio Pelotense em 22 de março de 2022. A temática da oficina era Direitos Humanos, portanto, fizemos um recorte para abordarmos sobre o racismo estrutural numa perspectiva histórica, trabalhando com conceitos de raça, racismo e representatividade.

Para o desenvolvimento da apresentação da oficina, fizemos uso do *Canva*. Utilizamos dos recursos multimídias que a plataforma suporta, como imagens, vídeos e músicas. Esses recursos foram fundamentais para a abordagem dos conceitos. Por exemplo, para citar um racismo dentro do esporte, colocamos um vídeo do jogador de futebol Taison, onde o mesmo é hostilizado pela torcida rival, sofrendo com injúria racial. Para introduzir sobre a importância da representatividade, usamos o auxílio de fotografias de crianças negras que estavam alegres por identificarem-se com personagens e brinquedos semelhantes. Para relatar sobre a repressão policial sofrida pelos negros na sociedade, reproduzimos um videoclipe do *rapper* Emicida, em conjunto com a letra da música para o acompanhamento dos alunos. Por fim, utilizamos de gráficos que evidenciam as diferenças sociais entre negros e brancos na sociedade como, por exemplo, as diferenças salariais, as diferenças na área da educação e na política.

A oficina foi bem recebida pelos alunos, que interagiram com perguntas e comentários sobre os vídeos e imagens apresentados. Isso evidenciou a importância de despertar a atenção dos alunos para o conteúdo além das palavras dos professores. Nesse sentido, acreditamos que a utilização do *Canva* foi fundamental enquanto recurso didático para uma abordagem mais expositiva.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Além da experiência relatada acima, destacamos algumas formas pelas quais o docente pode usar o *Canva* como uma ferramenta para diferenciar suas aulas e torná-las mais dinâmicas para os alunos. Após uma aula expositiva dos conteúdos, o professor pode pedir aos discentes que façam resumos sobre os conteúdos, utilizando diferentes ferramentas para construir mapas mentais com os pontos que gostariam de destacar, como datas, nomes ou eventos importantes, para assimilar melhor os conteúdos. Além disso, pode ser recomendada a confecção de infográficos, para que os alunos possam criar uma linha do tempo ou cronologias, utilizando a criatividade deles, de acordo com suas preferências. Por fim, o *Canva* pode oferecer uma variedade de ideias para ajudar os alunos a montar suas apresentações, permitindo que tanto os alunos como o professor possam apresentar um determinado conteúdo de forma visual, de modo que todos na sala de aula possam compreender melhor as informações.

CONCLUSÃO

É inegável a presença da tecnologia no cotidiano dos estudantes, que estão cada vez mais conectados e atentos às novas ferramentas que a internet e os aparelhos eletrônicos proporcionam. O *Canva* se destacou durante a pandemia da COVID-19 como uma ferramenta capaz de tornar o conteúdo mais atrativo durante as aulas online. Com diversos recursos multimídia e uma biblioteca repleta de apresentações, ícones e fontes, os professores conseguem captar a atenção de seus alunos de forma mais efetiva, possibilitando um maior engajamento dos alunos em sala de aula. Entretanto, é importante ressaltar que o uso do *Canva* não se limita às aulas online, já que ele é muito bem-vindo também nas aulas presenciais, pois ele possibilita um maior engajamento dos alunos. Tanto os professores quanto os alunos podem se beneficiar da

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ferramenta, seja para deixar as aulas menos monótonas e rotineiras, seja para criar resumos, mapas mentais ou infográficos, ou ainda trabalhar juntos mesmo à distância, já que o aplicativo permite essa compatibilidade. Com isso, as aulas se tornam mais dinâmicas e interativas, proporcionando uma experiência de aprendizado mais enriquecedora.

REFERÊNCIAS

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. **#FIQUEEMCASA: educação na pandemia da COVID-19**. Educação, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 200–217, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 21 fev. 2023.

GUEDES, S. R.; NICODEM, M. M. F. **A utilização de imagens no ensino de história e sua contribuição para a construção de conhecimento**. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n. 17, p. 02-03, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4724/pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.



DIVULGAÇÃO HISTÓRICA E ENSINO DE HISTÓRIA: RELATO DA PRODUÇÃO DO PODCAST EDUCATIVO *HORA DO TRAMPO*

William Cândido Mengue
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
menguecandidowilliam@gmail.com
Bolsa de Iniciação ao Ensino de Ciências da Propesq/UFRGS

DIVULGAÇÃO HISTÓRICA E ENSINO DE HISTÓRIA

Esta comunicação destina-se ao relato de produção do podcast *Hora do Trampo*, orientado pela professora Clarice Gontarski Speranza, no Departamento de História da UFRGS. A história social do trabalho é uma das áreas da historiografia com maior desenvolvimento científico nos últimos anos do Brasil, abrangendo diferentes aspectos das trajetórias de trabalhadoras e trabalhadores brasileiros. Assim, a história do trabalho amplia-se em potencialidades numa maior visibilidade e divulgação histórica. O podcast *Hora do Trampo* está inserido no projeto “História do Trabalho na Escola” que tem como objetivo principal o desenvolvimento de atividades educativas no formato digital, relacionadas à história social do trabalho, para a educação básica e para o amplo público. Desse modo, a produção do *Hora do Trampo* está pensada em dois aspectos: a divulgação histórica e o ensino de história. Conforme Ana Paula Tavares Teixeira e Bruno Leal Pastor de Carvalho:

precisamos encontrar modelos, estratégias e parâmetros que se comuniquem mais e melhor com os diferentes públicos, não porque o saber produzido pelos historiadores seja necessariamente superior a outros saberes sobre o passado [...], mas sim porque acreditamos que nosso trabalho pode contribuir

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



efetivamente para melhorar a qualidade do debate público e promover uma sociedade mais livre e autônoma. (TEIXEIRA e CARVALHO, 2019, p. 16)

Portanto, a função do historiador-divulgador é estar presente - em diferentes meios - no debate público acerca da história. Entretanto, o objetivo não é ser o detentor do conhecimento “superior”, mas sim ser um agente na construção do diálogo acerca do passado. O *Hora do Trampo* elenca a divulgação histórica como um dos pontos de prioridade em sua formulação, algo que foi “poucas vezes tomado como prioridade por historiadores, centros de pesquisa, departamentos e programas de pós-graduação em História”. (TEIXEIRA e CARVALHO, 2019, p. 12). Por outro lado, o ensino de história está diretamente relacionado ao projeto pelo desenvolvimento temático dos episódios, sendo uma possibilidade para aplicação direta em sala de aula ou para o preparo da aula pelo professor de história, tendo no episódio uma atualização daquele determinado assunto/período. Com base no artigo “Podcast: Potencialidades na Educação”, de Adelina Moura e Ana Amélia Carvalho (2010), o podcast possui imensa possibilidade no ensino, sendo essencial perceber as necessidades e expectativas dos alunos. *Hora do Trampo*, portanto, foi produzido para atender necessidades, expectativas e lacunas para professores, estudantes e para o amplo público acerca da história do trabalho.

PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DO HORA DO TRAMPO

A produção do *Hora do Trampo* iniciou em setembro de 2021. Ao longo de todo o desenvolvimento do podcast foram realizadas reuniões em equipe para a organização das atividades. Inicialmente, a identidade visual foi elemento chave para a formação do podcast. Do logotipo às artes de divulgação, a identidade visual foi desenvolvida pela graduanda em Publicidade e Propaganda da

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



UFRGS, Milena dos Santos Gomes. Vale destacar a importância da identidade visual para a criação de um projeto de divulgação histórica. A interdisciplinaridade nessa etapa foi fundamental para o podcast conseguir se comunicar “mais e melhor com os diferentes públicos”, como apontado anteriormente por Teixeira e Carvalho.

No decorrer do desenvolvimento dos episódios, houve a estruturação das seguintes etapas: pesquisas bibliográficas para seleção dos temas, entrevistas com pesquisadores da área, edição e pós-produção através do *software* DaVinci Resolve, redação de textos informativos para divulgação nas redes sociais. Os temas dos episódios também foram pensados com base em efemérides. Por exemplo, em novembro de 2021, mês da proclamação da República, Frederico Duarte Bartz foi o primeiro convidado do *Hora do Trampo* em “Por onde o trem chegava: os trabalhadores da primeira república”. Ademais, a edição e pós-produção envolve grande parte do processo criativo do podcast, com o objetivo de gerar imersão (e permanência) do ouvinte no desenrolar do programa. Atualmente, o *Hora do Trampo* possui 8 episódios, entre os assuntos estão: as trabalhadoras domésticas na década de 1950, a repressão e arrocho salarial na época da ditadura, os trabalhadores na época da independência no Brasil.

Dentre os resultados atingidos, o podcast acumula mais de 1.200 visualizações entre o Youtube e o Spotify. Além disso, houve o estabelecimento do contato do projeto com o Coletivo de Professorxs de História de Porto Alegre (CPHIS), tendo o *Hora do Trampo* participado do terceiro boletim do Projeto PoAncestral. Em 2023, um dos objetivos do projeto é investigar e compreender as demandas dos professores de História de Porto Alegre, em perspectiva do ensino de história e da história do trabalho, para realização de oficinas e trocas de experiências pedagógicas. Busca-se, assim, expandir a “História do Trabalho na Escola”, mantendo também a frequência mensal do *Hora do Trampo*.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do podcast educativo *Hora do Trampo* apresenta uma experiência prática da divulgação histórica, em perspectiva do ensino de história e da história do trabalho, dentro da universidade. É necessário, assim, ampliar esforços para divulgar a história de maneira qualitativa, dialogando também com outras áreas do conhecimento. O *Hora do Trampo* tem como objetivo continuar e expandir sua produção, trazendo distintas trajetórias dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.

REFERÊNCIAS

- TEIXEIRA, A.P.T.; CARVALHO, B.L.P. De. Introdução: Os lugares do historiador-divulgador. In: TEIXEIRA, A.P.T.; CARVALHO, B.L.P. (Org.) **História pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 9-21.
- MOURA, A.; CARVALHO, A.A.A. Podcast: Potencialidades na Educação. **Revista Prisma**. n. 3, p. 88-110, 2006.



PORTAL CLIO HD: A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO DE FONTES E OBJETOS DIGITAIS

Wilian Junior Bonete
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)
wilian.bonete@ufpel.edu.br

Maria Portilho Bagesteiro
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)
maria.portilhho@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, alguns dados relativos ao processo de construção do Portal Clio HD¹⁴ que é dedicado a abrigar um acervo de fontes e objetos digitais para o ensino e a pesquisa em História. O portal é uma ação de pesquisa vinculada ao grupo de pesquisa “HEDUCA – História e Educação: textos, escritas e leituras”, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O projeto do portal é coordenado pelo professor Wilian Bonete – Departamento de História e Pós-Graduação em História (PPGH) e conta com diferentes colaboradores/as que são estudantes de graduação, mestrado e doutorado, desta e outras instituições brasileiras, e conta também com a atuação de Maria Portilho Bagesteiro como bolsista de iniciação científica.

¹⁴ Para maiores informações acesse o site oficial: <https://wp.ufpel.edu.br/cliohd/inicio/>



A idealização do portal surgiu na metade do ano letivo de 2022 a partir das reflexões e estudos realizados pelo grupo HEDUCA. Na ocasião, diferentes trabalhos estavam sendo escritos com base em fontes digitais oriundas das redes sociais, notícias e matérias veiculadas em mídias digitais, bem como as abordagens a partir de vídeos no youtube e os comentários de internautas. Nesse momento verificou-se a necessidade de uma aproximação com as referências teórico-metodológicas do campo investigativo da História Digital, das tecnologias digitais e suas relações com o ensino de História.

É evidente que a pesquisa em História está cada vez mais sob a influência dos aspectos digitais. Autores como Gallini e Noiret (2011), Miligan (2022) e Rosenzweig (2023) apontam para a necessidade do desenvolvimento de abordagens específicas para a pesquisa com fontes digitais, a realização de uma crítica documental que considere a própria lógica da construção desses documentos no suporte digital, uma vez que o ciberespaço (LÉVY, 2000) é composto por experiências humanas que não devem ser desconsideradas no trabalho do historiador.

Desse modo, o Portal Clio HD surgiu como uma iniciativa de agregar, num mesmo espaço, um conjunto de fontes digitais, por áreas temáticas, constituída por notícias e reportagens com seus respectivos hiperlinks. Além disso, o portal passou a oferecer indicações de livros, artigos e também objetos digitais para o ensino de História. O portal ainda está em fase de construção e validação e o objetivo principal é constituir um acervo online para pesquisadores interessados nas discussões e nas pesquisas em História Digital.

O CONTEÚDO DO PORTAL CLIO HD

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O Portal Clio HD é atribuído como uma forma de publicizar e organizar fontes digitais que visam o desenvolvimento de pesquisas históricas acerca da História Digital e as demandas do tempo presente. Além de obter um recorte temporal mais recente, é fato que os últimos anos do governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro alimentaram e muniram o acervo no que diz respeito a diversos temas como: Direitos Humanos, Educação, Negacionismo Histórico e etc. A partir disso, temos uma organização do portal que visa a disponibilidade de fontes digitais já categorizadas; projetos como o grupo de pesquisa que se vincula HEDUCA e ao Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPEL). De modo mais minucioso em termos de conteúdo, contamos com tópicos no menu que direcionam a pesquisa do visitante no portal: Notícias; Início; Sobre o Portal Clio HD; Acervo Temático/Fontes Digitais; História Digital e Ensino de História e Contato.

De modo respectivo, o primeiro tópico intitulado “Notícias” tem como objetivo apresentar novas atualizações em relação às fontes ou à eventos que visam o Ensino de História ou História Digital. O segundo, "Início", descreve algumas características do portal como tais objetivos e motivações para a criação do mesmo, além de enunciar futuros desenvolvimento de produções dos integrantes e descrever previamente o conteúdo a ser encontrado no site, assim como suas diferentes facetas de apresentação: objetos digitais para a aprendizagem histórica, como vídeos, textos, hiperlinks, memes, jogos, museus virtuais, podcast, dentre outros.

“Sobre o Portal ClioHD” há subcategorias (Quem somos; Projetos e Instituições e Laboratórios Parceiros) que consideramos importantes para compreender o que integra o site e suas atualizações. Em torno de debates de bibliografias, 6 membros (incluindo 2 professores da instituição, 1 graduanda bolsista de IC e 3 pesquisadores – 1 doutorando da UFPEL, 1 mestranda da

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



UFPB e 1 mestranda UFRPE) colaboram diretamente para o debate em torno das fontes coletadas e produções acerca do tema.

É no tópico “Acervo Temático/Fontes Digitais” que as fontes anteriormente contextualizadas são encontradas. A partir das subcategorias: Direitos Humanos; Educação; Negacionismos e Ciência; Diversidade e Mulheres, podemos encontrar uma variedade de notícias que repercutiram através das falas do ex-presidente, exemplificamos algumas das fontes de três primeiras categorias como: suas atribuições ao conflito na Ucrânia – falas minimizando o conflito e exemplificando antigos territórios anexados à outras nações – e influências no mundo todo; sua perspectiva em relação aos livros didáticos e ao conteúdo histórico inserido nela – muitas vezes incitando a visão de doutrinação dos materiais didáticos e a exclusão de temas sensíveis parte da História do Brasil. Por fim, fontes que compõem o nicho negacionista, de polêmicas envolvendo a descriminalização de partido nazista no Brasil e a reação de Bolsonaro em criminalizar e equiparar Nazismo e Comunismo.

No penúltimo tópico do menu, encontramos uma disponibilidade de materiais possíveis de utilização em sala de aula, desde indicação de livros (ex. História Digital, de José D’assunção Barros), artigos e dossiês (como o recente “Ensino de História na ponta dos dedos: tecnologias, narrativas e vivências” da Revista História Hoje) e Objetos digitais (como as famosas charges de Benett que artisticamente expressaram a morbidez do período da Covid-19). Por último, contamos com a aba “Contato” para retirar as devidas dúvidas e até mesmo na inserção de novos colaboradores no projeto a fim de somar na pesquisa e ensino acerca da História Digital.

CONCLUSÕES

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O portal Clio HD pretende ser um espaço colaborativo, pois entendemos que a coleta e a categorização das fontes e objetos digitais não deve ser algo restrito ao coordenador e aos membros integrantes do projeto, mas sim que a comunidade possa participar mediante a seleção e o envio de materiais que possam ser de interesse de pesquisadores e professores. O portal pretende contribuir principalmente para a formação de historiadores e professores interessados no ensino de História e as tecnologias digitais da informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

GALLINI, Stefania; NOIRET, Serge. La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital. **Historia Crítica**. N. 43, Bogotá, Enero-Abril 2011, p 16-37.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MILIGAN, Ian. **The Transformation of Historical Research in the Age**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2022.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, 2015, p. 28-51.

ROZENWEIG, Roy. **Clio conectada: o futuro do passado na era digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.



Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CLUBE SOCIAL 24 DE AGOSTO: CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS

Cyntia Barbosa Oliveira
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
cyntiabaroli@gmail.com

Nara Beatriz Matias Soares
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
mnarabeatriz@yahoo.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta como tônica a história negra ensinada através de gerações e por meio da preservação de tradições, situado na cidade de Jaguarão/RS, o Clube 24 de agosto é um clube social negro. Foi desenvolvido através de revisão bibliográfica do material disponível em formato impresso e digital que versa sobre o clube, abarcando uma perspectiva sociológica das questões relativas à raça, racismo e identidade. O clube foi um marco nas histórias de luta e representatividade negra na cidade, sua consagrada trajetória em bailes de carnaval representou marco importante nas conquistas de mulheres negras na cidade. Ainda em atividade, o clube apoia e concede espaço para que, além das suas atividades habituais, atividades culturais e que ofereçam benefícios para comunidade em geral ocorram nas instalações do clube. O surgimento de clubes sociais concedeu, ao longo da história, a sensação de pertencimento, estabelecendo uma identidade negra positiva.

Atualmente, atua em atividades de mobilização da comunidade negra na região fronteira, oferecendo destaque a questões culturais e de sociabilidade da comunidade negra, desenvolvendo atividades culturais, pedagógicas, rodas

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



de memória e a Semana da Consciência Negra, que é desenvolvida em parceria com outras instituições da cidade. No tangente a representatividade de mulheres negras, existe grande destaque e mobilização durante a semana do dia 25 de julho, onde ocorrem atividades voltadas ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Nesse sentido, este trabalho visa discutir as maneiras que um clube negro, situado na fronteira Brasil-Uruguai, contribui na construção de uma identidade negra positiva, através das práticas de ensino e valorização da cultura negra, bem como na luta pelos direitos da população negra local.

DESENVOLVIMENTO

A afirmação de que o racismo é um elemento estruturante da sociedade brasileira tem sido amplamente difundida em diferentes discussões; entretanto é interessante atentar ao que esse “racismo estrutural” faz referência, pois ao trazer a discussão do racismo enquanto uma estrutura social Santos (2022) oportunamente enfatiza que ele se aloca em todos os lugares, mesmo que não haja consciência disso, as ações discriminatórias e violentas oriundas do racismo agem, em casos últimos, como o “corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 305).

Dessa maneira, a existência de corpos negros se apresenta enquanto elemento político, pois o simples fato de existir coloca esses indivíduos em situações de discriminação; e esse é o caso do Clube 24 de Agosto, pois ao passo que o clube surge como uma resposta ao impedimento do ingresso de

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



peças negras nos clubes brancos da cidade, existe também desde sua fundação a instrumentalização educacional e cultural (AL-ALAM, 2018). Através do trabalho voltado ao ensino de práticas educacionais, traziam como intuito a construção de identidade negra positiva através dos movimentos de afirmação racial proporcionados pelas ações realizadas no clube (AL-ALAM, 2018).

Assim como logo após sua fundação, ao longo sua trajetória o clube apresentou comprometimento com discussões relativas a questões raciais na cidade, bem como o estabelecimento de discussões sobre o racismo (AL-ALAM, 2018); no ano de 2008 ocorreu a primeira edição da Semana da Consciência Negra em Jaguarão, organizada pelo clube e estimulando debates sobre racismo e sobre direitos da população negra, já em 2013 o Clube venceu edital que versava sobre criação de Pontos de Cultura no Rio Grande do Sul, passando a ser beneficiado por política pública cultural, que apresentava como uma de suas diretrizes o fortalecimento da base social, ampliando segmentos, com iniciativas voltadas a juventude urbana, aos universitários, artistas, entre outros (AL-ALAM, 2018).

Nascimento (2016) atenta a questão das religiões de matriz africana, que “apesar da Igreja Católica, e não devido a ela, algumas religiões africanas puderam persistir em sua estrutura completa” (NASCIMENTO, 2016, p. 124); apesar de diversas, variando em aparências, graus de desenvolvimento e ainda em características as culturas de matriz africana apresentam características que se assemelham e as identificam enquanto culturas irmãs (NASCIMENTO, 2016). Seguindo a perspectiva de aproximação e do conhecimento das culturas afro, no Clube Social também acontece atividades afro religiosas desenvolvidas pela Yalorixá Mãe Nice D’Xangô e seu respectivo Ilê e do Coletivo Cultural Abi Axé (AL-ALAM, 2018), que desenvolve o culto a ancestralidade através da arte na representação da Dança dos Orixás.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONCLUSÕES

O Clube Social 24 de Agostos mantém seu legado visando a mobilização da comunidade negra de Jaguarão e da região, abarcando temas referentes as práticas culturais e sociabilidade como práticas políticas, apresentando como tônica de suas atividades a identidade negra positiva construída pelos movimentos de resistência e manutenção da memória do povo negro de Jaguarão. Diante dos dados expostos, percebe-se que o Clube Social 24 de Agosto fortalece a construção de uma identificação negra positiva, explorando e compartilhando a cultura e a história das negras e negros de Jaguarão.

REFERÊNCIAS

AL-ALAM, Caiuá; ESCOBAR, Giane Vargas; MUNARETTO, Sara eixeira;(Organizadores). **Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai**. Porto Alegre: Ilu Editora, 2018

FOUCAULT, Michel. “Aula de 17 de março de 1976” In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins fontes, 2005, p. 285 – 315.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SANTOS, Ynaê Lopes. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. São Paulo: Todavia, 2022



FORMAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA: AUTOBIOGRAFIA DE UMA JOVEM QUILOMBOLA

NARA BEATRIZ MATIAS SOARES
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
mnarabeatriz@yahoo.com

CYNTIA BARBOSA OLIVEIRA
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
cyntiabaroli@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta proposta trata-se de um relato de experiência, onde buscamos problematizar o experienciar acadêmico e a pertença de uma jovem mulher Quilombola. Nesta apresentação, pontuamos os diferentes impactos causados entre as vivências em uma comunidade e o meio universitário a partir do experienciar da primeira autora deste texto.

Assim, minha experiência, como pesquisadora, iniciou em 2016 quando ingressei na Faculdade de Direito. A partir daí, passei a me interessar pelo meio acadêmico e pela diversidade de saberes, especialmente, aqueles envolvendo direitos e garantias às populações historicamente silenciadas pelo saber hegemônico, como é o caso das comunidades quilombolas (ANTUNES, 2013). Ao me tornar mestrandia em Sociologia pela mesma Universidade, passei a pesquisar as referidas comunidades e a trajetória de outros jovens que, como

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



eu, preservam os saberes tradicionais, assim como compartilham de experiências “externas” aos saberes produzidos nas comunidades.

Importante destacar que esses saberes não estão isolados em um ou outro espaço, ou seja, apenas nas Comunidades Quilombolas ou apenas fora delas. Há o que Nilda Alves (2014) conceitua como “dentro-fora”, pois é esse relacionar que causa rupturas na forma de pensar e compreender os espaços nos quais estamos inseridos. Esse trânsito também permite com que se questione quais espaços devem/podem ser ocupados por aqueles e aquelas que não tiveram o mesmo acesso ao longo da história, como é o caso de muitos pais que fazem parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento.

Como integrante de uma Comunidade Quilombola e ativista local, tenho o desafio de lidar com a posição de pesquisadora e integrante do grupo observado, o que traz vantagens relacionadas à proximidade, mas também exige um exercício de estranhamento de tudo que é tão familiar.

DESENVOLVIMENTO

A construção da identidade quilombola é marcada por um conjunto de estereótipos negativos que foram relegados a essa população. Por isso, é necessário refazer as apresentações que estão no imaginário das sociedades diaspóricas, no contexto escolar, como é o caso de livros que reproduzem padrões sócio, histórico e culturais remetendo às perspectivas ocidentais (ANTUNES, 2013), as quais reproduzem as práticas colonialistas e nos subjetivam enquanto sujeitos.

Faço essa afirmação, pois quando decidi ingressar no curso de Direito havia o receio de enfrentar muitas dificuldades e sofrer discriminação por ser um curso considerado de elite. Porém, desde o primeiro dia que cheguei lá fui

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



acolhida e recebi uma professora que seria minha tutora¹⁵. Com ela participei de inúmeros projetos de pesquisa desenvolvidos junto às comunidades quilombolas do município de Piratini/RS, vizinho à cidade de Pelotas, assim como da cidade de Canguçu, onde estão situadas as comunidades que pesquiso e pertencço.

Além disso, passei a fazer parte da comissão de heteroidentificação por um ano e, atualmente, faço parte da comissão avaliadora do processo seletivo específico para estudantes quilombolas e indígenas. Componho a comissão da bolsa permanência para estudantes desses dois grupos e integro o coletivo Luis Gama dos estudantes negros do Direito e dos estudantes quilombolas da UFPEL. Pertencer a esses coletivos, assim como fazer parte das bancas em que outros jovens quilombolas passam, também é uma maneira de mobilizar o ativismo que cultivei e cultivo no âmbito da minha comunidade, ao passo que me aproprio das estratégias que permeiam a Universidade pública quando os olhares são dirigidos a essa população.

Dizer isso, significa que embora haja políticas públicas que estimulem o ingresso de jovens quilombolas na Universidade, ainda há uma significativa distância entre aquilo que prevê a legislação e o que acontece no cotidiano universitário. Toda essa vivência me motivou e fortaleceu a querer estudar aprofundadamente as comunidades quilombolas na convivência com os saberes que ultrapassam o seio da Comunidade.

Importante destacar que pais e filhos não têm as mesmas perspectivas de vida na comunidade muito porque, os pais não tinham a oportunidade de estudar e haviam se adequadado a pensar e viver como se houvesse um limite determinado de perspectivas, de conquistas na vida, como se apenas pessoas brancas, tidas

¹⁵ Um tutor é necessário porque precisamos que nossas particularidades sejam respeitadas e potencializadas, auxiliando o aproveitamento e aprendizado. Além disso, para construir uma relação de confiança e proximidade.



como superiores, pudessem acessar certos espaços, como a Universidade. Seus filhos ao saírem para estudar descobriram seus direitos, reconhecendo que fazem parte de um grupo diferente: povos tradicionais com preciosidades únicas que podem ser melhorados para continuarem existindo.

Fernandes e Munhoz (2013) afirmam que, a identidade apresenta-se como campo inventivo político, como lugar de criação dos despossuídos, que na luta por seu reconhecimento inventam outros modos de existência. Não se descobre uma identidade política, ela se faz e refaz frente aos condicionantes históricos que a sobrepujam e ao desejo de transformação dos que dela participam.

CONCLUSÕES

Todo quilombola herda saberes, tendo em vista os cultivos que são produzidos pela oralidade e pelas diferentes práticas de pertencimento construídas com a comunidade. Assim, pode-se afirmar que parte dos jovens e outras pessoas que saíram das comunidades, como eu, não perderam sua identidade com a comunidade. Já outras não têm interesse em continuar se identificando como quilombola. Neste trabalho, busco evidenciar a complexidade de pertencer a espaços que embora coabitem, ainda são compostos por singularidades pouco debatidas como a apresentada ao longo desta escrita.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Imagens e Currículos*. In: LEITE, Maria Cecília Lorea (Org.). **Imagens da justiça, currículo e educação jurídica**. Sulina, Porto Alegre, 2014. p. 241-258.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho.** Coimbra: CES/Almedina, 2013.

Fernandes, S. L., & Munhoz, J. M. (2013). **Políticas públicas quilombolas e produções identitárias: percursos históricos e conflitos políticos.** In J. F. Leite & M. Dimenstein (Orgs.), *Psicologia e contextos rurais* (p. 357-384).

Natal, RN: EDUFRN.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



OS DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

Gabriel Thomassim

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
gthomassim@gmail.com

Henrique Venturin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
henriqueventurin@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura apresentar as experiências adquiridas entre professores de História que atuam em um pré-vestibular popular com a premissa de uma educação antirracista. Procuramos, através deste pequeno texto, compartilhar alguns de nossos pensamentos sobre a construção de aulas de história focadas no Ensino para as Relações Étnico Raciais e os desafios enfrentados na elaboração de novas abordagens sobre os conteúdos históricos na sala de aula. Buscamos evidenciar em nossas aulas de história conceitos como branquitude (SCHUCMAN, 2012), racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), etnia (MUNANGA, 2018), através de uma perspectiva freiriana de educação popular, conceitos que adentram o conteúdo em meio a diversos desafios. Desafios estes que se tornam numerosos, para quem pretende a construção de um currículo alternativo. Dentre eles, como alterar a abordagem dos conteúdos sem que sejam deslocados do que consideramos como “conteúdos base” das provas? Como promover o uso de materiais didáticos ao mesmo tempo em que se aborde uma perspectiva crítica deles? Como podemos amalgamar o conteúdo

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



ao microcosmo (PADRÓS, 2002) da sala de aula? O objetivo de nosso projeto é oferecer o conhecimento sobre a complexidade dos processos históricos através de uma nova forma de ensinar os conteúdos. Além disso, procuramos simultaneamente uma formação que perpassasse o âmbito da preparação para o vestibular, formando estudantes que consigam imaginar um mundo diferente do que está colocado hoje, utilizando o conhecimento histórico como ferramenta para esse fim.

DESENVOLVIMENTO

As prerrogativas para que os espaços educacionais que vão além do ensino trabalhem novas formas de se abordar o ensino de História cresceram, isso se olharmos para a instituição da Lei nº 9.394/96 dispõe: Art. 26-A. Entretanto, o que observamos ao longo do tempo foram mudanças lentas e graduais, que geraram maior presença de temáticas que antes seriam deixadas completamente de lado. Nesse sentido, temos tentado a construção de um currículo alternativo para as provas. Por meio de análise de materiais e currículos construídos, explorando em que pontos os fatos de determinado conteúdo podem ser abordados de uma perspectiva que contemple as populações deixadas de lado pela historiografia convencional.

Mesmo que abertos para construções distintas, como é o caso do Pré-vestibular Dandara dos Palmares, que tem como premissa a educação popular e para as relações étnicos-raciais, os professores são obrigados a dividir sua atenção para dois pontos que parecem situar-se em lados opostos. Os conteúdos que aparecem com grande frequência nas provas precisam ser alterados, para que contemplem novas narrativas, mas seus fatos e datas e conceitos ainda parecem atrelados a uma historiografia eurocêntrica (LEÃO,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



2020). Precisamos andar entre uma linha tênue que diz respeito à construção de narrativas que estimulem a criticidade dos estudantes e abordagem dos tópicos básicos para a prova. Como por exemplo, interligar os fatos sobre a história do Rio Grande do Sul, temática constante na prova da UFRGS, partindo de uma narrativa ligada aos povos indígenas, ou iniciar o conteúdo sobre o antigo Egito pautando o processo de branqueamento que este sofreu ao longo do tempo.

O esforço para construir um ensino de história para as relações étnico-raciais não pode ter como fim apenas a construção de um projeto político específico, ou ser resultado de uma demanda causada por mudanças nos processos seletivos (MITRULIS, PUNIN, 2006). Deve ser parte de um processo de acolhimento e criação de relações entre alunos e professores. Em sua grande maioria, sabemos as condições daqueles que frequentam os cursinhos pré-vestibulares, as situações de vulnerabilidade social, defasagem escolar, retorno aos estudos, entre outros fatores. Dito isso, o ensino de história tem se tornado parte vital no acolhimento destas pessoas, as narrativas, que agora contemplam experiências de suas vidas, devem fazer com que se entendam como sujeitos da história e do ensino e seus conteúdos.

Além disso, ser parte da formação cidadã de nossos estudantes. Portanto, erigir algo que perpassa o âmbito da preparação para os vestibulares é necessário, construir coletivamente uma percepção crítica acerca do mundo em que vivemos, sobre as contradições que ele apresenta, mas sobretudo, formar estudantes que consigam projetar um mundo diferente, sendo o ensino de história o meio para isso.

CONCLUSÕES

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A título de conclusão, gostaríamos de evidenciar o potencial que o ensino de história é capaz de exercer sobre as realidades de nossos estudantes. O movimento de criar aulas de história que possuem como referência o EREER faz com que coloquemos como centro da discussão dinâmicas que subvertem o modo ocidental de pensar os processos históricos. Além de ser exercício de nossa própria construção como professores. Dessa forma, tentamos demonstrar que, se existe uma dificuldade em ensinar EREER articulado com os conteúdos abordados pelos vestibulares, é porque existe uma forma de ensino de história que tem sido colocada para nós como única.

No intuito de ir contra esta unicidade do ensino de história, pretendemos continuar criando novos modos de ensinar. Esses não têm como objetivo a aprovação unicamente, mas a tomada de consciência da realidade, se entender como sujeito histórico e sobretudo, compreender o mundo como diverso. Pensar novas narrativas é recortar um passado esquecido propositalmente (SANTOMÉ, 1995), construir a partir dele outras percepções sobre a história é dar voz e protagonismo para aqueles que nunca a tiveram.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Raça e Nação. In: **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018. pp. 76-103. DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

LEÃO, Cleber. **Entre o visível e o invisível:** a branquitude e as relações raciais nos conteúdos curriculares de ensino de história. Dissertação de Mestrado em Ensino de História, UFRGS, Porto Alegre, 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



MITRULIS, Eleny; PENIN, Sônia. Pré-vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. **Cadernos de Pesquisa da Faculdade de Educação da USP**. V. 36 p. 269, n.128, maio/ago. 2006.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB** (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

PADRÓS, Enriquer Serra. Papel do professor e função social do magistério: reflexões sobre a prática docente. In- PADRÓS, E. S.; CORSETTI, B.; RODRIGUES, G.; BERGAMASCHI, M. A.; BARROSO, V. L. (Org.). **Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar**. Porto Alegre- EST, 2002, v. , pp. 37-47.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. IN SILVA. Tomás Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de Doutorado em Psicologia. USP, São Paulo, 2012. pp. 67-101.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



PROJETO IMPRENSA NEGRA EDUCADORA (PINE) E O ENSINO DE HISTÓRIA DO PÓS-ABOLIÇÃO

Melina Perussatto
FACED/UFRGS
melinaperussatto@gmail.com

INTRODUÇÃO

Pretende-se expor resultados e reflexões do Projeto Imprensa Negra Educadora (Pine/UFRGS), surgido em abril de 2021, sob a minha coordenação, e abrigado no Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Lhiste/UFRGS). Especificamente, abordará as articulações entre os campos do pós-abolição e do ensino de história na construção de uma educação antirracista, enfocando a importância do protagonismo de estudantes negras e negros.

Diante da conjuntura pandêmica e de ensino remoto emergencial, o Pine surgiu da necessidade de se enfrentar o uso das TICs e produzir materiais didáticos digitais para a educação das relações étnico-raciais. Sustentado em epistemologias negras, dialoga com a história pública, a educação patrimonial e a história digital. Visa criar, disputar e divulgar narrativas históricas acerca do Brasil republicano, desde o ponto de vista e da escrita da história registrada na imprensa negra pela intelectualidade negra nas primeiras décadas após a Abolição.

Articulando ensino, pesquisa e extensão, promove reuniões de trabalho e estudo, pesquisas, produção de materiais didáticos e atividades de extensão em escolas, redes sociais e outros espaços, constituindo-se como uma “comunidade de aprendizagem” (hooks, 2013). Parte de *O Exemplo*, integrante da imprensa

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



negra de Porto Alegre (1892-1930), destacando seus jornalistas, colaboradores/as, apoiadores/as, associações e territórios em movimento, bem como seu projeto político antirracista, fundamentado na luta por educação, e sua escrita da história do Brasil.

Essa experiência histórica insere-se nas lutas e saberes emancipatórios e desestabilizadores do Movimento Negro educador (Gomes, 2017), que resultaram em políticas públicas de ações afirmativas no alvorecer do milênio. Duas décadas depois da Lei 10.639/2003, ainda há muito a ser feito para sua implementação em currículos, materiais didáticos, práticas educativas e formação de professoras/es. Além disso, dez anos depois da Lei 12.711/2012, é preciso avaliar não apenas as condições materiais de permanência de estudantes negras e negros no Ensino Superior, mas também as epistêmicas e afetivas, assegurando uma formação de qualidade e condições para a inserção na pós-graduação e no mercado de trabalho.

Com vistas à promoção de reparações no campo educacional, o Pine interroga ainda o lugar e as ações de pessoas brancas e das instituições, como a UFRGS, na implementação dessas leis e normativas. Agrega cerca de dez bolsistas de pesquisa, ensino e extensão, remuneradas/os e voluntárias/os, dos cursos de História, Design Visual, Comunicação Social e Engenharia Ambiental; e a colaboração de professoras/es da Universidade e da Educação Básica, estudantes de pós-graduação e integrantes do Movimento Negro.

RESULTADOS

Dentre os resultados, temos: mapa virtual "O Exemplo, um território negro em movimento", com realização de pesquisa no Arquivo Histórico Municipal Moisés Velinho, no Museu Municipal Joaquim Felizardo e no Centro Cultural Santa Casa; séries temáticas no canva para o Instagram

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



([instagram.com/pine.ufrgs21](https://www.instagram.com/pine.ufrgs21)); identidade visual; site (ufrgs.br/pine); entrevista para UFRGS TV (<https://youtu.be/hLeBpfUR1qM>); e para o podcast “A Hora do Trampo” (<https://x.gd/blY2e>).

Também houve a realização de ações educativas nos cursos populares de pré-vestibular Esperança Popular Restinga e PEAC/UFRGS, bem como a articulação com atividades de ensino dos membros do projeto: criação da rede social do projeto e o desenvolvimento do site (<https://x.gd/LTpSO>) sobre a revista *Tição* na disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial; apresentação no canva para a disciplina de Introdução à História Pública; e oficina no âmbito de monitoria na disciplina de Ensino e História das Relações Étnico-Raciais.

Ocorreram ainda atividades formativas remotas: Live “14 de Maio: o dia que não acabou e os reflexos do pós-abolição no racismo de cada dia”, na TV SMED de São Leopoldo (<https://youtu.be/NhyYeRcWt70>); aula sobre “Interseccionalidade, justiça e educação”, no Curso de Formação Debatendo Justiça de Gênero, do Instituto Águas Novas, de Tenente Portela (<https://youtu.be/qtUhZ7R4xBc>); live “Presença negra em Porto Alegre e Cachoeira do Sul: memórias, religiosidade, imprensa e educação”, do Centro Cultural da Santa Casa, de Porto Alegre (<https://youtu.be/BWnGsPNbE0c>); e a participação em disciplinas (“Ensino de História” do curso de Pedagogia, e “Materiais didáticos e o universo virtual”, do ProfHistória/UFRGS).

Resultados também foram comunicados em eventos da UFRGS (Portas Abertas, Salão de Extensão e Salão de Iniciação Científica) e externos (III Seminário Internacional Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico, XIII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-RS) No último foi realizada um minicurso para a divulgação do projeto. Por fim, a produção de artigos e capítulos.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Ao adentrar seu terceiro ano, o Pine evidencia a importância de projetos que articulam ensino, pesquisa e extensão, valorizando e reconhecendo o protagonismo estudantil na promoção de reparações no campo educacional, na produção de conhecimentos históricos e na construção de um ensino de história do pós-abolição.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



O SAMBA-ENREDO DA PORTO ALEGRE DE OUTRORA NA ENCRUZILHADA DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CANÇÕES CARNAVALESCAS DE 1990 – 1998

Muara Farias Pedroso
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
muaratst@gmail.com

O objetivo central da pesquisa é demonstrar o potencial educativo presente nas letras de sambas-enredo das escolas de samba de Porto Alegre. Dessa forma, ao ocupar o curso de História com minhas vivências carnavalescas, busquei investigar como o samba-enredo, enquanto saber existente fora dos muros escolares e dos limites propostos nos livros didáticos, atravessa a educação e, conseqüentemente, o ensino de história, ou seja, de que maneira o samba-enredo contribui com Educação das Relações Étnico-Raciais na perspectiva da descolonização dos currículos escolares (GOMES, 2012).

Como aporte teórico, ancorado no que propõe Luiz Rufino (2019) através da *Pedagogia das Encruzilhadas*, buscou-se cruzar os saberes presentes nas composições do carnaval da cidade de Porto Alegre com o ensino de história. Desse modo, a Encruzilhada emerge para a pesquisa como possibilidade educativa frente à luta antirracista que, através de outras gramáticas como o samba-enredo, por exemplo, nos possibilita a compreensão do mundo articulada a “um ato responsável comprometido com a transformação dos seres” (p.20).

Para responder tal questão, buscou-se observar a letra de quatro sambas-enredo da década de 1990. Justifica-se a escolha por sambas dos anos 90 do

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



século XX pela possibilidade de transitar nas voltas do tempo (SIMAS; RUFINO, 2020) e compreender o potencial educativo do carnaval antes da interpretação do artigo 26 A/LDB, criado pela Lei 10.639/03 e alterado pela Lei 11.645/08, que obriga o ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena na educação básica

O primeiro samba-enredo selecionado chama-se “Negro Areal” (1990) da antiga escola de samba Garotos da Orgia, escolhido por versar sobre um território negro da cidade; a segunda composição trata do tema “África: 300 anos de Zumbi dos Palmares”, do Estado Maior da Restinga (1994); a terceira letra é do ano de 1995 do Bambas da Orgia, intitulada “Festa de Batuque”, selecionado por conter em seus versos a religiosidade afro-brasileira e africana; e o samba da Imperadores do Samba “Brasil, mostra tua cara” (1998), lançando luz às reivindicações e aprendizados que o sambas da cidade propõem. Esses foram os critérios para a seleção das fontes.

Soma-se ao objetivo geral do estudo, que é também meu Trabalho de Conclusão de Curso, alguns outros caminhos de pesquisa, tornando-se importante explicitar conceitos como colonização (KILOMBA, 2019) e descolonização (GOMES, 2012), pelo viés dos currículos escolares. Foca-se nos desafios que os docentes enfrentam junto à comunidade escolar em busca de um fortalecimento pedagógico na luta antirracista.

A metodologia utilizada baseou-se, primeiramente, em uma pesquisa bibliográfica, a fim de compreender de que maneira o samba-enredo vem sendo trabalhado na educação e no ensino de história. Após observar o trabalho de pesquisadores que abordam a mesma temática, foram analisadas as composições gaúchas. Importante salientar a escassez de trabalhos científicos abordando o samba-enredo de Porto Alegre, sobretudo pela perspectiva racial, visto que todos os trabalhos analisados versaram sobre o potencial educativo

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



antirracista presente nas composições do carnaval carioca, realidade que nos faz questionar sobre a falta de olhares educativos para o festejo da região sul do país.

Como resultado final da pesquisa, foi possível identificar que o samba-enredo porto-alegrense, além de contribuir com a Educação das Relações Étnico-Raciais, propõe aprendizados e reivindicações, uma vez que apresenta não só os conhecimentos para uma aula de história, mas instiga os estudantes a conhecerem não só o tema do samba-enredo como também as próprias escolas de samba.

A Encruzilhada, lugar onde ocorre encontros, desencontros e atravessamentos, encontra-se nas ruas assim como o carnaval, ou seja, fora das estruturas escolares. Nesse sentido, a reflexão proposta na pesquisa nos mostra que as composições, embora não tenham sido produzidas para uma aula de sala, possibilitam um *Cruzo* entre a cultura popular e o ensino de história, na mesma medida que ultrapassa os muros escolares descentralizando o conhecimento que muitas vezes é condicionado aos conteúdos e livro didáticos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E.S. **Garotos da Orgia – Samba Enredo 1990**. Youtube, 2016. Acessado em 27 fev. 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MgQhxFfvjQw&t=1s>

BARBOSA, D.; SILVA, P. **Bambas da Orgia – Samba Enredo 1995**. Youtube, 2016. Acessado em 27 fev. 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=04oM8EEWTic>

GOMES, N.L. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LOPES, H.L. **Estado Maior da Restinga – Samba Enredo 1994**. Youtube, 2014. Acessado em 27 fev. 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bJaMiLajteA>

RENATINHO; FOFO; LELÊ. **Imperadores do Samba – Samba Enredo 1998**. Youtube, 2016. Acessado em 27 fev. 2023. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NZ8n_jA1gvw

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, L.A.; RUFINO, L. **Encantamento sobre Política de Vida**. Mórula, Rio de Janeiro, 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



BEATRIZ NASCIMENTO E O QUILOMBO NA LUTA CONTRA O RACISMO

Adriana Costa
Mestra em Ensino de História (UFRGS)
Professora (SEDUCRS)
adrianah.costa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um relato de pesquisa, ainda em andamento, cuja proposta está vinculada ao projeto “CRIAÇÃO e AUTORIA: MATERIAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA” que se organiza em rede envolvendo instituições públicas de Educação Básica e instituições de Ensino Superior (UFPA, UFRN, UniT, UFSC e UFRGS) com o objetivo de criar e analisar materiais didáticos para a aprendizagem de estudantes da Educação Básica. O trabalho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem apoio do CNPQ (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT NA 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes, Processo: 404584/2021-7) e prevê a elaboração de uma coleção de livros paradidáticos que tem como eixo principal a importância das trajetórias de mulheres subalternizadas no ensino de história.

A coleção abordará, em cada caderno específico, as histórias de cinco mulheres: Maria Aragão, Beatriz Nascimento, Laudelina Campos, Marielle Franco e Madalena Caramuru. O relato aqui proposto é acerca do caderno

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



intitulado *Beatriz Nascimento e o Quilombo na Luta Contra o Racismo*¹⁶, que tem como objetivo apresentar e analisar a trajetória da historiadora Maria Beatriz Nascimento, que teve importante atuação intelectual e militante no Movimento Negro brasileiro durante as décadas de 1970 a 1990. Cabe ressaltar que entendemos a complexidade acerca do conceito de Movimento Negro (DOMINGUES, 2007; PEREIRA, 2011) devido à existência de diversas organizações e indivíduos, entretanto, compreendemos aqui enquanto agente político-social que tem como finalidade a luta contra o racismo e a busca por melhores condições de vida para a população negra.

Dessa maneira, reconhecemos a trajetória de Beatriz Nascimento e o seu estudo sobre os quilombos como importantes contribuições para a história afro-brasileira, pois corroborava de forma sistemática com a proposta de ressignificação da história dos negros porque acreditava que “só o levantamento histórico da vivência dos negros no Brasil [...] poderá erradicar o complexo existente neles, assim como o preconceito racial por parte dos brancos” (NASCIMENTO, 2018, p. 67). Para o Movimento Negro contemporâneo (PEREIRA, 2008), era urgente que houvesse a revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos, a capacitação de professores para uma pedagogia interracial e a inclusão da história da África e da literatura negra nos currículos escolares. Nesse sentido, o pensamento de Beatriz Nascimento era (e é) de extrema importância já que questionava a narrativa historiográfica do período ao rejeitar a ideia de benevolência branca no projeto político de nação – estabelecido pela ordem republicana – que incorporava a população negra (e indígena) mas sob a hegemonia branca.

¹⁶ Elaboração e parceria entre a autora deste texto com a professora Alessandra dos Santos da Silva, Mestra em História (UFRGS) e também professora da Rede Pública do RS.



DESENVOLVIMENTO

Neste compromisso, realizamos um levantamento bibliográfico que propõe a seguinte reflexão: *Como a concepção de Quilombo, elaborada por Beatriz Nascimento, expressa a continuidade da resistência do Movimento Negro (1970-1990) contra o racismo?* O intento é instigar os(as) professores(as) a produzirem e a conduzirem atividades que sejam prazerosas e que inspirem os estudantes negros(as) a galgarem seus espaços de reconhecimento intelectual. Assim, a proposta do livro paradigmático é incentivar o debate étnico-racial na intenção de obter relações sociais igualitárias, conforme estabelece o documento das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais – EREER* (BRASIL, 2004).

Para tal, destacamos o contexto histórico do Movimento Negro (1970-1990) que instigava a intelectualidade de Beatriz Nascimento. Esse foi um período fértil de conexões entre o chamado “Atlântico Negro”, pois a efervescência dos debates conectava pensadores da África e da América contra o neocolonialismo europeu que perdeu suas forças após a Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário, Beatriz Nascimento reconhece a diáspora africana como base para a história afro-brasileira e, assim, elabora o seu pensamento acerca do Quilombo. Ao pesquisar documentos do período colonial, a intelectual identifica raízes africanas na organização dos quilombos brasileiros, sobretudo na relação entre o Reino do Congo e o Quilombo dos Palmares, e estabelece o que ela chama de “continuidade histórica”: a percepção da ancestralidade negro-africana ressignificada nas sociabilidades quilombolas e que são perceptíveis nas organizações negras contemporâneas. Ou seja, o quilombo não findou-se com a Abolição da Escravatura porque ainda hoje podemos percebê-lo para além da memória como, por exemplo, na própria atuação do Movimento Negro. Assim, a

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



noção de Quilombo, elaborada por Beatriz Nascimento, salienta as recriações de modos de viver característicos da população negra que atravessam os tempos e subvertem a subjugação imposta pelo racismo no Brasil.

CONCLUSÕES

Concluimos, então, que a sociabilidade elaborada pelo Movimento Negro (1970-1990) é a continuidade do quilombo surgido em tempos coloniais e ainda em ação contemporânea na resistência contra o racismo. Dessa forma, ensinar a história de Beatriz Nascimento favorece a efetivação das políticas públicas antirracistas instauradas por meio da luta do Movimento Negro brasileiro, assim como o uso da sua biografia pode despertar o interesse dos estudantes e aproximar o processo de ensino e aprendizagem à realidade dos alunos. À vista disso, no caderno pedagógico, pretendemos elaborar um material didático que sinalize possibilidades de ensino baseado em uma metodologia interdisciplinar como o uso dos poemas e de entrevistas de Beatriz.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: SECAD/ME, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

NASCIMENTO, Maria Beatriz (1942-1995). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição.** UCPA (Org.). Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



PEREIRA, Amílcar Araújo. Influências externas, circulação de referenciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil: idas e vindas no “Atlântico Negro”. **Ciências e Letras**. Porto Alegre, n. 44, p. 215-236, 2008.

PEREIRA, Amílcar Araújo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. **Cadernos de História**, v. 12, n. 17, p. 25-45, 2011.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



RACISMO ESTRUTURAL: UMA PERSPECTIVA DA SALA DE AULA

Eduardo Rangel Baptista
Escola Municipal Ensino Fundamental Dolores Alcaraz Caldas
hedubaptista@gmail.com

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é realizar um relato de experiência ocorrido na escola de ensino fundamental do município de Porto Alegre bairro Restinga zona sul da cidade. O público alvo são crianças de 4 a 7 anos de idade.

A prática pedagógica está fundamentada na teoria antirracista de Djamilia Ribeiro no livro: Pequeno Manual antirracista e Denis de oliveira no livro: Racismo estrutural: uma perspectiva histórico crítica e em um dos fundamentos da prática e no livro “A Arte da escuta” de Julia Cameron é uma teoria baseada e um método de escuta ativa, íntegra que busca fazer uma análise do discurso das crianças para posterior intervenção.

A hora da rodinha não é somente um espaço para preencher “formalidades”, mas, é sim, um espaço rico para compreender o tempo e o espaço, buscando a identidade enquanto sujeito de sua própria história.

Segundo Cameron (2022, p.41) “O primeiro passo no caminho da escuta é ouvir atentamente o que talvez não tenhamos o hábito de ouvir: o mundo a nossa volta[...]”, as vezes ouvimos as narrativas da crianças truncadas e ao nosso ver desconectadas e não damos o devido interesse pois não conhecemos o mundo a sua volta, e seus vários “ses” ;uma conjunção condicional, em que se expressa uma hipótese ou condição necessária para que se realize ou não uma ação principal. Que, se mora em um barraco, se tem banheiro dentro de casa, se ouve



passarinhos de manhã, se acorda com gritos e xingamentos. A arte da escuta ativa é essencial.

Segundo Ribeiro (2019 , p. 38) " Mas é preciso notar que racismo é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. [...] Para isso depende de nossa intervenção em qualquer situação pois explicitar e desnaturalizar este tipo de racismo é um processo doloroso e cotidiano, pois que cala consente.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir práticas racistas já tidas como "normais" em toda a sociedade[...] (ALMEIDA, 2019, p.156)

DESENVOLVIMENTO

Como é normal nas turmas de primeiros anos, temos o momento do início da aula onde vamos para o refeitório tomar o café da manhã, e este é um momento pedagógico importante em que interagimos com as crianças e elas com os seus colegas. Um momento importante para ouvir os diálogos espontâneos e já fazermos uma análise do discurso e saber como conduzir os trabalhos em sala de aula.

A primeira coisa a ser feita é nos sintonizarmos e nos organizarmos no espaço e no tempo colocando a data no quadro ou figuras no varal limitando e identificando nossa rotina da manhã. Esta atividade é importante pois diminui a ansiedade das crianças e acalma as tensões emocionais, demonstrando e organizando de uma maneira concreta que existe um começo um meio e um fim e elas não ficarão indefinidamente longe de casa, com pessoas estranhas e garante que seus familiares não esqueceram delas na escola.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Depois deste momento vamos para a rodinha fazemos a chamada, e começamos a compartilhar algo que aconteceu em nosso cotidiano. Na sequência sempre começo com a leitura de um livro de literatura infantil. Neste dia comecei a ler “Super Naná e o Toximostro de Maíra Suertegaray e Carla Pilla.

Este livro fala que nem todo o guri gosta de jogar bola e nem toda a guria gosta de brincar de boneca e a cor não define a identidade sexual. O brinquedo em si não tem sexo então brincar de boneca ou jogar bola não são exclusividade de cada sexo.

Neste momento depois da leitura trouxe umas bonecas e alguns bonecos para as crianças brincarem e carrinhos de madeira. A crianças adoraram a proposta e todos indiscriminadamente brincaram com todos os brinquedos.

Esta proposta foi intencional e muito rica para anotar diálogos surgidos nas brincadeiras pois foram reproduzidos diálogos vividos em suas famílias e em situações vividas em sala de aula. Momentos inesquecíveis de conhecimento das crianças que talvez nunca ocorreriam se estivéssemos sentados e conversando. Algumas crianças não se sentiram tão a vontade para brincar mas conseguiram registrar suas impressões nos desenhos realizados.

Os conflitos são inerentes a este tipo de atividade, eles afloram mais facilmente é neste momento que a intervenção do professor se faz necessária para aclarar os sentimentos e as vontades o racismo estrutural se evidencia e somente um profissional atento e focado e atualizado em suas leituras é capaz de soltar o emaranhado de nós. E tão gratificante quando conseguimos aclarar o escurecer os fatos e as crianças entram em consenso e voltam a ser amigas.

CONCLUSÕES

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O racismo estrutural como diz o termo faz parte da construção da sociedade que foi organizada por homens heteros brancos com a figura do PAI.

Deste momento em diante foi organizado estratificado a sociedade nos que tem poder para dizer quem respira e quem morre. Dentro do que respiram existem os que são servidos e os que servem, os que tem privilégios e os que trabalham para que uma minoria ou um grupo determinado usufrua destes privilégios.

Quando trouxe o livro da super Naná a proposta era de problematizar e instigara para que criem suas próprias hipóteses sobre brinquedos e dar ferramentas para formação de indivíduos mais autônomos e ativos.

Propor uma nova dinâmica entre direitos e deveres e cidadania onde o ser humano não pode se apoderar de outro ser humano ninguém é dono de ninguém e isto é muito forte nesta sociedade. O outro existe e tem seus direitos e deveres também.

As crianças são muito concretas é preciso que alguém contextualize, compare e proponha um ambiente para discutir sobre soluções de problema. Compreender o tempo e o espaço é uma construção do cotidiano e incorporar este processo e constituir a noção de construção acolhendo o outro e reconhecendo a si mesmo e o ambiente em que vive

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

Ribeiro, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAMERON, J. **A arte da escuta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2022

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A HISTÓRIA DA ÁFRICA EM UMA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PRODUZIDOS PARA O PNLD/EM (2008-2017)

Anelise D. da Silva Abraão
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
ane.domingues@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A pesquisa em livros didáticos é uma tarefa complexa, pois é preciso averiguar todas as dimensões que compõe o livro. A análise dos programas nacionais e leis que envolvem a produção de um livro como fonte histórica são dimensões, dentre outras, que requerem uma observação mais acurada se a finalidade for trabalhar o livro como objeto de pesquisa. Após a promulgação da lei 10.639 em 09 de janeiro de 2003 que tornou obrigatório o ensino sobre a História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, houve um despontar mais profundo das pesquisas acadêmicas sobre o continente africano. Levando isso em consideração, esta pesquisa tem como objetivo analisar a abordagem apresentada sobre História da África em três diferentes edições de livros didáticos, os quais participaram do Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLD/EM), nos ciclos de 2008, 2012 e 2015. Desejando assim, compreender o enfoque dado à África, observando as permanências e mudanças na representação da temática no decorrer dos anos. Para tanto, são analisadas três edições da obra História Global – Brasil e Geral, de autoria de Gilberto Vieira Cotrim, publicadas no âmbito do PNLD/EM. Tais fontes analisadas foram submetidas aos editais de “Convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – Ensino Médio”, avaliadas, aprovadas e disponibilizadas à escolha dos professores através do Guia do Livro didático do PNLD/EM dos ciclos citados acima.

DESENVOLVIMENTO

A metodologia é a análise textual apoiada no referencial teórico do historiador Roger Chartier, centrando-se em duas categorias de análise: textualidade e materialidade do livro. Análise comparada entre as edições com os respectivos volumes, observando o texto e a materialidade do impresso (forma como se organiza esse texto na hora de imprimir). Para compreender melhor que enfoque é dado ao continente africano nestes exemplares.

As apropriações particulares e inventivas dos leitores, ouvintes ou espectadores dependem de uma combinação dos efeitos de significados buscados pelos textos, usos, sentidos impostos pela forma de sua publicação e competências e expectativas que governam a relação de cada comunidade interpretativa com a cultura escrita (CHARTIER, 2004,p.47).

Para um conhecimento mais abrangente sobre a história do continente africano é necessário não ignorar as dificuldades que ele enfrenta, e nem omitir sua realidade. É necessário apresentar suas riquezas, avanços, culturas e tradições, para que assim, se tenha uma nova perspectiva do continente.

CONCLUSÕES

Quanto as análises realizadas nesta pesquisa, foi observado que o autor não aborda a África somente de um prisma de miséria e fome, embora não os

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



omite, mas também apresenta os costumes, as tradições e as sociedades dos povos africanos, enquadrando sua obra ao principal contexto regulador dos livros didáticos, ou seja, ao Programa Nacional do livro didático. Percebe-se que houve um “crescimento” e “avanço”, ainda que em “passos lentos”, na apresentação da História da África na produção desses manuais escolares.

REFERÊNCIAS

Fontes

Livros didáticos

COTRIM, Gilberto Vieira. **História Global – Brasil e Geral**, 8ªed. São Paulo: Saraiva, 2005. v: único. PNLD/EM 2008-2011.

COTRIM, Gilberto Vieira. **História Global – Brasil e Geral**, 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2010. 3v. PNLD/EM 2012-2014.

COTRIM, Gilberto Vieira. **História Global – Brasil e Geral**, 2ªed. São Paulo: Saraiva, 2013. 3v. PNLD/EM 2015-2017.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes, (2009). **O Conceito de “Livros Didáticos”**. In: BATISTA, Antônio Augusto G.; GALVÃO, Ana Maria de **Os Livros Escolares de Leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas/SP: Mercado das Letras.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009, 3ed., p. 300-345.

_____. (org). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2013, 12 ed., p. 69-90.

BRUNSCHWING, Henri, 1904-1989. **A partilha da África Negra** / Henri Brunschwing; [tradução Joel J. da Silva]. - São Paulo: Perspectiva, 2006. - (Coleção Khronos; 6/dirigida por J. Guinsburg).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil do século XXI: a entrada do capital espanhol na Educação Nacional.** São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 51-166.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

_____. **Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003, p. 7- 48.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. **A mão do autor e a mente do editor.** São Paulo: Editora Unesp, 2014, 1ª ed. p. 7-151.

CHOPPIN, Alain. "L'historien et le livre scolaire" **O Historiador e o Livro Escolar.** Especialmente escrito para a revista História da Educação. Tradução de Maria Helena Carnara Bastos. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11):5 - 24, Abril.2002.

_____. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.** Educação e Pesquisa. São Paulo, set./dez. 2004, v.30, n.3, p. 549-566.

_____. **O manual escolar: uma falsa evidência histórica.** História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, 2009, v.13, n.27, p.9-75.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** 2007, p. 103 e 105.

GALVÃO, Ana Maria de; BATISTA, Antônio Augusto, Gomes. **O estudo dos manuais escolares e a pesquisa em história.** In: BATISTA, Antônio Augusto G.; GALVÃO, Ana Maria de **Os Livros Escolares de Leitura no Brasil: elementos para uma história.** Campinas/SP: Mercado das Letras, 2009, p.11-41.

KI-ZERBO, Joseph (org e editor). **História Geral da África - Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO, 2010, 2.ed. ver, v.1, introdução geral e conclusão, p. XXXI-LVII, 833 - 851.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



LAUREANO, Marisa Antunes . **O Ensino de História da África**. Porto Alegre, 2008, n. 44, p. 333-349.

MATTOS, Hebe Maria – **Ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil** – in: Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia / Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.) – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. Rev. Bras. Hist. Educ., Campinas/SP, 2012, v.12, n.3 (30), p.179-197.

_____. **O livro didático como mercadoria**. Pro - Posições, 2012, v. 23, n.3 (69), p. 51-66

SILVA, Iara Augusta da. **O Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLD/EM): uma política de educação implementada pelo estado brasileiro no início do século XXI - SED/MS - 37ª Reunião Nacional da ANPEd, UFSC – Florianópolis, 2015, p.01-20.**

Documentos eletrônicos

EDITAL DE CONVOCAÇÃO para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas a serem incluídas no catálogo do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio – PNLD/EM-2007. Brasília, 2005. Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/editais_licitacoes/edital_pnlm_2007.pdf Acesso em: 08 mar 2018.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD/EM 2012 – Ensino Médio. Brasília, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Lisiane/Downloads/edital_pnld_2012_consolidado%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lisiane/Downloads/edital_pnld_2012_consolidado%20(1).pdf) Acesso em: 08 mar 2018

EDITAL DE CONVOCAÇÃO para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro didático PNLD/EM 2015 – Ensino Médio. Brasília, 2013. Disponível em file:///C:/Users/Lisiane/Downloads/edital_pnld_2015_ensino_medio_03_07_2013.pdf Acesso em: 08 mar 2018

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CATÁLOGO DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO PARA O ENSINO MÉDIO: PNLD/EM 2008: História. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/4645-guia-pnlem-2008> Acesso em: 11 set 2017.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNLD/EM 2012: História. Brasília: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/2988-guia-pnld-2012-ensino-m%C3%A9dio> Acesso em: 11 set 2017.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNLD/EM 2015: História. Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/5940-guia-pnld-2015> Acesso em: 11 set 2017.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



QUEM CONTA A HISTÓRIA DA ÁFRICA?

Thales Ferraz Silva
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
thales-ferraz@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre “os perigos da história única”¹⁷ acerca do continente africano, seus estereótipos, generalizações e preconceitos, a fim de compreender a importância de se estudar com dedicação a História da África e questionar a visão e as narrativas generalizantes que tradicionalmente nos são propagadas pela televisão e demais mídias digitais.

As noções ocidentais do universo africano não só geram uma gama de estereótipos em termos de práticas culturais, sociais e econômicas, interações com a natureza ou relações com o corpo, mas também ilustram “um imaginário específico na visão Ocidental” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 47). Geralmente, ao sermos apresentados ao continente e sua história, nos deparamos com filmes, séries, documentários, matérias de jornais, revistas e de televisão que acabam por fazer um verdadeiro desserviço aos africanos, pois as principais narrativas são sobre a fome, a miséria, conflitos étnicos, doenças, instabilidade política, etc., não nos possibilitando outro sentimento que não seja o de pena (ADICHIE, 2019). Outra problemática recorrente é uma “suposta associação dos africanos

¹⁷ O *perigo de uma história única* é uma adaptação de uma palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no Ted Talk, em 2009. Treze anos depois, o vídeo é um dos mais acessados da plataforma, com milhões de visualizações. Ted Talk disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t=162s&ab_channel=TED>. Acesso em: 25 fev. 2023.



e do próprio continente à condição escrava, como algo inerente e um demarcador da sua identidade histórica” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 38), algo que acaba por definir o que o senso comum conhece sobre a África.

DESENVOLVIMENTO

Muitas pessoas conhecem primeiro uma história da África oriunda de uma literatura ocidental, um lugar com “paisagens maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de AIDS, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso” (ADICHIE, 2019, p. 18-19). Isto é, a história ensinada aos africanos é uma história falsificada, desmembrada e reduzida a uma série de preconceitos triviais. O fato de a história “oficial” da humanidade se basear em padrões eurocêntricos nos distancia de uma visão positiva do passado intelectual e científico dos povos africanos.

O pensamento filosófico europeu do século XIX e as teorias racialistas contribuíram demasiadamente para a negação e a invisibilidade histórica do continente ao desenvolvimento humano. O Ocidente tinha o poder de “criar” uma África para se apropriar de seus recursos e foi bem-sucedido. Infelizmente, muitas dessas perspectivas problemáticas ainda encontram eco em nossa sociedade contemporânea e contribuem para a instalação do preconceito em relação à África e aos africanos. Pesquisadores/as das humanidades devem se reapropriar dessas narrativas e repará-las; traçar metodologias apropriadas para enfrentá-las e contê-las; reorganizar a produção e apresentação do conhecimento sobre a história dos povos africanos.

Nessa esteira, os países africanos têm o direito de ter a sua história contada e conhecida de maneira honesta e justa, porém as imagens que circulam e se disseminam de África são aquelas extremamente estereotipadas. Tendo essas

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



problemáticas em mente, as humanidades precisam estar atentas às iniciativas de História Pública Digital que tem como foco a História da África, fazer com que os conhecimentos cheguem ao grande público que não está dentro de instituições de ensino, sejam escolas ou universidades. Atualmente, o ritmo da pesquisa e produção científica sobre a África é muito grande e de muita qualidade, mas os pesquisadores contemporâneos precisam fazer, também, o papel de mediadores entre esse conhecimento produzido e a sociedade. A História Pública não serve apenas para divulgação dos estudos acadêmicos, embora essa dimensão seja importante, não é esta a única função: ela é uma subdisciplina com enorme potencial para remodelar a disciplina histórica.

Apresento no meu trabalho alguns exemplos de iniciativas eficientes de História Pública brasileiras que têm como temática a História da África, como a ABE-ÁFRICA¹⁸, Arte Africana¹⁹, África em Arte-Educação²⁰ e o canal do *Youtube* Mwana Afrika²¹.

CONCLUSÕES

Este trabalho objetivou somar-se aos estudos referentes ao crescente campo da História Pública, a fim de contribuir para contestar discursos recheados de preconceito e abrir discussões no que se refere à História da África.

As falácias sobre o continente não são questões recentes. No século XVI um viajante inglês teria descrito um povo africano como monstros sem cabeça

¹⁸ Disponível em <<https://www.abeafrica.com/>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.

¹⁹ Disponível em <<https://arteafricana.fflch.usp.br/pt-br>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.

²⁰ Disponível em: <<https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/index.html>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MwanaAfrika/featured>>. Acesso em: 25 fev. de 2023.



(ADICHIE, 2019), pensadores europeus, no século XIX, já escrevia que os africanos não eram civilizados o suficiente, portanto eram seres sem história e, hoje, séculos depois, ainda vemos escancaradamente, na internet e na televisão, estas narrativas deturpadas. Assim, é imprescindível que façamos bom uso das plataformas digitais, pois estas apresentam um grande potencial, sendo de extrema importância que as utilizemos “tanto como fonte como objeto de estudo do historiador” (CARVALHO, 2016, p 44). Ou seja, devemos fazer uso das redes sociais como meio de pesquisa e de divulgação de um conhecimento histórico mais sério, crítico e honesto.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CONCEIÇÃO, M. T. Os Discursos da Racialização da África nos Livros Didáticos Brasileiros de História (1950 a 1995). **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 35-58, jan./mar. 2017.

CARVALHO, B. L. P. “História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo”. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, 2016, p. 35-53.



UM DIÁLOGO POSICIONADO: A BRANQUITUDE E A PESQUISA EM ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL E NOS EUA

Regina Rodeghero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

00314248@ufrgs.br

Nesta comunicação, refletiremos sobre as possibilidades de diálogo da pesquisa em ensino de História no Brasil com a pesquisa em ensino dos *social studies* nos Estados Unidos, no que diz respeito ao questionamento da branquitude. Esse recorte parte dos resultados de uma pesquisa de revisão bibliográfica realizada durante a iniciação científica, referenciada nos estudos críticos da branquitude (SCHUCMAN, 2012). Nela, buscou-se analisar discursivamente de que maneiras o sujeito branco é colocado em questão por pesquisadores do ensino de História, em artigos acadêmicos publicados nos periódicos mais bem avaliados em História e Educação no índice Qualis/CAPES. A inclusão da leitura de artigos estadunidenses veio como uma forma de potencializar essa análise, tendo em vista as características próprias da história disciplinar na educação básica e do debate sobre raça naquele país (NASCIMENTO, 2015; TELLES, 2004). E, de fato, muito pôde ser percebido sobre o discurso brasileiro após esse contato, como apresentaremos adiante. Este trabalho foi produzido por uma graduanda branca, de classe média e oriunda do interior do Rio Grande do Sul, o que seguramente modula o olhar desta pesquisa, apenas uma dentre as múltiplas outras formas de leitura do material levantado que poderiam partir de outras experiências e vivências.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A pesquisa iniciou com a elaboração de um referencial teórico englobando os conceitos de branquitude, raça e a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) (FRANKENBERG, 2004; GOMES, 2005; CARDOSO, 2008). Com fins metodológicos, foi estudada a arqueologia do saber (FOUCAULT, 2008) para analisar que enunciados são emitidos sobre a branquitude no âmbito do discurso. A próxima etapa foi a seleção de revistas, avaliadas como A1, A2 e B1 nas categorias de História e Educação pela Qualis/CAPES, que tivessem publicado artigos sobre ensino de História recentemente. Dentre as revistas selecionadas, foi feito um levantamento, a partir da leitura dos resumos, dos artigos que tratassem da ERER no ensino de História, para então analisar de que maneiras o branco era tratado pelos pesquisadores. Para os textos estadunidenses, foi selecionada a revista *Theory and research in social education*, por seu reconhecimento, inclusive no Brasil, como periódico que publica sobre a pesquisa em *social studies*. O recorte de artigos veio a partir dos que contivessem os termos *race* e *social studies* no título. A janela temporal para seleção dos artigos foi a partir de 2002 até a edição mais recente (o levantamento foi feito no início de 2022), tomando como marco a publicação do livro *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, de Cida Bento e Iray Carone (2002).

Assim, no total 32 textos brasileiros e 9 textos estadunidenses foram lidos e fichados, e deles foram recortados trechos que faziam referência direta ou indireta aos brancos. O cotejamento entre as produções dos dois países permitiu perceber uma impessoalidade dos pesquisadores brasileiros em relação aos seus trabalhos: apenas dois autores se identificaram racialmente nos textos do Brasil, por mais que a temática racial fosse central em seus argumentos. Enquanto isso, nos EUA todos os textos publicados após 2017 têm uma seção especificamente dedicada à identificação dos marcadores sociais da diferença

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



de seus autores, o que permite um olhar mais concreto acerca das influências da raça na pesquisa. Praticamente onipresente nos textos dos EUA também está a indicação nominal do racismo como instituição. No Brasil, por mais que o racismo seja citado em alguns momentos, ele raramente é conceitualizado, assim como a própria raça. Por fim, o próprio conceito de branquitude só aparece em dois textos brasileiros, enquanto que nos estadunidenses aparece em todos os artigos publicados após 2013.

Em suma, este trabalho permitiu uma imersão na produção acerca do ensino de História no Brasil, mas também permitiu conhecer um pouco mais sobre a pesquisa em ensino de humanidades de um país que tanto influencia culturalmente o mundo à nossa volta. A construção da ideia de raça e as relações que a cercam tem formas muito variadas entre cá e lá, e foi na leitura dessas diferenças que buscamos caminhos para melhor questionar a branquitude em nossas salas de aula. A pesquisa da iniciação científica encontra-se atualmente concluída, com o relatório final entregue, mas o levantamento de periódicos e artigos, e a leitura dos mesmos, abriu espaços para muitas perguntas que certamente seguirão sendo debatidas em trabalhos futuros. Também é esta a intenção da presente comunicação, de voltar a olhar para esses resultados em conjunto com outros pesquisadores da área, refletindo sobre as influências da branquitude em nossas pesquisas e as possibilidades de questioná-la.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, L. C. **O Branco invisível: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Economia Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANKENBERG, R. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, Vron. (Org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária / Centro de Estudos Afro-Brasileiros, 2004.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, M. I. C. **Progressão da aprendizagem do conhecimento histórico nos currículos prescritos de social studies dos Estados Unidos da América (1995-2012)**. Dissertação de Mestrado—São Cristóvão / SE: Universidade Federal de Sergipe, fev. 2015.

SCHUCMAN, L. V. Capítulo I: Branquitude. In: _____. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese de Doutorado em Psicologia. USP, São Paulo, 2012.

TELLES, E. E. **Race in another America: the signicance of skin color in Brazil**. [s.l.] Princeton University Press, 2004.



MULHERES INDÍGENAS NO PASSADO E NO PRESENTE DAS AMÉRICAS E SUAS LUTAS POR DIREITOS

Meri Emeli Alves Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

meriemeli@gmail.com

Este texto apresenta parte do relato sobre o planejamento e a aplicação de aulas sobre mulheres indígenas no passado e no presente das Américas e suas lutas por direitos, realizadas em uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental do Município de Novo Hamburgo, RS. As aulas fazem parte de um projeto de pesquisa em andamento mais abrangente intitulado *A Aula Inacabada: democracia, utopia e ensino de história*. O *Aula Inacabada* é um grupo de pesquisa sob a coordenação da professora doutora Caroline Pacievitch, da Faculdade de Educação da UFRGS, formado basicamente por professores de História egressos do PROFHISTÓRIA (Mestrado Profissional em Ensino de História) e acadêmicos do Curso de Licenciatura em História. A pesquisa consiste em um trabalho coletivo e não hierarquizado entre Universidade e escolas de Educação Básica cujos participantes realizam e analisam experiências didáticas construídas a partir da seguinte problemática: que utopias podem ser criadas por docentes e estudantes em aulas de história da democracia no Brasil? Para explorar esta pergunta os objetivos da pesquisa se delinearam inicialmente em: a) identificar e analisar algumas das tendências na produção de conhecimento em ensino de História ligadas à educação política e à formação democrática e cidadã de jovens da Educação Básica; b) produzir

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



e analisar, coletivamente, aulas sobre história da democracia; c) analisar as relações temporais produzidas por estudantes de Educação Básica a partir das aulas ministradas; d) criar conceitos sobre a aula de história e suas possíveis relações com as utopias políticas de jovens estudantes e de docentes. O referencial teórico-metodológico alinha-se com perspectivas críticas e procura questionar a branquitude, o eurocentrismo e os essencialismos no debate político e na produção do campo do ensino de História.

Durante o ano de 2021, realizamos encontros online para estudos coletivos sobre ensino de história e democracia e histórias da democracia no Brasil, e delineamos o referencial da pesquisa para além do projeto inicial. Neste processo, revisamos os referenciais curriculares das redes de ensino em que trabalhamos e percebemos que a democracia está contida neles, de modo geral, apenas como um valor abstrato e não como parte de um processo histórico com distintas temporalidades e sujeitos. Na nossa busca por uma abordagem contracolonial (SANTOS, 2018) e não-eurocêntrica da história da democracia no Brasil, era imperativo que transpuséssemos a ideia de democracia apenas como valor e buscássemos inventar possibilidades de futuro por perspectivas radicais de democracia que combatam o racismo, o patriarcado e o capitalismo. Dessa forma, precisávamos definir o conceito de democracia e nos dedicamos a isto com base, principalmente nas obras de Chantall Mouffe, Guerreiro Ramos, Nilma Lino Gomes, Lynn Hunt e Wendy Brown (MOUFFE, 2003; RAMOS, 1995; GOMES, 2017; HUNT, 2007 e BROWN, 2015). A partir destas leituras entendemos que precisávamos buscar as histórias silenciadas, especialmente as que tratam de lutas, resistência e conflitos, evitando as narrativas genéricas que ignoram a multiplicidade das trajetórias que combateram/combatem as injustiças, o racismo, o patriarcado e toda a forma de discriminação.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Escolhi os povos indígenas (em especial as mulheres indígenas) e suas lutas históricas para abordar a história da democracia no Brasil, por considerar que a violência da colonização e os silenciamentos das vozes das mulheres indígenas na história têm características específicas que delineiam histórias de re-existência numa estrutura racista e patriarcal. Dessa forma, trazê-las para a aula de História e mostrar suas trajetórias através da análise de fontes primárias e diferentes visões históricas nos pareceu profícuo para instigar a reflexão sobre os diferentes movimentos sociais, suas lutas por direitos e participação política e suas experiências no tempo distintas.

PLANEJAMENTO E APLICAÇÃO

O planejamento inicial abrangia visões históricas críticas sobre o processo de conquista e colonização européia nas Américas (GUERRAS DO BRASIL.DOC, 2019) e desenvolvia dois exemplos de vozes de mulheres indígenas na história da colonização: o caso das guerreiras Icamiabas e da tradutora Malinche (HOLMES, 2005; NAVARRETE, 2007). Além disso, trazia a discussão sobre democracia, a participação dos movimentos sociais distintos na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) e as demandas específicas dos povos indígenas na atualidade, especialmente explorando a atuação das mulheres indígenas ativistas na política nacional. Nas minhas aulas, por questão de tempo, precisei sintetizar os materiais e retirar a parte que tratava das Guerreiras Icamiabas.

O processo de planejar a muitas mãos envolveu constante participação de todos(as) do grupo de professores e bolsistas para os estudos, recortes históricos, seleção de materiais e recursos, elaboração de sequências didáticas e estratégias. Durante o ano de 2022 foram realizadas reuniões no modo

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



presencial e à distância para tomada de decisões sobre todas as etapas mencionadas e para contribuição com recursos e documentos que potencializasse a dinâmica das aulas. Sendo assim, a organização de um material didático que servisse como base se revelou necessário. O Caderno *Aula Inacabada* foi se organizando, assim, como um material orientador - porém, não encerrado em si - para as aulas, contendo textos e documentos históricos, imagens, sugestões de filmes e documentários, diálogo com as mídias digitais e propostas de análise e reflexão.

Apliquei as aulas com a turma 7º ano A (2022), da EMEB Machado de Assis - Novo Hamburgo, RS - que participou integralmente, sendo que apenas os materiais autorizados pelos Termos de Assentimento e Consentimento foram coletados (no formato digitalizado) para análise posterior.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa encontra-se em fase de análise das produções discentes das primeiras aplicações. Acredito que o diálogo com os estudantes, o contato destes com as fontes e a reflexão sobre os processos históricos, personagens históricos, suas lutas por direitos e possibilidades de aperfeiçoamento da democracia produziram proveitosas situações de aprendizagem que, avalio, ampliaram sua percepção sobre o que é a democracia e o processo histórico de lutas dos grupos sociais distintos para a construção de sociedades mais justas, dos direitos como conquistas que precisam ser permanentemente reafirmadas entre retrocessos e avanços e, mais especificamente, do papel das mulheres indígenas nestas lutas históricas.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



BROWN, Wendy. Undoing the demos: Neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUERRAS DO BRASIL.DOC. Direção: Luiz Bolognesi. Produção Laís Bodanzky. Co-Produção: EBC / TV Brasil. Brasil: Buriti Filmes, 2019. Plataforma Netflix. (130 min.)

HOLMES, Bonnie. La visión de la malinche: lo histórico, lo mítico y una nueva interpretación. Gaceta Hispánica de Madrid, 2ª Ed, 2005.

HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Política & Sociedade, [s. l.], n. 3, p. 11–26, 2003.

NAVARRETE, Federico. La Malinche, la Virgen y la montaña: el juego de la identidad en los códices tlaxcaltecas, História, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 288-310, 2007.

RAMOS, Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Somos da terra. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12, p.1–10, 2018.



Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



**AFLORANDO NOVOS MUNDOS POSSÍVEIS:
EXPERIÊNCIAS DA APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA COMO
ARTE DE CRIAR ENCONTROS ALEGRES**

Bibiana Harrote Pereira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
bibiana.h@hotmail.com
Héryka da Luz dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
herikaluz07@gmail.com
Thainá Maria da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
thainamariadasilvaa@gmail.com

Narrativas históricas são recortes e escolhas – políticas, sociais e culturais – de partes minúsculas de uma multiplicidade de eventos. Na linha da história de tradição eurocêntrica, desenvolvimentista e linear, outras tantas histórias acabaram sendo soterradas e invisibilizadas. Também neste fluxo hegemônico, o ensino de História segue majoritariamente a tradição disciplinada que privilegia relatos unos e arbitrários, como forma de nos orientar a pensar sob a lógica de relações produtivistas e mercantilistas. Por baixo dessa raiz que sobressai à terra, uma infinidade de outras raízes perduram e nos permitem contar outras histórias, criar novas perspectivas e possibilitar o firmamento de uma sociedade múltipla. O grupo de estudos *Aprendizagem em História como Arte de Criar Encontros Alegres* surge como espaço de troca sobre experiências de ensino-aprendizagem, discussões teórico-conceituais e laboratório de criação de atividades pedagógicas. Tem por objetivo repensar as possibilidades no ensino de história, tendo como ponto de partida as diretrizes curriculares para educação

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



das relações étnico raciais e a prática de respeito aos seres concretos e abstratos, saberes e formas de estar no mundo.

Como lembra Daniel Munduruku (2020, p. 127), a lógica ocidental de contar uma história não é a única forma possível e as histórias são como a areia que está no fundo tranquilo de um rio e precisam ser revolvidas para revelar o que está oculto nas entrelinhas do que não foi dito. Isto posto, é por meio de escritos de pensadores/as indígenas contemporâneos aliado ao estudo da ética spinozista e ao estudo da construção da branquitude que o projeto abre caminhos para a apreensão de relações que expandem nossas vivências e que produzem alegria, generosidade e respeito à multiplicidade em sala de aula.

A construção do conceito e prática de *Aprendizagem da Alegria*, parte do estudo bibliográfico e conceitual sobre relações, perspectivas, multiplicidade do ser e afeto. Em Spinoza, por exemplo, o ser, que é substância infinita, forma múltiplos modos – maneiras de ser dessa substância infinita –, ou seja, múltiplos existentes. A ética é um jeito de ver os seres existentes no mundo como existências de potencialidades, não à toa, na obra de Spinoza a pergunta que ecoa é: o que pode um corpo? (DELEUZE, 2019, p. 138) Sabemos também que as potencialidades de um corpo podem aumentar e diminuir a partir do “encontro” com outros corpos, os encontros que possibilitam o aumento da potência vital de um ser é, para Spinoza, um encontro alegre e aquele que, ao contrário, diminui sua potencialidade se configura em um encontro triste. Esses encontros são afetações no sentido de tocar ou perturbar, Suely Rolnik explica da seguinte forma:

Quanto ao afeto, este não deve ser confundido com afeição, carinho, ternura, que correspondem ao sentido usual dessa palavra nas línguas latinas. É que não se trata aqui de uma emoção psicológica, mas sim de uma “emoção-vital”, a qual pode ser contemplada nessas línguas pelo sentido do verbo

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



afetar-tocar, perturbar, abalar, atingir; sentido que, no entanto, não se usa em sua forma substantivada. [...] somos constituídos pelos efeitos das forças e suas relações que agitam o fluxo vital de um mundo e que atravessam singularmente todos os corpos que os compõem, fazendo deles um só corpo, em variação contínua, quer se tenha ou não consciência disso. (ROLNIK, 2018, p. 53-54)

No intuito, então, de pensar formas de relação que ativem as potencialidades do ser promovendo felicidade, voltamo-nos para o pensamento indígena contemporâneo e os seus perspectivismos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015) para buscar convívios outros que nos orientam a outros modos de ser possíveis. A partir das sábias palavras de intelectuais, artistas e lideranças indígenas e quilombolas como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Célia Xakriaba, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Mestre Nego Bispo, somos convidados a repensar conceitos, narrativas e temporalidades. Nas palavras de Krenak (1999, p. 28) “Nós não podemos ficar olhando essa história do contato como se fosse um evento português. O encontro com as nossas culturas, ele transcende a cronologia do descobrimento da América, ou das circunavegações, é muito mais antigo”. Logo, no contato com essas epistemologias outras podemos expandir nosso campo de visão sobre o processo colonial, a construção das raças, as assimetrias, violências e mitos que nos formam.

Neste primeiro ano do projeto, junto ao estudo e debate bibliográfico, passamos a produzir atividades e situações pedagógicas para aplicação em turmas do ensino fundamental e médio. Aqui desejamos trazer como relato de experiência duas delas: a primeira realizada por meio da exibição do vídeo “Flecha 1: A serpente e a canoa” que conta diferentes mitos de origem do mundo por meio de cosmologias e traz a figura da serpente como ponto de partida em

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



cada uma dessas narrativas; e a segunda, uma proposta de aula que discutiu a presença indígena na formação do Brasil e que possibilitou uma mirada crítica ao evento em comemoração aos quinhentos anos do “descobrimento”. Com estas experiências evidenciamos a importância de trabalhar temáticas com uma perspectiva decolonial, abrangente e que busca protagonizar as práticas educativas juntamente aos estudantes com a finalidade de construir um ensino mais variado, acolhedor e alegre.

Nos termos da educação emancipatória de Boaventura de Souza Santos (1996), o projeto de pesquisa *Aprendizagem em História como Arte de Criar Encontros Alegres* busca desvelar silenciamentos e fortalecer esse emaranhado de novas possibilidades, para que o ensino de História seja expandido e por meio dele novas relações entre os seres no mundo possam aflorar.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

KRENAK, Ailton. “O eterno retorno do encontro”. In: Novaes, Adauto (org.), **A Outra Margem do Ocidente**, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, ALBERT, Davi, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. Da gênese de Véxoa. In: **Véxoa, Nós sabemos** / curadoria Naine Terena. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2020, pp. 127-142.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz Heron Da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos. (Orgs.) **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Sulina: Porto Alegre, 1996.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



PESQUISADORES INDÍGENAS NA PÓS-GRADUAÇÃO: POSSIBILIDADES ANTIRRACISTAS PARA A EDUCAÇÃO

Aline Maria Backes Sehn
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e bolsista de
Iniciação Científica*
aline.sehn@hotmail.com

Maria Aparecida Bergamaschi
*Professora titular na Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (FACED/UFRGS)*
cida.bergamaschi@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho decorre da pesquisa *Ações Afirmativas no Programa - PPGEDU/UFRGS*. Visa apresentar dados acerca do ingresso e permanência nos processos seletivos de 2017 a 2022 e analisar, com mais detalhes, a presença de pesquisadores indígenas e suas produções. O Sistema de Reservas de Vagas foi instituído pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS pela Resolução 01/2016, que destina 30% das vagas de Mestrado e Doutorado para candidatos(as) autodeclarados(as) negros(as), indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, surdas, pessoas travestis e transexuais. Logo, o objetivo principal desse trabalho é evidenciar a presença de setores sociais historicamente excluídos dos espaços acadêmicos de pesquisa, dando maior ênfase para a presença de pesquisadores indígenas e suas pesquisas, considerando que este é um movimento importante para uma

*Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e
Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023*

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



educação antirracista e para a concretização das lutas históricas por direitos humanos.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa considera dados dos seis processos seletivos, que registra o ingresso de 170 estudantes por meio das vagas reservadas, 55 de doutorado e 115 de mestrado. Destes, 124 negros(as); 11 indígenas; 06 quilombolas; 08 travestis/trans; 19 pessoas com deficiência/surdos(as). O desafio não é só incluir na universidade grupos sociais historicamente excluídos, mas sobretudo transformar estas instituições para que sejam mais plurais. Nesse sentido, a pesquisa também visa enfatizar a presença de pesquisadores indígenas, de modo a questionar o modelo hegemônico da universidade, assim como evidenciar seus conhecimentos, abrindo espaços para uma universidade intercultural.

O que ganha a universidade com os pesquisadores indígenas?

Por muito tempo, os povos indígenas foram objeto de pesquisa; hoje, são os próprios pesquisadores, que buscam cada vez mais a universidade, apesar das dificuldades para acessá-la e nela permanecer. De acordo com as palavras da estudante indígena Nyg Kuita (2021, p. 10):

A universidade precisa compreender que nós, estudantes indígenas, caminhamos o tempo todo em dois mundos. Como pessoa indígena contemporânea, a partir do meu nascimento, eu já sou obrigada a transitar entre esses dois mundos. E isso pra nós é um desafio, é difícil compreender esses dois mundos. A colonização foi tão ferrenha para nós que adormeceu muitas coisas de nós, do nosso próprio mundo.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Ações Afirmativas são fundamentais para o ingresso e a permanência nos espaços acadêmicos. Desde o período de vigência desta ação, o PPGEDU/UFRGS selecionou 11 estudantes indígenas, sendo 8 do Mestrado e 3 do Doutorado; destes, 5 já se diplomaram como Mestres. A previsão é que em 2023/2024, o Programa diplome 2 Doutores e 3 Mestres indígenas²². Apesar de uma presença ainda pequena, é fundamental refletir sobre as contribuições dessas pesquisas para uma educação antirracista.

A presença de pesquisadores indígenas oferece novos horizontes acadêmicos, visto que trazem modos próprios de pesquisar, as “metodologias indígenas”, que afirmam sua oralidade, memória e tradição. Através dos temas de pesquisa, apresentam suas comunidades, seus sistemas educacionais e os processos próprios de aprendizagem. Trazem os conhecimentos de seus povos, ou seja, os saberes dos mais velhos e sábios, permeados por uma autoria coletiva. Além disso, suas identidades, histórias de vida e línguas marcam forte presença em suas pesquisas, com referências da tradição oral e também da escrita. Suas pesquisas também apontam novas possibilidades sobre o próprio ato de aprender, que acontece por meio de diferentes interações, da escuta dos sábios, do silêncio, da vivência coletiva que acontece tanto na universidade quanto nas suas terras de origem, enriquecendo a academia. “A produção em coautoria com os indígenas têm promovido mudanças de pensamento e de ação que extrapolam a própria pesquisa com os indígenas, alcançando os espaços de sala de aula e de pesquisas”. (MENEZES; BERGAMASCHI; SOUZA, 2021, p. 16). Porém, o conhecimento branco e eurocêntrico ainda apaga a diversidade,

²² Anterior às Ações Afirmativas no PPGEDU/UFRGS, 04 estudantes Kaingang realizaram mestrado e um doutorado.



como aponta Leonardo Tupã (2021), ao reconhecer o atraso da universidade em não considerar o conhecimento indígena como aliado.

CONCLUSÃO

Embora os estudantes indígenas já estejam ensinando a universidade sobre sua história e sua cultura, ainda existem muitos desafios, principalmente relacionados com a dificuldade em reconhecer as diferenças e as contribuições indígenas para a excelência acadêmica. Nesse sentido, percebemos a importância das Ações Afirmativas, qualificando os processos de ingresso e permanência. Embora as vagas oferecidas são de no mínimo 30% em cada curso e Linha de Pesquisa, contabilizando 251 vagas reservadas durante os seis processos seletivos, 32% destas vagas não foram ocupadas. Outro ponto importante da pesquisa está em evidenciar os pesquisadores indígenas e as suas pesquisas, dos quais contribuem muito para a abertura de novos horizontes na universidade, através da produção de conhecimentos, por meio de metodologias próprias, de suas culturas e das línguas originárias. A universidade, enquanto território indígena, se torna um espaço de luta e resistência para os estudantes indígenas e contribui para uma educação antirracista, garantindo os direitos humanos desses grupos em específico.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SEHN, Aline Maria Backes. **Relatório Ações Afirmativas PPGEDU/UFRGS 2017 – 2022.** (documento interno do PPGEDU)

KUITA, Nyg. CIMI, Conselho de Missão entre Povos Indígenas. **Universidade: Território Indígena.** Disponível em: <https://comin.org.br/wp->

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



content/uploads/2021/02/Comin-_universidade-territorio-Indigena-CAPA-web-pag-a-pag.pdf

TUPÃ, Leonardo. CIMI, Conselho de Missão entre Povos INDÍGENAS. **Ocupando o território da universidade**. YouTube, 4 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1P1NOLPgZA>

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, Fátima Rosane Silveira. Apresentação. In: MENEZES, Ana Luisa Teixeira de.; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, Fátima Rosane Silveira. **Aprendizagens Interculturais na Educação e na Psicologia**. Porto Alegre: Cirkula, 2021. p. 15-17.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ELIANE POTIGUARA E O LIVRO “METADE CARA, METADE MÁSCARA”: a criação de um material paradidático em Ensino de História

Natália Sanson de Borba Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC CNPq-UFRGS)
nataliasanson25@gmail.com

A OBRA E A ARTISTA

Esta comunicação dedica-se ao tema mulheres indígenas na história a partir da análise do livro de Eliane Potiguara “Metade cara, metade máscara”. Trata-se de uma iniciativa realizada em um projeto de Iniciação Científica que contribui com dois grupos de pesquisa: o Aula Inacabada²³ e o Criação e Autoria. O grupo “Criação e Autoria” visa criar e analisar materiais didáticos para estudantes da Educação Básica sobre mulheres invisibilizadas na historiografia. O presente projeto consiste em criar um material didático com o intuito de evidenciar a voz de uma figura importante da história brasileira, Eliane Potiguara. A pesquisa sobre sua vida e experiências é feita, majoritariamente, a partir do livro escrito por ela em 2004, que consiste em uma coletânea de poemas, relatos e entrevistas que retratam sua trajetória. Para isso utilizarei a versão mais atual do livro “Metade cara, metade máscara” publicado em 2018 pela editora GRUMIN.

A intenção é desenvolver o caderno como se a própria Eliane estivesse contando sua história, através de seus poemas e outras falas que constam em seu livro. Os poemas “Terra Mãe” e “Brasil” foram escolhidos para serem as principais fontes de análise de sua obra por parte dos professores e estudantes,

²³ <https://www.ufrgs.br/aulainacabada/>



contudo não haverá apenas esses dois poemas no caderno. A intenção do material é evidenciar as vozes das mulheres indígenas, dessa forma, a maneira mais adequada seria através de citações e poemas das mesmas. Por esse motivo que os capítulos sempre serão iniciados com um trecho de algum poema ou citação que Eliane Potiguara fez no livro trabalhado ou em alguma entrevista dada por ela. Aqui está um trecho que foi inserido no caderno e que ao mesmo tempo explicita a importância das mulheres na vida da autora:

Durante a minha infância, adolescência e juventude, sempre fui uma leitora dos lábios de vovó que nada me escondeu sobre as lendas, as histórias e sua oralidade me tornava uma conhecedora da cultura de meu povo indígena. Ao lado disso, lia livros, incentivada pela minha família e pela escola onde estudava. Elas, avós, mães, tias e primas todas analfabetas me incentivavam ao estudo para que eu me tornasse uma professora, o sonho delas. (POTIGUARA, 2004, p.118-119).

Durante a produção desse caderno, iremos apreciar as obras de outros artistas indígenas como Arissana Pataxó e Denilson Baniwa através da apreciação e da análise de suas obras. O caderno sobre Eliane Potiguara e seu livro “Metade cara, metade máscara” ainda está em andamento, consequentemente não há conclusões de pesquisa.

TEMAS E ORGANIZAÇÃO DO CADERNO

Os poemas do livro “Metade cara, metade máscara” servirá como fonte histórica para analisar as experiências vivenciadas pela autora e também pelo povo Potiguara. A possibilidade de conceituar fontes históricas também será trabalhado de forma sucinta ao longo do caderno, com base na obra de Hayden White “Trópicos do Discurso - Ensaios sobre a Crítica da Cultura” (2001).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Também serão feitas reflexões acerca dos conceitos de ancestralidade e espiritualidade, evidenciados ao longo das falas de Eliane. Um trecho do livro que fala sobre a relação da autora com a sua ancestralidade:

O povo indígena sobrevive há séculos de opressão porque tem como maior referencial, a tocha da ancestralidade, do perceber intuitivo, da leitura e da percepção dos sonhos, o exercício da dança como expressão máxima da espiritualidade e da valorização da cultura, das tradições, da cosmovisão personificada na figura dos mais velhos e das mais velhas, os idosos planetários. (POTIGUARA, 2018, p.97)

O caderno será constituído de três capítulos, no primeiro haverá uma breve apresentação de Eliane Potiguara, em seguida será apresentada uma linha do tempo sobre sua trajetória política e acadêmica e também haverá uma breve explicação sobre o povo Potiguara (uma das variações de nomenclatura dos povos de etnia Potiguara). O segundo capítulo será feito pela professora Natália Pietra Méndez e será um ponto em comum com outros cadernos sobre mulheres negras e indígenas do grupo “Criação e Autoria”. O terceiro capítulo terá uma análise de dois poemas de Eliane Potiguara, seguido por uma série de perguntas que serão indicadas para os professores, deixando a escolha do docente realizar ou não aqueles questionamentos com suas turmas. Ademais, durante esse capítulo também será debatido o conceito de história e ficção a partir da análise dos poemas e de conceitos historiográficos que serão apresentados, com base no artigo de Hayden White já citado (2001).

Também neste capítulo haverá uma contextualização da vida de Eliane Potiguara com a Constituinte de 1988, as migrações internas do Brasil no século XX e algumas das assembleias realizadas pela ONU. Nessa última parte, o objetivo é relacionar a trajetória de Eliane Potiguara com conteúdos da BNCC. O tema da democracia será discutido, visto que um dos conteúdos trabalhados

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



serão os direitos indígenas e a Constituinte de 1988, assuntos que se interligam com o projeto “Aula Inacabada” que visa discutir sobre a história da democracia no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os questionamentos e reflexões sobre os poemas selecionados já foram feitos, o próximo objetivo será organizar e selecionar as informações sobre os conteúdos que serão trabalhados com base na BNCC. Como resultado final, espera-se apresentar um material didático que possa ser utilizado em sala de aula e que apresente uma perspectiva feminina e indígena sobre a história da democracia no Brasil e os conteúdos escolhidos da BNCC.

REFERÊNCIAS

CAPIBERIBE, Artionka, DIAS, Camila L. **Os índios na constituição**. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Grumin, 2018 (3º edição).

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso : Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2 ed, p.40 - 63, 2001.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A EXPOSIÇÃO MEMÓRIA E RESISTÊNCIA E O ENSINO DA TEMÁTICA INDÍGENA

Roberta Madeira de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
roberta91melo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta uma breve reflexão teórica sobre a potencialidade dos museus para o ensino da temática indígena a partir da exposição permanente intitulada Memória e Resistência, elaborada, em 2019, no Museu Júlio de Castilhos²⁴.

DESENVOLVIMENTO

Na nova definição de museu²⁵, recentemente aprovada pelo Conselho Internacional de Museus, pode-se evidenciar que este espaço polissêmico, além de selecionar, guardar, estudar e apresentar diferentes materialidades e imaterialidades de forma acessível a uma diversidade de público, se propõe como um *locus* que, junto às comunidades, compartilha experiências de educação. Ainda que o significado de museu seja alvo de constantes debates e

²⁴ Fundado em 1903, o Museu Júlio de Castilhos possui um vasto acervo etnológico, com 2202 peças coletadas, ao longo de sua história. A maioria dos objetos pertenciam aos povos originários do sul do Brasil, mas também há materialidades de povos habitantes de outros territórios brasileiros e latino-americanos. O acervo etnológico se constituiu por meio de expedições científicas, doações, compras de colecionadores particulares e em troca com outras instituições (MELO, 2019).

²⁵ Importante ressaltar que esta definição está em constante transformação.



mudanças, “os museus surgiram e se perpetuam no tempo com forte caráter educativo” (POSSAMAI, 2015, p. 23), pois, assim como a escola, o ambiente familiar, entre outros espaços, os museus educam, são produtores de representações “sobre o mundo e as coisas, propondo [...] versões da História” (POSSAMAI, 2015, p. 24), logo, apresentam-se aos educadores como lugares pertinentes para a prática docente.

De acordo com o *Guia dos Museus Brasileiros* (2011), das 854 instituições museais existentes no Rio Grande do Sul, aproximadamente 55 museus salvaguardam objetos indígenas. Quantas potencialidades para a educação estão nestes locais? Conforme Edson Kayapó e Tamires Brito (2014), com a Lei 11.645/2008²⁶ estimula-se novas perspectivas acerca do ensino da História e da cultura dos povos originários, “possibilitando o rompimento com o silêncio e com a memória produzida pelos grupos hegemônicos [...] rejeitando o reducionismo de suas memórias e histórias” (KAYAPÓ; BRITO 2014, p. 40). Estas coleções distribuídas em diferentes museus no estado, constituem-se como “importantes documentos para a história e a memória dos povos indígenas” (GOMES, 2017, p. 133), assim, seus acervos e exposições transformam-se em relevantes ferramentas didáticas para o ensino da temática indígena.

É o caso da exposição Memória e Resistência. Esta mostra foi pensada a partir da necessidade do Museu Júlio de Castilhos em reformular a Sala Indígena, pois neste espaço os povos indígenas eram representados no passado e as histórias das nações originárias estavam apenas sob a perspectiva do colonizador e da aproximação do museu com algumas lideranças indígenas do estado, tais como o Cacique Jaime Vheré Guyrá, da terra indígena Tekoa Jatari

²⁶ “A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio” (BRASIL, 2008).



ty, localizada na cidade de Viamão (RS), a kujá Iracema Gãh Té Nascimento e o Cacique João Padilha, ambos da Comunidade Kaingang do Morro Santana, localizada em Porto Alegre (RS). Através de encontros com estas lideranças e em parceria com estudantes do curso de Museologia da UFRGS e da equipe do museu, a montagem de uma mostra foi projetada com o objetivo de propor uma crítica ao modo colonialista de expor objetos indígenas e promover o protagonismo indígena na instituição. O nome da exposição foi sugerido pela kujá Iracema Gãj Té Nascimento (COMUNICAÇÃO, 2020) e reflete a importância histórica da resistência dos povos indígenas diante da invasão do colonizador a seus territórios, desde o início da colonização até o presente momento.

Desde sua inauguração, em 16 de agosto de 2019, a exposição já foi reformulada quatro vezes, mantendo a sua essência a qual consiste em interligar as peças sobre as missões guarani-jesuíticas, que anteriormente, eram apresentadas de forma desconectada com a Sala Indígena, com outros objetos do acervo etnológico do museu e, ainda, propiciar a exibição de outras materialidades a partir de parcerias com lideranças indígenas, instituições ou associações articuladas às causas dos povos originários. Atualmente, a mostra está em seu quarto ciclo e conta com cestarias, igaçabas e cerâmicas Mbyá-guarani, entre outros materiais que estão presentes desde a inauguração, e com peças artísticas produzidas pelo Ponto de Cultura Kaingang²⁷, que foram introduzidas na exposição em dezembro de 2022, por meio da curadoria de Suzana Kaingang, Andila Kaingang e Vera Kaingang, todas gestoras do Ponto de Cultura do Instituto Kaingang.

²⁷ O Ponto de Cultura vinculado à Organização Indígena Instituto Kaingang foi criado em 2005, com o intuito de promover ações que visam valorizar a cultura Kaingang. Para mais informações acesse: <https://institutokaingang.org.br/apresentacao-cultural-kaingang/>.



CONCLUSÕES

Conforme Alexandre Oliveira Gomes (2017) “um dos principais desafios atuais para os professores que desejam tratar adequadamente da temática indígena em sala de aula, talvez, seja mesmo desconstruir estereótipos fundados em visões preconcebidas sobre os povos indígenas” (p. 154). Nesse sentido, visitar a exposição Memória e Resistência possibilita colocar o protagonismo indígena na História, pois a concepção da mostra evidencia a resistência dos povos originários e, principalmente, a sua presença no presente, como povos que não ficaram no passado colonial e que trazem perspectivas e saberes relevantes que colocam sob tensão os emaranhados de nossa História, os problemas de nosso tempo, a produção de nossos imaginários sobre o mundo e tudo que o compõem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

COMUNICAÇÃO, Museu da. *Live – Educação para o Patrimônio: Possibilidades para a construção de narrativas abrangentes, memórias e identidades*. 2020. (1h47m52s). Acessado em 10 de fevereiro de 2023. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jBEXBvBAeKQ&feature=youtu.be&fbclid=IwAR09wOyyW4Nmb1oOOeMPoIfFQ8ptFX0TICYMzPmlaajlDEcm016DvCj3JfU>.

GOMES, Alexandre de Oliveira. Memória e patrimônio cultural dos povos indígenas: uma introdução ao estudo da temática indígena. In: ANDRADE, Juliana Alves de; SILVA, Tarcísio Augusto da (org.). **O ensino da temática**

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



indígena: subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidades indígenas. Recife: Edições Rascunhos, 2017. Acessado em 16 de fevereiro de 2023. Online Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2019/08/O-ensino-da-tem%C3%A1tica-ind%C3%ADgena.pdf>.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. **Guia dos museus brasileiros.** Brasília, 2011.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Caicó**, v. 15, n.35, p. 3863, jul/dez, 2014.

MELO, Roberta Madeira de. **Objetos de coleção, pesquisa e educação: representações sobre os povos indígenas no Museu Júlio de Castilhos (1901-1958).** Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Acessado em 10 de fevereiro de 2023, 192f. Online. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/202055>.

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS. *Memória e Resistência.* [2019]. 1 Painel.

POSSAMAI, Zita Rosane. Olhares Cruzados: Interfaces entre História, Educação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n.6, p.17-32, 2015b. Acessado em 23 de fevereiro de 2023. Online. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16692>.



ENSINO DE HISTÓRIA E ÉTICA: A ESCUTA DE SI E DOS OUTROS DO MUNDO

Amanda Gisele Rodrigues
Mestra em Ensino de História (UFRGS) e professora (SEDUCRS)
amandagiseler@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca pensar na aula de História como um espaço onde os estudantes podem ser provocados eticamente através de experiências em sala de aula fomentadas pela imaginação. Nessa hipótese esse tipo de experiência em sala de aula provoca um movimento ético por parte dos estudantes que consideramos ser fundamental na aula de História (PEREIRA, 2021). Assim o sendo entendemos a possibilidade de experiência (LARROSA, 2022) em sala de aula como uma vivência capaz não somente de criar uma abertura por parte dos estudantes no que tange sua capacidade de escuta, mas como também de provocá-los eticamente. Além disso, nesse trabalho compreende-se que experiências inúteis (ORDINE, 2016) são fundamentais quando pensamos em Ensino de História, mais ainda nos tempos da utilidade como princípio absoluto onde a possibilidade de experiência está empobrecida (BENJAMIN, 2012) e que observamos ascensões fascistas pelo mundo (BROWN, 2019).

Ao longo da pesquisa realizada na construção da dissertação no mestrado em Ensino de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pesquisamos sobre a imaginação no Ensino de História e se o estímulo dessa faculdade poderia provocar movimentações éticas por parte dos estudantes.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



Seguindo nessa direção, buscando pensar sobre o tema articulando com as vivências em sala de aula assim como com as produções do Grupo de Pesquisa Aprendizagem em História como Arte de Criar Encontros Alegres, a proposta é seguir pensando sobre movimentações éticas e o potencial de vivenciar experiências nas aulas de História.

Considerando o exposto, buscou-se fazer uma reflexão teórica que teve como base um estudo bibliográfico, assim como também o movimento de transformar as vivências em sala de aula em experiências²⁸ que pudessem contribuir para se pensar sobre o tema em questão.

DESENVOLVIMENTO

Em tempos de ascensões fascistas, pensar sobre movimentações éticas nas aulas de História nos parece fundamental. Ainda que não fosse assim, entendemos que a dimensão ética e estética (DUARTE, 1988) são dimensões importantes ao se pensar em educação, assim como as dimensões política e cognitiva. Acrescenta-se que outra dimensão que se entrelaça com as já citadas ao pensarmos no ensinar é a corporal (MONTESSORI, 1965). Na nossa formação cartesiana muitas vezes acabasse por entender o ser humano de maneira fragmentada, onde a dimensão corporal poucas vezes figura quando pensamos em educação (MUNDURUKU, 2019). Entretanto, compreendemos que ela também é importante nos processos de aprendizagem.

²⁸ A experiência aqui é entendida como a vivência que conseguimos narrar (BENJAMIN, 2012).



Assim o sendo realizamos pesquisas bibliográficas²⁹ onde procuramos trabalhos que buscavam pensar em provocações éticas através de situações pedagógicas em sala de aula que fomentavam a faculdade de imaginar, assim como também se ocupavam em pensar em movimentos éticos na aula de História. Bem como, de maneira concomitante, construímos situações didáticas e as conduzimos em aulas, criando um diário de campo que com as produções dos estudantes nos serviu de material de análise.

Ao analisarmos o diário de campo e as produções dos estudantes após a condução da situação didática³⁰ proposta – cuja intenção era criar um espaço de encontro dos estudantes com as trovadoras do medievo, mobilizando as cantigas das trovadoras medievais, assim como iluminuras da Idade Média, buscando provocar a imaginação bem como também um movimento ético por parte dos estudantes – concluímos que os estudantes inicialmente se encontraram com eles mesmos. Ou seja, ao ouvirem as cantigas das trovadoras medievais acabaram por se encontrar com suas histórias, suas dores, seus afetos. Convidados a escutar os outros do mundo, acabaram por escutar a si mesmos. Ainda também observamos grande abertura e envolvimento por parte dos estudantes tanto na realização das propostas didáticas conduzidas, assim como para conhecer as trovadoras medievais e pensar de forma coletiva sobre as relações que esses homens e mulheres medievais foram capazes de construir.

²⁹ As plataformas pesquisadas foram: Google Acadêmico, Periódicos Capes, Plataforma SciELO, Oikos, Sucupira, Lume, Repositório UFOP, Repositório Digital Institucional da UFPR e Repositório UFPE. As buscas foram realizadas entre os dias 20/04/2021 e 20/02/2023.

³⁰ O trabalho completo com a descrição da situação didática proposta, assim como os materiais produzidas para a mesma, pode ser acessado em:
<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/251743>



CONCLUSÕES

Compreendemos que a vivência de experiências através do estímulo da imaginação, assim como também de espaços de escuta de si mesmo e também dos outros do mundo nas aulas de História, podem ser caminhos viáveis e potentes na provocação do movimento que intentamos criar, qual seja, o de uma construção ética por parte dos estudantes.

Assim sendo, a aula de História pode ser um espaço de encontro dos estudantes consigo mesmos e com os outros do mundo (PEREIRA; GIACOMONI, 2013). Outros e outras que experienciaram, experienciam a vida de formas variadas, similares e distintas das suas. Ainda observamos que a experiência estética, assim como o uso de jogos, dentro da aula de História, cria um espaço para o inútil, ou seja, para algo que não necessariamente serve de maneira imediata, que não serve de instrumento, mas que pode proporcionar uma experiência transformadora.

Dessa forma, compreendemos que a imaginação, ao ser estimulada pelas experiências estéticas, ou ainda por experiências com jogos e provocações imagéticas, propicia que nossa sala de aula possa ser um espaço de fomento dessas práticas inúteis, nas quais os estudantes possam construir aprendizagens que costumam promover um movimento de construção ética, e conseqüentemente, uma alteração nas formas que compreendem, experienciam e criam mundos.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **O anjo da história**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 85-90.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

DUARTE JR., J.F. **Fundamentos estéticos da educação**. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

GIACOMONI, M.P; PEREIRA, N.M (Org.) **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MONTESSORI, M. **Pedagogia Científica**. Trad.Aury Brunetti. São Paulo:Flamboyant,1965.

MUNDURUKU, D. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. **Múltiplas Leituras**, São Paulo, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009.

PEREIRA, N. O tempo multiplicado: Não há ética no ensino de história sem a problematização do tempo. **Palavras ABEHrtas**, [S. l.], n. 3, 2021.

ORDINE, N.A **Utilidade do inútil: um manifesto**. São Paulo: Zahar.2016.



A PRÉ-HISTÓRIA E O TRABALHO ENQUANTO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Raul Kich Abreu
Bolsista de mestrado do CNPq, no PPG em Educação (UFRGS)
rkichabreu@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura um relato de experiência acerca do ensino de História adaptado a circunstâncias diversas. O referido relato tem como contexto uma aula de História em 2019 no Programa Compartilhar, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA)³¹. Tendo como referência teórica o ato educativo a partir da categoria da *dialogicidade* de Paulo Freire (1983).

Outro elemento central do referido relato diz respeito a categoria trabalho, tomada em seu sentido ontológico fundamental (SAVIANI, 2007). Portanto, compreende-se trabalho: como um elemento central para compreender o desenvolvimento das sociedades humanas; e como fenômeno a ser estudado e compreendido em cada contexto histórico.

A referida aula de História teve como conteúdo a Pré-História, com especial foco na Arqueologia. No intuito de construir “socialmente e de forma ativa o passado no presente” (COPE; ROSA, 2008, p.1), buscando apreender, com

³¹Iniciado em 1989, durante a gestão do então Prefeito Olívio Dutra, o intuito do Programa Compartilhar é fornecer formação escolar básica para os servidores da PMPA, durante sua jornada laboral, como forma de facilitar o acesso e permanência dos educandos.



base na cultura material, as possibilidades de formas de vida de nossos antepassados: organização social, costumes, alimentação, religiosidade, etc.

Ao tratar da temática dos povos pretéritos (COPE; ROSA, 2008), com base na Arqueologia, buscou-se realizar uma reflexão acerca da cultura material produzida no passado e no presente. Tendo como foco compreender: como o que é produzido materialmente pelos seres humanos auxilia na (re)construção de nossos modos de vida em sociedade?

DESENVOLVIMENTO

Com base nas premissas: do trabalho enquanto fundamento ontológico (SAVIANI, 2007); e do princípio da *dialogicidade* na tarefa educativa, partindo de fenômenos e conceitos que pertençam a realidade imediata dos educandos - sua situacionalidade (FREIRE, 2013). O plano de aula foi estruturado para dar conta de aspectos pertinentes ao conteúdo disciplinar da Pré-História e de propor uma reflexão acerca da produção de conhecimentos sobre o passado no presente (COPE; ROSA, 2008).

Para isso, utilizou-se do material pedagógico disponibilizado pelo Museu Universitário da UFRGS, intitulado “Caixa Pedagógica: 12.000 anos de História”, feito com base em uma exposição realizada no Museu, sob curadoria da professora Silvia Copé. Tal recurso pedagógico contava com materiais físicos de apoio ao professor (textos e vídeos) e com materiais pedagógicos (réplicas de artefatos líticos, cartões interativos, entre outros) para serem utilizados em aula.

Na sequência se irá detalhar as etapas de realização da respectiva aula, acompanhada de breves reflexões teóricas sobre determinados aspectos abordados.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



1. Da centralidade do trabalho:

A temática da centralidade do trabalho toma força na medida em que um dos objetivos da aula era o de refletir acerca da produção da cultura material de sociedades pregressas. Dessa forma, a partir desse conceito da Arqueologia, buscou-se propor a reflexão sobre como o que é produzido materialmente pelas sociedades nos auxiliam na (re)construção de diversos aspectos de seu modo de vida: costumes, hábitos alimentares, ritos, organização social, etc.

2. Da situacionalidade dos educandos.

No Programa Compartilhar a maior parte dos educandos está situado em atividades ligadas a serviços como: limpeza urbana, fornecimento de água e habitação. Logo, o intuito da proposta se deu em uma reflexão acerca da centralidade do trabalho (ANTUNES, 2006) desses sujeitos na estrutura social, aliada a abstração de: como, em um futuro hipotético, essas atividades auxiliariam na compreensão de nossa própria sociedade?

1. Etapas de desenvolvimento da aula.

Inicialmente se planejou e refletiu, com base nas premissas fundamentais, em como abordar a temática da Pré-História com as turmas das Totalidades 4, 5 e 6 (anos finais do ensino fundamental). Para isso, se utilizou o material de apoio disponibilizado na Caixa Pedagógica, bem como a referida bibliografia de Copé e Rosa (2008).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



No que diz respeito à execução da aula utilizou-se os cartões interativos disponibilizados na Caixa, para abordar a temática das teorias de dispersão do *Homo Sapiens*. Para ilustrar tais teorias foram apresentados as réplicas de artefatos líticos, também disponibilizados na Caixa, bem como, imagens de diversos achados arqueológicos que dão conta de fundamentar tais teorias de dispersão.

Após esse primeiro momento expositivo-dialogado se propôs uma atividade de sistematização de tais temáticas abordadas e por fim, uma atividade de reflexão acerca de que aspectos podemos apreender de nossa sociedade a partir de elementos que fazem parte da ocupação laboral de cada sujeito.

CONCLUSÕES

Tendo como base as categorias do pensamento dialético (NETTO, 2011), adotou-se uma postura de a partir da situacionalidade dos educandos (fenômeno), realizar um exercício de abstração acerca do passado e do presente, para então retornar ao fenômeno, porém dessa vez, inserido em seus múltiplos condicionamentos - no concreto pensado.

Ainda, compreende-se que determinados aspectos da realidade necessitam de exercícios intelectuais que vão além daquilo que se apreende na realidade imediata - ou seja, no empírico. No entanto, na respectiva atividade foi possível vislumbrar que, sempre que possível, aproximar a abstração de conceitos e categorias que façam parte do universo dos educandos, auxilia no processo de apreensão dos fenômenos e de seus múltiplos condicionamentos - ou seja, da realidade concreta na qual estamos inseridos.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: UNICAMP, 2006.

COPE, S; ROSA, C. A arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. *In: Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, v. 12, n.32, jan-abr. p.152-180, 2007.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



HISTÓRIA PÚBLICA E CIDADANIA CULTURAL: O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

Tatyana de Amaral Maia
Professora colaboradora do CITCEM/Universidade do Porto/ Bolsista
Produtividade CNPQ

INTRODUÇÃO

A criação do Programa Cultura Viva, durante a gestão de Gilberto Gil à frente do Ministério da Cultura, teve como objetivo requalificar, ainda que parcialmente, as relações entre o Estado e a cultura no Brasil. O Programa Cultura Viva pretende possibilitar a construção da tríade empoderamento, protagonismo e autonomia, atendendo especialmente os agentes culturais que não produzem bens considerados lucrativos para o mercado e nem estão concentrados no eixo Rio-São Paulo (RUBIM, 2008).

O estado do Rio Grande do Sul foi o primeiro ente federativo a institucionalizar o Programa Cultura Viva. Em 2005, ocorre a criação da Rede RS de Pontos de Cultura e do Prêmio Cultura Viva, com o lançamento do coletivo Teia RS – uma proposta de articulação entre os Pontos de Cultura do estado do RS – formando um coletivo de apoio e também um espaço de construção da memória do programa construída por seus próprios participantes.

O objetivo desta comunicação é refletir sobre as relações possíveis entre História Pública e ensino de História em espaços não-formais, considerando a importância do ensino na construção/acesso à cidadania, incluindo a cidadania cultural. Esta comunicação está inserida dentro de um projeto de pesquisa mais amplo financiado pelo Pró-Humanidades CNPQ, 2023-2025: “Políticas culturais

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



e Cidadania cultural: o Programa Cultura Viva no Rio Grande do Sul (2005-2022)”

DESENVOLVIMENTO

No Rio Grande do Sul, atualmente, encontramos mais de 200 Pontos de Cultura espalhados pelo estado e organizados em Rede. A Rede inclui diferentes abordagens artísticas como música, artes cênicas, cinema e a produção audiovisual, circo, literatura, capoeira, folguedos e outros tipos de linguagem. Além disso, são ações culturais que se relacionam com as culturas populares e grupos vulneráveis, abrangendo os povos quilombolas, os povos indígenas e a juventude periférica. Tais pontos incentivam a economia solidária, a produção cultural urbana e a cultura digital.

No campo do ensino de História, o Patrimônio Cultural aparece como uma temática transversal. A possibilidade de aproximação dos pontos de cultura com a escola favorece a compreensão da cultura contra hegemônica na consolidação das identidades e das trajetórias das comunidades envolvidas. O trabalho em espaços não-formais de ensino é uma possibilidade de construção do conhecimento pelos próprios alunos, suscitando questionamentos, reconhecimentos e formando redes de afeto e afetação nas relações entre escola e comunidade. Como propõe a psicóloga Guarani Geni Nunez, doutora em Ciências Humanas, é preciso descolonizar nossas relações, produzindo uma arte dos afetos que substitua a ideia de convencer pela ideia de afetar e se afetado pelo Outro através do convívio e do diálogo. Neste sentido, o ensino de História através da valorização da produção cultural local e de seus

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



protagonistas poderá contribuir na compreensão das memórias locais que constroem identidades e atuar de forma contra hegemônica à massificação cultural que restringe a cultura à mercadoria, portanto.

A História Pública, entendida como movimento, irá reorientar a relação com os seus públicos, se relacionar diretamente com as questões de memória e preferencialmente se dedicará ao Tempo Presente e às demandas sociais, propondo um fazer histórico para o público, com o público, pelo público e História e público. Os historiadores dedicados à História Pública no Brasil se propõem a uma intervenção crítica, qualificada e engajada nas demandas do Tempo Presente. (SANTHIAGO, 2016). E no caso brasileiro, a História Pública emergiu fortemente vinculada ao Tempo Presente e à História Oral. O uso da História Oral estabeleceu um diálogo profícuo entre saberes acadêmico e não acadêmicos reformulando a relação entre os saberes e a construção do conhecimento, hoje, com possibilidade de ser mais dialógico e mediado, ainda que seja de responsabilidade do historiador a sistematização e a crítica (GOMES, 2020).

CONCLUSÃO

A realização de entrevistas por alunos da educação básica com os agentes produtores de cultura local organizados através da Rede de Pontos de Cultura favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem histórica que reconheça os múltiplos atores e protagonistas na trajetória das comunidades, valorizando o local e suas experiências como parte das vivências coletivas, num processo dialógico entre escola e comunidade. O engajamento político em defesa das culturas e de seus protagonistas como ferramenta contra hegemônica de valorização do patrimônio cultural propicia o desenvolvimento da cidadania cultural. A História Pública ao mobilizar a História Oral estimula o

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



reconhecimento pelos alunos das memórias e identidades locais, seus processos de construção e apropriação ao longo do tempo, assim como fornece uma artesanaria dos afetos fundamental fazendo frente à mercantilização da vida.

REFERÊNCIAS:

GOMES, Angela. História Oral, historiadores e temas sensíveis: Um giro no parafuso. GOMES, Angela. **História Oral e Historiografia**. Questões Sensíveis. SP: Letra e Voz, 2020, p. 181-200

NUNEZ, Geni. **Artesania dos afetos**. https://www.youtube.com/watch?v=Sn_W7CGrSrl&t=1013s acesso em: 10.12.2022

RUBIM, Antonio A. C.. **Políticas Culturais do Governo Lula / Gil** : Desafios e Enfrentamentos. INTERCOM (São Paulo), v. 31, p. 183-203, 2008.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre história pública no Brasil. História pública: sentidos e itinerários. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Ricardo Santhiago. **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.



DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Rafaela May Amaral
Universidade Federal de Pelotas – rafaelamay@gmail.com

Vitória Henzel
Universidade Federal de Pelotas – vitoriaferreirahist@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre as questões que envolvem a Educação Inclusiva na rede pública de ensino da cidade de Pelotas, mais especificamente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Fernando Osório. A reflexão aqui proposta se dá a partir de um relato de experiência obtido através das atividades de ambientação desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas.

O projeto tem como objetivo o aperfeiçoamento da formação dos discentes dos cursos de Licenciatura, promovendo a estes alunos a relação entre a teoria e a prática pedagógica e sua inserção no contexto escolar. Dessa forma, ao observar e analisar o cotidiano da escola-campo, é possível identificar problemáticas e desafios enfrentados pelos profissionais relacionadas às questões que envolvem a educação inclusiva. Sendo assim, o presente trabalho visa refletir sobre um dos aspectos observados: os impasses e demandas

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



apresentados pelos professores, direção, coordenação e demais profissionais da instituição em questão, no que se refere a inclusão de alunos com deficiência.

De acordo com a Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais (1994), o direito de acesso à escola regular e a adequação do processo de aprendizagem para as especificidades dos alunos com deficiência é um compromisso do Estado.

Neste sentido, de acordo com Poker (2007, p. 174): “[...] as respostas educativas da escola que devem ser organizadas para suprir as necessidades de cada aluno para que ele venha a aprender”. Com base nestes princípios é que os sistemas educativos e as instituições de formação profissional devem estar voltadas para medidas de intervenção, adaptação e capacitação dos profissionais e da comunidade escolar, a fim de atingir os objetivos propostos para que a educação seja um direito de todos.

Tendo em vista as dificuldades apresentadas pela equipe profissional das instituições e levando em consideração o grande número de estudantes com deficiências e/ou dificuldades de aprendizagem, questões como a capacitação do corpo docente e a formação continuada devem ser centrais para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

Segundo o Projeto Político Pedagógico da instituição a preocupação com a inclusão educacional de alunos com deficiência e a busca por práticas que valorizem e respeitem suas especificidades e autonomia permeiam as práticas pedagógicas realizadas na escola-campo. Tal preocupação é pertinente e abrange questões como: formação e capacitação do corpo docente, e infra-

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



estrutura do espaço. Ademais, o espaço escolar deve ser pensado tendo como objetivo a adequação do ambiente para as necessidades individuais de cada aluno, devendo-se conhecer suas especificidades e pensar estratégias que possibilitem a integração do estudante no cotidiano escolar.

Desse modo, buscando aproximar-se das questões referentes ao cotidiano da instituição, durante o período de ambientação na escola-campo, foram aplicados dois modelos de questionários: um voltado aos alunos buscando compreender o perfil de estudantes que a escola atende e outro voltado aos professores da escola, que buscava identificar e compreender suas motivações, frustrações, práticas e dificuldades dentro e fora da sala de aula.

Com um quorum de 8 (oito) respostas de professores e professoras de diferentes áreas do conhecimento foi possível perceber que os docentes identificam a Educação Inclusiva como um desafio. É unânime o sentimento de insegurança e despreparo para atuar com estes estudantes e lidar com os desafios que advém durante o processo de inclusão dos mesmos, ainda que diversos profissionais afirmem possuir algum tipo de formação especializada em educação inclusiva.

Para além disso, há também a demanda por parte destes profissionais por investimentos, não só em mais formações continuadas voltadas ao aspecto da Educação Inclusiva, como também investimentos na infra-estrutura da escola no sentido de tornar viável as adaptações necessárias para lidar com as necessidades individuais dos estudantes com deficiência.

CONCLUSÕES

Tendo como base os resultados obtidos no período de observação e ambientação na instituição foi possível identificar os desafios enfrentados pelos profissionais da educação, sobretudo em relação ao processo de ensino-

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



aprendizagem dos alunos com deficiência. As questões centrais referem-se a necessidade de capacitação e formação continuada, bem como a insegurança dos docentes ao lidar com estes estudantes. Tal problemática está igualmente relacionada à formação inicial destes profissionais, uma vez que estes não tiveram contato com a educação inclusiva durante suas graduações, disciplina recentemente incluída como obrigatória na grade curricular do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas, por exemplo.

Com isso, faz-se necessário pensar que outros motivos levam os profissionais da educação a sentirem-se inseguros e despreparados, mesmo que possuam formação voltada à educação inclusiva obtida, por vezes, por um interesse próprio, outrora por necessidade. Para além disso, é preciso pensar maneiras de realizar uma integração entre universidades e comunidades escolares a fim de proporcionar experiências diversas e contato com discussões e práticas educacionais, entre profissionais e pesquisadores da área de Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

DE LIMA, Francisca Cícera; DA FONSECA JERÔNIMO, Rita Carolina Gondim; GOUVEIA, Luciana de Freitas Patriota. Educação inclusiva: os desafios da formação e as dificuldades na atuação docente. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 79580-79591, 2020.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

POKER, Rosimar Bortolini. Dificuldades de aprendizagem e educação inclusiva. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, v. 2, n. 9, 2007.

SANT'ANA, Izabella Mendes. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em estudo**, v. 10, p. 227-234, 2005.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



SANTIN, Solane Cristina Felicetti; JUNG, Hildegard Susana. Estudantes com síndrome de Down:(in) formação como estratégia de inclusão. **Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 6, e021005, p. 1-17, 2021.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE

Krisley Hepp Decker
Universidade Federal de Pelotas – krisleydecker@gmail.com

Gabriela Muller
Universidade Federal de Pelotas – gabrielamullr@outlook.com

INTRODUÇÃO

O objetivo desta comunicação é analisar as práticas de Educação Inclusiva propostas e vivenciadas em uma instituição de ensino de Educação Básica. Trata-se do Colégio Municipal Pelotense, no qual atuamos através do Programa de Residência Pedagógica, assim, partindo da análise das observações feitas na escola durante o período de ambientação, da entrevista realizada com a equipe diretiva e do Projeto Político Pedagógico (PPP), datado de 2010, e da análise da estrutura do colégio, chegamos ao seguinte questionamento: o que torna o Colégio Municipal Pelotense uma escola inclusiva?

O Colégio Pelotense é a maior instituição de ensino público do município de Pelotas e carrega o título de ser a maior escola pública municipal da América Latina, atendendo atualmente mais de três mil alunos. Foi fundada em 24 de outubro de 1902 e ao longo dos seus 121 anos a instituição passou por diversas transformações tanto estruturais quanto administrativas.

Segundo a equipe diretiva, o Colégio Pelotense se propõe a ser uma escola que busca integrar todos os alunos, assim como "ter claro a realidade da sala de aula, percebendo a heterogeneidade, a diversidade, tornando a inclusão uma consequência dessas diferenças" (Projeto Político Pedagógico, p. 21). De

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



fato, a escola conta com uma grande diversidade de alunos, de etnias e classes sociais diferentes, assim como estudantes com diferentes deficiências.

Para que se possa incluir é preciso compreender a cultura escolar, pois incluir vai além de possibilitar que um aluno com necessidades específicas seja integrado à sala de aula, um ambiente heterogêneo.

DESENVOLVIMENTO

Ao analisarmos o material coletado durante o período de ambientação na escola-campo, foi possível perceber que a escola enfrenta problemas que podem atrapalhar o acolhimento e a aprendizagem de alunos com deficiências e necessidades específicas, como a falta de professores auxiliares, de atendimento no turno inverso, de materiais adaptados e de professores especializados. A realidade encontrada na escola durante o período de observação evidenciou que aquilo que é idealizado em relação às políticas de inclusão, não necessariamente está sendo colocado em prática na escola.

Deste modo, surge a pergunta: o colégio municipal pelotense de fato é uma instituição inclusiva ou apenas uma instituição lutando para receber e tentar integrar alunos com deficiências?

De acordo com Castilho (2009), há uma grande diferença entre incluir um aluno com deficiência e integrá-lo na escola. Pois a integração dos alunos permite que eles tenham acessos aos setores da sociedade como a escola, isto é, a sociedade admite que existem desigualdades e na tentativa de reduzi-las há uma incorporação dessas pessoas, porém são pessoas que conseguem se adaptar sem alguma ajuda. Em contrapartida a inclusão pressupõe que todos os indivíduos fazem parte da mesma comunidade, assim, para deixar de excluir, a inclusão exige que o poder público e a sociedade ofereçam condições

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



necessárias para todos. Dessa forma, cabe à escola fornecer condições necessárias para que todas as necessidades desses alunos sejam atendidas, destacando que “as escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.” (MANTOAN, 2003, p. 16)

No caso do Colégio Pelotense, no que tange às dificuldades encontradas em pôr em prática a inclusão, o maior desafio parece ser a falta de recursos. Isso pressupõe que não chegam à escola os recursos necessários para promover mudanças em prol dos alunos com necessidades específicas, ou então que os recursos não estão sendo investidos em favor desses estudantes.

Durante as observações na escola, um dos fatores notados foi a falta de professores auxiliares, visto que, durante as três semanas de observação, em apenas uma ocasião havia um professor auxiliar em sala de aula, nas demais aulas não havia auxílio ou atendimento especializado para os alunos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, possui um capítulo específico para a Educação Especial, afirmando que “haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial” (BRASIL, 1996).

A ausência de professores auxiliares ocasiona outro problema: profissionais sobrecarregados e inseguros em relação à sua prática. Os professores regentes, na ausência dos auxiliares, precisam se desdobrar para atender a todos os estudantes, em turmas que normalmente possuem mais de vinte alunos, o que torna suas jornadas de trabalho extremamente cansativas e por vezes pouco exitosas. Além disso, normalmente não se sentem capacitados para responder às necessidades específicas de seus alunos, havendo a necessidade constante de incentivo à formação dos professores, pois há muitos licenciados que se sentem inseguros e incapazes de lidar com um aluno

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



deficiente em sala de aula, pois afirmam que a graduação não os prepara para ensinar crianças com deficiência (OLIVEIRA, 2012).

CONCLUSÕES

A partir de todos os elementos observados e analisados foi possível constatar que, apesar dos obstáculos enfrentados, o Colégio Pelotense conta com uma comunidade escolar empenhada em promover a inclusão de todos os seus alunos, independente de suas especificidades. Apesar desse empenho, as dificuldades encontradas pela escola são diversas, e prejudicam a aprendizagem dos alunos, que muitas vezes acabam por não receber o auxílio que necessitam durante as aulas. Com isso concluímos de forma preliminar, a partir dos dados coletados, que não há inclusão no sentido pleno do termo, como destaca Castilho (2009), mas sim há integração dos alunos com necessidades específicas, visto que a falta de um ambiente adequado impede que esses estudantes estejam de fato incluídos na comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.394/96 de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

CASTILHO, E. W. V. O papel da escola para a educação inclusiva. In **LIVIANU, R., coord. Justiça, cidadania e democracia [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009. pp. 108-119.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



OLIVEIRA, ELIZÂNGELA DE SOUZA et al. INCLUSÃO SOCIAL: PROFESSORES PREPARADOS OU NÃO?. **POLÊMICA**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 314 a 323, maio 2012. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3103/2224>>. Acesso em: 23 fev. 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/polemica.2012.3103>.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS AUTISTAS NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE

Isadora Lebedeff Camargo
Universidade Federal de Pelotas
i.camargo@hotmail.com

Letícia Lopes Felix
Universidade Federal de Pelotas
leticiafelix234@gmail.com

INTRODUÇÃO

O foco deste artigo será especificamente sobre os alunos autistas no Colégio Pelotense, suas dificuldades de aprendizado e de sua inserção no ambiente escolar, com base na falta de estrutura e auxílio pedagógico. Usando de fontes bibliográficas como artigos e livros, que irão discutir sobre a educação inclusiva de alunos autistas nas escolas, a evolução dos direitos dos deficientes na sociedade atual. Também serão analisados documentos concedidos pela escola como o PPP e entrevistas, e observações realizadas no ano de 2022, pelas estudantes vinculadas ao Projeto Residência Pedagógica da UFPel, núcleo de história. O Colégio Municipal Pelotense localiza-se em Pelotas, fundado em 1902 pela maçonaria da cidade, atualmente se encontra no centro de Pelotas, atendendo o Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Curso Normal, tendo, em 2010, uma área total de 17.500 m², e, em em 2023, houve 2.484 alunos matriculados.

DESENVOLVIMENTO

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



No período de observação, é importante reconhecer as dificuldades e relações da instituição de ensino, que é conhecida por ser uma rede de relações, que possui todos os elementos de uma sociedade, e pode ser percebida e passível de pesquisa e reflexão socioeducacional (SOARES, 2017, p.2). Esse trabalho foi construído utilizando-se do método de revisão bibliográfica, que tem seus objetivos caracterizados por Pizzani como:

- a) proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento; b) facilitar a identificação e seleção dos métodos e técnicas a serem utilizados pelo pesquisador; c) oferecer subsídios para a redação da introdução e revisão da literatura e redação da discussão do trabalho científico (PIZZANI, 2012, p. 2).

Essas fontes trabalharão especialmente com a questão do ensino para alunos autistas do Fundamental II, entre sextos e oitavo anos, um tema que está em evidência diante das diversas mudanças ocorridas no Brasil, como a Lei Nº 13.146 de 6 de Julho de 2015, em relação ao seu sistema educacional de alunos com necessidades especiais, cujo processo pode ser resumido, de acordo com Mantoan (2011, p.3), em que os serviços da educação especial passou de uma fase apenas assistencial, para uma fase que prioriza os aspectos médicos e psicológicos do aluno deficiente, e que em seguida chegou às instituições de educação escolar, e depois para a integração da educação especial no sistema geral de ensino. Segundo o autor, atualmente há uma inclusão total para estes alunos com deficiência.

Segundo o PPP de 2010 do Colégio Pelotense, nos consta que há no total 46 salas de aula e uma sala de recursos, neste documento não é comentado sobre os alunos com deficiência, principalmente alunos com autismo, apenas é discutida a política escolar para alunos surdos. Com a reunião com a



coordenação pedagógica houve a confirmação, lembrando que o PPP é um documento de 2010, que, desde 2021, há 2 monitores por andar, professores auxiliares para alunos dentro do espectro autista, que segundo a coordenadora há apenas dois alunos aprendizes no colégio que não tem auxiliares, e, dependendo do aluno, um cuidador por discente.

É importante ressaltar que como o Autismo é um espectro, neste caso cada um possui a sua especificidade, dentre elas é importante destacar a dificuldade de compreensão da linguagem, insistência em seguir rotinas, movimentos corporais estereotipados (bater palmas, estalar os dedos), comportamentos não verbais (contato visual direto, expressão facial, gestos corporais), estes comportamentos característicos do TEA atrapalham diariamente no aprendizado do aluno, mas atualmente há diversos métodos para um ensino satisfatório e crítico do aluno, porém, destaca-se que um dos principais métodos reconhecidos atualmente é o uso de tecnologias digitais.

De acordo com Barroso (2018, p. 8) as pesquisas têm demonstrado resultados positivos, no sentido de comprovar que as tecnologias desenvolvem competências comunicativas, cognitivas, sociais e emocionais, além de promover uma maior autonomia, atenção, auto regulação e coordenação visomotora, para os alunos dentro do espectro autista. Porém devemos tomar cuidado para não usufrirmos muito desta tecnologia, pois para os alunos com deficiência pode prejudicar no convívio social e na inclusão entre os colegas.

CONCLUSÕES

O colégio Pelotense, apesar de possuir diversos pontos positivos e uma mensagem de inclusão admirável, ainda cai nos preceitos de que esse objetivo termina com a matrícula do aluno autista na instituição. Apesar de possuir

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



projetores para todas as salas durante o seu evento conhecido como “Sábado em Foco”, a escola não permite que esses aparelhos fiquem à postos na aula, e embora possua uma equipe de auxiliares pedagógicos, cujo trabalho é justamente permanecer em aula com os alunos que necessitam de uma atenção especial, durante as observações não foram encontrados nenhum desses profissionais nos recintos. É importante ressaltar que a inclusão não acontece de forma rápida, para incluir é preciso trabalho em equipe, pensar no bem-estar de todos, ter preparação da escola e dos alunos e também da sociedade (TEODORO, 2016, p. 11).

Fica aqui destacado, em concordância com Soares (2017, p. 10) a importância no processo de relação entre a formação docente, desenvolvida no espaço acadêmico e as relações sociais dos espaços e tempos escolares. É de uma necessidade imediata que os professores tenham acesso a uma formação mais completa de educação inclusiva, assim como meios de acessar uma estrutura que possa ser reflexo das necessidades dos alunos, mas sabemos que não é um processo fácil e nem rápido, além de necessitarmos de professores que se importem com esses alunos, a falta de verba para as escolas públicas é o que mais prejudica o ensino público atual. Como fala Soares (2017, p. 3), a falta destas demandas nas instituições “fazem das políticas públicas sistemas falhos”.

REFERÊNCIAS

BARROSO, D. A; DE SOUZA, C. R. O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE PESSOAS COM AUTISMO NO BRASIL. **CIET:EnPED**, São Carlos, maio 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em:

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/156>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 12 fev. 2023.

CAMARGO, I.; RUBIRA, G.; DECKER, K.; TRAMPUSCKI, L.; FELIX, L. **Relatório de Residência Pedagógica**: Colégio Municipal Pelotense. UFPel, Pelotas, jan. 2023.

MANTOAN, M, T, E. A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar. **Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino e Diversidade (LEPED)**. Campinas, p. 1-13, 2011. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/mantoan.pdf>. Acesso em: 14. fev. 2023

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Municipal Pelotense, Pelotas, 2008.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SOARES, E. O estágio de observação como um meio de análise do espaço-tempo escolar e reflexão da formação docente. **Anais COPRECIS**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/31581>>. Acesso em: 14/02/2023

TAL, Fulana de. **Entrevista com a coordenação do Colégio Municipal Pelotense**. [jan. 2023]. Entrevistador: Gabriela Rubira & Isadora Camargo.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Pelotas, 2023. 1 arquivo .mp3 (60 min.). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1edawUfiKh0Rdc9SYOFv9bZvJisHi1WtV/view?usp=drivesdk>.

TEODORO, G.C.; GODINHO, M.C.S.; HACHIMINE, A.H.F. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560658991003/html/>. Acesso em: 14 fev. 2023

Colégio Municipal Pelotense. **Prefeitura Municipal de Pelotas**, Pelotas, 2023. Portal da Secretaria Municipal de Educação e Desporto. Disponível em: https://site.pelotas.com.br/educacao/portal/escolas/escola.php?id_escola=18680. Acesso em: 25, fev, 2023.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



VOCÊ CONHECE O ELON MUSK? DISCUSSÕES SOBRE COLONIALISMO DIGITAL E A FORMAÇÃO DO SUJEITO NEOLIBERAL

Natiele Gonçalves Mesquita
Prefeitura Municipal de Pelotas e do Estado do RS
natiele.mesquita@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este resumo tem o objetivo de apresentar um relato de experiência de trabalho em sala de aula que gerou um projeto de pesquisa. O projeto de pesquisa será desenvolvido no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, a partir do corrente ano de 2023. A experiência em sala de aula, ocorreu no final do ano de 2022 nas aulas de História em duas escolas de Ensino Fundamental da cidade de Pelotas, com turmas de 7º e 8º anos regular e 7ª e 8ª etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A experiência em aula surgiu a partir da proposta de atividade “Derrubar estátuas racistas, do verbo resistir”, presente na primeira edição dos Cadernos Temáticos do LEH (Laboratório de Ensino de História da UFPEL). Foram utilizados alguns recortes que continham imagens e biografias de quatro personalidades históricas que tiveram suas estátuas atacadas em 2020 e 2021: Jefferson Davis, Cristóvão Colombo, Edward Colston e Borba Gato.

A atividade que propus tinha 3 etapas: o desenvolvimento de um argumento favorável à intervenção na estátua, o desenvolvimento de um argumento contrário, e a defesa de uma personalidade considerada invisibilizada na História que deveria ser homenageada. Em turmas, adiantamentos e escolas diferentes (uma municipal e outra estadual, em bairros distantes), me chamou atenção que

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



a figura de Nikola Tesla tenha surgido como alguém invisibilizado a ser homenageado.

Intrigada com a coincidência, pesquisei informações sobre tal personalidade e encontrei um vídeo de grande alcance do canal de Youtube “Nostalgia” em que relacionava a imagem de Tesla a Elon Musk, visto que o segundo nomeou um de seus produtos em homenagem ao primeiro. Tesla é tido como o “inventor mais injustiçado da História” no vídeo com contagem de mais de 21 milhões de visualizações.

Este trabalho então pretende articular as discussões a respeito da formação do sujeito neoliberal, a partir de Pierre Dardot e Christian Laval (2016), com a reflexão dos professores de História, Karina Brito e Osvaldo Rodrigues Junior sobre a recepção do canal “Nostalgia” entre estudantes de Ensino Médio do Mato Grosso, com a abordagem de Sônia Meneses sobre historiografia midiática. Também utilizarei a obra “Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal”, organizada por Sérgio da Silveira, Joyce Souza e João Cassino, para trazer à tona a ideia de colonialismo digital. Este relato é o gatilho inicial para investigar as bolhas que estudantes de Ensino Fundamental se encontram e os discursos que percorrem tais ambientes virtuais.

DESENVOLVIMENTO

Partindo da observação da casualidade de que Nikola Tesla seja popular e admirado por estudantes com características comuns, sendo eles meninos, cisgênero, brancos e com aparente acesso facilitado a internet, a suposição que trago é de que estes estudantes se encontram em uma determinada bolha de conteúdo de mídias digitais, plataformas, aplicativos e esta bolha estaria reforçando a imagem do sujeito neoliberal. Para Cristiane Marinho, se alicerçando no pensamento de Pierre Dardot e Christian Laval, na formação do

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



sujeito neoliberal “prevalece o discurso da definição do homem desejoso de ser ‘bem-sucedido’, ter sucesso pelo próprio esforço empreendedor e, por isso, deve se deixar ser formado para alcançar seu objetivo de ser um empresário bem sucedido” (MARINHO, 2019, p. 28). Quem seria o empresário mais bem sucedido se não Elon Musk, que além de multimilionário, se tornou uma celebridade?

Dardot e Laval (2016) expõem as estratégias da educação formal e informal na formação desse *neossujeito*. No campo da formalidade está a Escola, — e aqui insiro o papel das *big techs* (grandes empresas detentoras de monopólios de tecnologia), que se disfarçando de metodologia ativa de ensino-aprendizagem, têm se infiltrado na Educação Básica e Pública. No âmbito da informalidade, considero as redes sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos, um dos principais focos de propagação de ideias neste momento.

A partir destas articulações, pretendo desenvolver o projeto de pesquisa para mapear os principais conteúdos acessados nas mídias digitais por estudantes do Ensino Fundamental. Acredito que exista uma proliferação do discurso que reforça a imagem de empreendedor de si mesmo e isto se aproxima do sujeito que tem sido forjado pela economia neoliberal, liderada pelas *big techs*. A propaganda neoliberal colonialista divulga seus símbolos e discursos das mais variadas formas e forja consciências em diversos âmbitos

CONCLUSÕES

“Em pleno 2022, ano da tecnologia, você já ouviu falar do Elon Musk?”. Esta frase que “viralizou” em 2022 em redes sociais como Instagram e TikTok, que citada em sala de aula gerava risos e identificação, significa bem mais do que uma “progressão geométrica algorítmica”. Do *influenciador fitness* Tiago Toguro,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



a expressão colocou ainda mais em evidência a figura do bilionário Elon Musk entre jovens, concomitante a todo o marketing envolvendo a exorbitante compra da rede social Twitter.

Diante desta conjuntura, as conclusões ainda prematuras, é de que a propaganda neoliberal, para além das sutilezas, também possui um campo bastante evidente que encontra em determinados públicos uma vazão facilitada pela segmentação psicológica produzida pelo colonialismo digital. Logo, o público jovem que frequenta nossas aulas de História está vulnerável a esta propaganda indutiva e é necessário identificarmos os mecanismos utilizados para contribuir na construção de uma consciência histórica crítica.

REFERÊNCIAS

BRITO, Karina O.; RODRIGUES JR., Osvaldo. Entre forma e conteúdo: os estudantes do Ensino médio 73 diante das temáticas históricas no YouTube. (In:) FRONZA, Marcelo; RODRIGUES JR., Osvaldo (Orgs.). **Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas**. São Paulo: Paruna Editora, 2021. Disponível em: https://www.paruna.com.br/wp_paruna/wp-content/uploads/2022/02/ebook-ensino-de-historia-e-internet-paruna.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo, Boitempo, 2016.

GASPAROTTO, Alessandra; MOREIRA, Amanda N.; ÜCKER, Carmen Beatriz L.; MESQUITA, Natiele G. (Orgs.). **Direitos Humanos e ensino de História: propostas para ensinar e aprender**. Coleção Cadernos Temáticos do LEH, vol. 1. Porto Alegre: Casalettras, 2022. Disponível em: https://www.casalettras.com/_files/ugd/4a0b98_84c54ad1ff994142904848c569d7c4b2.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

MARINHO, Cristiane. O sujeito neoliberal e a educação como capital humano. **Kalagatos** - Revista de Filosofia. V.16, N. 2. 2019. pp. 25-40. Disponível em:

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



<<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6587/5506>> Acesso em: 13 jan. 2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. *In*: CASSINO, João F.; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio A. (org.) **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. (E-book Kindle).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



AS TENTATIVAS DE SILENCIAMENTO DO GÊNERO E DOS FEMINISMOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Renata L. Montagnoli
Universidade Federal De Santa Catarina-UFSC
renata.lemon@hotmail.com

Liane Vizzotto
Instituto Federal Catarinense-IFC Campus Camboriú/SC
liane.vizzoto@ifc.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da minha dissertação de mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE do Instituto Federal Catarinense-IFC *Campus* Camboriú, que buscou analisar qual a concepção, e como era a implementação das questões que envolviam gênero e feminismos nas aulas de História da rede municipal de ensino de Itapema. Para a realização do trabalho, foram pesquisados os documentos oficiais da educação nacional, estadual e municipal, como: Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação –SC, Plano Municipal de Educação de Itapema – SC, Base Nacional Comum Curricular/BNCC, Currículo Base do Território Catarinense, Proposta Curricular de Itapema. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas para analisar as narrativas das práticas docentes quanto aos temas gênero e feminismos.

DESENVOLVIMENTO

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O ensino de História é marcado por uma historiografia tradicional, que durante muito tempo privilegiou grandes feitos, grandes heróis e acontecimentos relacionados com o Ocidente. Com o advento da Nova História, o olhar historiográfico se voltou para outras/outros personagens históricos que tinham muitas histórias para serem narradas oficialmente, mas que eram excluídos desse processo. Dentro dessa nova perspectiva de análise historiográfica, as mulheres passaram a ter suas histórias discutidas com maior frequência, possibilitando um leque de narrativas, que desembocaram na categoria de análise de gênero.

Mesmo com tantas mudanças, o ensino escolar da História continuou atrelado a uma historiografia tradicional, universalizante, masculinista, branca e Ocidental do Norte Global. As categorias gênero e feminismos ainda não são presença constante nos documentos suleadores da educação no Brasil, assim como nos currículos, planejamentos e livros didáticos. As discussões ocorrem de forma tímida, um dos motivos é porque, não há uma proposta ou política pública educacional que incentive esse trabalho; outro motivo são os movimentos políticos conservadores (*Escola sem Partido*) que a partir dos anos 2000 empenharam-se em uma verdadeira “cruzada” contra os estudos de gênero na escola.

Esses processos de cunho conservador e retrógrado, fizeram com que as docentes tivessem inseguranças quanto a abordagem dessas temáticas em sala de aula, pois esses movimentos políticos conservadores criaram um ambiente de medo e perseguição, onde a proposta é denunciar docentes que abordem esses temas nas escolas, como se estivessem promovendo alguma ilegalidade no processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÕES

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Ao final do trabalho foi possível constatar que os documentos que orientam a educação no Brasil sofreram um processo de silenciamento, quando não, um negligenciamento quanto às temáticas Gênero e Feminismos. Ao mesmo passo que acontecia o processo de exclusão desses temas dos documentos pelo país a fora, eram criadas leis que proibiam o estudo das temáticas que envolvessem gênero nas escolas.

A situação que já se mostrava controversa e pouco promissora para o debate sobre gênero nas escolas se tornou ainda mais complexa em Santa Catarina no início do governo de Jorginho Melo (2023-2026). Em 09 de fevereiro de 2023 o governador catarinense sancionou o projeto de lei PL 0310.1/2021 de autoria da deputada bolsonarista Ana Campagnolo aos moldes do movimento Escola sem Partido.

A lei nº 18.637/2023 tem no seu cabeçalho uma “linda preocupação”: “[...] instituir a Semana Escolar Estadual de Combate à Violência Institucional Contra a Criança e o Adolescente” (SANTA CATARINA, 2023). Todavia, o que se apresenta na legislação é um rol de proibições e de obrigações que as docentes catarinenses deveriam seguir a partir daquele momento, como por exemplo no artigo 3º, inciso V: “V - o professor respeitará o direito de os estudantes receberem educação moral de acordo com as convicções de sua família [...]”. A lei demonstra por si só que o novo governo de SC busca implantar uma cartilha para a docência catarinense, na qual siga-se aquilo que a instância máxima do nosso poder judiciário - Supremo Tribunal Federal - já julgou como inconstitucional: retirar o direito das professoras de utilizarem de várias pedagogias, o direito à liberdade de cátedra, assim como o direito básico das escolas que é de ensinar os conhecimentos científicos e não regras morais que atendam a determinados grupos políticos conservadores.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Referências

BRASIL. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, **Diário Oficial da União**, 25 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

ITAPEMA. **Lei n. 3.439, de 19 de junho de 2015**. Aprova o Plano Municipal de Educação (PME) e dá outras providências. Itapema, 19 jun. 2015.

SANTA CATARINA. Lei n. 16.794, de 14 de dezembro de 2015. Aprova o Plano Estadual de Educação (PEE) para o decênio 2014-2024 e estabelece outras providências. Florianópolis, **Diário Oficial do Estado**, 14 dez. 2015.

SANTA CATARINA. **Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense/** Estado de Santa Catarina. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

SANTA CATARINA. **Lei n. 18.637, de 08 de fevereiro de 2023**. Altera o Anexo II da Lei nº 17.335, de 2017, que “Consolida as Leis que dispõem sobre a instituição de datas e festividades alusiva no âmbito do Estado de Santa Catarina”, para instituir a Semana Escolar Estadual de Combate à Violência Institucional Contra a Criança e o Adolescente. Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.



GRUPO DE ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO BRASILEIRA: O PENSAR CERTO NA CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE UM SABER-FAZER-DOCENTE

Antonia Jamilly Costa Ferreira
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
antoniajamillyferreira@gmail.com

David Emanuel de Souza
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma reflexão teórica e crítica. “Não há educação fora das sociedades e não há homem no vazio”, escreve Paulo Freire em obra seminal sobre o papel crítico que a educação possui na formação do homem em sociedade (FREIRE, 1994, p. 43). Ressalta ainda que educar é um ato de amor que deve ser construído em um processo dialógico. No livro *Extensão ou comunicação* de 1968 Paulo Freire aborda a questão do diálogo problematizador, para o educador todas as coisas podem ser problematizadas. (FREIRE, 1968, p. 35-36)

Nessa perspectiva, este artigo reflete o processo de busca por uma interação mais profunda entre a universidade, a escola e a comunidade externa, a fim de ampliar e aprofundar as discussões e reflexões sobre o processo educativo no Brasil. Assim, de acordo com a professora Maria de Lourdes Fávero:

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



A universidade é convocada a ser palco de discussões sobre a sociedade, mas não em termos puramente teóricos, abstratos. Deve ser um espaço em que se desenvolve um pensamento teórico-crítico de ideias, opiniões, posicionamentos, como também de propostas e alternativas para solução de problemas. FÁVERO (2006, p. 19)

Ao considerarmos que a educação acontece também fora do ambiente escolar ou da Universidade, o Grupo de Estudo Sobre Educação Brasileira (GESEB) propôs justamente esse espaço de interação, visando a construção de uma consciência crítica sobre o mundo que nos cerca.

Além de ampliar o debate através da extensão, o grupo também visa ampliar os horizontes da pesquisa, uma vez que, como menciona FREIRE (1996), p. 25 e 30 “ensinar exige pesquisa (...). Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Nesse sentido, podemos pensar o que Paulo Freire chama de “dodiscência” - docência e discência juntas.

DESENVOLVIMENTO

Como pesquisa e extensão, o GESEB tem em sua gênese a ação dos alunos na busca de organizar a construção de um saber, de forma transdisciplinar, que vá além dos meios convencionais produzidos em sala de aula.

Isto é possível através das seguintes etapas: a) como ponto de partida, a equipe do GESEB, formada por alunos da graduação em História da Universidade Federal do Tocantins, por professores da rede pública de ensino do Estado do Tocantins, bem como por um professor do curso de História da mesma universidade, se reúnem para discutir e mapear as realidades encontradas nas escolas; b) em seguida, é proposta leituras para que a equipe gesebiana tenha instrumentos teóricos e argumentativos para promover a

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



construção crítica de conhecimentos; c) após amplo debate entre a equipe, elabora-se um calendário de ações temáticas a serem colocadas em execução; d) através de rodas de conversa com a comunidade externa, são pensadas estratégias para superação das dificuldades encontradas “no chão da escola”.

Estas etapas conferem ao GESEB uma dinâmica extensionistas, conferindo assim, a possibilidade de se colocar em prática o diálogo de conhecimentos plurais, ou seja, o reconhecimento e importância de um saber produzido pela experiência docente fora dos muros da universidade, em comunhão com o saber produzido pela universidade.

Desenvolver rodas de conversa, que sejam pautadas em leituras sobre a história, desafios, expectativas e demais assuntos sobre a educação no Brasil e conhecer relatos de experiência por parte dos professores tanto da educação básica, quanto da universidade, já é um passo largo para uma integração e interação entre a universidade e a escola. Além do mais, a ampliação do debate, da discussão e do questionamento proporciona uma formação crítica mais sólida, a qual pode se tornar o eixo norteador na construção de um saber-fazer docente.

As rodas de conversa desenvolvidas pelo GESEB se tornaram em certo ponto, o ápice do grupo, mas também apresentaram novos horizontes, nos direcionando ao efetivo construir-com; um espaço pautado em uma convergência dialógica que possibilita um saber-fazer pedagógico necessário para as práticas educativas do hoje e do amanhã.

CONCLUSÕES

O GESEB entende a educação como um processo de ensinar e aprender, mas um ensinar que assume a consciência de superar o comodismo e desafiar

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



novos horizontes, diante de uma sociedade que traz a informação em apenas um “click”. É preciso pensar uma educação com espaço aberto, que transforme, emancipe e eduque. A educação é uma socialização, um espaço de relações que afeta a forma como somos capazes de relativizarmos nossa própria maneira de refletir sobre o mundo, para tanto, é necessário romper as barreiras presentes nas instituições educativas. Trata-se de trazer o protagonismo para dentro das salas de aulas, de dar voz e favorecer os processos de empoderamento através do diálogo, promovendo uma educação para o reconhecimento do outro, que busque uma interação mais profunda entre a escola e a sociedade.

Por fim, não se trata de criar um “novo mundo” para a educação, mas sim trilhar novos caminhos para melhorar a realidade e garantir o direito de uma educação que, sobretudo, faça uma leitura crítica dessa realidade. A educação se faz do entendimento que não se pode mudar tudo, mas é através dessa rede que se constrói um diálogo justo, discutindo o que não está no lugar e os caminhos necessários para uma possível mudança. A educação não deve ser um sistema de opressão, mas um espaço libertário.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico compreensiva, artigo a artigo**. 24° ed. revista, atualizada e ampliada. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Traduzido por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 67ª Edição. São Paulo, 2021.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>> Acesso em: 11 Nov. 2021
<https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>

Filosofia, Educação, Formação: I Jornada Internacional de Filosofia da Educação – III Jornada de Filosofia e Educação da FEUSP / organizadores Cristiane Maria Cornelia Gottschalk, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Julio Groppa Aquino. São Paulo: FEUSP, 2017. cap. 1 - Etienne Tassin. Educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível? Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/157/137/684-1?inline=1> Acesso em: 15/11/2021

FORQUIN, Jean Claude. *Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43. ed. rev. - Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



SAVIANI, Dermeval. *Interloquções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação*. Campinas(SP): Autores Associados, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 19. ed. - Campinas, SP : Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Educação no Brasil: concepção para o século XXI. *Histedbr on-line* - v. Julho/2001, n. 3 (2001) | Faculdade de Educação <https://fe-old.fe.unicamp.br/publicacoes/lancamentos/4594>

Política de extensão da Universidade Federal do Tocantins e outras providências. Anexo da Resolução nº 05/2020 – Consepe Aprovada ad referendum do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em 02 de setembro de 2020. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/YTf11bAgRQSeEBZjkRWr0g> Acesso em: 14/11/2021

TEIXEIRA, Anísio S. **A educação e a crise brasileira**. Companhia Editora Nacional, Série 3: Atualidades pedagógicas, vol. 64. São Paulo, 1956.

NOVO ENSINO MÉDIO? ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS INDEFINIÇÕES DESTA ETAPA DE ENSINO

Bárbara Virgínia Groff da Silva
Rede municipal de Cachoeirinha
barbara.vgs@gmail.com

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



PONTO DE PARTIDA

Este texto pretende ser uma reflexão teórica sobre as (in)definições do ensino médio brasileiro, pensando em sua trajetória histórica, mas enfocando as suas últimas reformas. Esta proposta é um desdobramento de uma pesquisa que resultou em uma tese sobre as trajetórias de estudantes de ensino médio em uma escola estadual localizada na zona norte de Porto Alegre entre 2010 e 2016.

A pesquisa se desenvolveu antes da “Reforma do Ensino Médio” que instaurou, de maneira autoritária e sem consultar a comunidade educacional e escolar, o “Novo Ensino Médio” que neste ano está em seu segundo ano de implementação nas instituições públicas e particulares. Por isso que esta apresentação é uma reflexão teórica, pois é um desdobramento a partir da pesquisa e suas considerações (SILVA, 2020).

Segundo Krawczyk (2014), o ensino médio foi a etapa educacional que mais sentiu as transformações econômicas, sociais e culturais que ocorreram no país na segunda metade do século XX. Devido a estas transformações, esta etapa sofreu algumas mudanças nas últimas décadas, culminando neste momento na lei nº 13.415, de 2017, que instaurou o “Novo Ensino Médio”.

Os grupos políticos que apoiaram o golpe de 2016 tinham como propósito organizar uma série de “reformas” que fossem favoráveis aos seus interesses. Como exemplo, podemos citar a “Reforma Trabalhista”, que retirou diversos direitos dos trabalhadores em 2017 e a “Reforma do Ensino Médio”, que modificou o currículo desta etapa de ensino, favorecendo interesses neoliberais de educação. Sobre esse contexto político, e pensando na trajetória deste nível de ensino, esta reflexão teórica foi pensada.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: PROJETO INACABADO

De acordo com Ramos (2005), o ensino médio no Brasil é um projeto inacabado, pois não houve uma definição de seus objetivos educacionais. Para a autora, o problema do ensino médio é estrutural, pois há duas propostas vigentes que não se mesclam. Uma compreende o ensino médio como uma etapa passageira de estudo e de preparação para o ensino superior, sendo um espaço educacional de aprendizado e amadurecimento do estudante para sua etapa final de estudos. De encontro a isso, está a outra proposta que define o ensino médio como uma etapa de finalização, sendo o mercado de trabalho o enfoque para esse período educacional. Para Ramos (2005), essas duas propostas coexistem ao longo da história do ensino médio no país, dificultando a sua definição e contribuindo para problemas relacionados à permanência dos estudantes nessa etapa de ensino.

Enguita (2014) afirma que o ensino médio pode ser considerado uma encruzilhada estrutural do sistema educacional, principalmente em países que começaram com uma proposta dividida de educação: de um lado uma educação primária para todos e, por outro, uma educação secundária para alguns. Este argumento pode ser pensado para o Brasil, pois somente em 2009 o ensino médio ingressou na educação básica obrigatória gratuita, através da lei nº 12.061/2009 e da Emenda Constitucional nº 59/2009. A década de 2010 foi a que incluiu o ensino médio em programas de livro didático gratuito, transporte escolar, além de possibilitar para estudantes de escolas públicas o ingresso através de cotas em estabelecimentos de ensino superior. Contudo, questões de currículo, evasão, repetência e distorção idade-série continuaram sendo aspectos que necessitavam de uma discussão mais densa e que englobasse modificações no currículo.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Essas mudanças estavam ocorrendo ao mesmo tempo em que estava sendo organizado um espaço de debate e proposição sobre uma possível reforma. Krawczyk e Ferreti (2017) ressaltam que em 2013 foi apresentado um projeto de lei que propunha alterar o ensino médio. Este projeto estava sendo discutido e analisado por representantes políticos e educacionais.

No entanto, após o golpe de 2016 que afastou a presidenta Dilma Rousseff, uma série de projetos de reformas surgiram com propostas neoliberais. Para Moll (2017), esses projetos, que modificam várias áreas importantes para a vida da população, estão inseridos na retomada conservadora que começou através do golpe de 2016. Essas reformas não são inclusivas, pelo contrário, retardam e diminuem os ganhos sociais adquiridos a partir da retomada democrática da década de 1980.

Com relação a essas rupturas e modificações legislativas, em 2017 foi publicada a lei nº 13.415 que ficou conhecida como “Reforma do Ensino Médio”. Essa lei foi apresentada como Medida Provisória nº 746, implantada em setembro de 2016, que previa modificações no ensino médio. Uma transformação no currículo, transformando disciplinas tradicionais (História, Geografia, Sociologia, etc) em espaços de reflexão como “Projeto de Vida” ou itinerários formativos, em que não há nem infraestrutura quanto profissionais capacitados para realizar essas novas modalidades de ensino. A proposta enfoca nas disciplinas de português e matemática e deixa em aberto como será organizada os demais conteúdos, itinerários formativos, propostas curriculares que deixaram profissionais da educação e estudantes sem saber como começar a sua implementação a partir de 2022.

Da maneira como está sendo realizado este “Novo Ensino Médio”, é possível afirmar que mais uma vez os problemas estruturais não serão resolvidos e que essa reforma já começou de maneira inconsistente. Os estudantes que



estão vivenciando este momento percebem que não houve um planejamento e discussão de como ocorreria esse novo currículo. Tudo está sendo executado de forma provisória e deficitária, favorecendo cada vez mais que os estudantes abandonem essa etapa educacional ou se formem sem saber o que aprenderam e se isso será importante para seu futuro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Emenda Constitucional nº 59, de 11 novembro de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 nov. 2009.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

BRASIL. **Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016**. Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Lei nº 12.061, de 27 de outubro de 2009. Altera o inciso II do art. 4º e o inciso VI do art. 10 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar o acesso de todos os interessados ao ensino médio público. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 nov. 2009.

ENGUITA, Mariano Fernández. A encruzilhada da instituição escolar. *In*: KRAWCZYK, Nora (org.). **Sociologia do Ensino Médio**: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014. p. 7-12.

KRAWCZYK, Nora. Conhecimento crítico e política educacional: um diálogo difícil, mas necessário. *In*: KRAWCZYK, Nora (org.). **Sociologia do Ensino Médio**: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014. p. 13-32.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



KRAWCZYK, Nora; FERRETTI, Celso João. Flexibilizar para quê? Meias verdades da “reforma”. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, DF, v. 11, n. 20, p. 61-74, jan./jun. 2017.

MOLL, Jaqueline. Reformar para retardar: a lógica da mudança no EM. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, DF, v. 11, n. 20, p. 61-74, jan./jun. 2017.

RAMOS, Marise Nogueira. O ensino médio ao longo do século XX: um projeto inacabado. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 3.

SILVA, Bárbara Virgínia Groff da. **Terminei a escola, e agora?** Trajetórias dos jovens egressos do Colégio Estadual Cândido José de Godói (Porto Alegre/RS, 2010-2016). 2020. 349 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



DITADURA, DEMOCRACIA E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

Bruno de Azambuja Silveira
Rede de Educação Básica e Mestre em História/UFRGS –
bruno.humanas@gmail.com

O presente trabalho reporta-se a um relato de experiência sobre atividade de aula realizada em seis turmas de terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Augusto Meyer, localizado na cidade de Guaíba/RS.

Ensinar o processo histórico da ditadura militar “mergulhado” no contexto do segundo turno das eleições presidenciais de 2022 tornou-se um desafio pedagógico fundamental à valorização das liberdades democráticas.

O primeiro objetivo consistiu em oportunizar compreensão e reflexão de nossa história recente, tema sensível e pouco trabalhado com profundidade nas salas de aula. Situação que frequentemente ocorre

[...] em função de certa divisão de conteúdos ainda predominante nos currículos escolares, o período 1964-1985 geralmente não pode ser trabalhado por “falta de tempo”. A justificativa seria que a combinação programa, currículo e carga horária impede abordar esse conteúdo, pois este sempre coincide com as últimas semanas letivas, e estas são necessárias para “correr a matéria”, recuperar ou avaliar alunos. [...] tais argumentações expõem um rigor curricular inconcebível e que na maior parte das vezes, mascaram uma opção do professor, o qual se anula como tal por alinhamento ideológico, falta de qualificação, desconhecimento ou medo [...] (GASPAROTTO; PADRÓS, 2010, p. 186)

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O segundo objetivo residiu em desenvolver aulas sobre a História recente que rompesse com o dilema da neutralidade, no intuito de construir um ambiente de respeito às diferenças no espaço escolar, valorizador dos direitos humanos fundamentado em fontes e conhecimento científico. Tal postura de

[...] Negar a neutralidade não significa abandonar o rigor ético, o compromisso com a ciência e com a verdade histórica. Portanto, os educadores devem assumir uma “ética universal do ser humano”, inseparável da prática educativa, vivendo-a no próprio cotidiano. [...] Assumir uma postura de respeito à ética, à dignidade e à autonomia do educando continua significando uma postura democrática, o que resulta na compreensão de um dos princípios basilares da concepção freiriana: a de que a educação é sempre um ato político [...] (PADRÓS, 2002, p. 44-45)

A atividade referida se deu no último bimestre do ano letivo de 2022, onde se explorou a capacidade reflexiva subjetiva dos estudantes. Se solicitou a escrita de um texto dissertativo, estimulando exercício subjetivo para que os discentes pudessem conciliar o conhecimento estudado e manifestar suas opiniões políticas, por meio da liberdade de expressão e do exercício do contraditório, vital ao ambiente democrático saudável.

Tal atividade se organizou por uma orientação na qual se exigiu o texto referido onde escolheram uma oposição temática entre as três disponíveis para arrolar os argumentos: a) Golpe militar (1964) vs Movimento Diretas Já (1984); b) Ato institucional nº 5 (1968) vs Anistia ampla, geral e irrestrita (1979); c) Milagre econômico/OBAN (1968-1973) vs Luta armada (1969-1976). Também teve seis imagens com charges destacando limites entre ditadura e democracia na história brasileira. Trabalhar com essa temática no ensino de história é uma necessidade para reconhecer presente contexto como o maior período



democrático de nossa história, já que os dois modelos políticos se alternaram na república, com recorrência de instabilidades, vistas

[...] desde 1930, em uma sucessão de golpes ou quase golpes de Estado: 1932, Revolução Constitucionalista de São Paulo; 1935, a rebelião comunista chamada pejorativamente de Intentona; 1937, um *Putsch* dos integralistas quase fascistas - um integralismo cristão fortemente nacionalista que seduziu um grande número de intelectuais, com as caricaturas de saudações e uniformes copiados dos nazifascistas -, que Vargas aproveitou para dar o golpe de Estado que fundou o regime chamado Estado Novo, associados pela literatura política Vargas; 1947, cassação do PCB, que tinha forte presença no Congresso e e enraizamento popular; 1954, suicídio de Vargas, que fez esse gesto extremo para não ser deposto outra vez pelo Exército; 1955, tentativa de impedimento da posse de Juscelino Kubitschek pela Marinha; 1956, golpe fracassado de Jacareacanga pela Aeronáutica, que repete a façanha em seguida e Aragarças (duas remotas bases aéreas na Amazônia). Seguindo a lista: 1961, renúncia de Jânio Quadros, eleito presidente e, substituição a Juscelino Kubitschek, inspirado pelas chefias militares com o objetivo de reforçar os poderes da presidência; no mesmo ano, adoção do parlamentarismo para anular os poderes do vice-presidente João Goulart, que tomaria posse na vacância da renúncia de Jânio Quadros. Em 1964, o golpe de Estado sem disfarces. Feitas as contas, treze eventos político-militares de rupturas institucionais democrático-republicanos num período de 34 anos; [...] (OLIVEIRA, 2018, p. 55-56)do fascismo italiano; 1945, golpe militar com a deposição de

A variedade dos textos produzidos expressou, de maneira geral, posições favoráveis aos princípios democráticos e críticos da história da ditadura no Brasil, no entanto, em todas seis turmas se encontraram posições revisionistas do passado repressivo. Somado a isto, também se verificou argumentações que relativizaram decisões do governo do momento. Tais posições foram minoritárias, mas existiram.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Ao desenvolver reflexões nos estudantes sobre a ditadura brasileira imerso no contexto das “eleições do fim do mundo” (Arantes, 2022, p, 133) cumprimos a tarefa indispensável de valorizar liberdades democráticas, exercitando o contraditório na escola, propiciando assim, ensino-aprendizado voltado à conscientização cidadã.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, P. E. Antes que seja tarde demais: de Junho a outubro. **Margem Esquerda**, São Paulo, 39, p. 122-137, 2022.
- GASPAROTTO, A & PADRÓS, E. S. A ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e compromissos com o resgate da História Recente e da memória. In: BARROSO, V. L. M. (Org.) **Ensino de História: desafios contemporâneos**. Porto Alegre, EST: Exclamação: ANPUH/RS, 2010. Cap. 12, p.183-201.
- OLIVEIRA, F. D. **Brasil: uma biografia não autorizada**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- PADRÓS, E. S. Papel do professor e função social do magistério: reflexões sobre a prática docente. In: PADRÓS, E. S. (Org.) **Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar**. Porto Alegre: EST, 2002. Cap.3, p.37-47.



JOEL RUFINO DOS SANTOS: AUTORIA NEGRA DE LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO ANTIRRASCISTA

Leandro de Souza Severino
Universidade Federal do Rio de Janeiro
eandrosseverino@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A proposta de comunicação se apresenta como uma crítica ao material didático. Pesquisas sobre autores de livros didáticos de história são um campo bastante vasto dentro do Ensino de História, principalmente sobre autores do século XIX como Varnhagen e João Ribeiro. Somando a isso, recentemente, a historiografia, passou a focar em autores de meados do século XX, tratados de, como lembra José Carlos Reis (2006), “intérpretes do Brasil”, tais quais Capistrano de Abreu, Pedro Calmon, Sergio Buarque de Holanda, etc. Porém, as abordagens focam, na maioria das vezes, apenas em autores de origens sociais privilegiadas, que possuíam grandes redes de sociabilidade e carreiras de grande destaque.

O objetivo dessa pesquisa, que está em fase de desenvolvimento, se insere em problematizar as abordagens tradicionais e investigar Joel Rufino dos Santos. O intelectual negro, foi escritor de livro didático de História do Brasil durante a década de 1970 e 1990, trazendo grandes contribuições para o Ensino de História, sobretudo para a construção de um currículo que valoriza a diferença.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



A pesquisa, portanto, analisa a autoria negra como produtora de livros didáticos de história, procurando entender, quais os discursos privilegiados em sua obra, rompendo com a ideia de um campo fechado para autores que na maioria das vezes, estavam ligados ao Colégio Pedro II (CPII), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ou a Academia Brasileira de Letras.

Apesar de possibilitar pesquisas importantes, o livro didático como fonte histórica é um evento recente. A virada em relação a essa fonte, se deu principalmente, pelas novas concepções de História Cultural. Sendo o primeiro trabalho no Brasil sobre livros didáticos, apresentado somente em 1993 pela professora Circe Bittencourt.

Por conta das limitações deste texto, citarei apenas algumas concepções conceituais. Uma delas é o diálogo com *representações e práticas culturais* de Roger Chartier (2002). Para o francês a realidade não é como uma interpretação objetiva, dada por um intelectual ou instituição, ela é constituída por diferentes grupos sociais que possuem diferentes visões de mundos, cada qual com sua representação. Cada representação é constituída e legitimada a partir de uma série de práticas culturais que se estabelecem na sociedade. Por isso, o historiador entende que “as percepções sociais não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar” (CHARTIER, 2002, p. 17).

DESENVOLVIMENTO

A fonte principal é o livro “*História do Brasil*” produzido pelo Joel Rufino dos Santos, lançado em 1979 pela Marco Editorial e reeditado em 1991 pela Editora FTD. Abordando a história do Brasil, da época do seu descobrimento até

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



os eventos históricos que antecedem sua publicação, é organizada em volume único e está dividida em 19 capítulos. Todavia, a pesquisa atual não irá se ater a analisar todos os capítulos do livro e as conclusões aqui apresentadas se referem a edição de 1991.

A concepção de história de Joel Rufino, está evidenciada nas primeiras páginas do livro, primeiramente, o intelectual aponta uma crítica a história que tradicionalmente é privilegiada nos livros didáticos da época, “que só os acontecimentos políticos decisivos são fatos históricos e que só os “grandes homens” são personagens históricos” (SANTOS, 1991, p. 7). Discordando das convicções positivistas, o intelectual defende que história é qualquer acontecimento, de qualquer natureza, em qualquer tempo, pode ser um fato histórico” (SANTOS, 1991, p.7).

No capítulo dois de seu livro denominado “A Origem do Povo Brasileiro” o autor destaca como o povo brasileiro é plurirracial, ideia trazida da percepção de que a nação foi construída tendo contribuição de várias etnias, dentre elas indígena, africana e europeia. Entretanto, o historiador destaca que os europeus, historicamente, eram minorias em termos populacionais, os descendentes de africanos e os indígenas, sempre compuseram a maioria.

Por isso, Joel Rufino destaca, nesse capítulo, a contribuição dos africanos para a formação da identidade brasileira, trazendo um capítulo centrado na História do Continente Africano, uma vez que os descendentes de africanos são a maioria da população. Com essa ênfase na história da África, considero esse livro de vanguarda, uma vez que a história desse continente e da cultura afro-brasileira sempre foram assuntos marginalizados nos livros. Outros trabalhos já traziam textos sobre a História da África, como o de Ilmar Rohloff de Mattos e Outros (1977). Entretanto, são textos desconectados com a história afro-



brasileira, demonstrando uma história da África isolada, sem relação com a formação da nação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas sobre livros didáticos de história na maioria das vezes valorizam os “homens das letras”. Entretanto, percebemos a partir do que foi colocado acima, que romper essa tradição é fundamental para as pesquisas sobre o Ensino de História. Verificamos, ao analisar o livro didático de Joel Rufino dos Santos, intelectual negro, que a busca por uma proposta curricular antirracistas, questão que se materializa na lei 10639/2003, já era uma demanda tratada no livro do historiador negro.

O historiador membro do movimento negro vai tratar questões étnico-raciais de forma atravessada no seu texto. Uma de suas maiores preocupações é valorizar a História da África e cultura afro-brasileira numa tentativa de reconfigurar a esfera social racista que sempre vê a cultura negra como folclórica ou primitiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639**, de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências).

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



MATTOS, I. R. ; FALCON, F. J. C. ; MATTOS, S. R. . **História - 1ª Série do 2º grau**. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves / Edutel, 1977. v. 1.

REIS, José Carlos. **Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 8.Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SANTOS, Joel Rufino. **História do Brasil**. São Paulo. Editora FTD. 1991.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ATRAVÉS DO CINEMA

Lara de Melo dos Santos -
Secretaria de Estado de Educação – RJ
larademelosantos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Todos os professores da educação básica, pública ou privada, conhecem as dificuldades relacionadas à implementação da lei 10.639, que determina o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas brasileiras. Fatores como a resistência de pais e alunos, as deficiências de formação para o caso dos professores formados antes da inclusão das disciplinas de História da África nos currículos universitários e, principalmente, a falta, desconhecimento ou dificuldade de acesso à material didático adequado são problemas recorrentemente mencionados pelos docentes em seu esforço de realização desta tarefa. Nesta breve apresentação, quero falar da minha experiência de abordagem dos temas relacionados à história e cultura do continente africano em minhas turmas de primeiro ano do Ensino Médio na rede pública do Estado do Rio de Janeiro.

DESENVOLVIMENTO

No chamado Currículo Básico definido pela SEEDUC-RJ para a disciplina de História, temas relacionados ao continente africano aparecem em apenas dois momentos: o primeiro está relacionado à escravização de

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



africanos durante a época Moderna, o segundo, à experiência do colonialismo no século XIX. Sem mencionar qualquer um desses assuntos, dei início a um programa de 5 aulas em que pretendia abordar não exatamente um aspecto específico da história do continente africano em toda a sua variedade, mas a própria visão que os alunos previam e espontaneamente conseguiam formar sobre a África, no passado ou na atualidade. Primeiro ponto a destacar é que, de forma geral, os estudantes mal conseguiam distinguir diferentes características para os diferentes momentos históricos, e apontaram temas, como “escravidão”, “pobreza”, “fome”, “doenças”, “animais selvagens” como os mais importantes relativos à vida no continente. Em seguida, expliquei que faríamos uso dos então recém-instalados aparelhos de tv (uma novidade que entusiasmava a todos os estudantes) para expandir nossos conhecimentos sobre a África através de obras produzidas por autores africanos. A própria existência de um “cinema africano”, quer dizer, de filmes sobre a África realizados por africanos por si só, surpreendeu a maior parte de meus alunos.

Para situá-los em relação à minha proposta, exibi inicialmente a conhecida comunicação ‘O perigo de uma história única’, da nigeriana Chimamanda Adichie. Nas duas aulas seguintes, exibi outros dois filmes. O primeiro foi o premiado curta-metragem angolano ‘Moça’, que aborda de maneira ao mesmo tempo cômica e impactante os efeitos da reforma urbana implementada na cidade de Luanda nos anos 2000 e seus efeitos sobre as comunidades tradicionais de pescadores. O outro filme escolhido foi o também premiado ‘Rafiki’, que trata do drama vivido por Kena e Ziki, duas jovens quenianas que enfrentam muita violência para se afirmarem como um casal na movimentada cidade de Nairóbi, no Quênia.

CONCLUSÕES

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



É verdade que houve bastante trabalho na preparação das atividades. Além da demorada seleção do material, que tomou vários dias de pesquisa nas plataformas digitais de vídeos e nas páginas dos festivais de cinema africano, também foi necessária alguma pesquisa sobre as reformas e a cultura urbana na África contemporânea e sobre o importantíssimo tema da luta LGBTQIA+ no continente africano na atualidade, cuja dimensão eu mesma desconhecia. Impossível não me contentar com o resultado. Na última aula do bimestre, quando confrontados com as ideias que haviam apresentado sobre a África a princípio, os próprios alunos reconheceram o que eles mesmos denominaram “uma visão preconceituosa”, falaram de sua identificação com os temas e problemas apresentados nos filmes e reconheceram as muitas vantagens do trabalho, sinalizando que levariam o aprendizado adiante, entre seus familiares e amigos.

REFERÊNCIAS:

Chimamanda Adichie, **O perigo de uma história única**. TED Talks, 2009.

MOÇA. Direção: Denis Miala. Angola, 2021.

RAFIKI. Direção: **Wanuri Kahiu, Africa do Sul**, Quênia, 2019.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



LITERATURA E ARTE NAS AULAS DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
dyghusoueu@gmail.com

Roney Jesus Ribeiro
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – FAPES
rony-ribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Essa proposta se originou de um estudo sobre a literatura e arte na ditadura militar brasileira (1960-1980). Isso nos fez refletir sobre a importância de tornar as aulas de História atrativas, a partir do planejamento de metodologias pautadas na relação entre História, Arte e Literatura. Desse exercício criamos um roteiro para a análise das fontes, visando produzir entendimentos sobre as obras (literária e artística) e a construção do corpo social do pós-1964. O diálogo com outras áreas amplia meios de compressão do passado recente e torna a aprendizagem da História mais instigante e aprazível (BLANCH, 2013).

DESENVOLVIMENTO

É comum lembrarmos dos resumos que tornavam as aulas de História enfadonhas. A reconstrução dos fatos históricos realizada pelos historiadores sempre gozou de legitimidade sobre o passado. Na sala de aulas os estudantes acabam interpretando essas narrativas como verdade absoluta, não como uma versão do passado. A adoção de novas abordagens no trabalho com fontes

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



históricas em sala de aula pode resolver esse problema. O trabalho com a Literatura e a Arte podem servir de meio para a compreensão da narrativa histórica. Por isso, é preciso ler as obras de arte, buscando indicadores condizentes ao contexto em que elas se constituíram. A arte “[...] não é um estado de espírito reconstruído, mas uma relação entre o objeto e suas circunstâncias” (BAXANDALL, 2006, p. 81). Os recursos estéticos desafiam os estudantes a questionar a verdade defendida pelos historiadores tradicionais. Tudo no contexto historiográfico pode ser questionado, porque os temas se diversificam e as fontes se renovam (PESAVENTO, 2005).

Repensar o ensino de História, requer fazer argumentações: Como podemos nos apropriar de documentos históricos em aula? Que abordagem podemos fazer desses substratos para enriquecê-la? A Literatura e a Arte são capazes de legitimar práticas significativas no ensino de História. A produção artística e literária se constituíram juntos aos fatos históricos do Brasil nos pós-1964. Por isso, essas linguagens são de grande relevância na contextualização dos conteúdos nas aulas de História. E como trabalhar com a Literatura e com a Arte em aulas de História? Há adaptações ou a versão completa do texto literário condizente ao contexto histórico da aula. O mesmo ocorre com as pinturas históricas. A confecção de placas informativas ou *slides* contribui para organização temporal dos fatos a serem discutidos. No momento da discussão do texto literário em relação aos fatos históricos, pode-se estabelecer um paralelo com as imagens, garantindo melhor fixação dos pontos estudados. A análise do material visual será feita com base no roteiro.



<p style="text-align: center;"><u>Análise externa:</u></p> <ul style="list-style-type: none">✓ Quem é o autor(a) e o pintor(a) da obra?✓ Em que ano as obras foram escritas e pintadas?✓ O(a) autor(a) e o(a) artista(a) viveram durante o contexto histórico abordado na obra?✓ As obras retratam um período anterior ao contexto histórico que o autor viveu? <p style="text-align: center;"><u>Análise interna:</u></p> <ul style="list-style-type: none">✓ Qual contexto histórico e social ambientados nas obras aborda?✓ O foco das obras se adere ao contexto histórico e social abordados?✓ Qual o principal assunto explorado pelas obras?
--

Quadro 1 – Roteiro

Fonte: Os autores (2023).

Após as análises e a contextualização do contexto histórico das obras, o professor ampliará a discussão de seu conteúdo com foco na historiografia do Brasil. A leitura comparativa dos recursos citados pode transformar a aula em um espaço de debate. Visto que, “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos” (SCHMIDT, 1997, p.57). Através das interseções entre esses recursos, os estudantes poderão alcançar níveis elevados de interpretações e perceberão, que o passado nos alcança por vias e interpretações distintas.

CONCLUSÕES

Ao propor práticas educativas inovadoras, o professor rompe com os métodos tradicionais e instiga a curiosidade de seus alunos. Aulas dinâmicas, garantem o protagonismo do discente, tornando-o mais ativo na constituição de seus conhecimentos. Por isso, é importante ao professor de História planejar estratégias atrativas e enriquecedoras. É necessário apresentar aos estudantes

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



temas e fontes históricas em diálogos com outras áreas do conhecimento. Há muitos desafios no ensino de História. No entanto, o professor deve encará-los buscando meios e estratégias eficazes na formação de alunos críticos e atuantes. A utilização de diferentes linguagens artísticas como fontes documentais permite subverter o marasmo, tornando a aula de História um espaço de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p.55-66.

BLANCH, Joan Pagès. **As fontes literárias no ensino de História**. Catalão: OPSIS, v. 13, n. 1, p. 33-42, 2013.



ELEMENTOS SULEADORES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO CONTRA-HEGEMÔNICO: O EXEMPLO DO MEMORIAL VIRTUAL DO CANARINHO

Rodrigo Alves Lampert
Prefeitura Municipal de Cachoeirinha
profrodrigolampert@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta o relato de uma pesquisa desenvolvida no programa de pós-graduação em Ensino de História, Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória – sobre as potencialidades de uma oficina pedagógica visando a construção do conhecimento histórico através do trabalho com história local, trabalhando com fontes históricas tendo por objetivo final a elaboração de um acervo contra-hegemônico. Este trabalho se insere na perspectiva decolonial ao questionar a colonização do ser que é perpetrada a partir dos museus ao definirem o que é digno de ser lembrado e propõe romper com esta classificação ao conscientizar a historicidade das pessoas comuns e não somente dos grupos dominantes. “A descolonização do ser é a consequência direta da consciência, da consciência de ser colonizado. (MIGNOLO, 2018, p. 319) Esta proposta, o museu contra-hegemônico, se inspira em museus comunitários e vai na contramão da definição tradicional de museu, surgindo não para apresentar e defender a realidade hegemônica, mas para defender a existência da própria existência. O acervo contra-hegemônico não está calcado naquilo que é o predominante, mas sim em fortalecer a memória

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



“ao recriar e interpretar as histórias significativas” (LERCSH; OCAMPO p.3) da própria comunidade.

DESENVOLVIMENTO

Para a realização da pesquisa foi eleita uma turma de 6º Ano do Ensino Fundamental, considerando que os estudantes nesta faixa etária entre a infância e adolescência costumam ser mais motivados e apresentam mais facilidade de engajamento do que os alunos maiores, além da organização escolar e da pressão da mantenedora em se trabalhar a Base Nacional Comum Curricular. Desta forma, está descrito nos planos de estudos da instituição, em História, para o início do 6º Ano o reconhecimento da ciência histórica, seus métodos e suas fontes, enquanto no mesmo período, nos planos de estudo de Geografia está descrito o reconhecimento dos conceitos básicos de espaço geográfico, paisagem e lugar, permitindo a transdisciplinaridade entre estes componentes curriculares.

O trabalho realizado foi inspirado livremente na pedagogia histórico-crítica de João Luiz Gasparin (2012). Iniciando pela *Prática Social Inicial do Conteúdo*, realizou-se uma sondagem sobre o que os alunos e alunas já sabem sobre a história de sua escola. A partir deste momento, foi realizada a *Problematização*, na qual os estudantes formularam questionamentos sobre o que ainda não sabiam e o que gostariam de saber sobre a sua escola. A *Problematização* abriu caminho à *Instrumentalização*, momento em que foram trabalhados com os estudantes os conhecimentos históricos e o trabalho com as fontes históricas de forma a auxiliá-los a construir o conhecimento. A quarta etapa, *Cartase*, é entendida como o momento que que estudantes formulam a síntese daquilo que aprenderam, o que é considerado pelo autor como a conclusão da parte teórica do processo de construção de aprendizagem. Neste caso, foram produzidos os

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



materiais que formam o acervo contra-hegemônico do Memorial Virtual do Canarinho. A última etapa da pedagogia histórico-crítica de Gasparin (*ibidem*) consiste em uma retomada de procedimentos práticos, a *Prática Social Final do Conteúdo*, momento em que é realizada uma união entre o conhecimento teórico e prático por meio de alguma ação que visasse transformar a realidade na qual estamos inseridos. A *Prática Social Final do Conteúdo* desta pesquisa foi a publicação do Memorial Virtual do Canarinho o qual o acesso é disponibilizado a toda a comunidade escolar e onde se encontram disponíveis os trabalhos realizados pelos estudantes.

CONCLUSÕES

Os estudantes realizaram diversas oficinas pedagógicas objetivando responder os questionamentos elaborados por eles próprios mediante o trabalho com as fontes históricas e produziram através destas oficinas diversos materiais que ajudam a contar a história da sua comunidade e da sua escola. Além desta produção, destaca-se o protagonismo dos estudantes na construção de seu conhecimento, mas também a noção extremamente necessária nos tempos de hoje em que somos atacados por *fake news* e *fake history* é que a História necessita de fontes e de evidências para construir a sua narrativa e que existem vários tipos de fontes, em um trabalho que, como disseram os estudantes, se assemelha ao trabalho de um detetive que localiza as provas, evidências e testemunhas daquilo que investiga. Os estudantes também apontaram que não sabiam inicialmente que sua escola e sua comunidade tinham história e que quanto mais descobrimos sobre um assunto, novas dúvidas vão surgindo, o que nos fez descobrir ainda mais sobre o nosso espaço. O Memorial Virtual do Canarinho encontra-se disponível em <https://memorialvirtualdocanarinho.wordpress.com/>.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



REFERÊNCIAS

GASPARIN, J.L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2012

MIGNOLO, W. Museus no horizonte colonial da modernidade: garimpando o museu (1992) de Fred Wilson. **Museologia & Interdisciplinaridade**. Vol. 7, nº13, Jan./ Jun. de 2018 p.309-324

LERSCH, T.M.; OCAMPO, C.C. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?** Acessado em 04 de Março de 2023. Online. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2011/12/o-conceito-de-museu-comunitc3a1rio.pdf>

DIÁLOGOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Natali Braga Spohr

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal

de Santa Maria Bolsista CAPES

natali.bspohr@gmail.com

Esta apresentação é uma reflexão teórica que propõe diálogos sobre a educação patrimonial e o seu ensino para relações mais igualitárias na sociedade, especificamente, no que diz respeito às questões de gênero no patrimônio cultural. Tais análises decorrem da pesquisa para a tese em

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



desenvolvimento junto curso de doutorado em História (PPGH/UFSM), cujo objeto de estudos é um evento chamado Festival da Barranca, que acontece anualmente desde 1972, em São Borja, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, com exceção nos anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia de COVID-19.

Como Homi K. Bhabha (1998), entende-se que a cultura é construída e a tradição, inventada. A tradição do Festival da Barranca foi estabelecida pelos usos do passado no decorrer do tempo e durante quase meio século, mesmo que estilos artísticos tenham se misturado, o evento mantém o modelo adotado desde a primeira edição, é restrito aos convidados, que são majoritariamente músicos, poetas e escritores reconhecidos do segmento da música gaúcha, que reúnem-se numa média de trezentos participantes ao ano. As obras produzidas durante as edições permanecem inéditas ao final do evento, uma vez que as músicas e as poesias não são registradas em gravações para difusão para o público. Ademais disso, o que desperta o maior interesse no referido objeto é o fato de o Festival da Barranca proibir a participação das mulheres.

Antes das reflexões sobre o conceito de gênero, havia uma certa invisibilidade do pensamento sobre o masculino, visto que se trata da norma, da regra, de algo estabelecido, tal como apontado “os normais não precisam de dias especiais para serem lembrados” (LOURO, 2013, p. 27). Outrossim, pensar o conceito de gênero desloca o foco unilateral sobre as mulheres para que se passe a refletir acerca da relação entre mulheres e homens, de modo que se compreende gênero como plural, pois são muitas feminilidades e masculinidades.

O Festival da Barranca não só é considerado tradicional no estado como também é oficializado no âmbito da patrimonialização municipal e estadual, é considerado uma Manifestação de Relevância Cultural do Rio Grande do Sul e

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



integra o Calendário Oficial de Eventos do Estado (Lei 14.850/2016). Em 29 de março de 2018, o prefeito de São Borja assinou a Lei 5.332 que institui o Festival da Barranca como Patrimônio Cultural Imaterial do município e em 21 de maio de 2019, os deputados estaduais do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Eduardo Loureiro e Luiz Marengo, protocolaram na Assembleia Legislativa o projeto de lei que declara o Festival da Barranca como integrante do Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande do Sul.

François Hartog (2006), diz que o movimento de patrimonialização decorre de uma crise de tempo vivenciada pela sociedade contemporânea e o que resulta disso é um olhar museológico sobre aquilo que nos cerca. Nesta perspectiva o patrimônio “define menos o que se possui, o que se tem e se circunscreve mais ao que somos, sem sabê-lo, ou mesmo sem ter podido saber. O patrimônio se apresenta então como um convite à anamnese coletiva” (HARTOG, 2006, p. 6). Como ressalta o autor, esse apreço pelo passado não reforça uma identidade segura de si, mas aquela que arrisca se apagar ou a ser completamente apagada.

São objetivos deste trabalho a promoção de reflexões acerca das abordagens que dizem respeito ao patrimônio cultural na escola. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem como um dos temas transversais da educação, ou seja, é um assunto que está sendo vivido no cotidiano da sociedade, o Multiculturalismo – Diversidade Cultural e Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras (MEC, 2017). Diante disso, busca-se desconstruir posturas engessadas, de modo a atuar para além da “identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 1998; 2000) e dar visibilidade para narrativas que foram imiscuídas de protagonismos, ainda que essas mulheres tenham desempenhado tarefas usualmente masculinas, de

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



maneira a educar para a “possibilidade de conceber outras histórias possíveis pensadas e estruturadas a partir de diferentes perspectivas de gênero” (PEREIRA e RODRIGUES, 2018, p.10). O texto da versão de 2017 da BNCC não se refere ao tema das identidades de gênero e nem de orientação sexual,

Há uma deliberada invisibilidade das mulheres como agentes sociais e históricos até o momento em que conquistam direitos políticos. Outras orientações sexuais, então, sequer aparecem como possibilidades efetivas de identidade, constituindo-se como experiência humana de um “outro” a ser anexado, mais do que integrado, à sociedade e à história. (Id., Ibid).

Para Tau Golin, o Festival da Barranca, por ser um “acontecimento ‘fechado’, menos de uma centena de homens passam a ser a referência (**esse estado se corrige, ou as minorias vão estar sempre na ribalta**)” (GOLIN, 1987, p. 128) (grifo nosso), e prossegue, pois, mesmo que “contem, revelem, expliquem, para o grande público, o festival está envolto numa mística” (Id., Ibid.). Diálogos em torno de questões como: Quais são os lugares daqueles que não são representados por essa masculinidade específica? Como identificar-se com um espaço ou patrimônio “proibido”? E os patrimônios, que deveriam ser amplos e acessíveis, os são para quem? Possibilitam pensar na promoção da transformação social através da cultura e da mediação para a educação patrimonial, pois conforme a professora Guacira Lopes Louro (1987, p. 11), acredita-se que o presente “não exclui do horizonte a possibilidade de ela [relação entre os gêneros] se estruturar de modo muito mais justo em uma sociedade futura, diferente desta”.

REFERÊNCIAS

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Terceira versão. 2017. Acessado em 20 fev. 2023. Online. Disponível em: <https://goo.gl/QMuwqT>

GOLIN, T. **Por baixo do poncho**: contribuição à crítica da cultura gauchesca. Porto Alegre: Tchê! Editora Ltda., 1987.

HARTOG, F. Tempo e Patrimônio (Trad. José Carlos Reis). **Varia História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25(2), jul./dez., p. 59-76, 2000.

LOURO, G. L. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: Luiz Heron Silva (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 33-47, 1998.

LOURO, G. L. **Prendas e antiprendas**: uma escola de mulheres. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

PEREIRA, N. M. e RODRIGUES, M. C. M. BNCC e o passado prático: Temporalidades e produção de identidades no ensino de história. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v.26, n. 107, 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



MUSEUS E ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ATRAVÉS DA PESQUISA

Nathalia Vieira Ribeiro
Universidade Federal do Rio Grande
ribeirovnathalia09@gmail.com

Darcylene Pereira Domingues
Universidade Federal de Rio Grande
darcylenedomingues@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se configura enquanto um relato de pesquisa sobre um projeto em desenvolvimento em modelo de Iniciação Científica, visando a sua socialização e divulgação dos resultados e etapas em andamento. Se trata do projeto intitulado “Aprendizagem histórica: memória, cultura e sensibilidades nos olhares no espaço museológico”, desenvolvido pela professora doutora Julia Matos. No presente projeto, são propostas as discussões para além dos debates sobre os desafios que envolvem os processos e cenários de ensino-aprendizagem contemporâneos, sem, no entanto, perdê-los de foco, direcionando as discussões para as potencialidades do uso de espaços museológicos por professores de História em formação para o Ensino de História.

Neste sentido, tem-se como cerne a exploração do ensino, das aprendizagens, da memória e do regime de tempo através da perspectiva da experiência de jovens estudantes de História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no espaço do museu. A proposta do projeto se delinea a partir de dois museus: o Museu da cidade do Rio Grande e a Fototeca Ricardo

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Giovannini, especificamente. Dessarte, o cerne da pesquisa é compreender como se dão no processo de aprendizagem as intrigantes relações atuais dos sujeitos com o passado no Brasil e com a própria disciplina de história.

Ainda a partir dessa indagação, percebemos o quanto o ensino dos conhecimentos na área de História precisa ser reformulado. Nessa direção, pensar o Museu como um espaço de aprendizagens sensíveis e motivadoras de novas posições e significações em relação ao presente e às identidades individuais (RÜSEN, 2010), nos projeta a refletir sobre como a História Cultural das sensibilidades, conforme proposta por Sandra J. Pesavento (2005), e a Teoria da Subjetividade, proposta por Fernando Luís González Rey (2017), podem contribuir para pesquisas nesse campo que percebe o Ensino de História enquanto objeto de estudos da ciência da História. Dessa forma, compreender as formas como se dão os processos de aprendizagem nos espaços museológicos poderá contribuir para a construção de novas ações de ensino significativo sobre a História local e nacional junto a jovens estudantes dos cursos de História, futuros docentes da educação básica.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do projeto é aplicado por meio da combinação de várias etapas e três abordagens. A primeira abordagem é centrada na metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Essa etapa serviu para desenvolver o Estado da Arte do projeto, que visou levantar a produção acadêmica brasileira sobre o Ensino de História em Museus e a Educação Museal. Como segunda etapa, o projeto se voltou ainda para o estudo e análise dos materiais didáticos distribuídos para as escolas públicas de ensino fundamental com o propósito de perceber se e como estes abordam atividades que relacionem o ensino de história e os museus.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Por fim, na terceira etapa do projeto, ainda não desenvolvida, será utilizada uma abordagem de questionário qualitativo que será aplicado junto a estudantes que tenham vivenciado atividades de ensino de história nos museus da Cidade e na Fototeca. Ainda, o projeto se desenvolve a partir da organização de reuniões com os museus envolvidos no mesmo e por fim o desenvolvimento do aplicativo mobile para android.

A partir da elaboração inicial do levantamento e análise breve das bibliografias encontradas, cunhadas na primeira etapa do projeto, é possível notar que existem poucas pesquisas elaboradas no campo voltadas à temática do ensino nos espaços museais. Nesse sentido, os enfoques e abordagens utilizados se delinham pela educação patrimonial ou se afastam de forma significativa do escopo do ensino, demonstrando que existe uma lacuna no tangente a elaboração de cursos de formação de professores e/ou disciplinas voltadas para a temática do ensino-aprendizagem nos espaços museológicos e ainda, que se detenham de abordagens distintas.

Ainda, a partir do desenvolvimento da segunda etapa, ao analisarmos os materiais didáticos, protagonistas no ensino de história da educação básica, no que se refere a temática dos museus, encontra-se uma enorme lacuna, evidenciando que este é um tema ainda pouco explorado, sobretudo quando se pauta a extrapolação do ambiente formal e que priorize uma abordagem que se distinga da delineada pela Educação Patrimonial no ambiente da sala de aula.

CONCLUSÕES

Corroborando a ideia de Vieira (2017), os museus históricos podem ser compreendidos enquanto espaços de memória de forma que, a aprendizagem nesses ambientes ocorre de maneira diferenciada da aprendizagem escolar, se caracterizando, como pontuam Almeida e Martinez (2014, p. 722) “[...] por fatores



como: a relação com o objeto museal e o ambiente físico, o voluntarismo; a ludicidade, a multisensorialidade e em que ritmo, e a não-sequencialidade, entre outros”. Nesse sentido, a relação interdisciplinar, contextualizada à realidade dos sujeitos que se inserem nesse processo, propicia aprendizagens que transcendam dados e informações expostas de forma que os envolvidos adquiram uma postura crítica e criativa sobre as temáticas museais e a própria realidade ao entorno.

Nessa direção, as lacunas existentes no que se refere tanto as pesquisas que se interseccionam com a temáticas dos museus e ensino de história quanto à própria presença da temática nos materiais didáticos indicam que, apesar do potencial desses espaços para o ensino e aprendizagem de estudantes, estes são espaços muitas vezes relegados dos ambientes formais e informais de ensino. Desse modo, o projeto contribui no sentido de propor discussões em torno do ensino, das aprendizagens, da memória e do regime de tempo através da perspectiva da experiência de jovens estudantes de História, buscando demonstrar o papel de práticas de ensino de História significativas nesses espaços.

REFERÊNCIAS

ALMEIRA, P; MARTINEZ, A. Albertina. As pesquisas sobre aprendizagem em museus: uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico cultural. **Revista Ciência & Educação**. Bauru, v. 20, n. 3, p. 721-737, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

PESAVENTO, S. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



REY, L. F. G. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2017.

RÜSEN, J. **Razão Histórica:** teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2010.

VIEIRA, G. L. O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica. **Mosaico**, v. 8, n. 12, p. 140-162, 2017.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



A ESCOLA DE LÁ E DE CÁ

Amanda da Silva Menger
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
amandamenger@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a questão dos estudantes que imigraram nos últimos anos e como ocorre sua adaptação às escolas brasileiras. O recorte é o grupo de estudantes matriculados na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Senador Salgado Filho, em Gramado, RS. A pesquisa teve início em dezembro de 2022 e tem como base teórica os projetos de História Oral e História Pública a partir de Portelli, 2016; Santhiago, 2013 e Frisch, 2016.

DESENVOLVIMENTO

Dados do Observatório das Migrações Internacionais (ObMigra) do Ministério da Justiça apontam que o Brasil recebeu, entre 2011 e 2020, 971.806 imigrantes (CAVALCANTI, OLIVEIRA E SILVA, 2021). Muitos imigrantes estão em idade escolar:

Apesar da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) defender que a educação escolar pública deve ser um direito garantido a todos (Brasil, 1996), vários são os desafios que os imigrantes em idade escolar enfrentam tanto no acesso quanto na permanência nas escolas. Falta de documentação, domínio do idioma, xenofobia e ausência de suporte por parte do Estado são algumas das

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



dificuldades enfrentadas pelas famílias de imigrantes. Em contrapartida (VINHA, YAMAGUSCHI, 2021, p.255).

Mesmo com o número crescente de estudantes imigrantes, em Gramado, a única ação voltada à escolarização dos imigrantes ocorreu em 2019: a Universidade Aberta do Brasil (UAB) promoveu em parceria com o curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) um curso de formação em Língua Portuguesa para Estrangeiros (TOMAZELI, 2019). Na EMEF Senador Salgado Filho, em dezembro de 2022 eram 26 alunos imigrantes entre os 1270 estudantes matriculados (LAZARETTI, 2022). Para dar início ao projeto foi realizada uma entrevista piloto com o aluno Luichy Joinvil, do 8º ano, originário da República Dominicana.

Luichy tem 14 anos e está no Brasil desde de 2020. Para ele, a principal dificuldade foi aprender o português. Durante a pandemia e com a dificuldade de entender o idioma, ele criou uma estratégia para realizar as atividades domiciliares: “Eu pegava o celular e fazia foto e traduzia tudo e aí conseguia responder” (JOINVIL, 2022). O *Google Tradutor* também foi usado no retorno às aulas presenciais, principalmente pelos professores. Além do apoio docente, ingressar na banda marcial ajudou o menino a se socializar e aprender o novo idioma.

CONCLUSÕES

O trabalho apresentado é uma construção coletiva, organizada a partir das necessidades da comunidade escolar da EMEF Senador Salgado Filho, em



Gramado/RS. A unidade escolar terminou o ano letivo de 2022 com 1270 alunos matriculados. Deste universo de alunos, 26 são imigrantes de outros países.

Com a entrevista piloto foi possível observar que o domínio da Língua Portuguesa é fator fundamental para que eles se integrem aos colegas e ao cotidiano da escola. Da parte da escola, fica evidente que os esforços são individuais dos professores, pois não houve nenhum programa de formação ofertado pela Secretaria Municipal da Educação (SME), bem como não há orientações sobre como proceder para a avaliação dos alunos cuja língua materna não é o português. Para 2023, a intenção é ampliar o *corpus* da pesquisa, ouvindo os demais alunos imigrantes a partir da interseccionalidade da História Oral e da História Pública

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020**: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em 19 dez. 2022.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única. In: SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

JOINVIL, Luichy. **Entrevista piloto** (em áudio). Dez. 2022.

LAZARETTI, Pedro Eduardo. **Entrevista diretor EMEF Senador Salgado Filho**. Dez. 2022.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. Método, metodologia e campo: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil (tese). **Universidade de São Paulo (USP)**. São Paulo, 2013.

TOMAZELI, Roque. UAB: Curso de Português para Estrangeiros com inscrições abertas até o dia 15. **Prefeitura Municipal de Gramado**. Disponível em: <https://www.gramado.rs.gov.br/noticias/uab-curso-de-portugues-para-estrangeiros-com-inscricoes-abertas-ate-o-dia-15>. Acesso em 19 dez. 2022.

VINHA, Luís Gustavo; Yamaguchi, Isabela Harumi Oshiro. Migrações e educação: A inserção educacional dos migrantes e refugiados no Brasil. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020**: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em 19 dez. 2022.



NÃO É SÓ MUSEU QUE VIVE DE PASSADO: OS APORTES DO ENSINO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo Afonso Tavares
Universidade Federal de Goiás
jor.pauloafonso@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo, tenciona-se efetuar uma reflexão teórica sobre as contribuições da disciplina de História para a formação cidadã dos alunos. O objetivo de aprender história na escola não é fazer os alunos memorizarem uma versão simplificada e conveniente do conhecimento erudito, gerado e construído por historiadores, nem fazer com que adquiram conhecimentos factuais do tipo enciclopédico. Pelo contrário, trata-se de levá-los a desenvolver habilidades que os ajudarão a compreender as realidades sociais do presente à luz do passado.

O ensino deve assentar-se na ligação fundamental entre o saber que o professor transmite aos seus alunos e a concretização da investigação como saber-fazer, ou até mesmo como competências interpessoais. Aprender história na escola estimula os alunos a desenvolver certas ferramentas de reflexão que possibilitam a apropriação gradual de um modo de pensar histórico. Eles constroem respostas às suas perguntas a partir de fontes documentais, sendo suas respostas fruto de um raciocínio instrumentalizado com o uso da linguagem da História.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



No Ocidente, no contexto do advento dos Estados-nação há pouco mais de um século, a generalização da educação histórica nas escolas públicas deu-se a partir de preocupações relativas à formação cidadã. Por meio de uma narrativa histórica, tratava-se então de ensinar aos cidadãos sua identidade nacional, bem como a validade da ordem social e política. Atualmente, não se trata de abordar o ensino da disciplina com tal espírito, mas sim de confiar-lhe a responsabilidade de contribuir para a formação de cidadãos capazes de uma participação social aberta e esclarecida, de acordo com os princípios democráticos princípios e valores.

O ENSINO DE HISTÓRIA

A História é uma reflexão sobre o tempo e que seu ensino deve, pois, permitir que os alunos entendam que o tempo é mudança e continuidade. Mudança, porque, apesar de muitas vicissitudes, podem-se ver progressos globais. Continuidade, decorrente da solidariedade geracional e construção coletiva que transcendem as mudanças de regime político. Há, portanto, uma obra brasileira contínua e coletiva: cada geração tem sua parte nela e, nesta geração, cada indivíduo tem a sua.

Nesse seguimento, o ensino e a aprendizagem de História podem ajudar a entender que a pluralidade é inerente à sociedade, possibilitando a aceitação da alteridade. No entanto, é preciso ter o cuidado de não promover uma visão distorcida e idealizada tanto do passado quanto do presente, pois os territórios, mesmo os cotidianos, são marcados por fronteiras espaciais e mentais, conflitos socioespaciais. O passado abunda em situações de conflito, segregação, negação de legitimidade à diferença, encontros com o outro que conduzem à

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



sua mitificação, à sua rejeição social e espacial ou mesmo à sua destruição, ou a uma aculturação imposta.

O ensino de História pretende que os alunos aprendam a questionar as realidades sociais numa perspectiva histórica, interpretar realidades sociais com o método histórico e construir consciência cívica com base na história. Os procedimentos metodológicos devem gerar, inspirar e orientar todas as atitudes e ações do aluno na sua interpretação das realidades sociais e na construção da sua consciência cívica. Os alunos que examinam as realidades sociais numa perspectiva histórica devem desenvolver atitudes que lhes permitam estabelecer os fundamentos da interpretação dessas realidades sociais, dando-se uma representação pessoal das mesmas e estabelecendo os fundamentos históricos da consciência cívica. Esta última vai-se construindo e consolidando através da interrogação e interpretação constante de múltiplas realidades sociais.

A disciplina de História também relaciona-se de modo interdisciplinar com outros componentes curriculares, tais como Língua Portuguesa, Artes e Matemática. Nas aulas de História, o aluno lê ou escreve diversos textos e comunica-se oralmente. Na construção da sua interpretação das realidades sociais, refere-se, entre outras coisas, a textos narrativos ou informativos que evocam o contexto de uma época. Eles mobilizam suas habilidades linguísticas e usam um conjunto de estratégias de leitura. A expressão artística testemunha a história das diferentes sociedades, cujas produções tornam-se documentos que podem ser usados para estudar realidades sociais. O uso de conceitos matemáticos, científicos e tecnológicos, às vezes, também é necessário para entender certas realidades sociais.

Por fim, a História leva os alunos a construir a sua consciência cívica, nomeadamente com base nos princípios e valores da vida democrática. Por seu lado, as disciplinas do campo do desenvolvimento pessoal tornam-no consciente

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



de um conjunto de valores da ordem da convivência. O aprendizado feito em ambos os lados se complementa, as realizações de uma disciplina servem para construir as realizações da outra e vice-versa.

CONCLUSÕES

O programa de história contribui para a educação geral do aluno de três maneiras. A disciplina leva-o primeiro a perceber que o presente emana essencialmente do passado e a compreender este presente questionando-o numa perspectiva histórica, que assenta sobretudo numa consciência da duração e numa sensibilidade à complexidade. Então, em termos de raciocínio, a disciplina o ensina a buscar informações, bem como a analisar e interpretar realidades sociais. É também uma oportunidade de enriquecer gradativamente a rede de conceitos que ele desdobra para compreender o universo social. Finalmente, em termos de consciência cívica, a história permite-lhe compreender o impacto das ações humanas no decurso da história e assim tomar consciência das suas responsabilidades enquanto cidadão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC), 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em 25 set. 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



“ELES DIZEM RACISMO É SÓ COM O NEGRO, MAS TEM TAMBÉM COM O BRANCO, NÉ?”: NOTAS SOBRE A FALÁCIA DO RACISMO REVERSO E A FRAGILIDADE BRANCA NO CONTEXTO ESCOLAR

Carlos Eduardo Ströher
Rede municipal de Tupandi
carloveduardostroher@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui um relato de pesquisa, correspondendo a um recorte da tese intitulada “Privilégio e sortilégio da cor: marcas do racismo e da branquitude nas relações étnico-raciais de jovens estudantes do Vale do Rio Caí/RS”. Trata-se de uma investigação cuja produção de dados ocorreu através de questionários aplicados e de entrevistas coletivas realizadas junto a estudantes de três escolas dos municípios de Bom Princípio e de Tupandi, bem como por meio de entrevistas com professores de História e gestores escolares destas instituições de ensino. Resulta de exaustiva pesquisa de campo, embasada em referências teóricas que orientam as análises do material empírico.

O objetivo deste trabalho é discutir a falácia do racismo reverso, manifestada no contexto social brasileiro como uma manifestação da branquitude, e de que forma ele atua nos espaços escolares para a manutenção dos privilégios brancos. A crença na suposta existência desse tipo de racismo, presente em várias falas e escritas dos jovens colaboradores da pesquisa, muitas vezes é utilizada como estratégia para maquiagem e manter relações raciais

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



desiguais na escola e em outras instâncias da vida social, num exercício de negação tanto do racismo quanto do privilégio branco.

DESENVOLVIMENTO

Silvio Almeida reitera que o racismo se materializa como discriminação racial e não fica restrito a um ou mais atos, “[...] mas de um *processo* em que as condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2018, p. 27, grifo do autor). Sendo processual e contínuo, o racismo é, portanto, estrutural, e opera em todas as instituições, em casa, no trabalho, na escola, e para ser rompido precisa uma reeducação em todos os espaços, transformação de que os brancos devem – e precisam – fazer parte.

A branquitude é entendida como “um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial” (FRANKENBERG, 2004) e manifestação da identidade racial branca. Como lócus privilegiado de poder, a branquitude atua no sentido de manter sua posição de favorecimento e conforto em todas as esferas sociais. Os estratagemas que mantêm os silêncios cômodos dos indivíduos brancos passam também pela sua própria vitimização, numa armadilha hipocritamente chamada de racismo reverso. Almeida afirma que a ideia de racismo reverso é absolutamente sem sentido e atua de forma prejudicial, como uma ferramenta para deslegitimar demandas por equidade racial (ALMEIDA, 2018).

A produção de dados da pesquisa que embasa este relato foi realizada a partir do levantamento de informações através de questionários - *surveys* - e

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



entrevistas individuais e grupais com os sujeitos participantes da pesquisa (estudantes, gestores e professores das redes de ensino investigadas).

Os dados produzidos junto aos estudantes participantes permitem afirmar que há a crença na existência do racismo reverso. Essa visão distorcida e equivocada do racismo, é compreendida como um fenômeno que também afeta indivíduos brancos, em razão da brancura exagerada de suas peles. Nas entrevistas realizadas, o suposto racismo relacionado ao tom da epiderme também foi ressaltado quando questionado aos estudantes se percebiam alguma vantagem ou desvantagem em relação à sua cor de pele.

A sensação de perda de alguma vantagem ou benefício revela que a superioridade branca esconde um temor pela eliminação de suas estruturas de poder e autossuficiência. Ela esconde, portanto, fraquezas que podem ser definidas pelo conceito de fragilidade branca. Robin Diangelo afirma que “a fragilidade branca pode ser definida como uma resposta ou ‘condição’ produzida e reproduzida pelas contínuas vantagens sociais e materiais da branquitude” (DIANGELO, 2018, p. 132, grifo da autora). Quando ocorre um estresse racial, segundo a autora, há um desequilíbrio que resulta em uma série de movimentos defensivos pelos brancos.

CONCLUSÕES

O racismo reverso, portanto, constitui uma falácia, fruto de uma interpretação equivocada e reativa do racismo. A produção de dados da tese que embasa esse texto demonstra que um indivíduo pode se considerar alguém livre de preconceitos, por não ter consciência de sua racialidade branca, e ao mesmo tempo julgar-se vítima de racismo “reverso”, por considerar-se branco demais,



ou falante com “sotaque alemão carregado”, como no contexto pesquisado. Essa visão distorcida constitui um obstáculo a mais para a reflexão dos sujeitos brancos como agentes do racismo e da sua superação nas mais diferentes manifestações desse preconceito com viés racial.

Os jovens brancos, que constituem a maioria na região pesquisada, crescem e se constituem como sujeitos que possuem uma racialidade que consideram universal, natural, inata, a qual fornece ferramentas e portas abertas em todas as instâncias. Não cresceram imaginando e sentindo que sua cor poderia impor barreiras ou obstáculos para alcançar algum objetivo em espaços que frequentam e onde socializam.

Os jovens entendem o racismo ainda apenas como discurso e não com operacionalização em vantagens ou desvantagens de fato, privilégios efetivos. Na região pesquisada, o Vale do Rio Caí, esses elementos de desigualdade são acentuados em razão da colonialidade germânica, que incorpora aos indivíduos brancos adjetivos de valoração como trabalhador, austero, pioneiro, responsável pelo progresso e desenvolvimento econômico, descrições que justificam a alcunha “Vale da Felicidade” para a região.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr, D. M. de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, M. de A. et al. (Org.). **Qual o Valor da História Hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2018. Coleção Feminismos Plurais.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CARREIRA, D. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos**, n. 28, 2018, p. 127-137. Disponível em: <https://sur.conectas.org/o-lugardos-sujeitos-brancos-na-luta-antirracista/>. Acesso em 04 nov. 2022.

DIANGELO, R. J. **Não basta ser racista: sejamos antirracistas**. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

FRANKENBERG, R. **White women, race matters: the social construction of whiteness**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004 (28), p. 139-152.

MEINERZ, C. B. Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 59-77, jan./mar. 2017.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ADIOS NONINO³²

Thales Sanson de Bem Schäfer¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
thalesdebem@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho farei o relato de experiência como monitor da Cadeira de Ensino de História com o professor Enrique Serra Padrós. A base teórica do trabalho é formada pela pedagogia crítica, em especial as contribuições de Paulo Freire e bell hooks, assim como pelos estudos sobre didática de Jorge Larossa. O objetivo central do texto é refletir como a experiência da monitoria contribuiu na minha formação enquanto docente.

DESENVOLVIMENTO

Para começarmos, o que são monitorias? Elas são atividades nas quais alunos auxiliam docentes na execução de disciplinas ao longo do semestre. Para conseguir tal posição, os interessados precisam já ter cursado a cadeira de interesse e inscrever-se nos editais de vagas ofertadas antes do início dos semestres.

Diante disso, em 2021, eu fui monitor da cadeira obrigatória: Ensino de História. Naquele momento, a UFRGS estava com suas aulas à distância. Em consequência, a minha monitoria também. Por isso, todos os contatos foram feitos via Internet.

³² O título foi inspirado pelo tango de Astor Piazzolla de mesmo nome, o qual foi composto em função da morte do pai do compositor.



Outro fato importante foi a saúde do professor. Infelizmente, complicações de saúde dificultaram a sua atuação ao longo do semestre. No decorrer do tempo, pude acompanhar seu processo de adoecimento. Desde o primeiro encontro ele relatou complicações, chegando ao final, tendo eu em companhia de Letícia Fernandes, sua mestranda na época, ministrar as duas últimas aulas.

Com isso, trago Jorge Larrosa para caracterizar esse momento como uma “experiência”. O autor a define como “[...] o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Diferenciando-a de simples acontecimentos diários envoltos pelo automatismo. Para percebê-la precisamos de interrupções a fim de conseguir pensar, olhar, escutar, etc (LAROSSA, 2002). Ou seja, são momentos digeridos pela reflexão e que contribuem na formação dos sujeitos.

Desse modo, enquadro o período na monitoria como uma experiência, e esse texto como uma reflexão sobre os sentidos/ensinamentos desenvolvidos e apreendidos a partir do que me passou, ou como Larrosa diria, os meus saberes da experiência (Bondía, 2002). Saberes de caráter individual, mas que defendo serem úteis para a discussão entre os pares. Com isso nos próximos parágrafos exponho resumidamente os três resultados preliminares dessa reflexão.

A personificação do exemplo é o primeiro grande ensinamento. Uma parcela do ensino-aprendizagem faz-se a partir do exemplo. Cada educador deve ter em mente essa responsabilidade, pois sua figura é um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Nesse sentido, segundo Paulo Freire (2022) os professores devem aproximar o falar e o fazer, assim como o parecer e o ser.

No tocante a isso, vale ressaltar que a coerência entre as falas e atitudes do professor era rigorosa. Pregando o amor pela educação, lutou até o fim pela nossa formação. Todos sabiam por exemplo que ele era adversário do

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



autoritarismo. Em face disso, uma de suas últimas promessas foi continuar lecionando até que o governo Bolsonaro acabasse. Mesmo não conseguindo, formou gerações de profissionais engajados.

Outro ensinamento foi a criticidade. No livro *Ensinando a Transgredir*, a escritora bell hooks lamenta a falta de pensamento crítico em um mundo tão anti-intelectual (hooks, 2017). Este trecho faz-me lembrar dos apelos que o professor fazia para pensarmos criticamente o mundo.

Na cadeira, muitos esforços foram feitos nesse sentido. Discutimos a vida e obra de Paulo Freire, olhamos filmes e documentários sobre educação, fizemos diversos fóruns para analisar criticamente nossas trajetórias estudantis, entrevistamos docentes de história, elaboramos trabalhos escritos para refletirmos sobre o que vimos e até montamos um álbum de fotos!

A lição apreendida é a necessidade da análise crítica constante. Tanto individual como coletiva. Muitos esquecem dessa última. Embora tenhamos que fazer uma crítica pessoal, devemos lembrar que o ato educativo é coletivo. Por isso que a reflexão não pode ficar restrita ao indivíduo.

Por fim, a amorosidade foi a questão que mais me marcou. Esse modo de agir afetuoso foi expresso comigo antes, durante e depois da monitoria e com os alunos durante toda a cadeira. Lembro desde o e-mail que recebi antes da primeira reunião até a mensagem de agradecimento pelos meus trabalhos enviada dias antes do seu falecimento.

Nesse período, sua amorosidade foi polissêmica. Não estava contida só no “eai guri” que ele falava quando me via, ou no “tá, agora vamos jantar” depois das aulas. Na verdade, estava no seu modo de ouvir as nossas proposições, nossos sentimentos e ressentimentos. Estava nas suas falas, nas suas críticas às conjunturas, nos seus posicionamentos enfáticos contra o autoritarismo, assim como na esperança que nos provocava.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A amorosidade, portanto, estava no diálogo, nas proposições didáticas e na preocupação conosco. Era ao mesmo tempo o conteúdo e a forma; a linha e o tecido. Com isso, percebi que o amor é um elemento essencial, mas não intrínseco ao ato educativo. Na verdade é um nutriente que constantemente devemos repor. A amorosidade que nos ensinou é uma postura ética consigo, para e com os outros, fundamental para o processo de ensino aprendizagem.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, tento agora concluir esse apanhado de reflexões. Nessa experiência, percebi um lado mais humano da docência. A personificação dos discursos, a criticidade e a amorosidade são as maiores contribuições para a minha formação. Presenciei um processo educativo com atitudes louváveis de um professor que em face de suas condições continuou resistindo e educando até o fim. Na minha trajetória, entendo-o como um esboço virtuosamente traçado, que tentarei (re)criá-lo, corrigindo-o e aperfeiçoando-o no diálogo entre minha ação e reflexão.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Ensino exige comprometimento. In FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. 3.2 94-96.

HOOKS, B. Êxtase. In HOOKS, B. *Ensinando a Transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. 14, 265-273.

LAROSSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ROBLOX E HISTÓRIA: UM ENSAIO SOBRE AS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS

Eduardo da Silva Soares
Colégio Marista Roque Gonçalves. EMEF Jenny Figueiredo Vieira da Cunha –
eduardosoares700@gmail.com

Juliana Maria Manfio2
2 EMEF Dr. Baltazar de Bem
jumanfio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto é um ensaio sobre as possibilidades educacionais que a História possui com o jogo *Roblox*. A sua escolha se dá pela facilidade de acesso, pois, para jogar, basta ter um *smartphone*, computador ou console com acesso à internet.

A metodologia utilizada é baseada na Aprendizagem baseada em Games, “que consiste no uso de games de entretenimento e/ou educacionais como prática didática” (STUDART, 2022, p. 1). Os jogos podem ser inseridos de maneira adequada à Teoria da Aprendizagem Significativa, apresentando os conteúdos e conceitos inseridos no universo do educando.

A justificativa para a utilização de jogos se dá porque eles desenvolvem aprendizagens, habilidades e atitudes. Ainda, mesmo que o *game* não seja educacional, muitos deles ensinam conceitos históricos interessantes, ou fazem refletir sobre diversos elementos de uma era e, a citar, a série *Assassins Creed* é um exemplo.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



Portanto, conforme Pecchinenda (2003), esse recurso serve para divertir, pensar, produzir ideias e representações, podendo ser um excelente auxiliar no ensino-aprendizagem de História. Com isso, defende-se que é imprescindível levar os jogos digitais com interações prévias, com a construção de sentidos e relações com o conteúdo escolar a ser trabalhado (ALVES, 2008).

Desse modo, esse ensaio traz reflexões teóricas e práticas em relação às possibilidades de ensino-aprendizagem que o *Roblox* pode oferecer.

CRIAÇÃO DO MUNDO

O mundo foi criado com estrutura temática, ou seja, com componentes que se remetem ao ambiente do Antigo Egito³³. O centro da preocupação na elaboração do mapa possui dois elementos: 1) conteúdo histórico e 2) motivação do estudante. Desses pontos, destacam-se as suas interconexões com a relevância textual e imagética apresentada, assim como a atenção e a satisfação dos estudantes enquanto jogadores, assim, ao desbravarem o universo do jogo, se sentem confiantes em relação ao seu aprendizado³⁴.

Os diálogos foram criados respeitando o tom de síntese ou resumo de conteúdo, assim como perguntas a serem respondidas pelos jogadores. Quem apresenta o texto são os *non-playable Character* (NPCs) e eles estão próximos de pontos temáticos, os quais se tornam referências para os estudantes conectarem o cenário e o tema abordado.

A EXPERIÊNCIA

³³ O jogo está disponível na plataforma *Roblox* por meio do link: <https://www.roblox.com/games/9840438380/eduardo-ssoaress-Place-Number-4>

³⁴ Essa reflexão parte das leituras de J. M. Keller (2010) sobre o campo do design instrucional.



Como salienta Amorim *et. al.* (2016, p. 91), “a ideia é aproveitar as habilidades que os alunos possuem com jogos”³⁵. Os estudantes acessaram por meio de um *link* que a plataforma disponibiliza. Ao ingressar no jogo, eles interagem com o elemento *game*, o pedagógico com os textos e questionamentos históricos, e a própria simulação do jogar e transferir os aprendizados desenvolvidos no mundo virtual para o real³⁶.

Eles podem escolher o caminho que desejarem, acessando “as partes” temáticas do jogo. Ali, ao unirem o elemento visual 3D, com o conteúdo histórico e diversão do jogo, formam a percepção de que estudar “pode ser divertido”, pois possuem escolhas e caminhos para trilhar o seu aprendizado.

³⁵ As autoras desenvolvem jogos digitais como ferramentas no ensino de algoritmos e programação.

³⁶ Essa estratégia pedagógica parte dos escritos de Aldrich (2005) sobre os *games* e a utilização de simulações.



Figura: Mapa do Egito Antigo





Fonte: arquivo dos autores.

Conforme percebido, os estudantes acessam os resumos e encontram perguntas para testar os seus conhecimentos. Não há o desafio de aumentar o nível ou dificuldade das questões/jogo, mas sim o caráter de revisão de conteúdo.

Na primeira imagem, o cenário é composto por hieróglifos, enquanto nas demais, as pirâmides se destacam. Assim, ao relacionar o ambiente digital aos estudos de sala de aula, o interesse em relação ao conteúdo aumenta

CONCLUSÕES

Percebe-se que o *Roblox* é uma excelente ferramenta para estudar e se divertir. É uma plataforma de fácil acesso e gratuito, bastando ao jogador/educando possuir algum equipamento jogável e conectado à internet. Cabe salientar que esse *game* não se limita ao espaço físico e temporal da sala de aula, ficando disponível para acesso ilimitado. Além disso, por apresentar a possibilidade da construção em 3D, pode ser utilizado como uma maquete virtual.

Em relação ao aprendizado, é verificável que o interesse, estímulo e interações aumentam após a inserção dos *games*, e do *Roblox*, em especial. Assim, unir estratégias metodológicas com a inovação dos jogos digitais capacita o aprendizado colaborativo.

REFERÊNCIAS

ALDRICH, Clark. **Learning by Doing**: a comprehensive guide to simulations, computer games, and pedagogy. E-Learning and other educational experiences. Hoboken: John Wiley & Sons, 2005.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ALVES, Lynn (2008). Relações entre os jogos digitais e aprendizagem: delineando percurso. **Educação, Formação & Tecnologias**. 2008, pp. 3-10.

AMORIM, M. OLIVEIRA, E. SANTOS, J. QUADROS, J. Aprendizagem e Jogos: diálogo com alunos do ensino médio-técnico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2016, p. 91-115.

KELLER, J.M. **Motivational Design for Learning and Performance: The ARCS Model Approach**. New York, Springer, 2010.

STUDART, Nelson. A gamificação como design instrucional. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, 2022, p. 1-11.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



WEBSITES NO ENSINO: UMA INCURSÃO PELA HISTÓRIA MEXICANA COMO ATIVIDADE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA

Thalis Figueiredo Sartorio
Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas
thalis.sartorio@gmail.com

Rheuren da Silva Lourenço
Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande
rheuren.2001@gmail.com

Nathalia Vieira Ribeiro
Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal
de Pelotas
nathalia09@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em nosso mundo globalizado e frente a uma abordagem tecnológica que permeia a História e define um caráter evolutivo ao próprio estudo do passado, impôs-se um espaço desmerecedor do tempo, suas transformações e contradições complexas, visto que, nesse novo paradigma, o estudo e a pesquisa histórica seriam apenas demarcados por figuras históricas pontuais; grandes feitos oficiais; curiosidades e informações banais; um punhado de ideias prontas e acabadas, descontextualizadas de sua historicidade. No processo da formação docente, essas contradições entre o paradigma tradicional e as tecnologias emergentes cada vez mais presentes no cotidiano escolar, atentam para a necessidade de abarcar tais temas ainda durante a graduação.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Sob este prisma, neste trabalho, apresentamos o website Jornadas Pelo México Colonial³⁷, desenvolvido no ano de 2021, como um recurso didático para pensar a inserção dessas novas ferramentas em relação à emergência de outras linguagens que estão imersas na sociedade, aglutinando e pontuando considerações sobre seu processo de criação, seleção de conteúdos, construção de layout e objetivos com o projeto e, com isso, discutir possibilidades de refletir sobre novas formas de leitura da realidade, levando em conta os procedimentos de problematização, observação, documentação e formulação de hipóteses no campo do ensino.

DESENVOLVIMENTO

O Website Jornadas pelo México Colonial é uma produção voltada ao ensino de História provinda de uma atividade da disciplina de História da América Colonial, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande. A atividade da disciplina em questão consistia em elaborar um material didático que englobasse a temática da América colonial hispânica, que pudesse ser utilizado como ferramenta para o Ensino de História.

Tendo em vista a possibilidade de desenvolvimento por um dos membros do grupo, cuja formação prévia é em Informática, optou-se por enveredar pela criação de um website. Além disso, a escolha também se sustentou visto que neste tipo de recurso, há a viabilidade de articular imagens, textos, vídeos e outros elementos que não chegaram a se apresentar no site, mas que são possíveis, cujo objetivo é encontrar novas e atrativas formas de se trazer

³⁷ Disponível em: <https://jpmc-mex.vercel.app/>.



determinado conteúdo, no caso, o México Colonial como ponto central da discussão.

Ademais, prima-se pela exploração de outros meios didáticos como ferramentas para auxiliar no ensino de História que extrapolam o powerpoint, mas que, ao mesmo tempo, não se limitem ao podcast ou ao vídeo, englobando assim a utilização de tecnologias para auxílio no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que esta se tornou uma abordagem profícua no presente momento.

Para fins didáticos, o website foi dividido em seis momentos, sendo eles de apresentação do espaço e de mapas, por meio de áudio, texto e imagens, contextualização da invasão espanhola, escravização e formas de trabalho forçado durante a colonização hispânica. Seguido da apresentação das formas de resistência indígena mexicana no período colonial, ambos mesclando também esses diferentes recursos de mídias.

Logo, como quarto momento abordamos sobre os impactos da colonização por meio do uso de dados acerca das populações tradicionais mexicanas na contemporaneidade, compreendendo como se dão suas formas de resistências no presente mediante o uso de imagens, áudio e recomendação de materiais como vídeos, externos à nossa produção. Além disso, como quinto momento, foi desenvolvido um glossário de termos utilizados ao longo das páginas para auxiliar na compreensão de determinados termos.

Por fim, como sexto e último momento, elencamos a separação e sistematização das referências utilizadas para a elaboração do conteúdo do website. Optamos por utilizar recursos como imagens digitais, textos de autores referência sobre a temática como Ronaldo Vainfas (1992) de modo didatizado, áudios no estilo podcast, glossário de termos e avatares dos autores, criados pelo aplicativo *bitmoji*, para tornar a viagem mais lúdica e didática para os

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



interlocutores do processo, no caso, os estudantes, público alvo ao qual destinamos o projeto.

Para tanto, sobre a criação do website, a elaboração partiu da discussão entre os três membros e se realizou a construção em HTML e CSS, com uso da linguagem de programação JS, possibilitando um melhor uso de imagens. Pressupostos como uma forma didática de se apresentar o conteúdo, o contínuo uso de imagens junto aos textos, perpassam a discussão quanto à disposição dos elementos e o planejamento das páginas. Em relação ao planejamento, a pesquisa histórica e a seleção dos tópicos foram parâmetros para definição das páginas, como também da necessidade de construção das páginas de Referencial Teórico e Glossário.

CONCLUSÕES

O website se mostra relevante como uma ferramenta para ser utilizada em sala de aula como material de apoio pedagógico, na medida em que se propõe a ser um espaço onde uma grande gama de possibilidades podem ser aproveitadas, uma vez que este se mostra acessível para todos os níveis de ensino, precisando ser adaptado somente o conteúdo. Além disso, também é possível ser utilizado como um lugar de interação entre professor e estudante para além do âmbito escolar, pensando também que o ensino acontece em diversos ambientes, que não somente dentro da sala de aula.

Como adendos para a prosperidade, na presente escrita deste trabalho, o website está passando por uma atualização de sua estrutura com a implementação da biblioteca ReactJS. Tornou-se oportuno revisar a identidade visual do JPMC, como também quaisquer outras questões de imprecisões ou adendos não pensados na primeira versão apresentada na aula de História da América Colonial. Ademais, a mais importante atualização que está em

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



progresso é a implementação de responsividade ao website, permitindo sua acessibilidade para diversos formatos de tela.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CUNHA, Jorge Luiz da; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. Os sentidos do trabalho do professor e o lugar social do ensino de História. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 3, p. 529-544, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PRATS, Joaquín. Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos. **Educar**, Curitiba Especial, v. 22, p. 191-218, 2006.

VAINFAS, R. Idolatrias e milenarismos: a resistência indígena nas Américas. *Revista Estudos Históricos*, v.5, n.9, 29-43, 1992.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



CINEMA & ENSINO DE HISTÓRIA: PROPOSTA DE PESQUISA COM ESTUDANTES SECUNDARISTAS SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR DO BRASIL

Luiz Paulo da Silva Soares
EEEM Dr. Augusto Duprat (SEDUC/RS) / Universidade Federal de Pelotas
(UFPEL) – luizsoaresrg@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o percurso inicial da investigação que está em curso no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), à nível de doutorado, que teve início no primeiro semestre de 2021, em pleno contexto pandêmico. Sob o título provisório “O Brasil em estilhaços: a ditadura civil-militar brasileira retratada no cinema e a perspectiva de estudantes do Ensino Médio”, o projeto têm como problemática de pesquisa, buscar identificar como os estudantes do Ensino Médio compreendem o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), a partir das mídias cinematográficas que são utilizadas nas práticas pedagógicas do professor de História.

Parte-se do pressuposto de que o esquecimento ou abrandamento sobre a ditadura, presente em muitos discursos que circulam socialmente, tem como foco uma tentativa de apaziguamento, isto é, “trata-se de um problema de percepção, de experiência social: a censura ocultou da sociedade, em grande medida, a repressão à luta armada buscando ocultar a violência em uma atitude que marca toda a história do Brasil (...)” (FICO, 2013, p. 245).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Desta forma, considera-se que trabalhar a ditadura civil-militar através da utilização da análise das mídias cinemáticas está para além do plano conceitual e cognitivo. O cinema, enquanto “produto cultural” (FERRO, 2010; FONSECA, 2012) estimula o conhecimento, amplia a imaginação e o compartilhamento de informações e saberes distintos. O cinema, na condição de dispositivo formativo estético, proporciona a criação de um espaço de construção de novos conhecimentos por meio da reflexão, da curiosidade e criticidade do que está sendo veiculado na mídia, ampliando nossos desejos, pensamentos, atitudes, emoções etc. Sendo este produto, uma representação cultural, um instrumento que possibilita na construção de discussões, permeando a história, a formação e as relações sociais.

No que tange as relações existentes entre cinema e o ensino de História, estas podem ser vista de duas maneiras em uma perspectiva bem simplificada: a primeira como sendo um testemunho do presente e a segunda como discurso representativo do passado. Assim, as mídias cinematográficas no ensino de História, proporcionam um estudo significativo sobre o conhecimento histórico, amplificando a compreensão dos fatos.

DESENVOLVIMENTO

O trabalho aqui exposto trata-se de uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa com elementos quantitativos, amparados nos estudos desenvolvidos por Roberto Hernandez Sampieri, Carlos Fernandez Collado e Maria Del Pilar Baptista Lucio (2013). Para isso, serão utilizados três instrumentos de coleta de dados: narrativas de estudantes secundaristas do terceiro ano do Ensino Médio, questionários semi-estruturados e diário de campo do professor pesquisador. Em relação aos sujeitos desta investigação, estes fazem parte de quatro turmas do terceiro ano do Ensino Médio de duas escolas estaduais da cidade do Rio

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Grande/RS, em turnos distintos (matutino e noturno), das quais o pesquisador é regente. O processo de coleta de dados com os estudantes, sujeitos da pesquisa, ocorrerá durante o ano letivo de 2023.

Em relação aos procedimentos de análise do material empírico, será empregado a análise de conteúdo, que segundo Laurence Bardin (2012) é uma abordagem de análise que se utiliza da descrição, inferência e interpretação dos materiais coletados e catalogados. Consiste num conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados, informações e/ou discursos, fazendo-os aparecer no conteúdo das diversas categorias de documentos.

Ademais, precisamos pensar que a comunicação tecida entre o receptor da mídia e outros partícipes deste processo propicia reflexões dialógicas sobre as mensagens que são veiculadas nas mídias, pois as cenas dos filmes geram debates que provocam uma troca de conhecimentos entre os telespectadores, que, por sua vez, decodificam/significam as mensagens veiculadas na mídia com base na cultura (THOMPSON, 2011).

CONCLUSÕES

Em síntese, o trabalho investigativo, que está em curso no doutorado em História, se propõe a compreender de que maneira ocorrem as aprendizagens dos estudantes secundaristas sobre a ditadura civil-militar brasileira mediados pela mídia cinematográfica em sala de aula. Outrossim, pensamos também que essa investigação irá contribuir para o aperfeiçoamento da prática pedagógica do professor no que tange à utilização das mídias cinematográficas para trabalhar o tema em sala de aula, problematizando os significados, (in)visibilidades ou discursos produzidos por esses produtos culturais acerca dos fatos históricos.



REFERÊNCIAS

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2012.

FERRO, M. **Cinema e História**. Tradução: Flávia Nascimento. São Paulo: Paz & Terra, 2010.

FICO, C. Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 239-261, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v14n27/1518-3319-topoi-14-27-00239.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas: Papyrus, 2012.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; & LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: AMGH, Penso, 2013. 624p.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.



A PARTICIPAÇÃO DA LUDICIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO JOGO “CARTAS RELACIONADAS”

Valter Fernando Junqueira Júnior
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
valterfernando0800@gmail.com

INTRODUÇÃO

A idealização deste trabalho surgiu num debate no Laboratório de pesquisa em ensino em didática da história (LAPEDHI), na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), coordenado pela professora Dr. Júlia Silveira Matos, onde buscamos pensar em novas metodologias para o ensino-aprendizagem em história com o propósito de potencializar ideais transformadores na educação e fortalecer a ruptura ao sistema tradicional hegemônico de ensino, no qual impossibilita o professor em adotar estratégias próprias de ensino que trabalhe de acordo com as adversidades de cada classe docente. Neste sentido, o presente trabalho propõe, que a educação deva ser enxergada como prática de libertação do saber e pensar do sujeito, como também desenvolver uma maior aproximação do aluno a ciência da História para que assim proporcione novas reflexões sobre as construções sociais e culturais históricas através das aulas de história. Portanto, assim aproveitando a oportunidade de indagar a seguinte questão: de que forma o lúdico pode auxiliar na aprendizagem de processos históricos em sala de aula? Para isso, temos como proposta um jogo apelidado de “cartas relacionadas” com o propósito reforçar o conteúdo já passado e, de forma alternativa, possibilitar maior interação entre professor e aluno (a).

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Deste modo, nosso propósito é a inclusão do recurso pedagógico da ludicidade para além da educação infantil e incluí-lo nos anos de ensino médio, pois é nesta esfera que o docente tem a maior carga de estudos, não só no campo da história, mas também nas demais ciências humanas e da natureza, a serem aprendidas num curto espaço de tempo. Por isso, é nesta perspectiva que propomos a intervenção do Lúdico como ferramenta alternativa para tornar as aulas de História cada vez mais dinâmicas e estreitar as relações entre professores e alunos. Mas quais impactos o lúdico trás? Segundo Nunes Caetano (2015), Os jogos e as brincadeiras são recursos metodológicos capazes de proporcionar uma aprendizagem natural e espontânea, ajuda a estimular a crítica, a criatividade e a sociabilização, sendo assim, considerados como uma das atividades mais significativas pelo conteúdo pedagógico social.

Ou seja, o brincar sempre teve uma importância fundamental nos processos de base de cada sociedade e influenciando até nos papéis de gênero onde os meninos e as meninas são instigados através de jogos e brinquedos a seguir determinados caminhos profissionais e sociais. Nesse sentido, visamos na ludicidade a desconstrução das simples aulas “chatas” de História e potencializar cada vez mais o uso de artifícios alternativos para favorecer o ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

A pesquisa toma como elemento metodológico a utilização do jogo que chamamos de “cartas relacionadas”, onde o professor de História apresenta um deck de cartas embaralhadas aos alunos e eles deverão relacionar cada desenho ao contexto histórico em que a carta esteja ligada.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Deste modo, este projeto de pesquisa tem como pretensão potencializar a participação do lúdico como ferramenta alternativa no ensino de História e apresentar um jogo que visamos gerar maior interação nas aulas, como também fortalecer a cooperação entre os alunos para que consigam relacionar todas as cartas e gerar um novo olhar sobre o campo da ciência da História em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já dito anteriormente, o exercício desse jogo visa mostrar que as aulas de História não precisam e não devem ser trabalhadas com o despejo de informações sobre as cabeças de jovens que estão tendo que lidar com problemas pessoais, seja financeiro e/o emocional, e a pressão de aprender os conteúdos de inúmeras matérias em pouco tempo. Portanto, devemos olhar o aluno para além das salas e aula e entendê-lo como sujeito que precisa da cooperação e compreensão do professor e é nesse sentido que devemos dar participação a para ludicidade não apenas no ensino de base, mas também no Médio para reaproximar os professores e alunos e proporcionar um novo método de ensino que seja mais inclusiva e menos complexo e desmotivador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, não podemos afirmar que o jogo aqui proposto funcionará, pois ainda não fora colocado em prática, contudo cremos no fundamental papel que o lúdico tem para o ensino-aprendizagem no campo da educação como um todo e esperamos contribuir para a construção de uma nova prática educativa que proporciona uma nova pedagogia e que faça contraponto ao sistema

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



hegemônico de educação existente, que incessantemente gera desinteresse dos alunos num real aprendizado e que futuramente se configura em problemas que atrapalham o desenvolvimento de senso crítico dos jovens.

Portanto, está claro que esta discussão vai além de simplesmente ensinar a matéria, mas sim gerar cada vez mais o interesse no aprendizado, em valorizar a educação e proporcionar aos jovens um novo olhar sobre a ciência da História através de ferramentas auxiliares como o lúdico.

REFERENCIAS

Neta, Ilda a Silva de Almeida. **O LÚDICO COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** 2015.

Sant'Anna, Alexandre. Nascimento, Paulo Roberto. **A história do lúdico na educação.** 2011.

Nunes, Kelly Caetano de Sousa. **A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA INFÂNCIA.** 2015.

Carvalho, Nelson Marcellino. **Pedagogia da Animação.** 2017

Piaget, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação.** 2010.

Flores, Mariana da Cunha Thompson Flores. **Cartas, Tabuleiros e Cartelas, os Jogos no Ensino e Aprendizagem de História.** 2019.



“A TEORIA DO DOCUMENTÁRIO NAS AULAS DE HISTÓRIA COMO UMA POSSIBILIDADE DE APRENDER HISTÓRIA LOCAL”

Yasmin Daniella D’Avila
Universidade de Santa Maria (UFSM)
yasminddavila@hotmail.com

O presente relato de pesquisa apresenta componentes estruturantes de minha caminhada enquanto discente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) onde busco formas de incentivar aprendizagens sobre a história do município de Santa Cruz do Sul/RS por meio da utilização da teoria do documentário e amparando-me em discussões decoloniais.

A história de Santa Cruz do Sul é compreendida pela população a partir de um “mito fundante” que atribui a formação do povoado e tudo que decorre dela de imigrantes alemães. Apesar disso, a partir de estudos de distintas/os pesquisadoras/es¹, é possível afirmar que diversas etnias foram importantes na constituição do município. Contudo, o que chega em sala de aula é uma compreensão histórica que não dialoga com os estudos acadêmicos e que acaba por reforçar estereótipos sobre populações “não-brancas”, principalmente sobre a população negra que encontra-se no território (SILVA; WESCHENFELDER, 210. p. 278).

Os estudos decoloniais podem auxiliar na análise mais aprofundada desta situação e em formas de transgressão. A colonialidade, processo iniciado com as colonizações mas presente em diversas maneiras de pensar e agir da atualidade e estruturante da modernidade (OLIVEIRA; LUCINI, 2020. p. 2), promove a negação das formas de ser do “outro”, as culturas que não sejam

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



européias ou norte-americanas, construindo uma constante hierarquização de culturas.

Esta perspectiva antagônica e eurocêntrica estruturante do mundo atual é reiterada por diversos autores, incluindo Edgardo Lander (2005), Geni Núñez (2021), Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) e Ailton Krenak (2019). Krenak simplifica esse pensamento ao nos explicar a valorização de uma única humanidade. Ele coloca que a modernidade, a civilização branca, considera-se o ápice da humanidade, seus valores e crenças, tudo que compõe o seu mundo, destituído da natureza. Enquanto isso, os demais povos são vistos como uma “sub-humanidade”. Seus valores e modo de vida são desvalorizados, desacreditados e destruídos (KRENAK, 2019. pg 21).

Uma das formas de agir da colonialidade é promover o silenciamento de diferentes povos ao longo do processo histórico, o que Chimamanda chama de uma “história única” (ADICHIE, 2019). É o que acontece com o caso de Santa Cruz do Sul, onde sua história é vista a partir de uma única perspectiva, sem o diálogo com fontes e estudos diversificados, negando a existência e a participação de populações que fujam da norma de uma colonização unicamente eurocêntrica.

Com essas análises em mente, tenho como objetivo construir no ambiente escolar uma história local para além dos estereótipos e que seja plural. Para isso, utilizo como metodologia de trabalho o paradigma para a construção de roteiros de documentários proposto por Syd Field. O paradigma é a divisão do roteiro em 3 atos: apresentação, confrontação e resolução, seguidos de “pontos de virada” que agregam engajamento à trama (FIELD, 2001; FIELD, 1984).

A pesquisa ainda não apresenta os resultados desejados, uma vez que está em fase de conclusão do projeto. Contudo, é possível perceber que a teoria do documentário e o paradigma proposto por Field podem ser uma metodologia



para o ensino de diferentes conhecimentos da História, pois exige que os estudantes se apropriem de fato do que está sendo analisado e construam um roteiro a partir de suas ideias. Além disso, a proposta de utilizar o paradigma para o estudo da história local possibilita o diálogo com estudos acadêmicos, pesquisadoras/os e com o cotidiano das/os educandas/os.

Notas:

¹ Importante citar estudos que comprovam a presença de pessoas “não-brancas” nas primeiras décadas de formação de Santa Cruz do Sul. Cito os trabalhos de a) O trabalho de Guilherme Spindler, Roberto Radunz e Olgário Vogt comprovam a existência de escravos na colônia de Santa Cruz do Sul e discutem os aspectos e características dessa escravidão e b) João Paulo Reis Costa e João Paulo Eckert analisam a constituição da região serrana de Santa Cruz do Sul e sua população, que viviam principalmente da extração da erva mate nativa e por isso são denominados de mateiros.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COSTA, Bernardino Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, vol 31, n. 01, Janeiro/Abril 2016, p. 15-25.

COSTA, João Paulo Reis. **Para além de um suposto “pioneirismo”**: A constituição da serra e da população serrana na região de Santa Cruz, numa perspectiva de desenvolvimento regional. *Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território Santa Cruz do Sul, RS, Brasil*, 2015.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ECKERT, José Paulo. **O povo dos herveas - entre o extrativismo e a colonização** (Santa Cruz do Sul, 1850 - 1900). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em História, 2011. Dissertação (mestrado).

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FIELD, Syd. **Os exercícios do roteirista**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1984.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

NÚÑEZ, Geni. **Da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

NÚÑEZ, Geni.. **Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário**. CLIMACOM CULTURA CIENTÍFICA - PESQUISA, JORNALISMO E ARTE, v. ano 8, p. 01-08, 2021.

OLIVEIRA, Elisabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Boletim Historiar**, vol. 08, n. 01, Jan./Mar. 2021, p. 97-115.

SILVA, Mozart Linhares; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do Rio Grande do Sul. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. X, nº 1, p. 259-281, mar/2010.

SPINDLER, Guilherme Würdig; RADÜNZ, Roberto; VOGT, Olgário Paulo. Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX. **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, 2016

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



UTILIZAÇÃO DE ZINE: TRANSPOSIÇÃO DE CONTEÚDO HISTÓRICO CIENTÍFICO PARA O COMBATE DE NEGACIONISMO HISTÓRICO

Yasmin V. Favaron
Universidade Federal de Santa Maria
yafavaron@gmail.com

Maria E. Finger
Universidade Federal de Santa Maria
mariaeduardafinger19@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho remete a uma produção de material didático, mais especificamente uma zine. Foi escolhido este material didático, pois a zine é um material lúdico, instigante e informativo. Intitulamos a zine “Capitalismo e comunismo, você sabe a diferença?”, e tenho como objetivo combater o negacionismo histórico, fazendo com que os alunos pensem de maneira crítica e embasada historicamente acerca de uma questão amplamente debatida na atualidade: conceitos de capitalismo e comunismo. Segundo VARGAS (2021), o negacionismo histórico no Brasil se insere em um contexto histórico peculiar, e suas ideias fundamentadoras têm assumido formatos de fácil e rápido consumo de massa. Dessa forma, cabe a nós professoras e professores compreendermos o momento histórico em que vivemos, como também buscarmos por soluções para o combate do negacionismo histórico. A partir disso, acredito que a produção de materiais didáticos lúdicos e instigantes seja uma interessante alternativa para tratar das principais temáticas atingidas pelo negacionismo histórico.

DESENVOLVIMENTO

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Segundo OLIVEIRA (2020), o momento em que vivemos é de ataque à educação, às Ciências Humanas e à História, principalmente, a partir do negacionismo histórico. Este negacionismo parte de uma ideologia, que tem como objetivo distorcer ou ocultar o passado de acordo com os interesses de grupos específicos. A partir disso, faz-se necessário a transmissão de conteúdos acadêmicos científicos de forma instigante, democrática e interativa, a fim de desmistificar o senso comum e evitar a propagação de abordagens falaciosas. Dessa forma, a zine serve de auxílio no trabalho de ensino-aprendizagem, uma vez que é um material didático versátil e lúdico.

A zine foi elaborada por três alunas da graduação em História Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como uma atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O material foi desenvolvido utilizando-se como bibliografia básica as obras dos autores Karl Marx e Friedrich Engles, que discutem os sistemas socioeconômicos através de uma abordagem histórica; também foi utilizado o autor Afrânio Mendes Catani, que possui doutorado em sociologia.

A zine conta com diversas imagens e foi escrita em um linguajar próprio - mais informal e interativo para os leitores. A parte textual presente na zine foi produzida a partir da leitura da bibliografia supracitada, e as imagens foram retiradas da internet e de recortes de revistas.

O principal objetivo do material é sanar as questões ideológicas atuais que giram em torno da temática de maneira didática e lúdica, esperando que auxilie na formação de cidadãos críticos e preparados para lidar com o intenso fluxo de informações de um mundo globalizado no qual as ideias fundamentadoras do negacionismo histórico se propagam de forma rápida e fácil.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONCLUSÕES

Tendo em vista o atual contexto histórico e crescimento constante do negacionismo histórico, acreditamos que este material didático pode servir de auxílio a professores e professoras para tratar dos conteúdos que abrangem os sistemas socioeconômicos e suas diferenças, temática que vem sendo um dos principais focos das disputas pelo passado nas redes sociais, mídias eletrônicas, etc. Acreditamos também que a produção de materiais didáticos lúdicos e instigantes possa ser uma alternativa para enfrentar as infundadas desconstruções dos conhecimentos históricos em sala de aula, de maneira compromissada com o método histórico, porém didática e instigante aos estudantes, a fim de que eles e elas desenvolvam análises críticas das informações recebidas no mundo globalizado em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ENGELS, Friedrich. Princípios Básicos do Comunismo. Moscou: Editora Avante, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 1ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- MAXIMOFF, G.P. The Political Philosophy of Bakunin. NY: The Free Press, 1953.
- CATANI, Afranio Mendes. O Que é Capitalismo. Volume 4. Editora Brasiliense, 2011.
- OLIVEIRA, Sonia Maria Soares De et al... Saberes, ensino e formação do professor de história em tempos de negacionismo: pra onde caminhamos?. Anais VII CONEDU – Edição Online Campina Grande. Realize Editora, 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



VARGAS, N. C. Negacionismo histórico e neoliberalismo à brasileira. In: XXVI Encontro Nacional de Economia Política, 2021, Goiânia. Anais do XXVI Encontro Nacional de Economia Política, 2021.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



CONSTRUÇÃO DE ZINE E PROPOSTA DE USO COMO MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Maria E. Finger

¹Universidade Federal de Santa Maria
mariaeduardafinger19@gmail.com

Yasmin V. Favaron,

²Universidade Federal de Santa Maria
yafavaron@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a construção de uma zine para uso como material didático no ensino de história. Essa produção didática, está vinculada as práticas desenvolvidas pelo PIBID História-UFSM, na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Naura Teixeira Pinheiro, Santa Maria/RS.

A zine em questão aborda a temática de modelos políticos que estiveram em confronto na segunda metade do século XX (comunismo e capitalismo), que compõe o currículo dos anos finais do ensino fundamental. Foi construída a partir das obras dos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels, que discutem os sistemas políticos utilizando-se da história para tal, bem como da obra de Afrânio Mendes Catani “O que é capitalismo”. O conhecimento produzido pelos autores passou pelo processo de transposição didática, orientado e fundamentado teoricamente pelo trabalho de Ana Maria Monteiro (2007), bem como pela pelas concepções de aprendizagens em história de Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005), que leva em consideração a necessidade da apreensão de conceitos para a construção do conhecimento histórico tanto escolar como historiográfico.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



A criação da zine tem como objetivo fornecer aos professores de história, um recurso didático para o ensino, a fim de romper com os métodos tradicionais de ensino onde o professor é o expositor e detentor do conhecimento que é passado aos alunos que recebem como meros espectadores. Através da zine, há uma aproximação dinâmica do estudante na direção do objeto, transpassando a transferência do conhecimento como possibilidade fixa do professor.

DESENVOLVIMENTO

Através dos métodos tradicionais de ensino, onde os alunos recebem de maneira passiva os conteúdos e reproduzem uma carga de informações orquestradas pelo professor, o conhecimento se torna algo mecânico, a ser reproduzido. A fim de romper com essa hierarquização de saberes, faz-se necessária uma renovação do ensino, que recai sobre questões metodológicas. Nesse sentido a zine apresenta-se como um recurso didático, cujo objetivo é socializar com alunos do ensino básico o conhecimento construído na academia, de forma lúdica e interativa, de modo a dialogar com as fontes utilizadas, demonstrando para os alunos como aquele conhecimento foi construído, retirando o discente da posição de mero receptor de informações, instigando-o a criticidade.

Para abordar a temática dos modelos políticos em confronto no século XX, foram utilizadas como referência as obras dos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels, bem como o trabalho de Afrânio Mendes Catani a respeito do capitalismo. Os conhecimentos produzidos pelos autores passaram pelo processo de transposição didática, permeado por opções axiológicas, afim de torná-los acessíveis e compreensíveis para os adolescentes. Na zine houve

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



também a transposição didática de conceitos como "classes" e "mais-valia", além dos conceitos de "comunismo" e "capitalismo". Segundo Bittencourt (2005), o conhecimento histórico escolar, produz-se por intermédio da aquisição de conceitos, bem como de informações e valores. Para a autora, os conceitos são necessários para tornar o objeto histórico inteligível. Além disso “o importante, na aprendizagem conceitual, é que sejam estabelecidas as relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto externamente [...]” (BITTENCOURT, 2005, P.189). Desse modo, a última página da zine fora construída a partir de convenções do senso comum a respeito do comunismo, desmistificando as mentiras e afirmando as verdades que envolvem o conceito.

A zine é construída através de perguntas que tem por objetivo interagir com o discente, a fim de estimular sua curiosidade e criticidade. Foram utilizadas na construção do material imagens para ilustrar a parte escrita, bem como pequenas charges que retratam as discussões levantadas, compondo, assim, uma comunicação multimodal, onde texto e imagem constroem significado. O gênero fanzine-zine é caracterizado por essa multisssemiose, o que o torna um material rico e atrativo.

CONCLUSÕES

Espera-se que o uso da presente produção didática, apresente-se como uma alternativa metodológica que rompa com a hierarquização dos saberes, aproximando dinamicamente o aluno do objeto de estudo, transpassando a transferência do conhecimento como possibilidade fixa do professor. Além disso, espera-se que esta zine possa contribuir para a formação de alunos críticos, o trabalho demonstra uma tentativa de romper com o saber escolar exilado de suas



origens, aproximando os estudantes da construção do conhecimento e rompendo com o senso comum.

Por fim, espera-se que o material ajude no combate ao negacionismo histórico e fake news, propagadas amplamente acerca dos conceitos de capitalismo e comunismo, ajudando os alunos a pensar de forma embasada historicamente.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Aprendizagens em história. In: **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. Cap 2, p. 183 - 221.

CATANI, Afrânio M. O que é capitalismo. Volume 4. Editora Brasiliense, 2011.

ENGELS, Friedrich. Princípios básicos do comunismo. Moscou: Editora Avante, 1982.

MARX, Karl; ENGERLS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 1ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In: **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Cap 3, p. 81 – 111.



O ENSINO DE HISTÓRIA E OS RECURSOS DIGITAIS DIANTE DAS DEMANDAS DE HISTÓRIA PÚBLICA DOS DIAS ATUAIS

Alvanir Ivaneide Alves da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco
alvaniralves2017@gmail.com

INTRODUÇÃO

Pensar a respeito do ensino de História é um exercício que nos leva às demandas de História Pública do tempo presente, tendo em vista que o século XXI tem ampliado cada vez mais as trocas de informações mediadas pelas tecnologias digitais, sendo assim, essas novas ferramentas tecnológicas tornaram-se fundamentais às modernas condições do exercício da docência e do historiador, que no mundo tem se apresentado, uma vez que muitas inovações se desenvolvem ao longo do contexto temporal (FOCHI, 2015).

Por meio desta premissa, essa comunicação é um relato de pesquisa desenvolvido a partir de uma pesquisa de Mestrado em História Social da Cultura Social, ofertado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, vinculado a Linha de Pesquisa em Ensino de História e Cultura Regional, cujo objetivo central é analisar as referidas contribuições que visitas a Museus Virtuais podem desencadear no ensino aprendizagem em história.

Para isso, queremos pensar através deste resumo expandido a respeito das possibilidades que as ferramentas digitais como ambientes possíveis de compartilhamento de produções históricas, podem proporcionar aprendizagens na prática de ensino, dando foco em especial a História Pública, que segundo

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Santhiago (2016), tem os aspectos relacionados à Internet como espaços centrais para o seu desenvolvimento.

Como metodologia para o desenvolvimento desta comunicação vamos utilizar a revisão bibliográfica de livros e artigos que descrevem sobre o Ensino de História, assim como, sobre os museus e seus acervos virtuais que se seguem na inserção da História Pública, enquanto campo de produção e difusão do conhecimento histórico. Também realizaremos uma breve análise do nosso objeto de estudo – a plataforma virtual do Paço do Frevo.

DESENVOLVIMENTO

Segundo a historiadora Bittencourt (2008), o ensino de história necessita possibilitar a produção de conhecimentos para seu público mesmo diante de mudanças de perspectivas, além disso, deve relacionar espaços educativos que contribuam com as práticas pedagógicas do ensino de história, sendo assim, capaz de “assegurar uma aprendizagem efetiva e coerente” (BITTENCOURT, 2008, p. 140), em um espaço dinâmico e reflexivo.

E como tanto os discentes quanto o grande público estão cada vez mais atrelados aos recursos tecnológicos, se faz necessário uma adequação do ensino de história ao advento das tecnologias digitais. Assim sendo, Schmidt (2014), destaca que o ensino de história deve se desenvolver a partir de uma renovação metodológica, ou seja, é necessário que seja atrelado o uso das tecnologias digitais nas análises da relação passado/presente com a realidade dos tempos atuais

Neste sentido, a história pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros” (ALMEIDA; ROVAI, 2012, p. 7). Tendo em vista que ela recorre à memória, às suas implicações no esquecimento e à sua emergência no tempo presente.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Para isso, os museus, como espaços de difusão de memórias, cumprem função tanto na História Pública, como também na construção destes lugares enquanto patrimônios. Já que de acordo com Nora (1993), estes lugares de memória ainda buscam espaços para preservarem e partilharem seus conteúdos (acervos), encontrando nas mídias digitais possibilidades de ativação de novos públicos e, sobretudo, democratização dos espaços museológicos, pois “quando se passa para o campo virtual, o campo de ação alarga-se dando origem a múltiplos percursos interativos.” (MUCHACHO, 2015, p. 1542).

E como objeto de pesquisa para melhor compreender as potencialidades que os acervos virtuais podem possibilitar ao ensino de história, temos utilizado a Plataforma Virtual do Museu Paço do Frevo, em especial a atividade Abre-salas, que fora desenvolvida no período pandêmico.

A plataforma em si, disponibiliza diversas ferramentas para o público de visitantes, como: acervo fotográfico, áudio visual, exposições e a visualização do prédio físico em 360°. Dessa forma, o público pode explorar o museu e sua exposição de longa duração à distância, através da mediação do educativo da instituição de forma síncrona, que tem o intuito de gerar mais interatividade à modalidade virtual do museu.

A ferramenta Google Arts & Culture (plataforma virtual do museu) é acionada no intuito dos visitantes adentrarem o espaço museal e visualizarem as exposições disponíveis, tais como: a Linha do Tempo do Frevo, o Ciclo do Carnaval, o Glossário do Carnaval, Comendadores/as do Frevo, contemplados na Praça do Frevo, etc.

O abre-salas foi realizado com instituições de diversos lugares do Brasil e em disciplinas diversas, e para a realização da análise a equipe de coordenação disponibilizou o acesso a algumas gravações do abre-salas. Por meio delas, foi perceptível que o público pôde interagir com os objetos

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



museológico mesmo na modalidade virtual, além disso, é um recurso para democratizar o acesso ao museu, pois se o público não pode ir até o museu, seja por questões sanitárias, econômicas ou de espaço-tempo, o museu vai até o seu público.

CONCLUSÕES

Por meio da análise das mediações do Abre-salas, é possível compreender que visitas às plataformas virtuais de museus, mediando espaços formais e não formais de ensino, podem proporcionar uma interatividade dinâmica, ressaltando a cultura, a história e a efetividade que os recursos tecnológicos podem proporcionar, pois foi observado a participação do público tanto no quiz, quanto em questionamentos ao longo da visita.

Dessa maneira, as tecnologias estão diante de nós como uma demanda de nosso presente, é necessário pensarmos e refletirmos a respeito. Pois, tal incorporação sensibiliza a cultura histórica, elaborando efeitos na oferta do conhecimento histórico compartilhado nos espaços públicos, assim como o acesso ao patrimônio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia De Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Cortez Editora, 2 ed., São Paulo, 2008.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



FOCHI, Graciela Márcia; **Metodologia do Ensino da História**. Indaial: UNIASSELVI, 2015.

MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico**. Departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Livro de Actas - 4º SOPCOM, p. 1540 – 1547, 2015

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. In: *História e cultura*, v. 10, São Paulo: 1993.

SANTHIAGO, Ricardo. **Dois palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a História Pública no Brasil**. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, cap. 1, p. 23 – 36, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. *Cultura histórica e aprendizagem histórica*. **Revista NUPEM**: Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 31 – 50, 2014.

ENSINO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO: A POLÍTICAS DE REGULAMENTAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS NO BRASIL (1930-2023)

Rafaela Guardalúpi
Graduanda em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande-
rafaelaoliveira_91@outlook.com

Darcylene Domingues
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade
Federal de Pelotas
darcylenedomingues@gmail.com

INTRODUÇÃO

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



Analisaremos o papel histórico das políticas de regulação, seleção e avaliação dos livros didáticos de História no Brasil para a constituição de uma concepção de currículo para o ensino de História, entre os anos de 1930 a 2023. Dessa forma, quando analisamos o papel da criação da Comissão Nacional do Livro Didático, buscamos perceber como essa instituição atuou como limitadora e reguladora dos conteúdos veiculados nos livros didáticos, especificamente os de História e, dessa forma, contribuiu para uma profunda mudança no mercado editorial brasileiro de livros didáticos. De acordo com Tania Regina de Luca, cabia a essa comissão o papel de executar "... na análise dos materiais didáticos submetidos pelos autores e editores, elaborar uma relação oficial para servir de orientação à escolar dos professores de escolas públicas ou privadas, além de estimular e orientar a produção de livros didáticos (...)" (LUCA, 2009, p. 167). Entre suas funções não encontramos a produção dos manuais escolares, mas, como demonstrou a autora, seu papel era centrado na regulação e autorização dos livros que poderiam ou não ser utilizados nas escolas públicas.

DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento, optamos pela análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, por compreendermos esse como o mais apropriado para a melhor decodificação do material. Conforme o proposto por Bardin, a pré-análise é a organização do material, sua escolar, as hipóteses que guiam o trabalho e os objetivos para sua elaboração. Entretanto, a análise dos documentos referentes a Comissão Nacional do Livro Didático (1938-1961) e do Plano Nacional do Livro Didático (1985-2018) apenas nos orientam para uma compreensão parcial do fenômeno, também é preciso um levantamento de História oral para a análise das concepções de currículo dos professores. Nossa

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



infraestrutura será o espaço hoje ocupado pelo Grupo de Pesquisa em Ensino de História, sentidos e narrativas, a sala B1 do anexo do prédio 4, o qual conta com uma biblioteca especializada. Como forma de análise dos resultados partiremos do emprego de análises quantitativas e suas devidas relações com as qualitativas, os dados da pesquisa serão fundamento para a produção de artigos para publicação em revistas científicas e um livro sobre o papel dos órgãos de avaliação dos livros didáticos de história para a constituição de Currículo.

CONCLUSÕES

O presente projeto encontra-se em fase de execução, não havendo ainda resultados finais a serem apresentados. Como afirmamos, livro didático é um recurso lúdico, em função das imagens que apresenta, mas também é fonte de textos, pois apresenta os conteúdos. Entretanto, o papel deste enquanto recurso didático não se limita a estas duas características, pois cada livro didático possui uma identidade que se constitui através das formas como os conteúdos são distribuídos em seu interior e abordagens dadas e esses. Segundo Matos: “Tal análise alerta para o fato de que o livro didático, enquanto produto de uma sociedade do consumo, deve ser estudado enquanto meio de veiculação ideológica, seja ela oficial ou pedagógica.” (MATOS, 2013; p.12). A partir dessa percepção, compreendemos que se faz necessário aprofundar nossas reflexões sobre os livros didáticos, enquanto produtos da sociedade de consumo, especificamente os de História, foco de nosso consumo e não como um “inocente” recurso didático simplesmente. Afinal todo e qualquer suporte de escrita carrega em si a idealização de seu produtor e, ao mesmo tempo, de seu consumidor.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



O livro didático se tornou não só uma ferramenta de grande relevância para os educandos, nos ambientes escolares, mas também, como se transformou em uma importante mercadoria das empresas editoriais que se aliaram ao Estado na divulgação dessa produção cultural que tendia a se ampliar. As políticas que estão em torno desta ferramenta vem sendo a cada dia reorganizadas, a regulação e as normas que envolvem os conteúdos abordados.

REFERÊNCIAS

LUCA, Tânia Regina de. **Livro didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas.** In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos, REZNIK, Luís & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. A história na escola: autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 151-172.

Lei Orgânica de Ensino 1942. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/dcreto-lei%204.244942%20reforma%20capenemaensino%20secund%E1rio.htm. Acesso em 14/04/2012, as 20:00.

CRITÉRIOS DOS EDITAIS DO PNLD (2000 a 2013). In: Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História 18, 19 e 20 de abril de 2011-Florianópolis/SC. Disponível em: <http://abeh.org/trabalhos/GT10/tcompletovitoria.pdf>. Acesso em 21/07/2022

MATOS, Júlia Silveira. **Ensino de história, diversidade e educação à distância.** Laisa dos Santo Nogueira ... [et al.]; Júlia Silveira Matos, Gianne Zanella Atallah (organizadoras) - Rio Grande: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande, 2013. Disponível em: https://sead.furg.br/images/cadernos/PMDD_PDF/volume04.pdf. Acesso em 21/07/2022.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



ONDE ELAS ESTÃO?: ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS A PARTIR DO EMPREGO HISTÓRICO DAS MULHERES EM SEUS CONTEÚDOS

Franciesca Bertagnoli Siqueira
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
francescabertagnoli@gmail.com

Juliana Dalla Vecchia Brisolla²
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
ulianabrisolla@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A figura feminina, dentro da disciplina de História, tem passado por mudanças nas últimas décadas. A historiografia vem apontando como as “formas” (GUARINELLO, 2003, p.42) do campo empurraram narrativas, e nesse caso, femininas, para espaços pouco explorados pelos historiadores. Deste modo, a conhecida História das Mulheres, campo dedicado a evidenciar essas pesquisas, junto com a pluralização do movimento feminista encabeçam o estímulo dessas transições da área, que vem aumentando há cerca de 70 anos.

Por muito tempo, o que se trazia para o ensino da disciplina de história – e o que era produzido no ensino superior- foi baseado no que conhecemos como “História Oficial”, uma historiografia conhecida por ser produzida através de fontes principalmente políticas e militares. Como se sabe, a maioria dos agentes históricos dentro desses nichos, eram, do sexo masculino. A figura feminina, no entanto, passou a ser encontrada em outros tipos de óticas, principalmente a privada. Com o aumento de reivindicações, de direitos das mulheres, e novas

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



abordagens historiográficas, ficou impossível negá-las como parte ativa da sociedade urbana, seja nos tempos remotos, como nos mais atuais.

Apesar dos meios digitais online terem estado em evidência nas últimas décadas, principalmente ao se debater o encontro de informações, esse método ainda não é alcançado por todos. O livro didático, por outro lado, é um instrumento utilizado há séculos. Popularizado nas escolas, hoje em dia ainda é um dos principais métodos aderido pelos professores, e, afora outros processos, é o contato primário com o conteúdo para os alunos em que a escola – pública ou privada- disponibiliza.

Isto posto, analisar dois dos livros didáticos, o primeiro utilizado pelo sexto (6º) ano de uma escola pública de Ensino Fundamental, e o segundo utilizado por uma escola de Ensino Médio no primeiro (1º) ano, durante 2020, ambas da cidade de Santa Maria (RS), é o principal método deste trabalho. Discutir sobre novas perspectivas históricas que chegam aos alunos e às alunas é de importância fundamental para novas gerações compreenderem não apenas a sociedade em que vivem, mas também para entenderem a si próprios. Deste modo, em que patamar já se encontram as novas produções literárias escolares envolvendo as mulheres e a sua história é o que vem a ser a reflexão aqui proposta.

DESENVOLVIMENTO

Ao se debruçar nas Matrizes de Referência 2022, referentes ao sexto ano do ensino fundamental do último ano (2022), é possível encontrar que a habilidade (EF06HI19) se dedica à “Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.”. Assim,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



determinando incorporações do feminino dentro dos conteúdos que devem ser ofertados aos alunos.

No entanto, ao se voltar aos livros didáticos, a proposta levada à sala de aula se torna diferente. Apesar de haver textos, parágrafos ou ainda exercícios que incentivem essas percepções; o estudo vem mostrando cada vez mais uma tendência em colocar em “fôrmãs” não apenas a história que evidencia mulheres, mas também afastar outros elementos entre si. Pois, ainda é encontrada a participação de mulheres como um setor separado, em quadros ou parágrafos destacados do “texto principal”, ou sendo o último destes. Ou então, como atividades complementares.

A proposta de inclusão de novas perspectivas da História, trazendo múltiplos olhares já está em vigor no Brasil, sendo aplicada e levando reflexões para os jovens dentro das salas de aula. Entretanto, ainda é percebido como sendo uma prioridade à parte do corpo principal da disciplina, principalmente por levar exemplos rasos da constelação de vivências femininas, ou de literatura, e ainda com imagem que perpetuam a posição de mulheres em inferioridade e de menor evidência.

CONCLUSÕES

A figura feminina, ao ser colocada de lado pela disciplina da História, historiadores e pela historiografia, hoje passa por mudanças de olhares e percepções. No entanto, ao se entender o contexto atual, é possível compreender que apesar de ainda inicial, já foram tomados projetos para a mudança dessa realidade. Os livros didáticos de História ainda circulantes, entretanto, fazem parte desse processo. Talvez, idealmente fosse elaborado um livro didático que levasse questionamentos mais profundos quanto à questão,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



assim como que esta se fizesse parte central e não apenas periférica do conteúdo.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, A.C. (ed.). **Araribá mais : história : manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2018.

CAMPOS, F., PINTO, J. P., CLARO, R. **Oficina de História: volume 1**. São Paulo: Leya, 2016.

GUARINELLO, N. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga, **Politeia**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

COPATTI, C.; MARIA ANDREIS, A.; CLEONIR COLLA ZUANAZZI, L. Olhares ao programa nacional do livro e do material didático: : relações entre Estado, mercado editorial e os livros didáticos na escola. **Perspectivas em Políticas Públicas**, [S. l.], v. 14, n. 27, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/5795>. Acesso em: 5 mar. 2023.

CARATO MAZZI, L.; BARCELOS AMARAL-SCHIO, R. Uma trajetória histórica dos livros didáticos: um foco nas políticas públicas implementadas nos séculos XX e XXI. **INTERMATHS**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 88-105, 2021. DOI: 10.22481/intermaths.v2i1.8077. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/intermaths/article/view/8077>. Acesso em: 5 mar. 2023.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



A QUESTÃO DA PALESTINA: CARTILHA PARA ENSINO MÉDIO

Vitória Miron Husein

Universidade Federal de Santa Maria

vitoria.husein@acad.ufsm.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma cartilha voltada para o Ensino Médio sobre a Questão da Palestina. Através da pesquisa intitulada “Considerações preliminares sobre a Questão da Palestina no ensino de história” (Husein, 2021), verificou-se que na disciplina de História, no Ensino Médio brasileiro, muitas vezes a temática palestina não é abordada. Em alguns casos, quando entra em questão, é trabalhada como um conflito meramente religioso ou em termos simétricos, como uma guerra movida por “ambos os lados”. Compreendendo a necessidade de abordar o assunto em sala de aula, a fim de trabalhar questões indispensáveis ao Ensino de História, como limpeza étnica, apartheid, genocídio e imperialismo, acreditamos que ao tratar dessa temática estaremos nos alinhando com um ensino comprometido com a informação, formação discente e ruptura com uma perspectiva colonialista de ensino. Por esta razão, elaboramos uma cartilha em que tratamos a Questão da Palestina com fundamentos acadêmicos, utilizando-nos principalmente do trabalho “A Questão da Palestina” (Said, 2012) , com a sensibilidade que a temática requer e abordando o conteúdo no marco teórico anticolonial.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



DESENVOLVIMENTO

A cartilha retoma o período da Antiguidade, mas fundamenta-se, principalmente, na análise que tange os séculos XIX e XX na Palestina histórica, com enfoque na ocupação da Palestina, consolidação do Estado de Israel e o genocídio do povo palestino. A cartilha, elaborada por três alunas da graduação e um graduado em História pela UFSM, conta com duas versões: a versão padrão e a versão “manual do professor”, onde constam sugestões de abordagens para os educadores a respeito do tema. Através de revisão bibliográfica foram elaboradas sínteses dos trechos mais relevantes para entender a Questão da Palestina; após o processo de síntese, foi realizada uma transposição do conteúdo, a fim de tornar a linguagem da cartilha didática. No sumário da cartilha constam os seguintes tópicos: Introdução, Antiguidade, Do Império Otomano ao Império Britânico, Limpeza Étnica e Sionismo, A Nakba, 1967, As intifadas e os acordos de Oslo, Atualidades do apartheid na Palestina, Atividades e Referências Bibliográficas. A única diferença entre o sumário das duas cartilhas é que na versão “manual do professor” o tópico “Introdução” intitula-se “Introdução ao professor”, fazendo recomendações de outros materiais aos quais o educador pode recorrer. Toda a montagem da cartilha foi realizada na plataforma Canva.

CONCLUSÕES

Tendo em vista que existe precariedade no que tange à abordagem desta temática no Ensino Médio brasileiro, acreditamos que através destes tópicos selecionados, um panorama crítico e abrangente pode ser traçado. A cartilha permite trabalhar não só a Questão da Palestina, mas também temáticas

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



indispensáveis ao ensino de História como racismo, genocídio, imperialismo, colonialismo e apartheid; além disso, o material pode funcionar como complemento ou contraponto aos livros didáticos. Disponibilizamos a cartilha de maneira digital com a intenção de expandir o alcance do material, uma vez que a impressão ainda é bastante custosa.

REFERÊNCIAS

HUSEIN, V. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A QUESTÃO DA PALESTINA NO ENSINO DE HISTÓRIA. In: **Historiar hoje** : o ofício de historiadores e historiadoras, e os usos do passado [recurso eletrônico] / III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ; Alícia Quinhones Medeiros ... [et al.], (organizadores). –Itapiranga, SC : Schreiber, 2021.

SAID, E. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



**LIVROS DIDÁTICOS E HISTORIOGRAFIA: CONSTRUINDO
RELAÇÕES ENTRE SABERES ESCOLARES E ACADÊMICOS PARA
COMPREENDER O ENSINO DE HISTÓRIA DOS GOVERNOS
AUTORITÁRIOS BRASILEIROS NO SÉCULO XX**

Darcylene Pereira Domingues

Doutoranda na Universidade Federal de Pelotas –
darcylenedomingues@gmail.com

Rafaela Lima de Oliveira Guardalupi

Graduanda na Universidade Federal do Rio Grande –
rafaelaoliveira_91@outlook.com

INTRODUÇÃO

O presente projeto pesquisa propõe um estudo das relações entre a produção historiográfica acadêmica sobre governos autoritários brasileiros no século XX, especificamente o período da Ditadura Civil-militar, os saberes didáticos nos manuais escolares de História e o ensino de História na Educação Básica. Para a realização dessa pesquisa, dividiremos a mesma em três etapas: a primeira etapa será uma ampla revisão bibliográfica ou estado da arte, a segunda uma análise das formas de apresentação do conteúdo tema desta pesquisa que são os governos autoritários brasileiros no século XX nos livros didáticos, assim como, objetivamos perceber o papel das políticas de regulação e avaliação dos livros didáticos na apresentação e estruturação dos saberes históricos nos livros didáticos a partir da metodologia da análise de conteúdo fundamentada em Laurence Bardin (1979) e a terceira um levantamento de dados sobre as práticas de ensino de história na educação básica atualmente.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Ao final dessas três etapas da pesquisa cremos que teremos um mapa sobre as relações entre a produção historiográfica acadêmica sobre governos autoritários brasileiros no século XX, os saberes didáticos nos manuais escolares de História e o ensino de História na Educação básica. Compreender essa relação entre saberes acadêmicos e saberes escolares se faz fundamental nesse momento em que se pode observar a crise no ensino de História. Além disso, não podemos esquecer que segundo Matos (2013) o livro didático está muito presente na realidade escolar brasileira e se apresenta como um produto tanto editorial, publicitário e portador de uma ideologia também.

DESENVOLVIMENTO

Como dito anteriormente, nesse momento estamos focando na primeira etapa desse processo que foca em construir um estado da arte atualizado sobre as pesquisas referente aos governos autoritários no Brasil, com centralidade no Período da Ditadura Civil-Militar Brasileira, de forma a traçar um quadro comparativo com as formas de apresentação desses conteúdos nos livros didáticos de História, distribuídos dentro do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD. Assim como, objetivamos perceber o papel das políticas de regulação e avaliação no âmbito do PNLD na apresentação e estruturação dos saberes históricos nos livros didáticos, e para tanto citamos alguns autores fundamentais nesse processo nacionalmente podemos apontar as pesquisas de Cainelli; Schmidt; Fonseca (2011); Rocha (2013) e internacionalmente o conceito de livro ideal desenvolvido por Jörn Rüsen (2010).

Diante desta constatação, o presente plano de trabalho visa compreender como esse problema é vivenciado no ensino de História, especificamente, com foco na análise de como os conceitos substantivos referente aos governos autoritários brasileiros no século XX são ensinados em sala de aula. Claro que

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



devemos aqui evidenciar que como estratégia de levantamento de dados para esse estudo, pretendemos criar um aplicativo mobile com plataforma de aprendizagem que oferecerá aos docentes dispostos a participar da pesquisa, um conjunto de propostas de planos de aula, metodologias de ensino, power-points, prezis, documentos e diversos recursos sobre a temática aqui eleita neste estudo, como forma de substância-los e auxiliá-los em sua formação continuada.

CONCLUSÕES

Portanto, a partir do comprometimento com a superação da realidade que tem estabelecido distanciamentos entre os saberes acadêmicos e os saberes escolares, propomos a reflexão sobre a formação continuada de professores centrada em uma relação construída a partir de um aplicativo para mobile, alimentado por uma plataforma de gerenciamento de conteúdos da História, elaborados no âmbito desta pesquisa e necessárias ao exercício da função do historiador-docente.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.
- FONSECA, Thais. Nivia de Lima. **História e Ensino de História**. 3ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MATOS, Júlia Silveira. **Ensino de História, diversidade e livros didáticos: histórica, política e mercado editorial**. Rio Grande: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



ROCHA, Helenice. Sem bagagem não se ensina e nem se aprende história. In: SILVA, Cristiani Bereta Da. ZAMBONI, Ernesta. **Ensino de História, Memória e Cultura**. Curitiba; Editora CRV, 2013.

RÜSEN, Jörn. **Didática da história**: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: UFPR, 2010.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



CADERNO DAS MULHERES – ARISSANA PATAXÓ

Diogo Henrique Marques Coelho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
dcoelhoh@gmail.com

Carmem Zeli de Vargas Gil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
carmemz.gil@gmail.com

Fernanda Dalla Costa Siqueira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
fernandadallac@hotmail.com

A coleção Mulheres na Sala de Aula é parte do projeto “Criação e autoria: materiais didáticos de história”, cujo objetivo é criar e analisar materiais didáticos para a aprendizagem de estudantes da Educação Básica e dos estudantes dos Cursos de Licenciatura em História e Pedagogia. É, também, uma parceria com o Projeto A Aula Inacabada (estuda o ensino de história da democracia no Brasil, composto por docentes da Educação Básica e do Ensino Superior) e com o Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS (programa de extensão que abriga as iniciativas de ensino, pesquisa e extensão de diversos docentes da Universidade). Tem apoio do CNPQ (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT NA 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes, Processo: 404584/2021-7).

Arissana Pataxó é um dos cadernos da Coleção Mulheres na Sala de Aula e tem como foco de estudo a artista indígena e professora Arissana Pataxó. Segundo ela, sua arte é uma forma de “falar o que as pessoas não sabem sobre o índio brasileiro”. O caderno foi construído a partir de diversas entrevistas realizadas pela artista, além de materiais acadêmicos e artigos, especialmente

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



sua dissertação de mestrado (SOUZA, 2012) e a dissertação de Leandro Braz dos Santos (SANTOS, 2017). Estes trabalhos apresentam a região, a arte de Arissana e o povo pataxó com sensibilidade, sendo possível conhecermos mais da ancestralidade e identidade pataxó. Ademais, os trabalhos mencionados possuem uma importância na temporalidade historiográfica do povo pataxó patxohã do extremo sul da Bahia devido a sua atualidade. Além dessas escritas, produções como a de Aretuza Cruz Silva (SILVA, 2010) e do Instituto Tribos Jovens, nos mostram questões importantes acerca do povo pataxó e seu histórico e luta perante ao homem branco até os dias atuais e as formas de desamparo do Estado. Os autores trazem reflexões sobre as formas de existências e identidade da formação e continuidade dessa população.

DESENVOLVIMENTO

A realização do presente trabalho ocorreu a partir de análises de entrevistas de Arissana Pataxó. A artista tem grande importância no cenário artístico brasileiro, possui diversas entrevistas em vídeos e escritas por conta de seus inúmeros trabalhos e exposições. A partir de análises das entrevistas e de seus trabalhos acadêmicos, foi possível identificar na sua obra quatro conceitos na qual serão expostos e granjeados no caderno. São eles: identidade, coletividade, existência e ancestralidade.

Os conceitos são comentados no diálogo com as obras de Arissana Pataxó, sendo possível conhecer fragmentos da história do povo pataxó patxohã do extremo sul da Bahia. O caderno é dividido em dois capítulos: o primeiro intitulado Identidade e Coletividade e o segundo capítulo intitulado Ancestralidade e Existência. Além desses conceitos principais, o material



didático propõe atividades organizadas para refletir com professores e professoras a existência do pataxó a partir da arte de Arissana.

O caderno se organiza a partir de uma pergunta que arquiteta os capítulos e as atividades propostas. Entende-se que um material didático, amparado teoricamente, necessita problematizar o assunto trabalhado. A pergunta é um caminho para definir escolhas, seleções e indicar um percurso de estudo que, ao se organizar com uma pergunta, abre-se para a multiplicidade de respostas. O conhecimento não é, portanto, instrutivista e baseado em perguntas e respostas informativas.

CONCLUSÕES

Produzir material didático para o ensino de história não é tarefa fácil. Implica recortes, seleções, pesquisa, formulação de perguntas e a construção de narrativas que convidam os/as estudantes a criar percursos de estudo sobre um tema. Vivenciar este processo de criação na formação inicial é de fundamental importância para compreender que docência é autoria. Trabalhar com Arissana Pataxó, sua arte e a história do povo pataxó produziu reflexões para pensar a história como motora de transformações sociais muito grandes, algo que, às vezes, se perde com o passar dos estudos. Além disso, o trabalho é parte de uma coleção com mulheres incríveis que re-existem com sensibilidade e valores coletivos na qual nos ensinam que a vida é feita com os outros.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Rosário de. **Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Amixokori, Pataxó Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: Povos Indígenas Diferenciados ou Subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de Reflexão. In: **Revista do Museu de Arqueologia Etnologia**, 4. São Paulo, MAE, 1994.

USP. **Povo Pataxó. Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia**. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011. Acesso em: 15 fev. 2023. Online. Disponível em: <https://lemad.fflch.usp.br/node/3891>

SANTOS, Leandro Braz dos. **História do ponto de vista Pataxó: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia**. Orientador: Professor Dr. Paulo Maia. 2017. 74 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciado em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Aretuza Cruz. **O massacre de 1951 e a resistência dos Pataxó meridionais**. Monografia (Licenciatura em História) Universidade Estadual da Bahia. Teixeira de Freitas, 2010.

SOUZA, Arissana Braz Bomfim de. **Arte e Identidade: adornos corporais Pataxó**. Orientador: Prof. Dra. Maria Rosário de Carvalho. 2012. 91 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos.) - Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, 2012.



A IMPORTÂNCIA DE UMA MEDIAÇÃO COMPARTILHADA: A ARTE QUE FOI DESPERTADA!

Héryka da Luz dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
herykaluz07@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca trazer um relato de experiência, que nasceu a partir das vivências na disciplina obrigatória de Estágio De Docência Em História - Educação Patrimonial, realizado em 2022/1 no Museu da UFRGS, em conjunto com os/as discentes Manuela Barp, Marluce Braga e Thales de Bem³⁸. Essa experiência buscou apresentar a importância de uma mediação compartilhada em torno da questão patrimonial e da protagonização da arte — mais precisamente a arte indígena Guarani Mbyá — enquanto patrimônio dentro do ambiente escolar³⁹. A partir dos conhecimentos construídos, se fez pertinente a construção de um artigo individual, onde a questão patrimonial e a arte ganharam destaque.

Durante a vivência buscou-se prezar por uma educação patrimonial com uma perspectiva decolonial, trazendo para a mediação uma compreensão desconhecida de patrimônio pelos/as alunos/as. Nesse sentido, evocando-os a expor seus conhecimentos já existentes, a fim de propiciar um ambiente compartilhado, no qual todos/as os/as agentes ocuparam o papel de protagonistas. Baseando-se na Educação Patrimonial Decolonial, descrita por

³⁸ Todas/os estudantes de graduação em História da UFRGS.

³⁹ A mediação foi realizada no Colégio de Aplicação da UFRGS com duas turmas de 7º ano do ensino fundamental.



Átila Tolentino em seu texto *Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização Federal e no Processo de Descolonização de Mentis e Corpos* de Célia Xakriabá, organizou-se uma mediação compartilhada, onde os/as estudantes tiveram participação ativa do início ao fim das ações, sendo protagonistas de um diálogo e de uma escuta que resultou no compartilhamento de inúmeras ideias e conhecimentos.

DESENVOLVIMENTO

Como dito anteriormente, as mediações partiram a partir de uma atividade realizada na disciplina de Estágio de Educação Patrimonial, no qual o grupo, já explicitado, criou um jogo intitulado **Puxa Papo Guarani Mbyá**. Ele contém 8 cartas que estão divididas em dois ramos, 2 perguntas gerais (referentes aos povos indígenas) e 6 específicas (dedicadas aos Guarani Mbyá). As cartas específicas apresentam uma concepção do mundo Mbyá, destrinchando em uma pergunta que questiona a realidade dos/as sujeitos/as que estão jogando, deste modo os/as incitando a pensar sobre a sua realidade e concepções de mundo. Para além do jogo, na mediação foram utilizadas as duas versões da caixa educativa Guarani Mbyá elaborada pelo Museu da UFRGS, a física e a virtual.

Baseados neste material pensamos em uma educação patrimonial, que procurou relacionar o mundo/espço social dos/as estudantes dentro do espaço escolar, sempre ponderando um olhar decolonial que não venha perpetuar tantas narrativas falaciosas ou excludentes que permaneceram e que permanecem vivas nas aulas de história. Ao trabalharmos uma perspectiva patrimonial a partir da visão Guarani Mbyá, buscamos apresentar outra perspectiva patrimonial para que os/as estudantes conhecessem e

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



reconhecessem outra cosmologia e cosmovisão que os circundam. Desta forma, incitando-os a questionar e criticar suas formas de vivenciar a sociedade em que estão inseridos/as, culminando no questionamento das suas visões patrimoniais.

Com esta discussão podemos conversar com a reflexão de Tolentino, que enfatiza que “[...] a Educação Patrimonial decolonial é necessária para romper com os processos de patrimonialização que reproduzem os processos de dominação do saber-poder sobre as memórias historicamente subalternizadas de grupos sociais não hegemônicos.” (TOLENTINO, 2018, pág. 48). Ou seja, a educação patrimonial deve ser um agente que irá promover a visibilidade daqueles/as que não se veem representados, além disso, busca estimular um criticismo ao que está sendo exposto e a reescrever a história de grupos historicamente subalternizados.

Em relação à arte, conflitar a nossa realidade artística que provém de uma sociedade conservadora, com uma sociedade que considera todas as existências importantes e entende que todas as relações podem se dar de forma horizontal. Trouxe para dentro das salas de aulas elementos socioculturais e históricos, que para além de transmitir um saber/ensino de história, impulsionou os/as alunos/as a compartilharem momentos coletivos que geraram momentos de afetividade, criatividade e criticismo no ambiente escolar. Cabe ressaltar que em relação ao uso da arte, não foi usado nenhum conceito determinante para as manifestações artísticas Guaranis Mbyás dentro da sala de aula, dado que segundo Sallisa Rosa, não encontramos a tradução do vocábulo “arte” em quase nenhuma língua indígena, justamente porque “[...] assim como no contexto ancestral africano, os povos tradicionais não separam a arte da vida. Assim, a arte abrange um universo de práticas que não são necessariamente um objeto ou um artefato, mas que compõe ritualizar a vida”. Logo, o destrinchamento de



vários tópicos a partir da arte numa mediação convidou o público a ser participativo e proativo.

CONCLUSÃO

Fazer com que os/as estudantes reconhecessem que a participação indígena “[...] *contribui* para o processo de descolonização de mentes e corpos, desconstruindo o pensamento equivocado de que *eles* indígenas, não *podem* acompanhar as tendências tecnológicas, ou qualquer outra coisa que exista fora do contexto da aldeia [...]” (XAKRIABÁ, 2018, pág.03, grifo nosso) foi fundamental, posto que as mediações trataram de construir algo com a turma. Dessa maneira, foi possível concluir que os/as estudantes conseguiram construir uma perspectiva que foi de encontro com o tema abordado, constando que para o povo Guarani Mbyá a arte age como um disparador que circula por todos os lados, posto que para esse povo tudo está conectado em busca de uma construção cosmológica que preze todos os seres existentes, estejam eles vivos/as ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ROSA, Salissa. **JA.CA**. Disponível em: <<https://www.jaca.center/sallisa-rosa-br/>> Acesso em: 21 fev. 2023.

TOLENTINO, Átila. **Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização Federal**. *Sillogés*, v. 1, nº. 1, pág. 41-60, jan./jun. 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. *Piseagrama*, Belo Horizonte, nº. 14, pág. 110 - 117, 2020.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



O ENSINO DE HISTÓRIA DAS ENCRUZILHADAS: CRUZOS, ROLÊS E EBÓS COMO EDUCAÇÃO

Guilherme José Schons
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br

PORTA DESPACHADA: AS FRESTAS DA SALA DE AULA

Ao reivindicarmos, em acordo com Simas e Rufino (2018), que o Atlântico é uma gigantesca encruzilhada, abrimos uma importante brecha na qual se torna factível perceber, analisar e experienciar as sabedorias outras da colonialidade capitalista e que sobrevivem pelas vias da ancestralidade e do encantamento. Nos referimos, dessa forma, ao desejo da produção de uma pedagogia das encruzilhadas (RUFINO, 2017) de caráter antirracista e decolonial que encontra Exu como símbolo de um olhar para a história a contrapelo e desde os vencidos (BENJAMIN, 1987).

Foi com base nesses pressupostos teórico-metodológicos que chegamos, no fim de 2021, a uma sala de aula de terceiro ano do Ensino Médio de escola estadual periférica de Erechim, no Rio Grande do Sul. No âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), recebemos a tarefa de desenvolver uma “aula oficina” (BARCA, 2004), em dois dias (totalizando 3h), cujo tema primordial seria a “Consciência Negra” – tendo em vista o dia 20 de novembro definido pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011.

Para isso, nos aproveitamos de um amplo conjunto de materiais, questões e elementos audiovisuais. Na sequência deste texto, iremos apresentar um registro interpretativo da sequência didática, bem como considerações gerais

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



sobre a experiência e as possibilidades dali ascendentes. Como veremos, Elza Soares (2018) tinha razão: na aula de hoje veremos Exu.

POR UMA PEDAGOGIA DAS ESTRIPULIAS

Foi no dia 25 de novembro de 2021 que chegamos ao chão da sala de aula de uma escola pública e nos deparamos com trinta estudantes. Após nos apresentarmos, propomos, em acordo com Barca (2004) e Freire (2011), um exercício para análise dos conhecimentos tácitos e da leitura de mundo daqueles educandos. Do exame do retorno dado pelos discentes, precisamos destacar três pontos sensíveis e que mereceriam abordagem durante a sequência didática: ideia de que a escravidão constitui problema exclusivamente do passado (visto como desconexo do presente), falta de noção da existência negra na cultura nacional e incapacidade de alusão a pensadores/as da negritude.

Figura 1. Fotografia do desenvolvimento da sequência didática



Fonte: Autoria própria, 2021.

Inspirados pela pedagogia das encruzilhadas (RUFINO, 2017), almejamos um cruzo dessas percepções com um rolê epistemológico por diferentes informações, notícias, músicas, vídeos e materiais relativos ao tema em estudo. Recorreu-se tanto à projeção de material audiovisual preparado antecipadamente como ao estímulo a que o conjunto dos educandos expressasse casos individuais por si vivenciados – e que pudessem escancarar o caráter estrutural do racismo (ALMEIDA, 2019). Consolidado esse quadro dialógico, nos direcionamos à busca pelo conhecimento histórico que pudesse revelar a origem desse passado vivo (PEREIRA; SEFFNER, 2018) tomado como foco de discussão. Nos referimos aqui às falsas promessas de liberdade (Massacre dos Porongos na Guerra dos Farrapos e Guerra do Paraguai), luta

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



abolicionista e permanência (nos séculos XX e XXI) da negação de direitos aos descendentes de escravizados.

No dia 7 de dezembro daquele 2021, estávamos novamente na escola para o encerramento desta sequência didática. Rap, slam e samba: foi com esses gêneros musicais que promovemos um convite à afirmação da produção cultural negra como instrumento de resistência. Tal momento esteve centrado na exibição da música “Fogo nos Racista” (do artista erechinense Manu, do bairro São Cristóvão), de diversas manifestações de slam e do samba-enredo de 2019 da Mangueira. Ali, inclusive, os alunos se sentiram à vontade para sugerir músicas correlatas que costumavam escutar e que pudessem ser exibidas.

Por fim, propomos a produção de um ebó na encruzilhada daquela sala de aula. Convencidos dos limites da Lei Áurea e do seu papel negador de direitos à população liberta e a seus descendentes, decidimos reescrevê-la. Se o conhecimento popular nos diz que “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” e “Exu tudo come e cospe de maneira transformada”, rechaçamos a cronologia linear que não percebe a vivacidade do passado no presente.



Figura 2. Produção de cartaz pelos educandos



Fonte: Autoria própria, 2021.

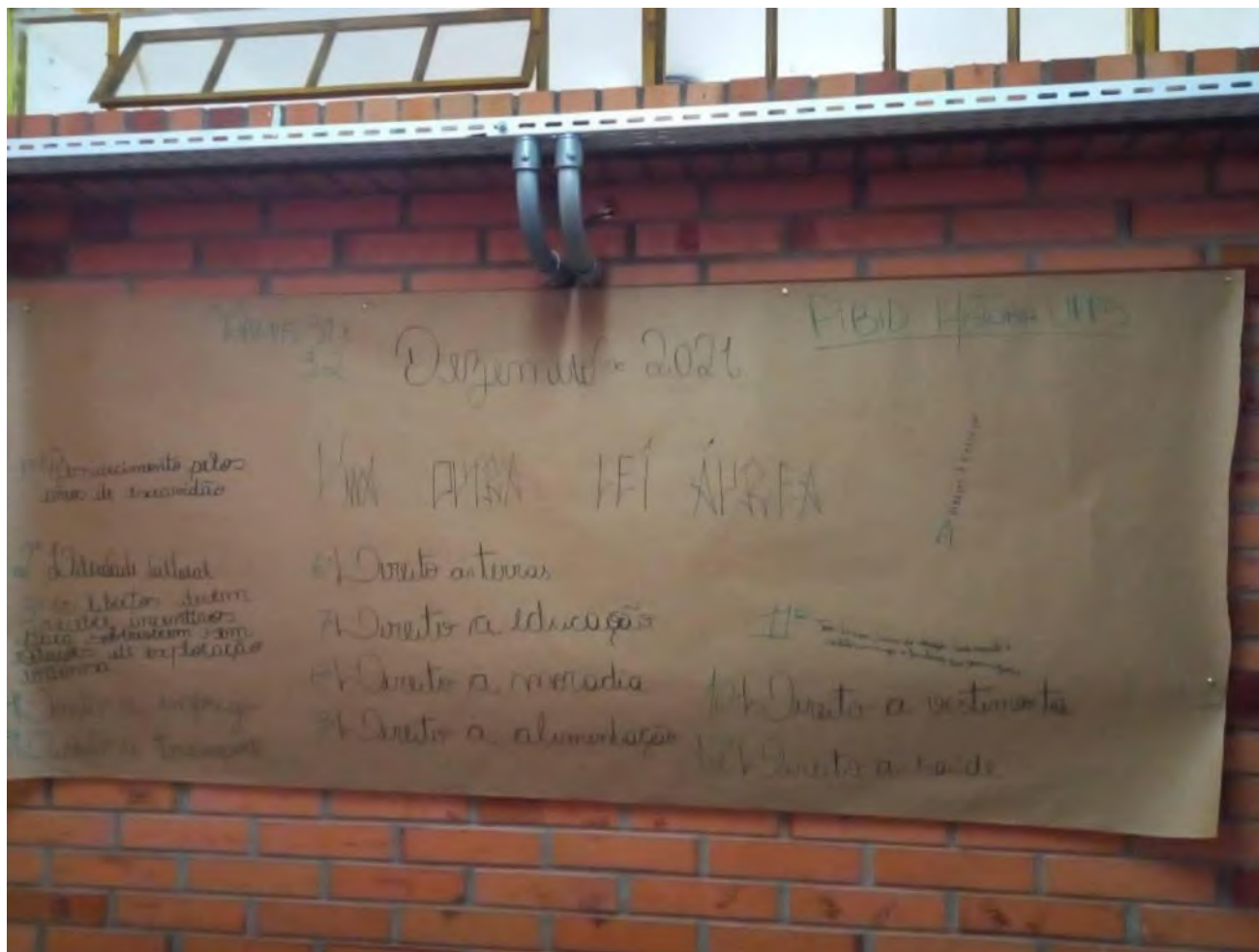
Com cartolina e canetões, os educandos gostaram de nossa ideia de exercício e sustentaram ser preciso – àquela altura do fim do século XIX – um arcabouço de ordenamentos capaz de conferir, por exemplo, indenização e ressarcimento aos escravizados, liberdade religiosa, terras, educação, moradia, emprego e saúde. Atentos ao fato disso não ter acontecido em 1888, aprendemos que essas são lutas de um passado que não passa: do presente – que engloba, por óbvio, os anuais “Dias da Consciência Negra” e os enfrentamentos do movimento social negro. Foi afixando o cartaz no corredor da escola que, carinhosamente, nos despedimos com a impressão de que fizemos um bom trabalho.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



Figura 3. Cartaz “Uma outra Lei Áurea”



Fonte: Autoria própria, 2021.

“EXU NAS ESCOLAS” JÁ É UMA REALIDADE

Com este texto, expusemos os principais momentos de uma sequência didática centrada na ambição de combate ao racismo por meio de uma base teórico-metodológica comprometida com os saberes populares negros, que se negam a aceitar o projeto colonial capitalista. A partir daquela experiência,

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

*Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305*



manifestamos as instigantes possibilidades pedagógicas anunciadas e cantadas pelos autores referenciados, bem como reconhecemos a urgência do compromisso docente com uma postura antirracista.

Dessa esquina, produzimos um importante ebó. Das encruzilhadas do chão das salas de aula do Atlântico, a luta exusíaca continua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARCA, Isabel. **Aula oficina**: do projeto à avaliação. In: Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, p. 131-144, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ELZA Soares - Exú nas Escolas - Part. Edgar (Áudio Oficial). Música: Exu nas escolas. [S.l.]: Deus é mulher, 2018. (4 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/NmDsmHtOgyw>. Acesso em: 08 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 14-33, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/427>. Acesso em: 23 abr. 2021.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017. 231 f. Tese (Doutorado) – Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.btdtd.uerj.br:8443/handle/1/10434>. Acesso em: 10 out. 2021.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305



SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Anais da XXVI Jornada de Ensino de História e Educação – GT de Ensino de História e Educação – ANPUH/RS, Pelotas, RS, 2023

Revista Voos Polidisciplinar, Guarapuava (PR), v.20, supl.2, dezembro de 2023
ISSN: 1808-9305